

JOHN SANDFORD

Mais de 30 milhões de livros vendidos

TERRA SEM LEI

NUM LUGAR SEM REGRAS,
UM ASSASSINO AGE IMPUNEMENTE

‘ MAGNÍFICO,
PRAZEROSO E HILÁRIO ’
STEPHEN KING



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**TERRA
SEM LEI**



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

JOHN SANDFORD

**TERRA
SEM LEI**



ARQUEIRO

Título original: *Rough Country*
Copyright © 2009 por John Sandford
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

Proibida a comercialização em Portugal.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Flávia Midori e Magda Tebet
diagramação: Valéria Teixeira
capa: stuartpolsondesign.com
adaptação de capa: Miriam Lerner
imagem de capa: Marcin Klepacki / Arcangel Images
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S197t

Sandford, Jonh
Terra sem lei [recurso eletrônico] / Jonh Sandford [tradução de Marcelo Mendes];
São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Rough country*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-237-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mendes, Marcelo. II. Título.

13-07149

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Daniel, por seu aniversário

O CALOR DO MÊS DE AGOSTO se abrandava com o entardecer. Uma lua cheia despontaria no horizonte às oito horas e a paisagem do outro lado do Stone Lake seria espetacular.

Truques da luz, nada mais, pensou Erica McDill. Ela havia aprendido isso com o pai.

Uma lua cheia no horizonte não era nem um pouco maior do que uma lua cheia acima da própria cabeça, ele lhe dissera certa noite, quando ela ainda era criança, os dois de mãos dadas no quintal de casa. O tamanho não passava de uma ilusão de ótica. Ela não havia acreditado naquilo, portanto, a título de prova, seu pai fotografara no horizonte uma lua enorme, a maior, mais gorda e mais amarelada do ano, para depois compará-la a outra imagem dela no alto. E as duas *eram* do mesmo tamanho.

Ele tinha orgulho de mostrar que estava certo. Era um cientista, sabia das coisas.

Proprietária de uma agência de publicidade, Erica sabia que o pai estava ao mesmo tempo certo e errado. Tecnicamente, correto, mas isso não lhe renderia nem um centavo. Por outro lado, era possível *vender* uma lua maravilhosa e ofuscante no horizonte, derramando sua luz prateada sobre qualquer produto que se quisesse vender e dane-se a ilusão de ótica...



Erica singrava o lago em meio a um silêncio quase total. Remava um Native Watercraft, um híbrido de caiaque e canoa de 14 pés, concebido para maior estabilidade. Ótimo para uma mulher da cidade, de mãos macias e sem muita intimidade com barcos.

Ela não precisava de estabilidade naquele fim de tarde quente, pois o lago parecia um espelho. A meteorologia previa ventos mais fortes a qualquer momento, mas nada muito sério.

Erica podia ouvir o remo de duas pás furando a água, primeiro à direita, depois à esquerda, e ao longe, talvez em outro lago, um motor de popa ou uma serra elétrica, um ruído intermitente, débil. Os insetos aquáticos voavam à sua volta: vinham à tona e decolavam, mal alterando a superfície.

Já a uns 800 metros do chalé, ela foi remando na direção do riacho pelo qual escoava o lago, um fiapo de água em meio a uma parede de álamos, do outro lado de um tapete de nenúfares. Cinco tartarugas de casco pintado que tomavam sol sobre um tronco caído pularam na água tão logo notaram a chegada da intrusa, e Erica achou graça na cena. Alguns metros adiante, enfim alcançou o riacho, que se estreitava bastante e seguia por cerca de 20 metros; após uma curva, abria-se um amplo trecho margeado por tifas.

A lagoa tinha quase 140 metros de comprimento e outros 45 de largura. Na extremidade oposta, onde o riacho se reduzia novamente e cumpria sua real missão – a de correr colina abaixo –, um pinheiro assomava feito uma sentinela em meio às árvores mais baixas. Um ninho se equilibrava nos galhos mais altos e, por diversas vezes, ela pudera avistar a águia-calva macho ou fêmea, ou ambos, planando nas imediações.

Alguns minutos antes, ainda no lago, Erica tinha visto um deles alçar voo do ninho, à caça de uma refeição tardia. Ela agora se demorava junto da árvore, na esperança de ver a ave voltar. Recostou-se no assento, deixou o remo nos descansos laterais, esticou as pernas sobre as bordas e molhou os pés na água morna.

Sentindo o sol sobre as costas, vasculhou a bolsa, pegou o isqueiro e um cigarro, acendendo-o e sorvendo uma longa tragada.

Perfeito. Ou quase.

Perfeito mesmo seria se ela pudesse parar de pensar.



A agência de publicidade de Erica – a Ruff-Harcourt-McDill ou RHM – ficava em Minneapolis. Ruff já tinha morrido. Havia duas semanas, Harcourt, que estava aposentado, concordara em lhe vender o restante das ações, o que a deixaria com 75 por cento do capital da empresa.

Controle absoluto.

Melhor, impossível.

Ela havia cogitado mudar o nome da agência para algo como Media/McDill ou McDill Group, mas decidira que, num primeiro instante, o melhor seria mesmo deixar como estava. Os clientes a conheciam como RHM e a marca passava certa estabilidade, o que seria importante quando ela começasse a se livrar dos parasitas.



Ao longo dos anos, a agência havia acumulado incompetentes e moleirões, uns parasitas de raciocínio lento que não se encaixavam no dinamismo do ambiente. Livrar-se dessa gente – e ela já tinha uma lista de nomes – resultaria num aumento imediato de doze por cento nos lucros, com quase nenhum ônus para a produtividade. Peso morto custa caro. Algumas dessas pessoas achavam que a *razão de ser* da agência era lhes dar um emprego. Enganavam-se redondamente e estavam prestes a se dar conta disso. Tão logo fechasse o negócio e comprasse as ações, ela daria o bote.

A única questão que ainda a atormentava era como fazer isso. O atual diretor de criação, Barney Mann, era um sujeito inteligente, espirituoso, dedicado, alguém que ela gostaria de preservar – mas ele tinha várias alianças e amizades com as abelhas-operárias. Saía para beber e jogar golfe com elas e lhes emprestava dinheiro. Era o ídolo da galera, caramba. O tipo de funcionário capaz de transformar uma evolução administrativa necessária numa briga de foice.

Mann fizera um trabalho realmente brilhante na campanha da Mattocks Motor City, quanto a isso não havia dúvida. Dave Mattocks via Mann como um gênio e a conta da empresa fora responsável por nove por cento do faturamento bruto da RHM no último exercício fiscal. Nove por cento.

Perder uma conta dessas deixaria os outros clientes com a pulga atrás da orelha, cogitando o que poderia ter acontecido, talvez achando que a RHM já não era tão eficaz.

Erica queria manter Mann, mas se perguntava até que ponto ele era mesmo o santo que parecia. Talvez o melhor a fazer fosse convidá-lo para jantar e simplesmente colocar as cartas na mesa: oferecer sociedade na agência, uma opção de compra sobre dez por cento das ações, um incentivo de um milhão de dólares, e em troca disso, nenhuma bronca quando chegasse a hora da degola.

Na verdade, ele até poderia ser útil no momento de dourar a pílula para os que ficassem. Quem sabe se encarregaria de um “fundo de desenvolvimento pessoal”, pequenas doações em dinheiro, dedutíveis do imposto de renda, com o objetivo de manter longe da imprensa qualquer historieta de lamúria. Nem precisaria ser um fundo muito grande...



Erica divagava, perdida em seus pensamentos.

A certa altura, sua mente se afastou das questões da agência e se concentrou na noite que estava por vir, no encontro furtivo que ela tivera na noite anterior, em Ruth, que havia ficado para trás. Acomodada no papel de dona de casa. A cabeça cada vez mais vazia, e o traseiro, cada vez mais amplo. Provavelmente estava em casa agora, assando uma torta de abóbora ou algo assim.

De alguma forma, pensou Erica, a aquisição da agência mudava tudo.

Tudo.

A agência estava bombando. *Ela* estava bombando.

Enfim, hora de brilhar.



A águia reapareceu.

Erica viu-a a cerca de 800 metros de distância, inconfundível em seu tamanho, um pássaro gigante flutuando com as asas imóveis.

A 300 metros, feito um esquiador pista abaixo, desenhou um arco no céu cristalino e voltou a se afastar.

Erica se perguntou o porquê daquilo: as águias nunca haviam se importado com a sua presença antes. Ela agora estava ainda mais longe do que estivera no dia anterior, quando parou o caiaque quase rente ao tronco da árvore.

Estranho. Será que a águia vira algo diferente?

Erica correu os olhos pelas margens e, em seus últimos segundos de vida, percebeu um movimento, franziu a testa, aprumou-se no banco. O que havia sido aquilo? O cintilar de um pedaço de vidro...

Foi morta com um tiro na testa.

2

CINCO E MEIA DA MANHÃ.

A lua mergulhava no horizonte, a borda inferior roçando os fiapos da neblina que pairavam sobre as águas do lago. Virgil Flowers se achava de pé sobre a popa de um barco a motor Tuffy de 17 pés, empunhando uma vara feita sob medida para a pesca de lúcios, olhando para o lado. Na proa, Johnson desenhava um amplo 8 com sua própria vara, enterrada na água quase até a carretilha, com uma isca laranja artificial.

– Está vendo o peixe? – perguntou Virgil, cético.

– Não mais – respondeu Johnson. Desistiu do que estava fazendo, se empertigou, tirou a vara da água. – Merda. Era pedir demais. Ninguém pega nada nos primeiros cinco minutos.

– Era grande?

– Sei lá, porra. Um vulto claro, foi só o que vi. – Johnson olhou para a lua, depois para o leste. Ainda faltavam uns dez minutos para o nascer do sol, mas o horizonte já começava a clarear. – A gente precisa de mais luz na água – arrematou, deixando o corpo cair sobre o banco da proa.

Virgil lançou uma barulhenta isca na direção da margem, recolheu a linha, não viu nada, voltou a atirá-la.

– Com essa neblina e tudo o mais – disse Johnson –, a lua fica igualzinha a uma batata chip.

– O quê? – Virgil pensou não ter ouvido direito.

– Uma daquelas Pringles – disse Johnson.

Virgil interrompeu os arremessos.

– Não quero criar caso com você, Johnson, mas a lua não está parecendo uma Pringles.

– Claro que está. Idêntica.

– Lembra muito mais uma daquelas bolotas de manteiga que vêm nas rabanadas da Country Kitchen – replicou Virgil.

– Bolota de manteiga? – Johnson piscou, fitou a lua, depois Virgil. – Você fumou de novo?

– Dá até vergonha de estar no mesmo barco que um sujeito que acha a lua parecida com uma Pringles.

É preciso uma boa dose de conversa mole numa pescaria de lúcius, pois nunca há lúcius suficientes para dar o que falar. Johnson correu os olhos à sua volta, pela água escura do lago, as luzinhas distantes entre os pinhos, os tons de lilás e roxo da aurora, contrastando com o dourado da Pringles ou da bolota de manteiga.

– É muito bonito isto aqui – comentou. – O paraíso, meu camarada.

– É verdade – concordou Virgil.

O lago se chamava Vermilion Lake e era também conhecido como Big V. Ficava bem no norte de Minnesota. Eles seguiram à deriva por um tempo, sem se preocupar muito com a pesca: tinham um longo dia pela frente. Outro barco passou rápido, com dois homens a bordo, a caminho de um lugar melhor. Se é que havia isso por ali.



O vento surgiu logo após o sol, soprando a água em diagonal, forte o bastante para dar início a uma corrente à beira de um barranco, ao longo da vegetação subaquática. Fazia duas horas que desciam por ela, sem usar o motor, quando outro barco veio do leste em alta velocidade, reduzindo ao passar por eles, os dois tripulantes ainda irreconhecíveis, ambos olhando para Virgil e Johnson. Foi diminuindo a velocidade ainda mais à medida que se aproximava do mato.

– O filho da puta vai cortar nossa corrente – reclamou Johnson, que não tinha a menor paciência com serial killers, pedófilos e pessoas que cortavam a corrente dos outros.

– Acho que é o Roy – disse Virgil.

Roy era o presidente do torneio de pesca.

– Será? – Roy jamais faria uma coisa dessas.

O homem à popa do barco desligou o motor e eles vieram deslizando ao longo de um grande arco até ficarem lado a lado com o Tuffy.

– Virgil. Johnson. Bom dia.

Roy estendeu o braço, alcançou a borda da outra embarcação, puxou-a para perto. Ele lembrava um motoqueiro com aquela barba grisalha e a camisa xadrez em vermelho e preto – se é que motoqueiros usavam isso.

– Bom dia, Roy – cumprimentou Johnson. – E aí, Arnie, tudo bem?

Arnie apenas fez um aceno de cabeça, depois cuspiu no lago uma saliva misturada com tabaco.

– Virgil, um tal de Lucas Davenport está tentando falar com você – avisou Roy.

– Você disse a ele para ir se foder?

Roy sorriu.

– Até pensei nisso, mas mudei de ideia quando ele se apresentou. Mandou que eu arrombasse seu chalé e pegasse o seu celular, já que você não estava com ele. Quanto a isso, ele tinha razão. – Roy pegou o celular de Virgil no bolso da camisa e o devolveu para o dono. – Sinto muito.

– Porra, Roy – praguejou Johnson.

– Provavelmente não tem nem sinal por aqui – disse Virgil, enquanto ligava o aparelho e deparava com quatro barrinhas de sinal.

– Olha, Virgil – falou Roy –, poucas coisas são mais importantes para mim do que esse torneio, logo posso entender o seu lado. Mas Davenport me informou que uma mulher foi encontrada morta no Stone Lake e que você precisa ir lá dar uma olhada. Isso me pareceu mais importante.

– Você a conhece? – perguntou Johnson.

– Não – respondeu Roy.

– Então por que diabos isso seria mais importante? Toda hora tem alguém morrendo, mas você não se preocupa com isso, certo?

– Também pensei a mesma coisa – interveio Arnie. E acrescentou para Roy: – A gente está perdendo muito tempo de pesca, cara.



Roy e Arnie foram embora, e Virgil voltou a se sentar, Johnson rosnando e xingando enquanto botava sua isca para trabalhar ao longo da corrente. Virgil tapou um dos ouvidos e apertou o número de discagem direta para a casa de Davenport, que atendeu ao segundo toque.

– Você está no lago? – perguntou.

– Estou. Faz duas horas – respondeu Virgil. – E só vimos dois peixes.

– Dia bonito?

– Perfeito. – Virgil ergueu os olhos para o horizonte já claro. O dia estava mesmo perfeito. – Parcialmente nublado, vento suficiente para refrescar a gente sem sacudir o barco.

– Poxa, Virgil, sinto muito.

– O que houve?

– Uma mulher foi morta por um atirador de elite na pousada Ninho da Águia, no Stone Lake, perto de Grand Rapids. O nome dela é... era... Erica McDill. Presidente da Ruff-Harcourt-McDill, a agência de publicidade de Minneapolis.

– Já ouvi falar – comentou Virgil.

– Duas coisas: ela era uma democrata ferrenha e o governador vai querer que a gente dê uma olhada. Além disso, o xerife local, Bob Sanders, está pedindo nossa ajuda.

– Quando foi que encontraram a mulher?

– Logo ao nascer do sol, uma hora e meia atrás. Sanders está examinando o corpo neste exato momento.

– Cadê o pessoal de Bemidji? – perguntou Virgil.

– Eles estão em Bigfork, procurando por Little Linda – informou Davenport. – É por isso que Sanders está precisando de ajuda. Os investigadores dele estão todos lá, e metade dos peritos também. Uma repórter da Fox está jogando a merda toda no ventilador, a história vai parar no jornal da noite e...

– Droga.

Linda Pelli, que a imprensa vinha chamando de Little Linda, era uma lourinha de 15 anos e olhos azuis que dois dias antes havia sumido da casa de verão dos pais. Tinha idade o bastante para não se perder a caminho da casa de uma amiga. A rodovia não apresentava nenhum perigo em particular, e se ela tivesse sido atropelada por um carro enquanto pedalava, àquela altura já teria sido encontrada numa vala qualquer. Mas ninguém encontrara nem a garota nem sua Cannondale de dezoito marchas.

Uma mulher que trabalhava para uma das pousadas locais disse ter visto um homem malbarbeado, de cabelos raspados e “olhos prateados”, dirigindo lentamente pela rodovia numa picape muito velha. Os repórteres televisivos haviam se animado com a novidade, pois sabiam o que isso significava: em algum lugar, um demônio, que provavelmente tinha pelos em todos os orifícios corporais, conservava Linda acorrentada no porão de algum chalé mais afastado – um dos raros que possuíam porão – enquanto a torturava.

– Uma droga mesmo – concordou Davenport. – Little Linda... Olha, sinto muito por tudo isso. Desde junho que você só fala desse torneio, mas... o que eu posso fazer? Você vai ter que dar um jeito nisso.

– Mas eu não tenho nem carro – argumentou Virgil.

– Aluga um. Tem uma arma?

– Tenho. Em algum lugar.

– Então pronto. Me ligue quando voltar.

– Ei, espere aí... – interveio Virgil. – Não faço a menor ideia de onde fica esse lugar. Como é que eu chego lá? Deve ter uns cem Stone Lakes por aquelas bandas.

– Trate de sair desse lago aí e eu vou buscar mais informações. Ligo para você daqui a pouco.



Eles partiram de imediato, deixando em sua esteira um longo rastro de espuma. Já na marina, Virgil mostrou a identidade ao atracador e disse:

– Este barco é para ficar bem à mão. Coloque-o num lugar em que a gente possa entrar rapidamente.

– Alguma confusão por aí? – perguntou o atracador, um cinquentão magricela que pesava cerca de 50 quilos e ocupava aquele mesmo posto desde a primeira vez que o adolescente Virgil estivera em Vermilion com o pai.

– Não posso falar nada – respondeu Virgil. – Mas mantenha este barco pronto para zarpar. Se alguém criar caso, diga que foi uma ordem do Departamento de Detenção Criminal.

– Nunca ouvi falar disso aí – admitiu o homem. – Desse tal departamento...

Virgil pegou sua carteira e dela retirou um dos três cartões comerciais que sempre levava consigo, além de uma nota de 10 dólares.

– Se alguém perguntar, mostre este cartão.



Os dois atravessaram o estacionamento rumo à caminhonete de Johnson, carregando o *cooler* com o almoço que haviam preparado. Olhando para trás, Johnson falou:

– Muito prático isso. Devíamos fazer mais vezes. É como se tivéssemos uma vaga reservada na marina. Já sabe o que vai fazer?

– Se você puder me dar uma carona até a cena do crime, vai ser ótimo. Preciso ver o que há por lá, depois decido o que fazer. Se for alguma coisa mais demorada, alugo um carro em Grand Rapids.

– Acha que vai dar para nós voltarmos para a água? – perguntou Johnson, novamente se virando para o barco.

Todo mundo que importava estava naquele lago. *Todo mundo.*

– Porra, bem que eu gostaria – disse Virgil. – Mas estou com um mau pressentimento. Talvez seja melhor você arrumar outro parceiro.

Chegando à caminhonete, eles desengatilharam o trailer e o deixaram ali mesmo, trancado a cadeado, e em seguida acomodaram o *cooler* no banco traseiro da cabine dupla. Johnson atirou as chaves para Virgil.

– Dirija você. Vou tomar alguma coisa.



Como o ar-condicionado do carro estava quebrado, eles seguiram com as janelas abertas, braços apoiados nas portas, rumo à Autoestrada 1. Já iam longe quando Davenport ligou para dizer como chegar à pousada Ninho da Águia.

Johnson anotou as informações no verso de um velho recibo de gasolina, se despediu, devolveu o celular para Virgil, jogou pela janela uma Budweiser vazia e tirou do porta-luvas o mapa de Minnesota. Virgil reduziu a velocidade, parou o carro, deu ré, desceu, pegou a latinha na vala e a jogou no *cooler* que fazia as vezes de lixo na caçamba.

– Achei – disse Johnson quando Virgil voltou à cabine. – A gente vai ter que cortar por aqui.

Apontou para o trajeto no mapa e eles partiram novamente. Johnson terminou a segunda cerveja e reclamou:

– Você já está enchendo o saco com essa história de pegar as latas.

– Não vou mais discutir – retrucou Virgil. – Se você jogar a lata pela janela, eu vou parar o carro e recolher.

– Ah, vai te catar – praguejou Johnson, e emborcou a latinha na boca, sugando dela a última gota de cerveja. Dessa vez guardou-a sob o banco. – Feliz agora? Riponga de merda.



Virgil era um compridão louro e magricela que lembrava um surfista, com os cabelos compridos demais para um policial e uma predileção por camisetas de bandas de rock alternativo – a da vez era do Sebadoh. Com cerca de 1,85 metro, havia jogado beisebol na época da faculdade. Um bom jogador da defesa, não fora capaz de antever e se proteger de uma bola rápida arremessada pela vida acadêmica. Empurrara os anos com a barriga e por fim se vira com um diploma inútil nas mãos, de ecologia (“Uma mistura de biologia e botânica, mas nem uma coisa nem outra”, explicara certa vez numa entrevista de emprego.)

Sem conseguir emprego depois de se formar, alistara-se voluntariamente no Exército, contando que fossem colocá-lo em alguma área de inteligência ou numa daquelas unidades em que oficiais de uniforme preto saltam de aviões.

Fizeram todos os testes com ele e o tornaram um policial.



Após sair do Exército, passara quase dez anos na polícia de St. Paul com uma ficha corrida exemplar, e então foi recrutado por Davenport, o bad boy do Departamento de Detenção Criminal.

– Vamos passar o chumbo grosso para você – garantira Davenport à época. E ele cumprira com a palavra.

Paralelamente, Virgil vinha conquistando certa reputação como escritor, suas histórias quase sempre relacionadas com a natureza e pesquisadas durante os períodos de “ócio remunerado”, tal como ele mesmo costumava chamar. Já tinha vendido dois textos consecutivos para a *The New York Times Magazine*, relativas a uma investigação na qual trabalhara. O sucesso lhe subira à cabeça, e por um tempo ele chegara ao ponto de cogitar a compra de um Rolex.

Davenport não se importava com a marra nem com o ócio remunerado de Virgil, que fazia jus ao salário recebido, mas se preocupava com o fato de que ele andava por aí rebocando um barco com uma viatura do Estado. E também por ele às vezes não saber onde tinha guardado a arma e, pior, levar para a cama uma ou outra testemunha dos crimes que estava investigando.

Porém, ainda havia a tal ficha corrida, mais sólida do que nunca. Davenport era um pragmático: se a coisa funcionava, melhor deixar quieto.

Mas nem por isso ele deixava de se preocupar.



– Sabe de uma coisa? – indagou Johnson. – Em certos aspectos o seu trabalho é tipo uma escravidão. De uma hora para outra eles mandam você lá para a casa do caralho e você tem que obedecer com o rabinho entre as

pernas. Companheiro, você trocou sua liberdade por um salário, que nem é tão alto assim.

– Os benefícios são bons – retrucou Virgil.

– É verdade. Se você levar um tiro na testa, eles pagam a sua cova – disse Johnson. – Pensa bem. Você poderia ser um escritor de sucesso, com a mulherada chovendo na sua horta. Ia poder usar um daqueles paletós com remendo no cotovelo, fumar cachimbo, o escambau. Ser dono do seu próprio tempo, tirar uma onda em Hollywood. Até escrever roteiros, se quisesse. Comer a Madonna.

– A verdade é que gosto do meu trabalho – disse Virgil. – Só não gosto o tempo todo.



Johnson era um velho companheiro de pesca que Virgil havia conhecido ainda nos tempos de faculdade. Um sujeito esguio e cortado de cicatrizes, sobrevivente de um sem-número de acidentes com veículos que iam desde caminhonetes até *snowmobiles* e aerobarcos, ele crescera na indústria madeireira. Administrava uma serralheria no sudoeste de Minnesota, produzindo pisos residenciais e, vez por outra, curando grandes toras de bordo ou cerejeira para os escultores. Pescador desde a infância, conhecia como a palma da mão o trecho do rio Mississippi que ia de Winona até La Crosse e não era homem de recusar uma boa pescaria de lúcios fora do estado.

Usava apenas jeans e camiseta. À medida que o frio aumentava, ia colocando um moletom por cima, uma jaqueta jeans, um casacão. Se a temperatura estivesse muito baixa, mandava tudo à merda e ia para as Bahamas com uma mala recheada de camisetas e uma sunga que ele chamava de tanguinha.



Johnson indicava o caminho para Virgil enquanto avançavam pelas estradas secundárias entre as Autoestradas 1 e 79, geralmente indo para o

sul ou para o oeste, ao longo de uma paisagem verde, plana e úmida, sem muito para o que olhar senão alguns alerces mais frondosos, um ou outro trecho mais pantanoso, uma fazendinha qualquer com dois cavalos no curral. À medida que se aproximavam da Ninho da Águia, a vegetação ia ficando mais densa, o terreno mais inclinado, as estradas mais estreitas. Por entre as copas, lagos cintilavam ora muito azuis, ora negros.

– Fico me perguntando quanto tempo eles levaram para pensar no nome dessa pousada – comentou Johnson. – Três segundos?

– Pois é. “Pousada do Porco-Espinho” teria sido mais original. Ou “Lago Dourado”. Ou “Ponto dos Lúcius”.

– É você que está azedo agora. Lá no Big V, era eu quem estava putado.

– Porra, tenho trabalhado feito um burro de carga desde o início do ano.

– Mas... e o seu ócio remunerado?

– Não conta. Escrever também é trabalho. Só não é para o Estado.

– Você devia se espelhar em mim – recomendou Johnson. – Sou casca-grossa. Seguro a onda feito macho. Ao contrário de vocês, almofadinhas sensíveis.

– Almofadinhas sensíveis? Seu vocabulário até que deu uma melhorada. Johnson sorriu.

– À direita no trevo.



Virgil havia formado uma imagem mental da pousada: um chalé de toras de madeira, com uma placa da cerveja Rolling Rock na ponta onde ficava o bar, um galpão para a limpeza dos peixes junto ao cais. Alguns barracões de compensado se espalhavam entre os pinheiros à margem do lago, um barco de alumínio surrado para cada um deles, uma pequena oficina nos fundos, o cheiro de gasolina e óleo misturado ao de poeira e húmus; nas noites mais calmas, um pouco do odor de fossa sanitária. Não conseguia imaginar ali uma riqueza do mundo publicitário – talvez fosse um antigo local que por anos ela frequentara com a família.

Tão logo deixou a estrada para tomar o caminho da pousada, Virgil começou a reajustar sua visualização. Fazia trinta anos que pescava na região de North Woods, desde que tinha idade suficiente para empunhar um caniço. Pensava conhecer quase todas as boas pousadas, que em geral ficavam junto dos lagos maiores.

Jamais ouvira falar de uma Ninho da Águia junto a um Stone Lake, mas o caminho asfaltado que serpenteava em curvas desnecessárias através de um bosque de pinheiros levava a crer que essa pousada em particular era um lugar diferente.

Após uma pequena ondulação, o bosque rareava.

– Uau! – exclamou Johnson. – Pousada de bacana.

A Ninho da Águia ficava no alto de um morro gramado com vista para o lago; com pé-direito altíssimo e fachada de cantaria, madeira e vidro, encaixava-se na paisagem como uma luva. Os chalés que se enfileiravam ao longo da margem eram tão caprichados quanto a edificação principal, cada um com seu deque, próprio para tomar sol, sobre as varandas protegidas por tela. Obra de algum arquiteto caro, pensou Virgil, mas nada de muito recente: o lugar já parecia ter alguns anos de história.

Não se via nenhum carro nos chalés. Mais adiante, o caminho asfaltado dobrou para a esquerda e culminou num descampado onde eles encontraram um estacionamento, isolado por uma cerca viva de 5 metros. Havia quatro viaturas ali, além de uns vinte automóveis particulares e um carro fúnebre. Nenhum policial à vista. Uma funcionária da pousada transferia as malas de um bugre para a carroceria de uma perua Mercedes Benz.

Nas entranhas do bosque, Virgil avistou a ponta de um galpão de metal verde, provavelmente a oficina. Nem ela nem o estacionamento podiam ser vistos da pousada e dos chalés. Perfeito.

Enquanto Virgil parava o carro, Johnson perguntou:

– Cadê os barcos?

– Sei lá. Devem estar do outro lado da pousada.

Assim que eles desceram da caminhonete, a funcionária da pousada, uma mulher de meia-idade com um uniforme vermelho e azul, se aproximou.

– Senhores, posso ajudar em alguma coisa?

– Para que lado fica a pousada? – perguntou Virgil.

– É só seguir por ali. Mas os senhores sabem que esta é uma pousada só para mulheres, certo?

– Somos da polícia – interveio Johnson.

– Ah. Pois não. Outros policiais já estão lá.

– Ela encarou Virgil e perguntou:

– O senhor também é da polícia?

Johnson riu.

– É, sim.

Eles seguiram para o caminho de lajes que ligava o estacionamento à pousada.



A pousada e seu morro gramado ficavam no ponto mais alto de uma enseada natural do lago, na qual se viam diversos ancoradouros com uma ampla variedade de embarcações, quase todas de casco de metal e motor de popa, mas também algumas canoas, caiaques e barcos a remo. A uns 100 metros para a direita, duas mulheres caminhavam de mãos dadas por uma estreita praia de areia equipada com um flutuante.

Cerca de vinte mulheres vestindo jeans e camisas informais ocupavam as mesas que se espalhavam pelo deque, algumas bebendo café e comendo croissant, outras beliscando sua salada de maçã; todas ergueram os olhos quando Virgil e Johnson surgiram do outro lado da balaustrada. Dois policiais conversavam no cais um pouco mais abaixo de onde eles estavam.

Um garçom se apressou na direção dos recém-chegados. Era um garoto magro e pálido, com os cabelos muito escuros repartidos para o lado, fazendo-o parecer com Johnny Depp.

– Em que posso ajudá-los?

– Sou do Departamento de Detenção Criminal – apresentou-se Virgil. – Como faço para chegar ao cais?

– Ah, por aqui – disse o garçom, levando-os para o interior da pousada.

Em seguida, eles desceram por uma escada interna e saíram pelas portas duplas sob o deque. O garoto apontou para outro caminho de lajes.

– É só seguir por ali.

A via contornava uma mureta de pedras, rumo ao lago, e acabava no cais, perto de duas mulheres, que do alto do deque não podiam ser vistas. Ambas estavam de braços cruzados, conversando e observando os policiais. Johnson murmurou:

– Faz só dez minutos que estou na polícia, mas saca só a baixinha ali. E ainda por cima usando uma camisa de pescaria.

O mais discretamente possível, Virgil replicou:

– Johnson, fica na tua, pelo amor de Deus.

– Você estava bem mais simpático quando precisou do meu carro, seu veado.

– Johnson...



As mulheres os encararam assim que eles se aproximaram. Virgil cumprimentou-as com a cabeça.

– Virgil Flowers. Departamento de Detenção Criminal. Estou procurando o xerife Sanders.

– Está na lagoa – informou a mais velha, uma mulher parruda, com ar de poucos amigos e olhar cansado. Ela estendeu-lhe a mão. – Margery Stanhope. Proprietária da pousada.

– Preciso falar com a senhora mais tarde – falou Virgil. – Vi que alguém estava indo embora quando chegamos... Uma funcionária estava guardando as malas da hópede no carro. Vou precisar dos nomes de todo mundo que partiu depois do... incidente.

– Tudo bem – assentiu ela. – Estou à sua disposição.

A mais jovem aparentava ter 30 e poucos anos, era miúda e bonita, com os cabelos vermelhos e um narizinho sardento; o tipo de mulher que levaria Johnson a se embriagar e recitar longos poemas. Algo que Virgil já havia presenciado.

Também era bonita o bastante para fazer o coração de Virgil se alegrar, mas só até o momento em que ela perguntou:

– Não foi você que se envolveu naquele massacre em International Falls?

– Não foi bem um massacre – respondeu Virgil.

– Foi o que pareceu.

– Zoe, dá um tempo – pediu Margery.

– Não dá para ficar em cima do muro.

– Faz isso em outra hora – devolveu Margery, e se dirigiu a Johnson: – Você também é da polícia?

Virgil se adiantou:

– Este é meu amigo Johnson. A gente estava num torneio de pesca em Vermilion quando fui chamado para dar uma ajuda neste caso. O pessoal daqui está ocupado com o sumiço de Little Linda. Mas não, Johnson não é da polícia.

– Prazer – disse Margery, apertando a mão de Johnson. – E o seu primeiro nome, qual é?

– Johnson.

– Ah – fez Margery, sem saber ao certo se era uma brincadeira. – E seu sobrenome?

– Johnson – respondeu Virgil. Percebendo a desconfiança no olhar de Margery, emendou: – É verdade. Johnson Johnson. O velho dele quis fazer uma homenagem àquela marca de motor de barco. Mas todo mundo só o chama de Johnson mesmo.

Zoe parecia estar achando graça, ou na duplicidade do nome, ou na ideia de que alguém pudesse querer homenagear um motor.

– Faziam muita piada com você na escola? – perguntou.

– Meu irmão sofria mais. O nome dele é Mercury.

– Agora eu tenho certeza de que você está mentindo. Duas marcas de motor? – questionou Margery.

– Pode acreditar – disse Virgil. – Mercury Johnson. O cara sofre de depressão crônica.

– Ainda bem que minha mãe quis parar no segundo filho – falou Johnson.

– Papai ainda queria arriscar uma filha e tinha acabado de comprar um Evinrude de 25 cavalos.

– Sei lá... – duvidou Zoe. – Evvie até que é um nome bonito.

Isso fez com que Johnson risse, e como estava diante de uma mulher bonita, riu bem mais do que devia.

– Volto a falar com vocês mais tarde – avisou Virgil. – Agora preciso encontrar meus colegas.

Completamente séria, Margery repreendeu Johnson:

– O que aconteceu aqui foi uma tragédia. Ninguém tem motivo para rir.

Virgil assentiu.

– Claro, claro.

Ele e Johnson já se dirigiam para o cais quando Zoe indagou:

– Ela está morta, não está? Little Linda?

– Não sei – respondeu Virgil por sobre o ombro, ainda irritado com a menção ao “massacre”. – Não tenho nenhuma informação sobre esse caso.

– Será que não tem alguma relação com o que aconteceu aqui?

Após um instante, Virgil perguntou:

– Você vê alguma razão para que os dois casos estejam relacionados?

– Não. É só que aconteceram num espaço de dois dias.

– E a quase 65 quilômetros um do outro.

– Mas você não acha suspeito? – Ela tinha um caloroso par de olhos castanhos, quase dourados, portanto Virgil relevou.

– Não, não acho. Há muitas outras possibilidades.

Zoe aquiesceu.

– É verdade. Foi uma pergunta burra, não foi?

Margery respondeu por Virgil:

– Foi.



Caminhando na direção do cais, Johnson comentou com Virgil:

- A coroa ficou puta comigo.
- Regra número um quando você está lidando com pessoas próximas à vítima de um assassinato: não é bom rir.



Virgil apresentou Johnson e a si mesmo aos policiais, e um deles perguntou:

- Você é o cara daquele tiroteio em International Falls, não é?

Virgil assentiu.

- É, eu estava lá. Me falaram que o corpo está numa tal lagoa, é isso mesmo?

- Caramba, eu queria muito ter visto aquilo – prosseguiu o policial, ignorando a pergunta de Virgil. – Deve ter sido muito sinistro. Meu pai esteve no Vietnã e deve ter lido umas cem vezes essa história do tiroteio. Aposto que ia querer conhecer você.

- O xerife está esperando por você – informou o outro policial. – Está lá na lagoa. Até agora ninguém fez nada além de vigiar o corpo para que ele não seja levado pela correnteza. Eles não querem interferir na cena do crime. Uma das equipes de perícia de Bemidji já está a caminho... Posso levar você até lá.

- Levado pela correnteza? O corpo ainda está na água? – indagou Virgil.

- Está. A mulher levou um tiro na testa, a bala saiu pela parte de trás da cabeça. – O policial tocou a própria testa a uns 5 centímetros da ponte do nariz. – Um estrago e tanto. Ela caiu de costas para fora do barco, que é uma espécie de caiaque, mas um dos pés ficou preso no banco, por isso ela não afundou. Ainda estava flutuando na última vez que estive lá.

- Pelo que você está dizendo... a perícia não vai ter muito o que investigar.

- É verdade.

- Quem foi que a encontrou? – perguntou Johnson.

- Um guia da pousada. George Rainy. Também está lá.
- Então vamos – chamou Virgil.
- Posso ir também? – perguntou Johnson.
- Pode – respondeu Virgil. – Mas, se quiser, pode ficar esperando na pousada com a Srta. Stanhope.
- Não, eu vou, eu vou.



Eles saíram num dos Lunds, o barco-padrão de todas as pousadas de Minnesota: Virgil e Johnson no banco da frente e o segundo policial, que se chamava Don, ao manche do motor Yamaha de 25 cavalos. O trajeto seria curto, não mais que 800 metros. Não se via nenhum chalé ao longo do caminho, apenas na margem oposta e na extremidade do lago, junto com algumas casas de barco. A oeste da pousada, a encosta íngreme se aplainava, tornando-se pantanosa em torno do riacho de escoamento. Eles passaram pela boca de um remanso raso, depois por uma pequena toca de castor feita de pequenos galhos e gravetos, fizeram uma curva e foram dar no riacho. Contornaram um tronco caído, atravessaram um canal estreito e por fim chegaram à lagoa.

Outros quatro barcos já se achavam ali, com sete pessoas, junto da margem leste. Don seguiu na direção deles, apresentando-as:

- Aquele de boné branco é o xerife. O que está sozinho no outro barco é George, o guia. Os dois sujeitos com coletes salva-vidas são da agência funerária; vieram para buscar o corpo. Os outros três são da polícia.

- Como foi que George encontrou o corpo? – perguntou Virgil. – Alguém sabe?

- Ninguém viu a Srta. McDill no jantar ontem à noite, mas às vezes as pessoas cozinham alguma coisa no próprio chalé – explicou Don. – A Srta. McDill não tinha esse hábito; mesmo assim, ninguém foi atrás dela. Mas hoje de manhã bem cedo algumas das hóspedes já iam saindo quando deram pela falta de um dos barcos. Uma delas sabia que a Srta. McDill tinha ido remar ontem à tarde, então foram até o seu chalé, mas não a

encontraram lá. Sabiam que ela gostava de remar até o ninho da águia – ele apontou para o pinheiro na extremidade da lagoa, com o ninho a cerca de 30 metros de altura –, logo avisaram ao George, que veio de barco para cá e encontrou o corpo. Depois, ele voltou e chamou a polícia.

Don desligou o motor e foi costeando o agrupamento de barcos. De pé na proa, Virgil pôde ver o barco de plástico verde-oliva emborcado na água com um corpo de camisa branca flutuando ao lado. O xerife se levantou e perguntou:

– Você é o Virgil?

– Sou.

Eles se cumprimentaram assim que os dois cascos bateram um no outro. O xerife era um homem alto e volumoso, com o rosto de cachorro amassado como uma camisa amarrotada; estava usando a camisa parda e as calças marrons do uniforme policial, além de um pesado par de botinas que não parecia adequado para um passeio de barco.

– Li uma daquelas histórias que você escreveu para o *The New York Times* – comentou ele. – Muito interessante.

– Ali não tinha erro – disse Virgil. – O caso também era interessante.

Sanders apresentou os outros policiais e o guia.

– Aqueles ali estão esperando para levar o corpo – falou, apontando o queixo na direção dos agentes funerários.

– O que você acha que aconteceu aqui? – perguntou Virgil.

– Homicídio. Mas, sei lá, também pode ser suicídio – disse Sanders, olhando mais uma vez para o corpo. – No entanto... acho pouco provável que uma mulher dessas fosse se matar com uma bala na testa. Sujeira demais. De repente alguém se aproximou e atirou nela. Também há a possibilidade de um acidente.

– Homicídio – afirmou Virgil. – É pouco provável que seja suicídio. Acidente, nem pensar. – Ele correu os olhos à sua volta.

– Por que não? – quis saber Johnson.

– Muita árvore. A vegetação aqui é densa. Para que a bala não acertasse uma árvore, o atirador teria que estar bem próximo da margem, próximo o

bastante para ver a vítima. Portanto, não foi o caso de alguém disparar a 500 metros daqui e, por um mero azar, ela estar no meio do caminho. E se foi alguém de barco, que veio atrás dela, e os dois estivessem balançando um pouco na água, eles teriam que estar muito perto um do outro para que o tiro acertasse na testa.

Johnson assentiu, olhou para a camisa branca flutuando em torno do corpo feito um véu e desviou o rosto.

– Alguém sabe o horário do óbito? – indagou Virgil ao xerife. – Alguém ouviu o tiro?

– Se ouviu, ainda não sabemos.

– Don, nos afaste um pouco do barco do xerife – pediu Virgil. – Isso, para lá. Quero ver o corpo mais de perto.

Eles se aproximaram do barco virado e Virgil se debruçou no casco para enxergar melhor. Não conseguiu ver o rosto, mas sim o estrago horrível na nuca da mulher. Virando-se para trás, falou:

– Se uma pistola de calibre alto não for encontrada no fundo desta lagoa, então só pode ter sido um rifle.

O xerife aquiesceu.

– Foi o que eu pensei.

– Mesmo assim é preciso que os peritos procurem por uma pistola. Se o atirador estava num barco, é possível que a arma tenha sido arremessada na água; se foi um suicídio, também. – Não havia outro sinal de violência, pensou Virgil. Uma única bala e a mulher fora aniquilada. Ele se empertigou. – Para que lado fica a estrada mais próxima?

Os policiais olharam ao redor, depois um deles apontou.

– Deve ser... naquela direção.

– A quantos metros?

– Provavelmente... uns 400. Tem uma estrada municipal que contorna o lago e atravessa este riacho a cerca de... 800 metros daqui, depois segue bordejando a água até passar por um grupo de chalés na margem oeste do lago. Vocês devem ter visto esses chalés quando vieram para cá.

– É possível seguir remando pelo riacho? – perguntou Virgil.

– Não. Depois das galerias de drenagem, a passagem fica muito difícil – informou o policial. – É mais fácil ir andando, porque o riacho não é muito fundo. Mas o chão é bem lamacento... Sei lá. Talvez não seja possível ir andando também. Pelo menos não é fácil.



Eles continuaram conversando por mais alguns minutos, cada um em seu barco. Sanders explicou que eles não quiseram remover o corpo antes que o agente do DDC chegasse para dar uma olhada e permitir a remoção.

– Assassinatos são muito raros por estas bandas.

– Podem levar – autorizou Virgil. – A correnteza aqui é forte o bastante para deslocar o corpo, e se estivesse ventando... Não dá para dizer exatamente em que ponto desta lagoa ela foi atingida, a menos que a gente encontre algum respingo de sangue. – Ele olhou ao redor. – Sugiro que você mande dois dos seus homens para vasculhar as margens, muito lentamente, desde o canal até a ponta oposta da lagoa, examinando o mato lateral e a vegetação aquática para ver se encontram algum resquício nas folhas. Se ela estivesse muito próxima do mato, é possível que haja alguma coisa.

O xerife apontou para os policiais num dos barcos, e lá se foram eles.



Enquanto eles conversavam, os dois agentes funerários se aproximaram da publicitária morta. Traziam consigo um saco mortuário preto e discutiam a melhor maneira de içar o corpo sem o risco de uma lesão em suas próprias colunas. Virgil notou que Johnson evitava olhar para o cadáver.

– Realmente vou ter que contar com o seu pessoal neste caso – afirmou Sanders. – Minha equipe está quase toda comprometida com o caso de Little Linda, que já está virando um pesadelo. A mãe da moça é uma espécie de demônio da mídia. Tem até convocado coletivas de imprensa. E contratou um vidente. Está deixando todo mundo maluco.

– Nenhum sinal de Little Linda?

- Não, mas segundo o vidente ela ainda está viva. Num lugar escuro, com pedras grandes em volta, e está com frio. Ele também enxerga musgos.
- Musgos? – questionou Johnson.
- Foi o que o homem disse – alegou Sanders.
- Vocês estão investigando *musgos*?



Momentos depois, a cerca de 50 metros de onde estava o resto do grupo, um dos policiais que procuravam por sangue berrou:

- Tem um maço de cigarros aqui!
- Um isqueiro também! – exclamou outro.

Virgil sinalizou para Don ligar o motor e partiu com o barco na direção dos homens. Sanders disse aos demais que permanecessem onde estavam e seguiu na esteira dele. Mais adiante, depararam com os dois objetos, boiando perto um do outro.

- Ela fumava? – perguntou Virgil.
- Não sei – respondeu o xerife.
- Precisamos marcar este lugar. É possível que ela tenha sido atingida perto daqui. – Chamou Rainy, que se aproximou em seu barco. – Você tem alguma boia de sinalização?

O guia foi para a popa do barco e voltou com uma boia de plástico amarelo, no formato de um haltere; uma fina corda de náilon se enrolava na haste com um peso de chumbo na ponta.

- Jogue bem aqui – instruiu Virgil.

Rainy obedeceu e o chumbo afundou, marcando o local para a equipe de peritos.

- Deixe o maço e o isqueiro onde estão. Talvez os peritos descubram alguma coisa neles – orientou Virgil, e acrescentou aos policiais: – Continuem procurando por sangue.



Na lagoa, os agentes funerários encontravam certa dificuldade para içar o corpo. Ao policial que pilotava seu barco, Sanders ordenou:

– Me leve de volta para lá.

– Quero dar uma olhada na outra margem – falou Virgil. – Talvez alguém tenha passado ali.

– Espero você aqui – disse o xerife.



Eles começaram pelo ponto em que o riacho deixava a lagoa, movendo-se lentamente. Virgil examinou o curso e, como dissera o policial, a passagem era difícil, estorvada por árvores mortas, galhos e pedras. Seria difícil descê-lo a pé, e impossível de barco. Então, eles recuaram e foram seguindo pela margem da lagoa, perscrutando o chão, até que Johnson exclamou:

– Lá está!

– Onde?

– Está vendo aquela bétula morta, com a copa toda seca? – Ele apontava através do matagal para a parede de álamos e bétulas. – Agora olha um pouco para a esquerda... Está vendo aquele buraco no mato? Já vi isso um monte de vezes na beira dos rios. Alguém saiu por ali... e foi na direção daquela toca de castor.

– Certo. – Virgil olhou para os barcos em torno do corpo. – É possível que ele tenha se escondido do outro lado da toca.

– Um tiro de 70 metros. Talvez 80 – afirmou Johnson. – Boa mira.

– Ou 40, dependendo do deslocamento dela – completou Virgil. – Mesmo assim, um ótimo tiro.

– Não tão bom assim – retrucou Don. – Só 70, 80 metros... Isso não é nada numa região como esta.

– Mais ou menos – devolveu Virgil. – Foi apenas um tiro, sem nenhum preparativo, e o cara acertou a testa da mulher. Ela provavelmente estava se movendo, pelo menos um pouco. E ele estava atirando numa pessoa, não podia deixar que alguém o visse, precisava se esconder e depois fugir. Com

todo esse estresse... foi um ótimo tiro, sim. O cara sabia o que estava fazendo.

Don correu os olhos da margem para os barcos e na direção contrária, assentindo por fim.

– É, você tem toda razão.

Olhando para a toca de castor a poucos metros da margem, Johnson opinou:

– Impossível chegar até lá por aqui. Talvez empurrando um barco até a toca, mas ainda assim...

Virgil balançou a cabeça.

– Melhor irmos pelo mesmo lado de onde veio o atirador. A gente ia ter que fazer isso de qualquer modo. – E completou para Don: – Vamos lá falar com o xerife.



Os agentes funerários haviam colocado McDill no saco mortuário e já fechavam o zíper quando os três chegaram. Percebendo a expressão no rosto deles, o xerife perguntou:

– E aí?

– Acho que temos a cena do crime – respondeu Virgil.

3

COM O CORPO DEVIDAMENTE REMOVIDO, Sanders chamou os dois policiais que procuravam por respingos de sangue e disse a eles que esperassem na lagoa até segunda ordem ou até que os peritos chegassem e os mandassem de volta. Em seguida, o resto do grupo retornou à pousada, o xerife em seu próprio barco, Virgil, Johnson e Don no deles, George Rainy, sozinho, e os agentes funerários com o corpo.

Na lagoa, Virgil praticamente não tinha sinal em seu celular, mas já acumulava quatro barrinhas nas imediações do cais. Tão logo Don desligou o motor e começou a traçar uma curva na direção do ancoradouro, ele ligou para a delegacia de Bemidji e falou com o plantonista.

– Os peritos já estão a caminho? – perguntou.

– Já deviam ter chegado. Só um instante, vou ver o que houve. – Dali a um minuto, o homem ligou de volta: – Eles depararam com uma ponte bloqueada no trajeto. Vão ter que desviar. Devem chegar em dez ou quinze minutos.

– Vocês ainda estão com seus homens em Bigfork?

– Ah, sim. A coisa só piora. Você já deve ter visto na Fox...



Agrupadas no cais, umas dez mulheres assistiam à cena com aquele misto de curiosidade e horror que geralmente produzem os assassinatos. Virgil jogou uma corda na estaca, atracou o barco, saiu dele e firmou o casco para que Johnson e Don descessem também. Contou ao xerife sobre os peritos.

– Vamos lá ver se a gente consegue encontrar uma trilha no... no lugar em que o atirador deixou a estrada.

– Ótimo.

Virgil falou a Johnson:

– Por que você não vai para a pousada e descola uns sanduíches para a gente comer? Estou morrendo de fome.

– O que você vai fazer agora?

– Dar uma olhada no corpo.

Johnson assentiu e partiu. Virgil foi ter com Rainy, que amarrava seu barco, e lhe pediu que ficasse por perto até que eles pudessem conversar.

– Sim, senhor – disse o guia, e seguiu Johnson rumo à pousada.

Os agentes funerários içaram o saco mortuário do barco e Virgil solicitou que eles abrissem o zíper. Erica McDill jazia de costas com o rosto manchado de vermelho em razão da hipóstase, a sedimentação que a gravidade provoca no sangue de um cadáver. Ela havia caído na água com o rosto virado para baixo e, ao que tudo indicava, passara a noite na mesma posição.

O orifício na testa, por onde a bala entrara, não era maior que a unha do mindinho de Virgil, mas o osso estava pastoso, como se a bala tivesse explodido. Na nuca, boa parte do lado esquerdo do crânio estava aberta, deixando à mostra a massa cerebral, que, exposta à água durante uma noite inteira, tinha todo o aspecto de um queijo cinzento. Para Virgil, tudo levava a crer que o atirador havia usado um rifle de calibre pequeno, um .223 ou um .243, com balas de ponta oca. Ele vasculhou os bolsos de trás da calça jeans de Erica à procura de uma carteira, mas não encontrou nada.

– Vocês estão vendo mais algum ferimento? – perguntou aos agentes funerários.

– Não, nada – respondeu um deles. – Vamos dar uma olhada melhor lá na agência, antes de mandarmos o corpo para o legista. Se encontrarmos alguma coisa, avisamos ao senhor.

A necrópsia seria feita no condado de Ramsey, na região de Minneapolis e St. Paul, conhecidas como Cidades Gêmeas.

– Podem fechar – disse Virgil.

Foi para a borda do cais, agachou-se junto à água e lavou as mãos.



Margery vira-os chegar e agora subia ao cais. Virgil ficou de pé e ela estremeceu, desviando o olhar.

– É ela? – perguntou.

– É – respondeu Virgil. – Mas você não precisa ver isto. Por que não subimos para a pousada?

Margery se afastou e, ainda olhando para o saco mortuário, estremeceu novamente. Só então tomou o caminho do prédio, Virgil atrás dela, e juntos eles subiram pela escada interna.

– Vocês têm internet aqui?

– Claro. Em todos os chalés, e wi-fi na pousada inteira.

O escritório da Ninho da Águia ocupava o espaço de três salas, no qual duas funcionárias trabalhavam em mesas individuais, em frente a modernos monitores de tela plana e em meio a arquivos. As paredes forradas de pinho-de-riça eram decoradas com diversas fotos de hóspedes célebres e duas réplicas de peixe. Além disso, havia uma galhada de alce, de onde pendia uma boina feminina estampada com o tradicional xadrez escocês. Virgil usou o computador de Margery para instalar o Google Earth e depois abriu na imagem do lago; não demorou para encontrar o ponto em que estivera o corpo e identificar a rota mais curta entre a lagoa e a estrada que circundava o lago.

– Uma bela ferramenta – elogiou o xerife às suas costas.

Virgil salvou a imagem e a imprimiu.



Sanders seguia à frente em seu Tahoe. Johnson vinha atrás, dirigindo a caminhonete, enquanto Virgil comia um sanduíche de salsichão com queijo. Entre uma mordida e outra, o investigador comentou:

– Você ficou meio esverdeado lá naquela lagoa. Quando viu o cadáver.

Johnson assentiu e olhou pela janela para o bosque.

– Já contei para você sobre o corpo que eu encontrei no rio?

– Só umas cem mil vezes.

– Pois é. Chamei a polícia e dali a pouco chegou um cara da polícia fluvial de Wisconsin que conhecia o morto: um sujeito de Salt Lake City que tinha caído do barco e...

– Eu sei, eu sei, você já contou. – Virgil cuspiu um pedaço de pimentão janela afora.

– Mas o que eu não contei foi o seguinte: o tal policial resolveu ancorar o corpo para poder chamar um barco maior e fazer a remoção. Então ele passou uma corda em torno do morto para puxá-lo para mais perto da margem e amarrar numa árvore. Acontece que o defunto tinha ficado na água durante uma semana, estava todo inchado, cheio de gás, e quando o cara puxou a corda, o corpo se desmanchou e todo aquele gás veio direto na minha direção.

– Caralho! – exclamou Virgil. – Sabe o que você pode fazer numa situação dessas? Bem, suponho que você não tivesse uma latinha de Vick Vaporub no bolso...

– Vai ouvindo – disse Johnson. – Bem, aí eu comecei a vomitar. Achei que já tivesse botado tudo para fora, mas *continuei* vomitando, e dali a pouco só saía aquela gosma amarela, e mesmo assim eu não conseguia parar. O policial também estava vomitando, aí eu me mandei de volta para o chalé e... continuei tentando vomitar. Eu não conseguia tirar aquele cheiro de mim. Tomei uma chuvarada, lavei o cabelo, cheguei ao ponto de tacar fogo nas roupas. Mas a inhaca continuava lá, e eu comecei a vomitar de novo, e continuei por mais uns dois dias. Hoje de manhã achei que pudesse ser interessante acompanhar você até a cena de um crime, mas quando vi a mulher na água... senti aquele mesmo cheiro outra vez.

– Eu não senti nada. Só cheiro de água de lago.

– Mas não é real. Ele está grudado na minha cabeça, a porra daquele cheiro.

– Já ouvi falar disso. De pessoas que não conseguem se livrar de um cheiro ou de uma imagem mental.

– A imagem nem me incomoda tanto. Até porque... nem cheguei a ver aquele corpo direito. Mas quando vi você esfregando a fuça no cadáver daquela mulher, e os cabelos dela flutuando daquele jeito, quase botei meus bofes para fora... Não sei como você consegue.

– Ossos do ofício – alegou Virgil.

– É verdade... – Johnson suspirou, virou-se para pegar uma Budweiser no cooler e abriu a latinha. – Bem, meu amigo, eu sinto muito, mas você vai ter que descolar outra carona. Porque estou voltando para Vermilion. Essa história toda... Achei que ia ser interessante, mas é só nojento mesmo. Muito nojento.



Na altura do acesso mais curto à lagoa, eles pararam e deixaram seus respectivos carros no acostamento da estrada. Virgil foi para um lado com Sanders e mandou Johnson para o outro: não tinha tanta certeza se o xerife conseguiria localizar uma trilha, logo achou por bem não deixá-lo sozinho. Já havia caminhado uns 30 metros ao longo da estrada de cascalho quando avistou o que podia ser uma trilha.

– Ali. – Virando-se, berrou: – Johnson!

Johnson correu a seu encontro e Virgil mandou:

– Fique longe. Só o pessoal da perícia é que deve descer por aí.

Não teria sido possível para o atirador chegar à lagoa sem deixar um rastro: o solo era firme o bastante, porém úmido, e as plantas eram macias e de muitas folhas, facilmente quebráveis, dessas que se veem à margem dos pântanos.

– Minha dúvida é a seguinte: onde será que ele deixou o carro? – indagou Virgil. A estrada era estreita, sem nenhum cruzamento próximo. – Com certeza não estacionou aqui; muita gente teria visto.

– Tem uns chalés vazios mais adiante – respondeu o xerife. – É possível que tenha deixado o carro num deles, sem que ninguém visse. Mas... e se ele deixou a arma aqui e depois levou o carro de volta para a pousada? A caminhada de lá para cá não é grande coisa, cerca de quinze ou vinte

minutos. Numa estrada de cascalho feito essa, dá para ouvir quando um carro está se aproximando. Com um pouco de atenção, você pode correr para o mato a tempo de não ser visto.

– Um homem teria sido notado naquela pousada, sobretudo um desconhecido – retrucou Virgil. – Mas também é possível que nosso atirador seja uma mulher.

– Se foi uma mulher – completou Johnson –, e se estivesse hospedada na pousada, ela teria visto Erica McDill sair para remar. Poderia até ter perguntado para onde ela estava indo. Depois veio correndo para cá e... bum!

Virgil correu os olhos pelo mato.

– Nesse caso, talvez a arma ainda esteja aqui. A menos que ela tenha voltado ontem à noite para pegá-la, mas isso teria sido um risco muito grande. Se alguém a visse, certamente se lembraria depois.

– Vamos investigar todo mundo que passou por esta estrada – garantiu o xerife. – Cabeça por cabeça.

Eles ouviram um carro vindo pela estrada. Ao entrar no campo de visão, perceberam que era uma enorme van branca.

– A perícia – afirmou Virgil.



A equipe era composta de quatro homens liderados por Ron Mapes, que estivera com Virgil pela última vez durante a investigação do assassinato de um policial indígena na reserva de Chippewa em Red Lake.

Virgil colocou-os a par de tudo que já fora feito, falou da boia de sinalização deixada na lagoa, e os peritos olharam para a trilha que conduzia até lá.

– Vamos precisar de redes de proteção, detectores de metal... – Mapes começou a listar.

– Será que vocês podem descer agora mesmo e dar uma olhada rápida? Só para ver se encontram alguma coisa? Em Red Lake você me falou que o assassino era um cara baixo e isso me pôs na direção certa.

– Claro que podemos – respondeu Mapes.

Todos da equipe agora vestiam galochas de cano bem alto, redes de rosto e luvas de algodão para protegê-los contra os mosquitos. Sem nenhuma pressa e com muito cuidado, foram descendo pela trilha, procurando por qualquer coisa ao longo do caminho, sondando o chão com os detectores. Virgil, Sanders e Johnson seguiram caminhando pela estrada, observando todas as saídas que a cortavam de ambos os lados, estradinhas rudimentares de cascalho ou terra que subiam a encosta na direção oposta à da água.

– São chalés de caçadores – informou o xerife. – Ficam vazios até o outono.



Depois de dez minutos embrenhados no mato, os peritos voltaram. Sanders acabara de reservar um utilitário para Virgil no aeroporto de Grand Rapids quando Mapes enfim deu as caras, afastando delicadamente um arbusto ao lado da trilha e ainda esquadrinhando a folhagem à procura de pistas. Assim que se viu na estrada, ele levantou a rede do rosto e comentou:

– Os mosquitos estão comendo solto lá dentro... A uns 100 metros daqui já tem lama no chão.

– E aí? – perguntou Virgil.

– Não posso afirmar que ela é a assassina, mas posso dizer que foi uma mulher quem andou por aqui, seja lá quem for – notificou Mapes. – Talvez tenha descido mais de uma vez, ou talvez não estivesse sozinha, pois os rastros se sobrepõem.

– Rastros de quem está de tocaia – disse Virgil.

– De qualquer modo já conseguimos três pegadas parciais, o solado de uma bota ou sapato feminino. O mais provável é que seja um sapato, porque o salto é baixo – informou Mapes. – Não dá para definir o tamanho, porque o que temos é basicamente a parte central do solado, mas deu para identificar um M maiúsculo na pegada, talvez a inicial de uma marca. Um dos meus homens acha que é “Mephisto”. Sapatos muito caros, segundo ele disse, coisa de 300 pratas o par.

– Não é para qualquer um.

– Nem sei se por estas bandas vendem-se sapatos. Isso é coisa de cidade grande. Se bem que... hoje em dia dá para comprar tudo pela internet.

– O que mais? – indagou Virgil.

– Bem... mais nada. Achei que já era o bastante para você começar.

– Nada na toca do castor?

– Não chegamos até lá. Vamos voltar agora.

– Mandou bem, Ron – disse Virgil.

O xerife encarou Virgil.

– Só pode ser alguém da pousada. Mulher, sapato de cidade grande...

Sanders agora estava um pouco mais relaxado: tudo indicava que a jurisdição do caso seria levada para St. Paul ou Minneapolis.

– Vamos lá conversar com Margery Stanhope – falou Virgil. – Depois, se um dos seus homens puder me dar uma carona até Grand Rapids, Johnson fica livre para ir embora.

– Sem problema – disse o xerife.



No caminho de volta para a pousada, Johnson perguntou:

– Acho que estou deixando você na mão, né?

– Não, não. Este não é seu trabalho. Volta lá para o Big V e pega um peixe para mim – respondeu Virgil.

– Não vou pegar porcaria nenhuma – retrucou Johnson, aborrecido. Ele admirou o céu azul pelo para-brisa. – Esta viagem está zicada.

Na pousada, Virgil desceu da caminhonete, pegou sua bolsa de viagem e caminhou até o lado do motorista.

– Fique longe dessa cerveja enquanto estiver dirigindo...

– Ok, ok...

– Estou falando sério, Johnson. Já tenho defuntos demais nas minhas mãos.

Johnson esboçou um sorriso.

– Depois da primeira curva, vou jogar uma latinha pela janela. Em sua homenagem. Ela ainda vai estar lá quando vier a segunda era glacial.

E com isso ele se foi.



Virgil falou a Sanders que precisava conversar com Rainy, o guia, e depois com Margery e qualquer outra pessoa que por acaso ele sugerisse.

– Vai demorar um pouco.

O xerife deu de ombros.

– Bem... é um homicídio, então é para demorar mesmo. – E segundos depois: – Você não vai conseguir muita coisa com Rainy.

– Por que não?

– Ele é um bebum. Todo dia após o trabalho ele dá uma passada na delicatessen, compra uma birita e bebe em casa. Vai acabar se afogando no álcool. Encheu a cara ontem à tarde. Não estava em condições de atirar em ninguém.

– Algum motivo especial para beber tanto assim?

– Não que eu saiba. Acho que já está cansado deste lugar.



Eles encontraram Rainy e o interrogaram na sala chamada de “a biblioteca”, um espaço pequeno com três poltronas confortáveis, centenas de livros de capa dura, já desbotados pelo sol, e seis gerânios na janela, em vasos de terracota. O guia morava a quinze minutos da pousada, na direção de Grand Rapids, mas fora da cidade. Trabalhava como guia em meia dúzia de lagos na região, acompanhando pescadores no verão e caçadores de veados e ursos no outono. Ganhava 100 dólares por dia, mais gorjetas, e havia trabalhado em outro lago na véspera do crime. Fora chamado para encontrar algumas mulheres naquela manhã e ensiná-las a pescar.

– Cheguei ao cais e elas estavam ciscando de um lado para o outro feito galinhas sem cabeça. Achavam que a Srta. McDill podia ter ido lá para aquela lagoa. Aí eu falei: “Deixa eu ir lá ver.” Catei um barco e fui, e lá estava ela. Nem precisei procurar muito, foi só atravessar o canal e pronto. Eu a vi na mesma hora, o barco, a camisa dela...

– Você tocou no corpo? – perguntou Virgil.

– Toquei nada. Eu vejo televisão.

Virgil assentiu.

– Tem alguma ideia sobre o que possa ter acontecido?

– Negativo. Quer dizer... só uma. Mas, por favor, não conte para a Srta. Stanhope. Não posso perder meu trabalho aqui.

– Vou ficar de bico calado – assegurou Virgil, e o xerife também concordou com um aceno da cabeça.

– Essas mulheres que vêm para cá... muitas delas... você sabe, elas jogam no nosso time.

Virgil olhou para o xerife, que novamente aquiesceu; não havia mencionado o fato apenas por uma questão de educação.

– Você está dizendo que...

– São sapatões – explicou o guia. – Elas vão para os bares da região, quase sempre para o Goose, e depois, quando a bebida sobe à cabeça, começam a brigar. Não chegam a trocar porrada no estacionamento, nada disso, mas começam a gritar umas com as outras, para saber quem estava comendo quem. Então... sei lá, pode ser um crime relacionado a sexo.

Virgil virou-se para o xerife.

– A Srta. McDill...?

– Não sei. Mas *sei* que muitas das mulheres que vêm para cá não são gays – afirmou Sanders. – Margery me falou uma vez que muitas delas gostam de vir sozinhas só para não ter que aturar os broncos de North Woods. Para curtir a natureza em paz, sem nenhum homem para encher o saco delas.

– Mas por que ela tocou nesse assunto com você? – perguntou Virgil. – Sobre as hóspedes serem ou não gays?

– Alguém fez um comentário na Câmara de Comércio – explicou Sanders –, e ela ficou puta com isso. A gente se encontrou na rua, por mero acaso, e ela desabafou comigo. Somos amigos desde os tempos de escola.

– Ah.

O xerife deu um risinho.

– Esse seu “ah”. Igualzinho ao dos policiais da TV quando estão com a pulga atrás da orelha.

– Não, não é isso... Mas não deixa de ser estranho. Se o crime foi cometido por uma mulher de fora, que veio se hospedar aqui, como ela poderia saber exatamente como chegar àquela lagoa?

– De repente olhou no Google Earth como a gente fez – sugeriu Sanders.

– É uma possibilidade.

– Pode ter explorado a área.

– Ou talvez seja alguém daqui – concluiu Virgil.

– Se você me perguntasse como chegar àquele lugar, no ponto da lagoa mais próximo da estrada, eu teria que estudar um mapa por um bom tempo, talvez até me orientar com uma bússola, e olha que eu moro aqui desde que nasci. Das duas, uma: ou a atiradora conhece esta região muito melhor do que eu ou consultou o Google Earth. Ou um mapa. Ou talvez tenha usado um GPS. E muito provavelmente explorou a área antes de agir. Então... tanto faz se foi uma forasteira ou alguém daqui. Ela precisaria explorar a área de qualquer jeito.

– Quem sabe não foi um caçador de veados? – interveio Rainy. Virgil e o xerife se voltaram para ele. – Com a temperatura baixa, nem é tão ruim assim por lá. Não tem mosquito, a lama fica dura. Basta descer uns 100 metros que já dá para ver a lagoa. John Mack tem umas tocaias no alto das árvores a cerca de cinco minutos a oeste dali. Muita gente da região se embrenha naquela parte do matagal, entre a estrada e o lago, para chegar nas tocaias do Mack.

– Não deve ser fácil passar ali sozinho – opinou Virgil.

– Nem é tão difícil assim. Como eu disse, dá para ver melhor dali. Você junta uns oito caras naquela ponta, por volta do meio-dia, depois vai tocando os bichos na direção oeste até que eles ficam encurralados entre os dois lados da enseada – disse Rainy. – A criançada sobe nas tocaias e de lá consegue acertar um ou dois animais. O pessoal deixa os moleques atirarem só de zoação, para que eles se divirtam um pouco.

– Valeu, Rainy – agradeceu Virgil. – Obrigado pela dica.

Ao deixar a biblioteca, o xerife se aproximou do guia.

– Só um conselho, Rainy: enquanto estiver trabalhando por aqui, evite falar em “sapatões”.

O guia engoliu em seco algumas vezes.

– Sim, senhor.



Já no corredor, Sanders disse a Virgil:

– Não quero que você fique pensando que o pessoal aqui é homofóbico. Algumas hóspedes desta pousada realmente são gays, mas ninguém se importa com isso. Pelo contrário, a gente *quer* essas pessoas na cidade, comprando, comendo nos restaurantes... Elas têm dinheiro. Para você ter uma ideia, uma semana nesta pousada sai por volta de 2 mil dólares e algumas hóspedes ficam um mês inteiro aqui. Não é como esse pessoal que compra um balde de minhocas e dorme na carroceria da caminhonete.

Virgil sorriu.

– Como eu e o Johnson.

– Bem... você sabe. Elas vão para lugares como o Wild Goose, como George disse. Tom Mortensen é o dono do lugar; se você falar que as lésbicas vão sumir daqui, aposto que ele vai ter um treco. São elas que mantêm aquele bar. Tom gosta delas, e elas gostam do bar. Muito mais tranquilo do que um bando de caubóis.



Eles foram procurar Margery no escritório da pousada. Zoe, a mulher que responsabilizara Virgil por um assassinato em massa, estava sentada ao computador usando óculos pretos, que lhe davam um ar intelectual. Virgil se apaixonou na mesma hora. Se Zoe fosse dentuça, ele já a teria pedido em casamento.

Margery estava de pé atrás dela, examinando um papel que tinha em mãos.

– Tenho certeza de que ele foi pago antes do dia primeiro de julho. O Quatro de Julho caiu numa sexta-feira, dia de pagamento, e eu lembro muito

bem que ele não estava aqui para os fogos de artifício. É ele quem geralmente ajuda na montagem...

– Mas o problema está aqui, olha. – Zoe apontou algo na tela. – Se ele não foi pago em julho, então vai ter que ser incluído nos números do terceiro trimestre também.

Percebendo a presença deles à porta, Margery se virou.

– Estamos tentando resolver um problema de contabilidade.

– Quando você tiver um minutinho – disse Virgil –, gostaria que me levasse até o chalé da Srta. McDill e me falasse um pouco sobre ela.

– Vamos agora mesmo – replicou Margery.

– Vou deixá-los à vontade – falou o xerife. – Preciso voltar e enfrentar os repórteres.

– Tudo bem – concordou Virgil. – Mas eu queria que você me arrumasse aquela carona até a locadora.

– Meu escritório fica na cidade – interveio Zoe. – Posso deixar você lá. Só preciso de mais meia hora aqui.

– Ótimo – comentou Virgil.



O chalé de Erica tinha apenas um quarto, mas espaço suficiente para mais camas no loft do segundo andar, que dava acesso ao deque.

A construção também dispunha de uma saleta isolada, como um pequeno escritório, equipado com cabo de rede – um aviso na parede explicava tudo sobre as conexões sem fio –, uma impressora a laser, um telefone com duas linhas e uma cadeira de trabalho sofisticada. Além disso, havia uma cozinha pequena, mas bem funcional, e uma sala de estar com uma lareira de pedra. O laptop de Erica ainda se achava conectado ao cabo de rede.

– Não tem televisão – observou Virgil.

– É uma coisa nossa. Quem quiser ver TV, pode ir para a sala de mídia da pousada. Mas a ideia aqui é que você possa ficar longe da televisão e de tudo o mais – explicou Margery.

– Mas vocês têm...

– Descobrimos que a maioria das nossas hóspedes vem aqui para ficar longe dessas *porcarias* que assolam a TV, mas que muitas não conseguem ficar totalmente isoladas. São mulheres de negócios que precisam manter certo contato com o mundo. Você já deve ter percebido que o celular tem sinal.

– É verdade.

– Porque na pousada temos um repetidor de baixa tensão ligado a uma antena que fica lá na oficina e não dá para ver daqui. Essa antena está na linha de mira de uma torre de celular na rodovia. Portanto, estamos completamente conectados, temos todos os equipamentos, mas ninguém vê nada. O que a gente quer é preservar um clima mais... rústico, digamos assim.



Erica McDill não fora vista na noite anterior, mas, segundo Margery, isso não era nada incomum. As hóspedes em geral se cansavam muito durante o dia com as atividades no lago e, depois de tanto sol na cabeça, muitas voltavam exaustas e iam cedo para a cama. Outras iam para a cidade, ou para o tal bar chamado Wild Goose. Portanto, não era fácil dizer onde estava cada pessoa.

– Para falar a verdade, eu nem sabia que ninguém a vira ontem à noite. Só fiquei sabendo hoje de manhã, porque todo mundo comentou – admitiu Margery.

– Ela era uma pessoa muito sociável?

– Hum, eu diria... não muito acima da média. Um pouco mais agressiva quando estava em grupo. Gostava de dominar a conversa, mas as outras também não são lá muito tímidas. Portanto, eu diria que ela não destoava.

Erica realmente gostava de frequentar o Wild Goose.

– Ela era gay?

– Sim, era. Mas não estava aqui em busca de romance. Tem um relacionamento estável em Minneapolis. Aliás, a pessoa já foi avisada, deve estar chegando por aí. Erica veio para cá, eu acho, só para relaxar mesmo.

Para pensar na vida. Às vezes exagerava na bebida. Quer dizer, não ficava doida nem nada, mas certamente não era escolhida para dirigir na volta do Goose.

– Quero deixar bem claro que não tenho nada contra lésbicas, mas preciso perguntar: por acaso ela estaria envolvida em algum tipo de confusão de natureza sexual?

Margery balançou a cabeça.

– Até onde sei, não.

– Algum tipo de rivalidade com outra hóspede da pousada?

– Acho que não. Já estava aqui há uma semana, ia ficar mais uma. Vinha participando das atividades, ioga pela manhã, caminhadas e passeios de barco de manhã e à tarde, mas em nenhum momento cheguei a vê-la se enrabichando com outra mulher. – Margery levou as mãos às têmporas, pressionando-as. – Por mais que eu pense, não consigo entender o que aconteceu. Pode acreditar: se eu soubesse ou suspeitasse de alguma coisa, você seria o primeiro a saber. Mas não vi nada.

– Tudo bem. Alguma outra hóspede já morreu aqui?

– Já. Outras duas. Na verdade, uma delas veio para cá exatamente para morrer. Adorava a natureza, adorava este lugar. Foi no último outono. A pousada já estava quase vazia e a gente costumava levá-la de cadeira de rodas até o deque para que ela pudesse ver o lago. Depois de uns dias ela morreu. Câncer no pâncreas. A outra sofreu um infarto. Quatro ou cinco anos atrás. Ainda estava viva ao dar entrada no hospital, mas não sobreviveu.

Eles conversaram por mais alguns minutos, mas Margery parecia de fato confusa com os acontecimentos. Aos olhos de Virgil, seu comportamento parecia genuíno, sóbrio demais para ser fingido.

– Uma última pergunta – disse ele. – Quem estava indo embora quando cheguei aqui?

– Dorothy Killian, de Rochester. Já estava programada para sair. Não creio que ela tenha alguma importância neste caso, mas... sei lá. Tem 75 anos.

Participa do conselho de algum museu lá em Rochester, tem uma reunião agendada para amanhã, por isso teve que ir.

– Certo. Bem... eu gostaria de ficar mais uns minutos por aqui, e depois vamos ter que trancar o chalé de novo, até que os peritos possam vir examiná-lo.

Margery ficou de pé e suspirou.

– Que tragédia... Ela era tão jovem, ativa, inteligente...

– As pessoas gostavam dela?

Margery sorriu.

– Pelo menos as que gostam de mulheres como ela, se é que você me entende. Erica não engolia sapos. E muita gente se irritava com isso. Mas, quando se trata de uma mulher bem-sucedida, isso não chega a ser nenhuma novidade.



Virgil passou não mais que dez minutos no chalé, fazendo um exame rápido mas abrangente.

Erica havia trazido duas malas grandes. Uma estava vazia, as roupas já transferidas para o armário e a cômoda do quarto. A outra, quase toda cheia: um saco plástico com as roupas sujas, outras sacolas e bolsas com objetos de uso pessoal. Nenhuma das roupas tinha algum papel nos bolsos.

Na bolsa havia uma carteira fina com pouco mais de 800 dólares. Num compartimento secreto, um envelope da financeira Wells Fargo continha mais 3 mil. Virgil examinou os documentos: uma licença de pesca emitida pelo Estado de Minnesota e comprada pouco antes da chegada à pousada e cartões dos mais diversos tipos, desde crédito, seguro e fidelidade de companhia aérea até serviços de emergência em viagens e associação a museus, como o MoMa, o Met, o Minneapolis Institute of Art, o Walker Art Center, o Norton Simon Museum, o Art Institute of Chicago. Vendo os cinco cartões de crédito, ele fez uma anotação para pesquisar depois os saldos bancários dela, bem como a situação financeira em geral.

Virgil também encontrou um cartãozinho de papel dobrado. Ao abri-lo, deparou com uma marca de batom: lábios femininos. Não havia nada escrito. Ele deixou o cartão sobre a cômoda. Interessante.

Erica tinha uma câmera digital. Virgil ligou-a e passou as fotos, umas vinte, a maioria de paisagens do lago e algumas de mulheres se divertindo num bar.

Ele retirou o cartão de memória, copiou-o para seu próprio computador e colocou a câmera de volta na cômoda, ao lado do cartão. Pegou as chaves dela, incluindo uma grande e preta com o emblema da Mercedes Benz, e as guardou no bolso das calças.

O laptop de Erica era protegido por senha. Virgil testou algumas, mas decidiu deixar aquilo para a equipe de peritos.

Ao lado do computador estava o celular. Examinando-o, encontrou mais de trinta ligações realizadas ao longo da semana que ela havia passado na pousada, boa parte para um número nas Cidades Gêmeas, código de área 612, que se referia ao centro de Minneapolis (seria da agência?), e diversas outras recebidas ou realizadas para outro telefone com o código 952.

Virgil examinou a carteira de motorista. Erica morava em Edina, que batia com o código 952. Muito bem: casa e escritório. Ele tirou o bloco do bolso e anotou todos os telefones para os quais ela ligara naquela última semana, bem como o número de todas as chamadas recebidas. Nenhuma ligação local.

Só então Virgil se lembrou do telefone fixo sobre a mesa. Retirou-o do gancho, recebeu um sinal de discagem. O que significava que ela podia fazer as ligações diretamente. Ele teria que conseguir os números com a companhia telefônica.

Depois de uma última olhada ao redor, Virgil escreveu um bilhete para os peritos sobre o papel com a marca de batom e a câmera sem cartão de memória. Deixou-o sobre a cômoda.

E concluiu: “DNA no batom? O que vocês acham?”

4

CUMPRIMENTANDO ALGUMAS MULHERES AO LONGO do caminho, Virgil voltou à sede da pousada e pegou sua bolsa de viagem. Ao encontrar Margery, perguntou:

- Teve alguma notícia sobre os amigos da Srta. McDill?
- Ligaram do aeroporto. Resolveram vir de avião. Vão demorar mais do que se viessem de carro.
- Eu poderia esperar por eles no desembarque?
- Não. Um dos motivos da demora é que eles acham que a pousada fica no meio do nada, bem no meio de uma floresta. Fretaram um hidroavião em St. Paul; vão pousar diretamente no lago.

Virgil olhou para o lago, que não era muito grande, no máximo alguns milhares de acres, pontilhado de pequenas ilhas. Bonito, mas longe de ser um campo de pouso.

- Muita gente vem de hidroavião para cá?
- Às vezes – respondeu ela. – Os moradores locais não gostam. Sobretudo um velhinho, que sem dúvida vai me ligar hoje à noite. O pessoal da prefeitura também.
- Entendi. Bem, se a sua contadora já estiver livre...
- Está lá na oficina. É só você ir pelo estacionamento.
- Sei onde é. Bom, a gente se vê mais tarde. Quero conversar com os amigos da Srta. McDill.
- Descobriu alguma coisa?
- Talvez – disse Virgil, caprichando no sorriso enigmático.



Zoe Tull conversava com um homem de aspecto mexicano que trabalhava num podador a gasolina, desmontado sobre uma bancada na oficina. Ela avistou Virgil, lhe acenou e voltou a falar com o funcionário. Virgil tirou do bolso a chave do carro de Erica, apertou o botão do controle remoto e viu piscar os faróis de um Mercedes SL550 prata.

Abriu a porta do motorista, agachou-se e correu os olhos pelos objetos no interior: uma caixa de lenços de papel, um carregador de celular plugado ao acendedor de cigarro, um frasco de repelente, uma caixa de band-aids, balas de menta, chicletes, dois batons, um recibo de caixa eletrônico que mostrava um saldo de 23.241 dólares na Wells Fargo, canetas, lápis, um talão de cheque, um canivete, uma lanterna de LED, duas garrafas vazias de Pepsi Diet, um suéter, um casaco de algodão, um guarda-chuva, um estojo de couro com cartões comerciais.

“Quanta tralha”, pensou, no momento em que Zoe disse às suas costas:

– Ela era sempre muito organizada com o carro.

Virgil ficou de pé.

– Eu esperava encontrar o bilhete de um chantagista, mas... E aí, já terminou?

– Já. Só estava colhendo algumas informações.

Virgil olhou para o mexicano, que voltara a trabalhar no podador.

– Imigrante ilegal?

– Você o prenderia se ele fosse?

Virgil riu.

– Se eu fosse sair por aí prendendo todos os mexicanos ilegais que encontrasse pela frente, não teria mais onde comer.

– Mas aquele ali não é. Acho que Margery até contrata alguns ilegais de vez em quando e paga por fora, mas como o nome de Julio estava nos livros, resolvi pegar o número do *green card* dele – explicou Zoe. – Para que os carrascos do IR achem que a gente anda na linha.

– Não quero desanimar você, mas os carrascos do IR sempre acham que ninguém anda na linha.

– E com toda razão. Conheço um juiz que colocou a mulher e a filha como dependentes por três anos depois do divórcio e da mudança delas para a Califórnia.

– Foi em cana?

– Nunca o pegaram. – Zoe logo tratou de emendar: – Não era meu cliente. Fiquei sabendo por uma amiga minha, a contadora que estava revisando a declaração dele. O idiota falou que não sabia de nada.

– Essa é a desculpa *du jour* de todo mundo que pisa na bola.

– Uau. Ele fala francês!



Zoe tinha um Honda Pilot vermelho. No banco traseiro havia uma caixa de metal com pastas de arquivo, e à frente do assento do carona, diversas garrafas de água mineral e copinhos de sorvete, todos vazios. Ela guardou seus papéis na caixa, recolheu o lixo do chão, jogou-os no parte de trás do carro e por fim arrancou com ele.

– Então? Quem foi que matou? – ela foi logo perguntando. – Alguma pista?

– Algumas. Mas não vamos falar do assassinato. Vamos falar de você. Sua vida, seus namorados, coisas do tipo. Os seus tênis, por exemplo. São muito bonitos. Mephisto?

Zoe olhou de relance para ele, confusa.

– Ahn?

– Só estou tentando iniciar uma conversa agradável – explicou Virgil.

Sentado ombro a ombro com Zoe, ele podia sentir o perfume suave dela, com toques florais e de baunilha.

– Virgil, você andou bebendo? Fumou alguma coisa?

– Não são da Mephisto, são?

Ela o fitou novamente, depois ergueu o pé para que ele pudesse ver a marca da Nike.

– Nunca ouvi falar de Mephisto.

– Isso, sim, é um crime hediondo – replicou Virgil.

Ela riu.

- Bob Sanders já tinha me dito que você não prestava.
- Estou chocado - disse Virgil de um modo afetado. - Cho-ca-do.
- Você não faz o tipo de quem provocou um massacre.
- Talvez porque eu nunca tenha provocado massacre algum.



Eles já estavam à beira da estrada quando, olhando para a esquerda, Virgil avistou a van da equipe de perícia vindo na direção deles.

- Pode esperar aqui um minutinho? - perguntou ele a Zoe. - Quero ver se eles acharam mais alguma coisa.

Virgil desceu do carro. Ao vê-lo, o motorista da van parou no acostamento. Mapes desceu e entregou ao investigador uma pequena embalagem plástica. Virgil ergueu-a contra o sol para ver melhor o que havia dentro.

- Calibre .223 - disse ele. - O metal ainda está limpo.

- Não ficou ali por muito tempo. Ainda dava para sentir o cheiro da pólvora - informou Mapes. - Estava presa entre uns troncos na água, não muito longe da margem. A atiradora nem deve ter se dado o trabalho de procurar. Não tinha como não ver.

- Para a direita? Como se tivesse sido arremessada por um carregador automático?

- Para a direita, sim. Mas a julgar pelas marcas de extração, era uma arma de culatra. Vou mandar o Jim - ele apontou na direção da van - para Bemidji com isso, ver o que ele descobre por lá. Os outros dois ainda estão trabalhando na toca do castor.

- Bom trabalho, companheiro.

- Bem, o cartucho estava lá para quem quisesse ver. Até você teria encontrado. - Mapes fez uma pausa. - Talvez.

Virgil lhe entregou a chave do carro de Erica.

- Eu sabia que você ia me insultar. Portanto, fiz *questão* de contaminar o carro. Veja se consegue descobrir alguma coisa...



Virgil voltou para o carro de Zoe e contou a ela sobre o cartucho.

– Agora é só encontrarmos um rifle e um par de Mephistos.

– Você consegue identificar um rifle apenas por um cartucho?

– Eu, não. O laboratório da perícia. Pelas marcas de extração. E, se tivermos sorte, ela usou o polegar para empurrar o cartucho cano abaixo e deixou uma bela digital. O bronze é ótimo para receber impressões.

– Humm. Bem, eu pelo menos não tenho nenhum par de Mephistos. Por que você perguntou?

– Porque a mulher que matou Erica talvez seja daqui. Ela sabia exatamente quando e como chegar àquela lagoa para pegar a vítima sozinha. E é possível que estivesse usando Mephistos.

– Você estava suspeitando *de mim*?

– Você meio que ficou por ali, rondando. Os psicopatas costumam fazer isso – alegou Virgil.

– Fiquei rondando porque estava curiosa. Além disso, não sou psicopata. Só obsessiva-compulsiva.

– Exatamente o que diria uma psicopata. O caso da contadora curiosa: para ela, sangue era apenas mais um coquetel...

Zoe fez um gesto de espantar uma mosca para afugentar a conversa fiada.

– Vocês já têm certeza de que foi uma mulher? – perguntou.

– Quase absoluta.

– Uma mulher daqui?

– É o que parece. Também pode ser uma das hóspedes da pousada. Por acaso você teria um nome ou dois para sugerir?

– Não, não. Mas agora estou com a pulga atrás da orelha.

– Eu também.

Depois de um instante, Zoe indagou:

– Você deveria estar me contando tudo isso?

– Por que não? Não tenho nada a esconder.

– Mas... e se eu sair por aí espalhando essas informações?

Virgil bocejou, inclinou um pouco o encosto do banco, deitou a cabeça e fechou os olhos.

– Pode espalhar o que quiser. Não estou nem aí.



No aeroporto, Zoe lhe mostrou um galpão; no interior, um sujeito de quepe de piloto esperava num sofá, quase dormindo. Com a chegada de Virgil, ele se levantou, ainda meio grogue.

– Você é o patrulheiro do Estado?

– Mais ou menos isso – respondeu Virgil.

Ele alugou um Trailblazer, pegou sua bolsa no carro de Zoe e a jogou no banco traseiro do utilitário.

– Você não está armado – observou ela, parada à porta do Honda. – Os policiais não são obrigados a andar armados? Acho que li isso em algum lugar.

– Pela minha experiência, andar armado só traz encrenca – explicou Virgil.

– Para início de conversa, o peso da arma faz com que o ombro fique curvado na direção do bolso em que você a carrega. Ao longo dos anos, isso pode provocar um grave problema ortopédico.

– Não sei se isso foi uma piadinha tosca ou se você é mesmo esquisito.

– Você sabe onde fica o Wild Goose? Quero dar uma passada lá.

– Me siga que eu mostro. Ele é frequentado quase exclusivamente por mulheres. Talvez você fique meio constrangido se entrar sozinho.



O bar ficava a menos de 2 quilômetros ao norte do perímetro de Grand Rapids e não era lá muito diferente dos barzinhos country de North Woods: fachada de toras de pinheiro descascadas e manchadas sobre um alicerce retangular de concreto, estacionamento de cascalho fino, chaminé de latão, uma varanda baixa à entrada, um urso talhado em madeira vigiando a porta, segurando, de pé, a bandeira americana.

Havia mais quatro carros na parte da frente e outros dois na lateral, provavelmente o do barman e o do cozinheiro: na maioria dos bares

country, os funcionários procuravam deixar os automóveis onde não houvesse o risco de que os bêbados batessem neles.

No interior, o bar era bem mais discreto que seus congêneres, com diversos reservados e apenas algumas mesas no centro, quatro bancos junto ao balcão, um pequeno palco ao fundo de uma pista de dança e uma jukebox. Três dos reservados estavam ocupados por mulheres: duas em um, três no outro, quatro no terceiro. Num dos bancos se achava um senhor mais velho, encarando um copo de cerveja pela metade.

Virgil e Zoe foram direto para o balcão.

– E aí, Chuck? – disse ela ao barman, que olhou Virgil da cabeça aos pés, mas sem hostilidade.

Zoe pediu uma cerveja, e Virgil, uma Coca Diet.

– Problemas com o álcool? – perguntou ela com as sobrancelhas arqueadas.

– Nenhum. Só não tenho o hábito de beber.

O senhor ao balcão se virou para Virgil.

– Antes que você pergunte, a porra do copo está metade vazio. Não está metade cheio.

– Sei não, camarada – replicou Virgil. – Ele me parece uns quatro quintos vazio.

As bebidas chegaram e eles foram se sentar num dos reservados. Virgil correu os olhos pelas mulheres e pelo bar em geral e viu que o barman o observava.

– Então, o que você achou? – indagou Zoe.

– É um bar – respondeu ele, sorrindo. – Deve ficar mais animado à noite. A maior parte das clientes é do Ponto da Águia?

– Ninho da Águia.

– Certo, Ninho da Águia. A clientela vem toda de lá ou... as mulheres da cidade também costumam frequentar?

– Mais da cidade do que da Ninho da Águia. Só que... se você está hospedada na pousada e quer sair à noite, é provavelmente para cá que você vem.

– As hóspedes gays ou as héteros?

– Gays e héteros. A mesma coisa com as mulheres da cidade. Elas vêm para cá, enchem a cara e não precisam se preocupar com cantadas desagradáveis ou qualquer tipo de violência. Chuck mantém a ordem. A maioria dos homens locais sabe que este não é o lugar deles.

– Você também costuma frequentar?

– Claro. Como eu disse, é um bar simpático e seguro.

Naquele instante, chegou ao bar uma mulher vestindo um shortinho jeans, uma regata bastante justa, botas, chapéu de caubói e óculos escuros. Era baixa e bem-proporcionada, com os cabelos pretos enrolados numa única trança. Num dos ombros ela trazia a tatuagem de uma Marilyn Monroe à la Andy Warhol. Passeou os olhos pelo salão, coçou-se entre os seios, foi para o balcão e perguntou:

– Você viu Wendy por aí?

– Ainda não – respondeu Chuck.

– Droga. A gente tinha marcado de se encontrar no estúdio – disse a mulher.

Olhou para Virgil e Zoe, demorando-se um pouco nele, depois voltando-se para ela com uma cara de poucos amigos. As duas mulheres se entreolharam por um instante, então a recém-chegada se virou para o barman:

– A gente está ensaiando “Lover Do”. Se Wendy aparecer, diz para ela que a gente está lá esperando.

Virgil observou-a ir em direção à porta e, tão logo ela saiu, Zoe se debruçou sobre a mesa e falou:

– Ela é baterista.

– Faz meu tipo.

– Não, não é seu tipo. É comprometida.

– Ah, é? Mas talvez a relação esteja desgastada – disse Virgil, bebendo do refrigerante. – Os músicos têm uma vida muito tumultuada.

– Ela está comprometida com a vocalista da banda. A tal Wendy. É uma banda só de mulheres.

– Ah. Ok.

– Você deveria ter dito “Que desperdício”.

– Sou um cara sofisticado. Tenho curso superior. De qualquer forma, pelo jeito que você falou, não é desperdício nenhum.

– Infelizmente. – Zoe terminou sua cerveja com um demorado gole.

– Infelizmente por quê?

– Ahhh... – Ela limpou os lábios com o dorso da mão. – Wendy. A vocalista.

– É boa?

– Ótima. Além de country, ela também canta alguma coisa de *fusion*. Mas é quase sempre country. Como Dixie Chicks.

– Então ela *realmente* não é o meu tipo, mesmo que não fosse gay – disse Virgil. – Se eu precisasse escolher entre ouvir um CD inteiro das Dixie Chicks e me jogar debaixo de um caminhão, eu teria que pensar por um tempo.

– Bem, acontece que ela faz o meu tipo. E este é o grande problema.

Virgil a encarou por alguns segundos, depois deixou pender a cabeça sobre os braços apoiados na mesa.

– Nããão...

– Cedo ou tarde você ia ficar sabendo, Virgil – disse Zoe, rindo. – A gente simpatizou um com o outro, mas eu não podia... alimentar... você sabe.

– Merda.

Ao olhar para o balcão, viu que Chuck sorria e balançava a cabeça. O barman pegou uma lata de Coca Diet e entrou no salão para deixá-lo sobre a mesa deles.

– Este é por conta da casa.

– Não custava nada ter dado uma batizada com rum – falou Virgil.



– Sabe, eu geralmente percebo esse tipo de coisa – comentou Virgil. – Me desculpe se em algum momento ofendi você.

– Não, não, você se comportou direitinho – garantiu Zoe. – Eu já tive namorados. Talvez por isso você não tenha sacado nada. Acontece que...

prefiro as mulheres. Sempre preferi, mas só depois de um tempo consegui admitir isso para mim mesma. Ainda sou capaz de me sentir atraída por alguns homens. Você, por exemplo, tem um charme mais ou menos óbvio e superficial. Quando me sinto atraída por um homem, em geral ele tem algumas características mais femininas. Como você: os cabelos louros e compridos, o rosto mais delicado.

– Ok, você acabou de garantir a renda do meu terapeuta por mais dois anos.

– Você faz terapia? Interessante. Significa que você tem alguma sensibilidade psicológica, o que não era de se esperar.

– Na verdade, não faço terapia nenhuma. Estava mentindo.

– É mesmo?

– É. Minto pra caramba.

– Olha, me desculpe... Não tive a intenção criar algum tipo de expectativa, se é que isso aconteceu.

– Tudo bem. Mas... por acaso essa banda não tem uma saxofonista hétero?



– Por que as mulheres de Minnesota não usam maquiagem? Tem umas dez mulheres aqui, algumas bem bonitas, você inclusive, mas ninguém está de batom. Por quê? É um lance só aqui de Minnesota? De praticidade? De feminismo?

– Hoje em dia quase ninguém usa batom – respondeu Zoe. – A gente acaba lambendo até não sobrar mais nada. Mas algumas até que usam um pouquinho quando saem.

– As lésbicas também?

– Menos, talvez. Só algumas. As mais femininas.

Virgil refletiu um instante.

– Puxa... Agora preciso ir. Tenho que voltar para a pousada e falar com os amigos de Erica McDill que estão chegando da cidade. Obrigado pelo passeio. Talvez eu volte à noite para dar uma conferida na banda. Ver se descubro qual é o seu tipo.

– Ah, a Wendy... é uma piranha. Mas me dá tesão.

Virgil riu.

– Que tal você pagar a conta?



Já no estacionamento, os dois caminhavam para o carro quando Zoe perguntou:

– Você não se importa mesmo se eu contar para as pessoas que o assassino é uma mulher?

Virgil deu de ombros.

– Não, manda bala. É um bom assunto para conversas. Melhor do que a internet. Mas tome cuidado com quem você vai falar: a gente está lidando com uma maluca.



A equipe de peritos jantava na Ninho da Águia e Mapes fazia um relatório:

– Achamos que ela apoiou o rifle num galho de 10 centímetros de diâmetro. Tudo indica que o moveu exatamente para obter um apoio. Pode ter apoiado as mãos ou os braços sobre outros galhos, logo recolhemos tudo para tentar encontrar uma digital ou amostra de DNA. Não achamos nenhum cabelo, apenas algumas fibras de algodão que talvez pertençam à camisa ou blusa dela. Nenhum outro cartucho, portanto ela deve ter dado um único tiro.

– Será que ela não pode ter atirado mais vezes e jogado os cartuchos na água? – perguntou Virgil.

– Checamos com o detector de metais. Não encontramos nada – respondeu Mapes.

– Nesse caso, só o que temos são as impressões, o DNA e os Mephistos.

– Eu não contaria com as impressões. Dei uma boa olhada no cartucho e ele me pareceu limpo, até um pouco gorduroso. Se houvesse alguma, eu teria visto. Ou talvez não. Quem sabe o pessoal do laboratório encontra algo? Mas se ela entrou por aquele pântano, e se sabia o que estava fazendo, é

bastante provável que estivesse usando luvas. Até que não estava tão ruim assim a céu aberto, mas, no caminho que fizemos pelo matagal até a beira do lago, a mosquitada era tanta que nossas redes de proteção ficaram pretas de tanto bicho. Se sabia o que estava fazendo, ela procurou se cobrir. Com luvas, até mesmo uma rede.

Virgil deixou-os comendo e saiu à procura de Margery. Uma mulher que apagava as luzes do escritório da pousada lhe informou:

- Margery os levou para a biblioteca.
- Ahn... levou quem?
- Os amigos da Srta. McDill. Acabaram de chegar.



Lawrence Harcourt, um dos sócios da agência de publicidade, era um homem esguio com os cabelos brancos raspados rente à cabeça; os olhos azuis espertos contrastavam com o cinza-chumbo dos óculos, e o rosto tinha poucas rugas para a idade que ele aparentava ter, talvez obra de uma plástica. Os outros dois amigos de Erica – Barney Mann, diretor de criação da agência, e Ruth Davies, a companheira dela – jamais o chamavam de Larry e, embora não o tratassem com deferência, ambos ouviam com atenção sempre que ele tinha algo a dizer.

Mann era baixo e parrudo, o rosto avermelhado pelo álcool, os cabelos louros já querendo embranquecer. Tinha sotaque australiano. Era falante, combativo, nervoso. Virgil lhe deu uns 45 anos.

Ruth estava chocada; não chorava, mas parecia desorientada, como se ainda não acreditasse no que havia acontecido. Baixa, mas não exatamente atarracada, tinha cabelos castanhos e usava óculos de metal, parecendo uma beata. A boca não passava de um risco fino e rígido: sem dúvida não fora ela que presenteara Erica com uma marca de batom.

Todos os três, concluiu Virgil após as apresentações e algumas perguntas, eram extremamente autocentrados. Não estavam apreensivos com os aspectos existenciais da morte de Erica, mas sobretudo com as consequências que aquele crime poderia trazer para cada um. A

preocupação com a imagem era, para Virgil, algo que beirava o ridículo. Eles poderiam ter vindo cada um em seu carro, pois a viagem não teria passado de três horas. Em vez disso, haviam fretado juntos um hidroavião, aparentemente com o intuito de demonstrar a urgência do assunto, e depois de perderem um tempo enorme na organização, no trânsito até o aeroporto e no voo em si, eles demoraram mais de seis horas para chegar à pousada.

Harcourt avaliou Virgil rapidamente, estreitando um pouco os olhos.

– Você tem alguma experiência neste tipo de investigação?

– Tenho.

– Foi ele que matou aqueles vietnamitas – comentou Margery.

Todos voltaram a fitá-lo e Mann perguntou:

– Já tem alguma ideia de como isso aconteceu? E de quem é o assassino?

Virgil abriu a boca para responder, mas Ruth foi mais rápida:

– Quero *ver* a Erica. E se tudo não passou de um equívoco?

– A Srta. McDill foi identificada por pessoas que a conheciam – replicou Virgil, tão delicadamente quanto possível. – Além disso, a fotografia na carteira de habilitação confirma que a vítima é mesmo ela.

– Mesmo assim... – Ruth tentou argumentar, então se virou de costas. Margery se aproximou para lhe dar uns tapinhas no ombro.

– Você falou que já tem algumas suspeitas... – lembrou Mann.

– As investigações iniciais levam a crer que a Srta. McDill foi morta por uma mulher que sabia manusear um rifle e conhecia bem a região. Pode ser alguém daqui, ou alguém de fora, ou alguma hóspede da pousada. Se eu soubesse o motivo, teria uma resposta mais satisfatória para dar.

Mann esfregou o nariz e olhou para Harcourt.

– Não era isso que eu esperava ouvir.

Harcourt assentiu e Virgil perguntou:

– O que o senhor esperava ouvir?

Mann deu de ombros.

– Que esse tiro veio do nada, que ninguém tinha qualquer pista. Nesse caso, eu poderia lhe dar um motivo.

Virgil espalmou as mãos.

– Sou todo ouvidos.

– Lawrence me contou durante a viagem que tudo estava acertado para que Erica comprasse as ações dele na agência – contou Mann. – Assim, ela ficaria com aproximadamente 75 por cento do capital, ou seja, controle absoluto. Desde que assumiu a presidência da empresa, Erica vinha tentando torná-la mais... produtiva.

– Queria fazer muitas demissões – interveio Harcourt. – Entre 25 e 30 pessoas. A maioria está na agência há muito tempo. São protegidas pelo conselho. Na qualidade de presidente, Erica tinha plenos poderes para isso, mas depois suas ações poderiam ser revogadas pelos membros do conselho, e grande parte dele já não simpatizava com ela. Haveria um grande conflito e...

– O que o senhor achava dessas demissões? – indagou Virgil.

Harcourt recuou um passo, acomodou-se numa das poltronas da biblioteca e cruzou as pernas. Virgil notou que, embora ele estivesse de jeans e botinas, as meias eram sociais e compridas.

– De modo geral, eu era contra. Uma ou outra, tudo bem, mas não a limpeza geral que ela pretendia fazer..

– Mesmo assim, o senhor aceitou vender suas ações.

Harcourt suspirou e correu os olhos pelos livros desbotados à sua volta.

– Eu mantinha essas ações porque a agência pagava um bom dividendo. Mas estou com 71 anos, já na contagem regressiva, e preciso botar meu patrimônio em ordem. O problema com as agências de publicidade é o seguinte: o ativo é essencialmente intelectual. Elas não passam de um grupo de profissionais talentosos e um punhado de clientes. Você não é dono de nada, a não ser de algumas mesas e cadeiras. Até os nossos computadores são arrendados. Portanto, se eu deixasse as ações para meus filhos, e Erica não gostasse disso, ela poderia abrir a própria agência e levar consigo nossos melhores profissionais. Meus filhos ficariam a ver navios. E com um grande pepino nas mãos. Por outro lado, abrir uma agência nova seria também um grande risco para Erica. O investimento inicial seria alto e os clientes seriam poucos. Para ela seria muito mais vantajoso manter as coisas como estavam.

Foi isso que me incentivou a vender e incentivou Erica a comprar. Fechamos um acordo algumas semanas atrás, mas não chegamos a oficializar nada.

Mann completou:

– Mas o que importa agora não é bem isso, e sim que, na cidade, há essas trinta pessoas morrendo de medo de perder o emprego. Alguns têm mais de 25 anos de tempo de casa. Não têm mais para onde ir. São velhos demais. Estão cansados. É possível que um deles, ou mais de um, tenha... cometido o assassinato apenas para se salvar. Foi isso que pensei quando soube que Erica fora morta.

– Essas demissões seriam mesmo evitadas com a morte da Srta. McDill? – perguntou Virgil.

Mann coçou a cabeça.

– Não sei. Por um tempo, talvez. Não sei quem vai herdar as ações dela. Os pais ainda estão vivos, eu acho...

– Estão – interveio Ruth. – Sei que *eu* não vou herdar nada. Absolutamente nada.

– Você não fazia parte do testamento dela? – indagou Mann.

– Acho que nem testamento ela tinha. Erica estava certa de que ia viver para sempre.

– Sem dúvida ela tinha um testamento – opinou Harcourt. – Era muito... não calculista, mas racional... para não ter um testamento.

– Ah, tenha paciência, Lawrence, a mulher era calculista, sim – falou Mann rispidamente. E acrescentou a Virgil: – Na agência as pessoas chamavam Erica de BF, a Boceta de Ferro.

Com um sorriso, Virgil perguntou a Mann:

– Então... você também estava na lista? Dos candidatos a demissão?

– Ah, não estava mesmo. Erica fazia questão de deixar isso bem claro.

– Barney é responsável por nossas contas principais e os clientes estão bem satisfeitos. Se sáísse, poderia muito bem levar alguns com ele – completou Harcourt. – Inclusive, tenho a impressão de que Erica planejava lhe oferecer uma sociedade. Ou uma participação acionária.

Mann inclinou a cabeça.

– É mesmo? Nesse caso... me dei mal.

– Mas e agora? – questionou Virgil. – O que vai acontecer com a agência?

Os dois homens se entreolharam e Mann respondeu:

– Não sei.

Harcourt disse a ele:

– Temos que voltar à cidade ainda hoje. E convocar uma reunião do conselho imediatamente. Precisamos de um nome novo na presidência já na segunda-feira, antes que os clientes comecem a ligar.

– O que vai acontecer comigo? – perguntou Ruth. – O que vai ser de mim?

De novo, Harcourt e Mann olharam um para o outro. Nenhum dos dois disse “Não sei”, mas Virgil podia ver a resposta na expressão de ambos, assim como a própria Ruth.



Virgil sacou seu bloco, fez algumas anotações, depois conversou com Harcourt, Mann e Ruth individualmente. Os homens falaram que tinham passado a véspera na cidade, dando a Virgil uma lista das pessoas com quem haviam estado durante o dia. A menos que um deles estivesse contando uma mentira deslavada, os álibis os eliminariam das suspeitas, pois a cidade era longe demais para que eles pudessem fazer o traslado com facilidade.

Ruth, por sua vez, não tinha nenhum álibi. Estava doente na manhã anterior e, quando enfim saiu da cama, faltava pouco para o meio-dia. Saiu para fazer compras num supermercado grande, onde era pouco provável que alguém se lembrasse de tê-la visto. Ainda se sentindo mal (“Acho que comi alguma coisa estragada”), ela passara o dia limpando a casa, vendo um DVD, e depois fora cedo para a cama, lendo antes de dormir. Nem o filme nem o livro poderiam fornecer um rastro eletrônico.

Percebendo a direção que estava tomando o interrogatório, ela protestou:

– Eu jamais faria qualquer coisa contra a minha Erica. Eu a amava. Ela era o amor da minha vida. Já estávamos juntas há seis anos... Não entendo nada de armas. Nunca estive neste lugar. Nem sabia direito onde ficava...

– Você e Erica tinham outros relacionamentos? Quer dizer... vocês tinham uma relação aberta?

– Não, nada disso. Bem... no início, tanto ela quanto eu estávamos saindo com outras pessoas ao mesmo tempo, se é que você me entende...

– Eu entendo.

– ... mas depois que fomos morar juntas, passamos a ser fiéis uma à outra.

Virgil aquiesceu.

– Tudo bem. Realmente acredito que você não faria nada contra Erica, mas eu precisava perguntar... se havia outra pessoa, se havia algum tipo de tensão sexual, se Erica vinha tentando se afastar dessa outra pessoa para ficar com você.

– Mas se havia outra pessoa, por que ela matou Erica e não *me* matou? – questionou Ruth. – Que motivo ela teria para matar a pessoa com quem queria ficar?

– Talvez estivesse sendo rejeitada – alegou Virgil. – “No inferno não há fúria maior que a de uma mulher desprezada...”

Ruth derreou os ombros.

– Meu Deus... Para dizer a verdade, é possível, sim, que Erica tenha tido um caso com alguém. Um só. Mas terminou um ano atrás.

– Com quem?

– Não sei. Fiquei com medo de perguntar. Se perguntasse, talvez acabasse precipitando alguma coisa, e eu não queria isso. Então, fiz um esforço adicional para... me reaproximar dela.

– Mas você deve suspeitar de alguém...

– Olha, eu apenas desconfiava que havia esse caso. Não tinha nenhuma certeza. De repente ela estava com algum problema no trabalho. A gente nunca conversava sobre isso. Erica não gostava. Nosso relacionamento era o único escape que ela tinha do trabalho. É possível que esse caso de que eu suspeitava fosse outra coisa qualquer. Portanto, infelizmente, não tenho nenhum nome para dar a você...



Ruth parecia tão exausta e abalada que Virgil a deixou ir. Mann e Harcourt haviam acompanhado Margery para ligar para a agência funerária e saber se o corpo já fora levado ao legista no condado de Ramsey, ou se outras providências ainda precisavam ser tomadas. Virgil esperava no corredor diante da sala de Margery quando viu Mann sair e tomar a direção do bar da pousada. Alcançou-o já na entrada do lugar.

– Sr. Mann...

O homem virou-se para trás, depois apontou o queixo na direção do balcão.

– Preciso beber alguma coisa.

Ao balcão, a barwoman o encarou.

– Senhor, este bar é basicamente só para mulheres e...

– É só me preparar um maldito drinque, coração.

– Senhor... – disse a moça, ainda pisando em ovos.

Mann a interrompeu:

– Vim aqui para cuidar de Erica McDill. Se você não me preparar um drinque, vou jogar nas suas costas um processo por discriminação tão cabeludo que você só vai se livrar dele quando estiver bem velha. Um martíni duplo, com duas azeitonas. Vou ficar aqui olhando você fazer para ter certeza de que não vai cuspir nele, porque, se fizer isso, vou ser obrigado a jogar você pela merda da janela!

– Calma, companheiro – disse Virgil.

Visivelmente furiosa, a mulher se afastou, pegou a coqueteleira e jogou nela um punhado de gelo picado.

– Calma o cacete. Assim que eu entornar umas duas taças, vou alugar um carro e voltar para a cidade com Harcourt – vociferou Mann. – Quanta perda de tempo... O que a gente veio fazer aqui? A gente devia estar *lá*.

– A Srta. Davies vai com vocês?

– Acho que sim. Se ela quiser... – respondeu Mann, os olhos voltados para o martíni quase pronto. – Mas Ruth é um porre.

A barwoman empurrou a taça na direção dele e disse:

– Enfia no rabo, babaca.

Mann sorriu, depois falou a Virgil:

– A criadagem é bem grossa por aqui. – Ele deu um gole no drinque. – Mas sabe fazer um bom martíni.

Deixou uma nota de 10 dólares sobre o balcão e a barwoman imediatamente deu o troco de 5, que Mann fez questão de deixar a título de gorjeta.

A mulher – que, segundo o crachá, se chamava Kara – tinha os cabelos tingidos vermelho e sobrancelhas muito escuras, desenhadas a lápis. Ela olhou para o dinheiro, depois para Virgil.

– Você é o cara da polícia, não é? O policial com pinta de surfista, conforme me disseram.

– Sim, sou – respondeu Virgil.

Mann virou-se para ele.

– Você tem mesmo pinta de surfista.

– Bonitinho... para um policial – comentou Kara, já mais afável com Mann.

– Também acho – concordou Mann. – Eu pegava, se fosse gay.

– Pessoal – disse Virgil –, dá um tempo.

Kara o encarou, então fez um aceno quase imperceptível com a cabeça, indicando os fundos do bar. Só aí se afastou. Olhando para o drinque, Mann falou:

– Que dia...

– Assim que você chegar à cidade, e eu espero que Harcourt ou Ruth vá dirigindo, porque... depois dessa birita toda...

Mann voltou a sorrir.

– Você é um otimista, meu amigo.

– Assim que chegar à cidade, faça uma lista das pessoas que teriam sido demitidas. Sobretudo as que ficariam mais rancorosas, e as mulheres.

– Acha mesmo que foi uma mulher?

– Por enquanto essa é nossa melhor hipótese. Mas não posso deixar de lado a alternativa que você mesmo levantou, sobre o pessoal da agência. Andei pensando no assunto, olhando no Google Earth, nos mapas... Todo mundo naquela agência sabia para onde, e quando, Erica estava indo, e é

bem provável que ela já tivesse comentado com alguém sobre as coisas que gostava de fazer por aqui. Acabei reconsiderando. Se foi alguém daqui ou de fora... as chances são de meio a meio.

– Você acha? – Mann chupou uma azeitona e a jogou na boca.

– E eu me pergunto com quem Erica McDill teria se envolvido no ano passado... Alguém da agência? Faz mais ou menos um ano que elas terminaram.

Na taça de Mann restava apenas mais um bom gole do martíni e ele estava prestes a tomá-lo quando parou e ficou olhando fixo para a frente, pensativo. Voltou-se para Virgil e indagou:

– Quer dizer então que... Ruth sabia?

Não se tratava de um mero palpite: ele ligara uma coisa à outra e deduzira onde Virgil obtivera sua informação. Cara esperto.

– Sabia, sim – respondeu Virgil. – Mas não sabe quem é.

– Abby Sexton, editora de uma revista – informou Mann. – Nunca trabalhou na agência, mas o marido trabalha.

– O marido. Ok. É um dos que estavam com a corda no pescoço?

– Talvez. Os rumores eram de que Erica iria deixar Ruth para ficar com essa Abby, mas acabou levando um pé na bunda. Abby teve o seu casinho, depois voltou para Mark e rapidamente tratou de engravidar. Erica ficou *muito puta* com essa gravidez, a única coisa que ela não tinha para oferecer a Abby. Bem... Mark é um gerente de contas. É bom, mas também não é lá grande coisa. Demiti-lo teria sido uma boa vingança, sobretudo com um filho a caminho. Com um salário de editora não dá para sustentar nem um canário.

Mann fez um sinal para Kara, que trabalhava na outra ponta do balcão. Ela revirou os olhos e começou a preparar mais um martíni.

Virgil sacou o bloco de anotações, escreveu o nome de Abby Sexton e perguntou:

– Abby era editora de que revista?

– *Craftsman Ceramics*. Especializada em artesanato, cerâmica, esse tipo de coisa.

– Você é um homem inteligente. O que mais eu deveria saber?

– Sei lá. Nem tinha me lembrado dessa história com a Abby porque não penso com a cabeça de um policial. Mas quero muito saber quem é o responsável por tudo isso. Se me ocorrer alguma coisa, ligo para você.

Virgil assentiu.

– Obrigado. Amanhã de manhã eu ligo para receber aquela lista. Se você conseguir o telefone dessa tal Abby, melhor ainda.

Ele olhou de relance para a barwoman, afastou-se do balcão, virou à esquerda e foi na direção dos banheiros.



Pouco depois, Kara saiu pela porta dos fundos e foi ter com Virgil à saída do banheiro.

– Olha, posso perder meu emprego por conta do que vou lhe contar – começou ela. – E empregos como este não são fáceis de encontrar. Pelo menos por aqui. Portanto, eu ficaria agradecida se... bem, você sabe.

Virgil aquiesceu. Ele era como a Associated Press, com inúmeras fontes, todas anônimas.

– Vi você com Zoe, entrando no carro dela – contou Kara. – Você sabe que ela é gay?

– Sei.

– Bem, o negócio é o seguinte: eu gosto da Zoe... Não sou gay, diga-se de passagem, mas achei que você devia saber que a Zoe teve dois... hum, envolvimento rápido com uma cantora country chamada Wendy Ashbach, lá de Grand Rapids.

– Que canta no Wild Goose.

– Isso. Zoe contou para você? Pois essa Wendy tem uma namorada de longa data, chamada Berni Kelly.

– A baterista?

– Exatamente. Puxa, você é mais esperto do que parece, está por dentro de tudo.

– Obrigado, eu acho – disse Virgil. – Quer dizer então que há um triângulo amoroso entre Zoe, Berni e Wendy.

– Até pouco tempo atrás. Porque, anteontem à noite, o triângulo se transformou num retângulo. Ou num pentágono.

– Sério?

– Umás mulheres estavam aqui no bar enchendo a cara. Eu devo ficar até a última cliente ir embora, logo saí tarde e, quando estava andando até o meu carro, vi o automóvel da Srta. McDill chegando ao estacionamento. Ninguém me viu. Eu estava nos fundos, onde ficam os veículos dos funcionários. A Srta. McDill e Wendy Ashbach desceram e se atracaram num chupão ali mesmo. Continuaram se pegando por um tempo... até fiquei com um pouco de tesão, não vou negar... e depois elas foram saindo no escuro, na direção do chalé da Srta. McDill. Não sei o que aconteceu na manhã seguinte, se Wendy foi embora de madrugada ou o quê.

– Você contou isso para alguém?

– Não, mas se alguém visse as duas na manhã seguinte, todo mundo ficaria logo sabendo – respondeu Kara. – Muitas lésbicas conhecem Wendy, acham que ela é gostosa e sabem que é do ramo, e se Erica McDill catou a moça, todas iam ficar interessadas.

– Ah.

– Exatamente o que eu pensei: *Ah*. – Ela correu os olhos pelo corredor. – Agora preciso ir...

– Escute, Kara... Não conte nada disso a ninguém. Uma maluca anda solta por aí, e você não vai querer chamar a atenção dela.

– Valeu, Sherlock. Meu sobrenome é Larsen. Estou na lista telefônica de Grand Rapids. Se precisar me perguntar mais alguma coisa, ligue para mim. Não me procure aqui.



Virgil encontrou Margery no escritório da pousada. Sentada em sua cadeira, ela admirava o anoitecer no lago através da janela. Virou-se assim que Virgil entrou.

– Já sabe quem foi?

– Ainda não. Margery... Se você soubesse de alguma coisa, *qualquer* coisa, que pudesse jogar alguma luz nesta história... ou se tivesse notado algo diferente no comportamento da Srta. McDill nos últimos dias... você já teria me contado, certo?

– Alguma coisa aconteceu? Por que está me perguntando isso?

– Eu gostaria de saber quem passou a noite no chalé da Srta. McDill anteontem e por que ninguém me falou nada sobre isso.

Margery se empertigou.

– Anteontem? Não sei de *nada*. Não tenho o hábito de espionar minhas hóspedes. Mas se alguém passou a noite no chalé de Erica, a essa altura eu já teria ouvido falar. Se é que alguém passou mesmo a noite com ela.

– Acha que é mentira? Minha fonte é quente.

– Vou sondar por aí. Acabo descobrindo.

– Faça isso – concordou Virgil. – Vou lhe dar o número do meu celular. Ligue a qualquer hora.

5

NOVE HORAS, JÁ ESCURO. VIRGIL tomou a estrada e ligou para Zoe Tull. Ela atendeu e ele pôde ouvir algo parecido com Norah Jones tocando ao fundo.

– Você vai ao Wild Goose hoje à noite? – perguntou ele.

– Até poderia, mas... em geral fico longe nas noites em que Wendy está cantando. Ela gosta de vir até a minha mesa só para apertar meus peitos. Se é que você conhece a expressão.

– Na verdade, não. Quer dizer, já belisquei alguns por aí, mas não sei se...

– Ela vem conversar comigo como quem não quer nada, como se ainda fôssemos grandes amigas, depois esfrega a Berni na minha cara.

– Berni, a baterista? Que usa botas de caubói e tem um belo traseiro?

– Essa mesma. Gosta de ser chamada de Raven, tipo o Edge do U2 ou o Slash dos Guns N’Roses.

– Bem, se Wendy der as caras, você pode entrar no meu reservado e colocar a mão na minha coxa.

– Isso não ia significar nada para ela – replicou Zoe.

– Mas ia significar para mim. Ando com saudades do toque feminino.

Depois de um momento de silêncio, Zoe irrompeu numa gargalhada.

– Realmente adoro esse seu lado cafajeste. Tudo bem, eu levo você ao Wild Goose.

– Ótimo. Preciso lhe fazer uma pergunta.

– Não dá para perguntar pelo telefone?

– Telefones são como rádios: a gente nunca sabe quem está ouvindo.

– Quanta paranoia. Mas, tudo bem, vou quebrar o seu galho. Você me pega ou a gente se encontra lá?

– Como não vou conseguir embebedar você e tirar vantagem disso, a gente se encontra lá. Não demore, pois pego a estrada ainda hoje.

– Vai voltar para Minneapolis?

– Vou – respondeu Virgil, encarando o próprio reflexo no para-brisa do carro.

– Achei que você fosse ficar um tempo por aqui.

– Volto amanhã. Só vou buscar umas coisas.

– Chego ao bar em quinze minutos – garantiu Zoe. – Espere por mim no estacionamento, caso chegue primeiro. Podemos entrar juntos.

Virgil devolveu o celular ao bolso e foi nesse instante que ele deparou com um vulto no asfalto. Enfiando o pé no freio, viu que se tratava de uma gazela parda de pintas brancas, vagando à luz dos faróis. Ela parou a uns 5 metros do carro, encarou-o, depois trotou para o outro lado da estrada.

Virgil esperou e outras duas gazelas, uma atrás da outra, atravessaram à sua frente como duas senhorinhas à saída de um supermercado, certas do seu direito de passagem. Tão logo teve certeza de que mais nenhuma surgiria, seguiu avançando devagar e duplamente atento. Ainda veria meia dúzia de veados à beira da estrada, mas, agora, sem nenhum risco de acidente.



Esperou cinco minutos por Zoe. Ela estacionou seu Pilot, desceu do carro e veio caminhando na direção dele com uma blusa branca de babados e decote muito baixo, os seios quase à mostra, além de um justíssimo par de jeans que deixava à mostra os demais contornos; as botas eram de couro com rosas vermelhas em relevo.

– Belas botas – elogiou Virgil, os olhos cravados no decote.

– Meus olhos ficam aqui em cima – retrucou Zoe.

– Eu sei, eu sei – disse ele, enquanto cruzavam o estacionamento. – Devo ter ouvido essa frase em pelo menos oito filmes.

– Qual é seu filme predileto?

Virgil parou à porta e pensou um instante.

– O assunto é importante demais para ser discutido na varanda de um bar.

- Não precisa justificar, é só dizer.
- *O grande Lebowski* – respondeu Virgil. – The Dude é o cara.
- Tinha medo de que fosse isso.
- Eu poderia ter dito *Ace Ventura*.
- Meu Deus. Vem, vamos beber. Se você tivesse dito *Hannah e suas irmãs*, eu até dava para você.
- Mas era *isso* que eu ia dizer. Juro por Deus.
- Eu estava mentindo – falou Zoe. – Minto pra caramba. Igual a você.



A banda se apresentava no palco, tocando alguma música das Dixie Chicks que, assim como todo o repertório delas, Virgil detestava. “Detestar” talvez fosse pouco: aquela música tinha sobre ele o mesmo efeito do toque neural dos vulcanos de *Jornada nas estrelas*, fazendo com que ele se retorcesse no chão e começasse a babar. Os dois se acomodaram no último reservado e Virgil passou os olhos pela clientela, cerca de cinquenta mulheres, uns dez homens e... a cantora.

Wendy era uma loura carnuda, bem aos moldes de Janis Joplin: não era exatamente bela, como as louras que pululam em Nashville, mas tinha um aspecto mais forte, peitos que pareciam ter vida própria sempre que ela girava a cintura estreita sobre as pernas compridas. Estava usando trajes de *cowgirl* deliberadamente cafonas: uma camisa de couro branco, uma saia também de couro mas com franjas, botas idênticas às de Zoe. E muito batom: a boca era grande e os lábios carnudos estavam pintados de um vermelho tão forte que rebrilhavam sob a luz dos refletores. Os lábios que haviam beijado o cartão encontrado no chalé de Erica, pensou Virgil.

Wendy tinha uma boa voz. Mais uma vez, não aquele soprano cristalino tão comum em Nashville nos últimos tempos, mas um contralto forte e roufenho que mais lembrava o das divas de antigamente. Virgil chegou ao ponto de ouvir a música, ainda que a letra ameaçasse reduzir seu QI pela metade. Terminada a canção, Wendy disse com sua voz rascante:

– E agora... uma última canção para aqueles que gostam de dançar. Uma valsinha ao estilo do norte de Minnesota, chamada “The Artists’ Waltz”. Composição minha. Espero que gostem.

E Virgil gostou.

Alguns casais, todos formados por mulheres, se adiantaram para dançar diante do palco e a música ficou ainda mais romântica quando Chuck, o barman, baixou as luzes do salão. Virgil ouvia a valsa ao mesmo tempo que dividia seu olhar entre Wendy e Zoe. Percebeu que Zoe não tirava os olhos da cantora e segurava na beirada da mesa com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ela tinha mentido. Mesmo que ele tivesse respondido *Hannah e suas irmãs*, ela não teria ido para a cama com ele porque era uma mulher apaixonada.

Wendy terminou a valsa e anunciou:

– Um pequeno intervalo de quinze minutos, depois a gente volta com mais uma hora de boa música. Obrigada.



A música agora era mais baixa e Zoe, já na metade de sua cerveja, debruçou-se sobre a mesa.

– Qual era a pergunta que você não queria fazer por telefone?

Virgil balançou a cabeça. Estava quase desistindo de fazê-la, sobretudo depois de ter visto a reação de Zoe a Wendy. Por outro lado, crimes não se resolviam com perguntas não formuladas.

– Eu estava observando enquanto você olhava para Wendy. Não sabia que você gostava tanto dela. Ou gosta, sei lá.

– Não gosto. Nosso caso já é passado.

– Se ela quisesse voltar, você toparia?

– Não – respondeu ela, mas novamente fechou as mãos em punho. Virgil balançou a cabeça, e ela enfim admitiu: – Ok. Toparia, sim.

– Isso, é assim que eu gosto. Você é uma péssima mentirosa.

– Mas o que isso tem a ver com a sua pergunta?

Fitando-a diretamente nos olhos, Virgil perguntou:

– Você sabia que Wendy passou a noite de anteontem com Erica McDill? No chalé dela, lá no Lar da Águia?

– Ninho da Águia. Não acredito nisso – retrucou Zoe, sustentando o olhar dele, e Virgil teve a impressão de que ela estava sendo sincera. – Por que diabos você inventaria uma coisa dessas? Para que eu espalhe essa mentira por aí?

Virgil já ia respondendo quando Wendy veio se sentar ao lado dele, a perna dela roçando a sua.

– E aí, gata? – disse para Zoe, do outro lado da mesa. Deu uma rápida conferida em Virgil e voltou a olhar para Zoe. – Quem é o bonitão aqui?

– O policial que está investigando o assassinato na pousada – apresentou Zoe.

Wendy ficou tensa, mas de forma quase imperceptível. Virgil não deixou de notar. Zoe completou:

– É o cara que massacrou todos aqueles vietnamitas em International Falls. Tem pinta de surfista, mas é um facínora.

– Epa – replicou Virgil. – Eu não...

Nesse instante, Berni/Raven surgiu ao lado de Zoe, encarou primeiro Wendy, depois Zoe, e só então disse à vocalista:

– Achei mesmo que você estaria aqui.

Wendy jogou os cabelos para trás, como Marilyn Monroe teria feito.

– Ah, sem veneno, por favor.

– Sei que você só está sacaneando comigo – comentou a baterista.

Ela vestia uma calça jeans preta com uma jaqueta do mesmo tipo, sem mangas, e não havia nenhuma blusa por baixo; nos olhos, uma sombra bem escura. O nome artístico, Raven, estava bordado na parte da frente da jaqueta. Dirigindo-se a Zoe, ela falou:

– Queria muito que você encontrasse um namorado. Mas não é ele, certo?

– Agora ela olhava para Virgil.

– Ele é da polícia – explicou Wendy. – Está fazendo perguntas sobre o assassinato.

– Então me pergunte alguma coisa – falou Berni.

Virgil encolheu os ombros.

– Onde você estava ontem à noite às oito horas?

– Oito horas... Vejamos... Na minha cama, me esfregando, pensando em Wendy.

Procurou por algum sinal de constrangimento em Virgil, mas não encontrou.

“Sem álibi”, era nisso que ele estava pensando.

– Agora é a minha vez – falou Wendy.

Zoe logo interveio:

– Não, Wendy.

– Não o quê? – questionou a cantora.

Virgil vinha encarando a vocalista e percebeu que ela sabia muito bem o que Zoe queria dizer. Então, perguntou:

– Preciso saber o que Erica disse a você na noite de anteontem, se foi alguma coisa que tenha relação com o crime.

– Ela não esteve com Erica McDill na noite de anteontem – replicou Berni.

– Precisou dar um pulo em Duluth...

Todos ficaram em silêncio. Zoe olhou para Wendy, que fitou Berni, depois se voltou para Virgil. A baterista não parava de encarar Wendy, via no rosto dela a triste verdade dos fatos.

– Sua vagabunda! – berrou, e sem hesitar desferiu um soco no olho esquerdo da namorada.

Virgil não teve tempo para intervir: viu o soco se formar no ar, chegou a se adiantar para fazer algo, mas o punho de Berni já havia aterrissado com um sonoro baque, e só restou a ele admirar a força e a habilidade da baterista.

Wendy caiu de costas, batendo a cabeça no reservado, a boca retorcida, e depois irrompeu na direção de Berni, as duas se embolando num furacão de unhas e dentes, desabando no chão, socando, gritando.

Isso respondia a uma das perguntas de Virgil: a baterista não sabia.



– Faz alguma coisa! Faz alguma coisa! – Zoe começou a berrar.

Virgil, por sua vez, estava relutante. Era experiente o bastante para saber que, quando as mulheres ultrapassam as barreiras sociais a ponto de se engalfinhar, tornam-se perigosas. Os homens aprendem a etiqueta das brigas na infância: as posturas, os rituais de dominação, o soco no nariz, as ameaças do tipo “Isso vai ter volta”, e todos vão felizes para casa. As mulheres não aprendem nada disso: ao brigar, são capazes de escalpelar quem ousa separá-las.

Mas algo precisava ser feito. As clientes do bar já se juntavam em torno das duas feito uma gangue de linchamento, dessas que se veem no cinema, enquanto Chuck tentava abrir caminho entre elas. Virgil se embrenhou naquele emaranhado humano e de algum modo conseguiu agarrar Berni por uma das pernas e puxá-la para fora da confusão.

Wendy veio se arrastando na direção da baterista com o rosto ensanguentado. Berni tentou chutar Virgil, mas sua bota já ia saindo, e Virgil precisou segurá-la pela outra perna. Em seguida, Chuck também pegou uma das pernas de Wendy, mas, em vez de tentar chutá-lo, ela simplesmente ergueu o tronco como se estivesse fazendo abdominal e, tão logo se viu cara a cara com o barman, cravou as unhas na testa dele. Chuck cambaleou para trás, mas sem largar a perna da cantora, que saiu arrastada por ele. Berni tentou chutar Virgil de novo, então ele se viu obrigado a torcer o pé dela até virá-la de bruços, fincou o joelho nas costas da baterista e a imobilizou. Berni agora agitava os braços e as pernas feito uma tartaruga, mas não tinha como sair dali.

O grupo de curiosas agora se interpunha entre as duas lutadoras.

– Me solta, filho da puta! – berrava Berni para Virgil. Wendy também gritava algo do seu lado do ringue.

Algumas mulheres cercavam Virgil, observando-o.

– Vocês podem ajudar? – pediu ele. – Não a machuquem, por favor. Basta imobilizá-la, assim como estou fazendo.

Elas se amontoaram sobre a baterista, e as mulheres mais próximas de Wendy fizeram o mesmo sobre a vocalista, para que Chuck pudesse se

afastar. O barman andou aos tropeços até o balcão, molhou uma toalha e limpou o sangue da testa.

Zoe berrou em meio à confusão:

– Bom trabalho!

Sem saber como interpretar aquilo, Virgil apenas deu de ombros.

– Vamos embora? – gritou Zoe.

– Ela ainda não respondeu a minha pergunta! – berrou Virgil.

Zoe foi abrindo caminho até se aproximar dele.

– Agora talvez não seja o melhor momento de você conversar com ela.

– Quero mais é que ela se foda.

Wendy e Berni já estavam novamente de pé, mas separadas pela mulherada, e como em todas as brigas de bar que Virgil já havia presenciado, todos pareciam estar se divertindo à beça, com a exceção de dois ou três gatos-pingados, horrorizados com o primitivismo da cena.

Virgil foi falar com Wendy.

– Para o outro lado do balcão. *Para o outro lado do balcão!* – ordenou ele, empurrando-a.

Uma mulher bêbada vociferou:

– Quem você pensa que é?

– Sou da polícia – rosnou ele. – E se você não quiser que eu a algeme no para-choque do meu carro, é melhor sair da minha reta *já!*

A mulher recuou sem dizer mais nada. Não estava tão bêbada assim.



Chuck os conduziu para o depósito, atulhado com engradados de cerveja e alguns barris. Virgil improvisou três bancos. Wendy tinha um hematoma sob o olho esquerdo e um fiapo de sangue escorrendo da boca; o lábio inferior estava um tanto inchado, cortado por um dente.

– Sentem-se – pediu Virgil a ela e a Zoe.

Tão logo elas se acomodaram, ele voltou ao balcão para colocar punhados de gelo em toalhas limpas. Berni ainda se achava entre um grupo de

mulheres, que cuidavam de um arranhão na testa dela. Chorando, a baterista relatava a história de infidelidade.

De volta ao depósito, Virgil entregou a Wendy as compressas de gelo.

– No lábio e no olho por meia hora. Amanhã de manhã já vai estar bem melhor.

– Não é o primeiro olho roxo da minha vida, provavelmente não vai ser o último.

– Muito bem, então. Você esteve no chalé de Erica McDill anteontem à noite. Vocês se envolveram sexualmente?

Wendy abriu um sorriso e Virgil se deu conta de que ela não havia ficado tão abalada assim com a briga.

– Claro. Você acha o quê? Que a gente ficou jogando baralho?

– Onde você estava ontem à tarde, entre as seis e as oito?

– No Schoolhouse, ensaiando uma música – respondeu Wendy. – Pelo menos a maior parte do tempo. Saí algumas vezes. Para comprar sanduíches, coisas assim.

– Schoolhouse é um estúdio de gravação – explicou Zoe.

Virgil assentiu.

– Quantas pessoas estavam lá?

– Eu, a tecladista, um cara da universidade que é arranjador, um engenheiro de som, o nosso agente... Um entregador de pizza veio e ficou batendo papo por um tempo. Devia ter mais uma ou duas pessoas, sei lá.

– Gente o bastante para que eu possa verificar sua história – comentou Virgil.

– Claro. Olha, não fui eu quem matou Erica. Ela ia alavancar minha carreira. Sabia tudo de publicidade e promoção. Ia me levar para Nashville ou Austin ou qualquer outro lugar. Conhecia muita gente.

– Você estava dormindo com Erica porque ela conhecia muita gente? – perguntou Zoe.

– Estava. *Claro* que estava.

– Não é nada pessoal, Zoe – falou Virgil.

– Eu sei, eu sei. Aliás, nem estou tão surpresa assim.

– Em algum momento daquela noite você deu a ela um pequeno souvenir, não deu? – indagou Virgil.

Wendy se mostrou inexpressiva.

– Souvenir? Que souvenir?

– Uma marca de batom.

– Um chupão no pescoço, é isso que você está dizendo?

– Não. Um beijo num cartãozinho de papel.

Wendy balançou a cabeça.

– Não fiz nada disso.

Afastou a compressa do rosto e a examinou. Havia uma mancha de sangue, não muito grande, no ponto em que a toalha pressionara sua boca. Seu rosto estava avermelhado por causa do gelo.

– Você não deixou uma marca de batom num cartão? – questionou Virgil.

– Não. Por quê? Vocês encontraram algo do tipo?

– Na bolsa dela. Deduzi que tinha sido você. E se foi... bem, não haveria motivo para você negar, não é? Não há nada de errado nisso.

– Eu sei, mas... não fui eu.

– Ah.

Virgil suspeitava que ela estivesse mentindo. Via nos olhos dela a esperteza de uma fera, mas não sabia dizer que motivo ela poderia ter para mentir. Talvez porque não tivesse nada a perder. Seguiu-se um momento de silêncio.

– Erica não chegou a comentar com você sobre outros relacionamentos? – perguntou Virgil.

– Falou que tinha alguém em Minneapolis, mas que a relação já não valia grande coisa. Que já decidira terminar, mas não queria magoar a pessoa. Ia até dar um dinheiro para ela. Afinal, era cheia da grana. Tinha dito que estava pensando em montar um grupo de patrocinadores para mim. Disse que em três anos eu poderia estar ganhando um milhão de dólares por mês.

– Santa ingenuidade – comentou Zoe.

– Você não faz ideia do que aconteceu a ela? – indagou Virgil.

– Nenhuma – respondeu Wendy. – Na verdade, fiquei apavorada, rezando para que ninguém soubesse da gente, para que ela não tivesse comentado

com ninguém. Só porque a gente estava se pegando, isso não significa que fui eu quem a matou, mas... sei que fico mal na fita.

A porta se entreabriu e, do outro lado dela, Berni falou baixinho:

– Wendy...

Wendy a encarou por um instante, depois sorriu e indagou:

– E aí, como você está?

Foi até a baterista, puxou-a para um abraço e as duas ficaram ali, chorando, Wendy afagando o cabelo da namorada e a consolando:

– Pronto, pronto, pronto... Já passou.



De volta ao estacionamento, Virgil olhou para o céu e admirou as estrelas, que àquela altura já eram muitas e brilhavam bastante.

– Tudo está bem quando acaba bem – disse Zoe. – Por um momento, achei que aquelas duas iam chegar às vias de fato ali mesmo na porta.

– Fiquei bem animado quando elas começaram a se beijar – comentou Virgil. Zoe plantou as mãos na cintura e ele ergueu as mãos. – Brincadeirinha, brincadeirinha...

– Agora vou para casa chorar.

– Estou voltando para a cidade.

– A noite está ótima para pegar a estrada.

Virgil passou o braço pelos ombros dela.

– Beba uma cervejinha, acenda um baseado, ouça um pouco de música.

Logo, logo, você fica boa.

– Jura?

– Bem... – Ele pensou nas três ex-mulheres. – Na verdade, não.

6

ZOE ANDAVA DE UM LADO para o outro da casa, esperando... Lavou a louça que havia deixado na pia naquela manhã, passou o aspirador de pó no carpete da sala, limpou o lavabo, pegou uma toalha de mão limpa. Era uma pessoa disciplinada, organizada – uma contadora até mesmo nas tarefas domésticas. Só não era assim na vida sexual. Se ela pudesse deduzir Wendy de suas contas, a vida seria bem mais fácil. Debitá-la como prejuízo, depreciá-la, tachá-la de ativo podre, desová-la no mercado a preço de banana...

Pensou em Virgil. Ele era bonito, exatamente como Zoe gostava que os homens fossem: mãos grandes, bunda pequena, cabelos compridos, bom humor. Ela suspeitava que não passasse de propaganda enganosa. Apesar disso, a aparência e as atitudes lhe pareciam bem naturais. Era o que podia se esperar de um atleta boa-pinta, egresso de uma cidadezinha pequena e de uma família tradicional, com algum dinheiro mas não muito. Não havia nada de falso no comportamento dele. Ainda assim, Zoe adivinhava algo de frio, de vigilante, uma certa prontidão para o ataque. Talvez até para a guerra.

Um contador emocional, com um soco-inglês enfiado nos dedos.

Zoe ria da imagem que havia criado quando ouviu a campainha tocar. Olhou para o relógio acima da lareira: onze horas em ponto. Ela abriu a porta e cumprimentou:

– Oi, entra.

Margery se adiantou, os ombros encurvados.

– Que dia...

– Duro, não foi? Quer uma *marguerita*?

– Por favor. Dupla.

– Você ficou sabendo da briga? – perguntou Zoe, conduzindo-a para a cozinha.

– Briga? Que briga? – Margery jogou sua bolsa sobre a mesa.

– No Goose... Wendy e Berni se engalinharam.

Zoe começou a preparar as *margaritas*. Algumas doses de Hacienda del Cristero Blanco, um pouquinho de Cointreau, suco de limão. Ela umedeceu as bordas das taças com o suco, espargiu um pouco de sal na bancada, esfregou as bordas nele e bateu as bebidas com gelo, tal como manda a cartilha. Deu todos os detalhes da briga, arrancando gargalhadas de Margery.

– ... quando a gente saiu, elas ainda estavam lá, Wendy enfiando a língua na garganta de Berni, quase sufocando a outra.

– Puxa, amiga, sei que você ainda pensa nela...

– É verdade. – Zoe lhe entregou uma das taças. – Saúde.

– Saúde – retribuiu Margery, e deu seu primeiro gole. – Caramba, isto aqui está uma delícia.

Elas foram se sentar na sala.

– Mas e aí? – indagou Margery. – O que você achou do Virgil?

– Ele vai acabar desvendando essa história, tenho certeza.

– Você acha que foi uma das hóspedes?

– Tomara que não. Porque se foi, você bem pode imaginar o circo que a mídia vai armar, não é? Assassinato, lésbicas, etc., etc.

– Não consigo parar de pensar na Constance. Acha que eu deveria ter contado ao Virgil?

– Se houver mais algum indício de que a assassina é uma das hóspedes, provavelmente vamos ter que contar – opinou Zoe. – Se não contarmos... Sei lá. Pode parecer que temos rabo preso.

– Não tenho noção de quantas pessoas sabem a respeito dela, fora a gente.

– Algumas pessoas sabem. É até estranho que Virgil ainda não tenha tomado conhecimento... Algumas das meninas da banda de Wendy devem saber. Wendy, com certeza.

– Mas se elas não contarem, todo mundo vai achar que a banda está envolvida – ponderou Margery. – E elas não querem isso.

– E se *nós* não contarmos, todo mundo vai achar que a pousada está envolvida. E também não queremos isso.

Elas continuaram bebendo por um tempo, refletindo, depois Zoe suspirou e comentou:

– Se nada vier à tona, devo contar a Virgil quando ele voltar. Apenas dizer que não sabemos de nada, mas que houve outro assassinato, também de uma hóspede...

– Conte sobre a banda. Quanto mais ele suspeitar delas, menos vai suspeitar da pousada.

– Hum.

– Mas o que eu quero saber – acrescentou Margery – é a *sua* posição, caso a pousada seja enredada nessa história.

– Minha decisão já está praticamente tomada. As coisas teriam que tomar um rumo muito bizarro para que eu mudasse de ideia. Inclusive já estou tentando levantar a grana, conversando com a Wells Fargo sobre a possibilidade de um empréstimo, e eles dizem que não vai ter problema nenhum. Vou continuar com meu negócio de contabilidade, convidar Mary para ser minha sócia e deixar que ela cuide do escritório enquanto eu toco a pousada.

– Você está querendo abraçar o mundo...

– O que mais me resta a fazer? – questionou Zoe. – Não tenho nenhuma vida pessoal.

– Você ainda vai encontrar alguém.

– Talvez eu deva ir logo para a cama com Virgil. Não há a menor chance de dar certo com ele, mas quem sabe eu não engravidar?

– Ah, ótima ideia – replicou Margery, seca. – Uma pousada e um escritório de contabilidade e um filho e nenhum marido para ajudar...

– Não se preocupe. Não vou para a cama com Virgil.

Depois de alguns minutos de silêncio, Margery perguntou:

– Zoe... Olhe bem nos meus olhos e diga: você não teve nada a ver com a morte de Erica McDill, certo?

– Margery!

– Eu não vou contar nada a ninguém, pode ficar tranquila. Mas você tem essa história com Wendy e acho que algumas pessoas na pousada sabem que ela passou a noite com Erica na véspera do crime. Você poderia ter ficado sabendo disso... e eu sei que você sabe atirar, já a vi em ação.

– Não matei Erica – disse Zoe.

– E também não teve nada a ver com a morte de Constance...

– Não! Claro que não! Margery!

– Desculpe. Acredito em você. E mesmo que não acreditasse... eu deixaria para lá. Você é uma boa pessoa, Zoe.

– Eu estava na universidade com algumas amigas naquele fim de semana. Nem sabia que Constance tinha morrido. Só fiquei sabendo ao chegar aqui.

– Desculpe – repetiu Margery, e correu a mão sobre a testa. – É que... essa história toda... – Ergueu a taça vazia contra a luz do teto. – Você me faz mais uma?



Wendy havia comprado recentemente uma televisão LCD de 42 polegadas e um DVD Blu-ray. Ela e Bernie assistiam a *Uma linda mulher* quando o pai de Wendy, Slibe Ashbach, esmurrou a porta do trailer e abriu-a.

– O que vocês estão fazendo?

– Vendo um filme – respondeu Wendy, mastigando a pipoca que havia feito no micro-ondas. Estava deitada no sofá e Berni, sentada no chão, recostada no móvel.

Slibe entrou sem ser convidado, acenou para que a filha recolhesse as pernas e se acomodou ao lado dela.

– Que merda é essa aí? – perguntou, olhando para a TV.

– Richard Gere e Julia Roberts.

– Ah, sim. – Ele viu alguns segundos do filme, depois indagou: – Ela faz um boquete nele, não faz?

– Mas não dá para ver nada – disse Wendy. Pegou o controle remoto e interrompeu o filme. – Então, o que você veio fazer aqui?

– Quero saber do policial.

– Só conversei com ele por cinco minutos.

– E ele está achando o quê?

– Ainda não está achando nada. Alguns acreditam que Erica McDill morreu porque estava assumindo o controle da agência dela e ia demitir um monte de gente; outros, que foi algum rolo gay qualquer lá na pousada, relacionado a sexo. E ele queria saber se eu tinha alguma coisa a ver com isso. Falei que não, dei o meu álibi, e ele disse que ia conferir. Por mim, tudo bem.

Só então Slibe notou os arranhões na testa de Berni e o hematoma no olho de Wendy.

– O que aconteceu com vocês?

– Eu e a Berni nos atracamos lá no Goose.

– Ela dormiu com Erica McDill anteontem. Na véspera do crime – completou Berni.

– *O quê?* E o policial sabe disso?

– Sabe – respondeu Wendy. – Ele me perguntou, bem na frente da Berni. E ela ficou puta, deu um soco na minha cara antes que eu pudesse dizer o que quer que fosse.

– Vaca. Agora vou ter pesadelos com você e a morta – praguejou Berni.

– Ele andou conversando com Zoe Tull – informou Wendy. – Eles estavam juntos lá no bar.

– Mas você não contou sobre Constance Lifry, contou? – perguntou Slibe.

– Claro que não – disse Wendy. – Ele que descubra por conta própria.

Slibe examinou as duas por um instante, depois indagou:

– Vocês não disseram nada, certo?

Wendy revirou os olhos.

– Pai, a gente não falou nada para o cara, ok? Nem vai falar. Relaxe.

– É que vocês mentem feito duas galinhas.

Berni se inclinou para a frente.

– Como é que as galinhas mentem, Sr. Ashbach?

– A gente não tem nada a ver com nenhum desses dois crimes – interveio Wendy. – Constance estava hospedada na Ninho da Águia, Erica também. Mais uma lésbica morta, é o que todo mundo vai pensar.

– Sei lá – falou Berni. – As duas eram gays e disseram que iam dar uma força para nossa banda. É muito estranho.

– Estranho, sua putinha, é você ficar falando uma bobagem dessas – vociferou Slibe. – Essa sua boca de jacaré vai acabar mordendo o próprio rabo de borboleta se você não ficar esperta.

– É mesmo? – retrucou Berni, encarando-o. – Quer saber de uma coisa? Se tem um rabo aqui que está correndo o risco de ser mordido por alguém, esse rabo é o seu. Ou o do seu filhinho, Slibe II. Espero que nenhum dos dois tenha alguma coisa a ver com esses crimes.

– Pai, vai embora – disse Wendy. – Se manda, ok?

– Fiquem espertas, vocês duas – advertiu Slibe, e com o dedo em riste falou para Bernie: – Bico calado.

Olhou-as uma última vez e saiu, batendo a porta às suas costas.

Assim que ele se foi, Berni disse a Wendy:

– Espero que *você* não tenha nada a ver com a morte da Erica.

Wendy balançou a cabeça.

– Não pira.

– Tudo bem. Mas quanto ao Slibe II, eu já não tenho tanta certeza. Toda vez que olho para seu irmão, fico com a impressão de que alguém deu com uma pá na cabeça dele. O garoto é esquisito pra cacete.

– O Júnior não faria mal a ninguém. Ele... Você precisa dar um desconto. Ele não bate muito bem das bolas.

– Fica olhando para mim o tempo todo. Até me dá arrepios – confessou Berni. – Às vezes fico pensando: e se eu mostrar os peitos para ele?

– Não faça isso.

– Fique tranquila, não vou fazer. – Berni estremeceu. – Provavelmente ele ia gozar feito uma garrafa de champanhe. Será que ele se masturba?

Wendy riu.

– Cuidado com o jeito que você fala com o papai. Se pisar nos calos dele, é bem provável que ele bote você para correr daqui.



Fora do trailer, Slibe II bisbilhotava a conversa pela janela dos fundos, excitado com o fato de que elas estavam falando sobre ele. Na verdade, já *tinha* visto os peitos de Berni, e mais de uma vez.

Empoleirava-se no bloco de concreto que já havia deixado ali justamente para aquele fim: subindo nele, ficava bem na altura da janela de tela. Certo dia, na ausência delas, ele entrara no trailer e entortara uma das lâminas da persiana para poder ver melhor. Era assim que ele vinha passando suas noites: espiando e ouvindo as duas.

Berni gostava de andar com a camisa aberta, e às vezes, ou pelo menos uma vez, sem as calças. Ah, se ele tivesse perdido aquilo. Melhor nem pensar. Aquele fora o melhor dia de toda a sua existência. Melhor ainda que o dia em que ele havia encontrado as revistas de sacanagem do pai.

Mas o inverno chegaria em breve e Slibe II já se preocupava com isso, sem saber onde encontraria semelhante diversão. Não poderia continuar usando seu bloco de concreto, pois elas veriam as pegadas na neve.

Talvez algo de bom fosse acontecer; ainda demoraria um pouco até que começasse a nevar.

Caramba, elas estavam falando *dele*.

MANHÃ DE DOMINGO, HORA DE levantar.

Virgil dava uma espichada na noite sempre que necessário. Bastavam-lhe apenas quatro horas de sono para repor as energias e, como a maioria das investigações acontecia durante o dia, quando as pessoas estavam disponíveis para serem interrogadas, a noite ficava livre para as viagens e a introspecção ou, neste caso, a retrospecção.

Ele havia saído do Wild Goose pouco depois das dez da noite e chegado a Mankato, onde morava, por volta das três da madrugada. Colocara o despertador para tocar às oito e por um instante pensara em Deus, no lugar que a morte de Erica McDill poderia ter no esquema geral do Todo-Poderoso. Nada de muito especial, concluía, e fora dormir.

Na manhã seguinte, acordou antes do despertador, jogou as roupas na máquina de lavar, abriu a correspondência, preencheu alguns cheques para as contas, transferiu as roupas lavadas para a secadora, saiu para postar os cheques no correio, tomou seu café no Caribou Coffee, devolveu o carro alugado e tomou um táxi de volta para casa.

Só então abriu o *Star Tribune* que havia comprado na cafeteria. O assassinato de Erica estava na primeira página, uma matéria de duas colunas com uma foto. Só uma descrição dos fatos e alguns detalhes adicionais. Fora isso, apenas alguns dados biográficos e as manifestações de pesar de parentes, amigos e conhecidos do mundo empresarial e político.

Virgil dobrou as roupas já secas e as guardou no armário; fez sua mala de viagem e às nove e meia tomava a estrada no próprio carro, um Toyota 4Runner, puxando o próprio barco. Havia anotado o celular de Barney

Mann no dia anterior e, a caminho de Minneapolis, ligou para ele, que atendeu na terceira chamada.

– Já rolou a tal reunião? – perguntou Virgil.

– Vai ser à uma hora da tarde – respondeu Mann, aparentemente cansado.

– Acabei de acordar e estou com uma baita ressaca... Você vai à reunião?

– Não sei... Posso ir?

– Não dá para eu falar em nome do conselho, mas posso dizer que a reunião vai ser na sala de apresentações da agência... Você aparece por lá e eu alego que você foi por conta própria.

– Me dê o endereço aí. A gente se encontra lá. Gostaria que você me passasse o endereço e o telefone de Mark e Abby Sexton.

Mann deu um risinho.

– Aposto que eles vão adorar falar com você. “Sr. e Sra. Sexton? Por favor, me digam: é possível que a pequena aventura sáfica da Sra. Sexton tenha tido alguma influência no desenrolar dos fatos?” Como aqueles policiais metidos a intelectuais dos seriados da BBC.

– Você conseguiu o número?

– Vou buscar minha agenda. Sabe de uma coisa? Acho que você precisa relaxar um pouco. Você me parece meio tenso.

Virgil já chegava a Minneapolis quando discou o número dos Sextons. Abby atendeu.

– Lemos no jornal de hoje. Que coisa horrível. Mas por que o senhor quer falar conosco?

– Estou tentando colher o maior número de informações possível sobre a Srta. McDill. Sei que vocês duas tiveram um relacionamento que terminou mal.

– Meu Deus, as pessoas ainda estão falando sobre isso? Bom, tudo bem. Pode vir...

Os Sextons moravam num espaçoso bangalô de telhas de madeira que ocupava boa parte de um terreno estreito e tinha uma garagem voltada para a rua dos fundos. Localizado no bairro de St. Anthony, ficava numa área residencial de casas muito velhas, porém uma das melhores entre as que

cercavam o centro de Minneapolis ao norte e a leste. Na varanda havia um sofá de balanço; à frente, flores e hortaliças, incluindo berinjelas. Virgil detestava esse legume, mesmo empanado, e interpretou aquilo como um sinal da decadência do casal.

Ele subiu os degraus e tocou a campainha. Os olhos azuis de Abby surgiram do outro lado da porta de vidro talhado; ela a abriu e foi logo perguntando:

– Virgil?

Ela era uma mulher bonita, cabelos de um louro escuro, porte esguio e atlético; estava usando sandálias, uma blusa branca com as mangas puxadas até os cotovelos e calças capri de cor cáqui. O marido surgiu quando ela convidava Virgil a entrar. Tinha as mesmas feições e tipo físico e vestia uma camisa azul que realçava os olhos, além de uma bermuda cáqui e sandálias. Comia uma maçã e, com a mão livre, cumprimentou Virgil.

– Pode entrar... Acha que é o caso de chamarmos nosso advogado?

– É mais uma conversa do que um interrogatório – respondeu o investigador –, mas se vocês quiserem chamar o advogado...

– Vamos confiar em você, pelo menos por ora – disse Abby com um sorriso de muitos dentes. – É possível que eu precise me ausentar de vez em quando para dar uma olhada no bebê. Ele está no berço, calado demais para o meu gosto.

Eles se acomodaram na sala principal da casa. Poltronas estofadas e sofás luxuosos, algumas antiguidades, mesas e estantes de carvalho com o aspecto de novo. Abby colocou sobre a mesa uma engenhoca de plástico.

– É a babá eletrônica. Para a gente ouvir se o bebê chorar.

Virgil não sabia ao certo como dar início à conversa, sobretudo com a presença de Mark ali.

– Bem, não sei exatamente como...

– Se você está preocupado com Mark, ele sabe de tudo. Sempre soube – falou Abby.

Mark assentiu; não parecia incomodado.

– Ótimo – comentou Virgil. Ainda se sentia desconfortável, afinal não se tratava exatamente de um assunto corriqueiro nos rincões de Minnesota. – Andei conversando com algumas pessoas e me sugeriram que o assassinato da Srta. McDill talvez tenha se originado aqui em Minneapolis. Parece que ela estava prestes a assumir o controle acionário da agência e planejava demitir alguns executivos. Fui informado de que Mark talvez fosse um deles, não por seu desempenho na empresa, mas como vingança pelo... término difícil da relação que você teve com Erica McDill.

– A gente nem sabia que ela tinha obtido o controle – replicou Mark. – Fiquei sabendo hoje pelos jornais e liguei para algumas pessoas. Um colega já ouvira boatos a esse respeito, mas, de modo geral, ninguém suspeitava de nada. De qualquer forma, não creio que ela tivesse intenção de me demitir. Sou muito bom no que faço. Mas... vai saber...

– Quem foi que ouviu os boatos? – perguntou Virgil.

Os dois se entreolharam, depois Mark deu de ombros e respondeu:

– Barney Mann. O diretor de criação da agência. Ele é uma espécie de central de notícias.

– Como era a relação do Sr. Mann com a Srta. McDill?

– Eles se davam bem. Barney é muito competente. E Erica também era, de certa maneira. Não representava nenhuma ameaça para ele.

– Como Hitler – acrescentou Abby. – Muito competente, se você não se importa de trabalhar para uma nazista.

– Mas você teve uma relação com ela – retrucou Virgil.

– Apenas sexo – disse Abby. – Até mesmo uma nazista pode ser boa de cama.

Mark sorriu de modo indulgente para a mulher. Um marido zeloso censurando a esposa por ter deixado cair farelos de biscoito no tapete novo, pensou Virgil.

– Ah – fez o investigador. Não gostava de nenhum dos dois e se continha para não deixar que isso transparecesse. – Quando você e a Srta. McDill terminaram, houve algum tipo de reencontro? Ela voltou a procurá-la? Fez algum tipo de ameaça? Alguma cena?

– Telefonou algumas vezes. Mas nada de especial, coisas comuns de fim de relação – explicou Abby, torcendo o nariz. – O problema era que ela não gostava de dividir. Quer dizer, *ela* queria continuar com Ruth enquanto estava comigo... você sabe sobre a Ruth, certo?... mas não queria que eu continuasse com Mark. Acontece que eu também gosto de homens e falei para ela que não pretendia terminar com Mark. Então sugeri que a gente o dividisse, que nós três fôssemos para a cama. Mas ela não gostou da ideia. Não se importaria de dividir um homem, mas não um funcionário. Dá para acreditar numa coisa dessas?

– Ah, ela não era estritamente gay.

– Não. Bissexual seria o mais correto. Como eu e Mark.

Virgil digeriu a informação por um instante, depois sorriu educadamente para o casal.

– Onde vocês estavam anteontem à noite? Aqui na cidade?

– Temos uma babá, Sandra Oduchenko, que mora aqui nesta rua, e ela veio às sete horas – disse Abby. – Mark e eu saímos para dançar com um grupo de amigos. Álibi é o que não falta para a gente. Foi por isso que não chamamos nosso advogado. Quer que eu lhe dê os nomes de todo mundo?

Virgil anotou os nomes.

– Na opinião de vocês, quem matou Erica McDill?

Abby revirou os olhos, respirou fundo. O marido deixou que ela falasse primeiro.

– Olha, achamos muito provável que tenha sido alguém da agência. Se tivéssemos de arriscar um nome... Você não vai contar nada para ninguém, não é? Diríamos que foi Ronald Owen.

Abby explicou que ele era um cinquentão que, ao longo dos últimos cinco ou dez anos, havia deixado de ser um importante gerente de contas para se tornar praticamente um encostado, lidando com contas menores e não fazendo grande coisa com elas.

– Ele perdeu o gás – interveio Mark. – Mas tem filhos, uma ex-mulher, pensão para pagar... Não pode se dar ao luxo de ficar desempregado. Além disso, é um desses veteranos de guerra que costumamos ver por aí. Esteve no

Vietnã, já no fim dos conflitos, e até hoje não conseguiu engolir o que aconteceu. Também tem bons informantes, então acho que devia saber que Erica ia assumir a agência. E ainda por cima gosta de caçar. Todo ano vai caçar em algum lugar. Antílopes em Montana, veados em Wisconsin... As pessoas deboçam dele, mas o cara não está nem aí. Adora armas. Está sempre dizendo que não conhecemos a vida real, que compramos a vida numa loja de orgânicos. Ele nos chama de os Naturebas da Vida.

Eles também suspeitavam de outra pessoa, um tal de John Yao.

– Asiático. Fica rondando a gente. Gerencia algumas contas asiáticas, coisas pequenas, empresas de Hmong. É outro que gosta de armas. Tem uma *vibe* muito estranha – continuou Mark.

Tanto ele quanto a mulher não tinham nada de concreto contra Yao a não ser o fato de que as contas do asiático eram “continhas de merda, coisas muito pequenas, insignificantes”.

– É bastante provável que Erica estivesse pensando em se livrar dele.

Virgil conduziu a conversa de volta para a relação entre Abby e Erica:

– Pelo que você conhece da Srta. McDill, diria que ela era uma predadora sexual? No período em que esteve com você, ela estava se afastando de Ruth e procurando por outro relacionamento estável? Ou apenas pulando a cerca?

– Hum... Erica realmente não gostou quando terminei com ela, mas acho que o relacionamento dela com Ruth já andava bem desgastado. Quanto à relação dela comigo, eu sabia que aquilo não tinha futuro e ela era inteligente o bastante para perceber isso.

– Ela ficou com outra pessoa depois de você? Alguém sobre quem Ruth não sabia?

– Não sei. Eu diria se soubesse, mas não tive nenhuma informação.

Mark interveio:

– Se ela ficou com outra pessoa, com certeza não foi alguém da agência. Todo mundo ficaria sabendo. Nenhum segredo sobrevive naquele lugar. Nenhum segredo.



Virgil ainda fez algumas perguntas, mas àquela altura já havia descartado o casal da lista de suspeitos: achava pouco provável que eles estivessem mentindo, pois os álibis poderiam ser facilmente verificados. Dando a conversa por encerrada, indagou apenas se eles tinham algo mais a dizer e se pôs de pé.

Nesse mesmo instante, o bebê começou a chorar, os uivos ressoando na babá eletrônica.

– Sua vez – falou Abby ao marido.

Mark deixou a sala às pressas.

– A gente tenta dividir as tarefas domésticas de igual para igual – explicou a Virgil.

Em seguida, o acompanhou até a porta. Antes de sair, ele agradeceu:

– Obrigado pela ajuda. Talvez eu volte a procurá-la.

Abby se aproximou um tanto demais e pousou a mão no braço dele.

– Você gosta de sair à noite? Aqui na cidade? Notei que você não está de aliança.

– Eu... hum... não moro aqui. Moro em Mankato.

– Ligue para a gente quando estiver por aqui. Gostamos muito de relacionamentos criativos.

Virgil assentiu e se apressou rumo ao carro. Relacionamentos criativos, o cacete. Ele não gostava mesmo daqueles dois, mas também não achava que tivessem alguma coisa a ver com o assassinato de Erica McDill.

Ruth Davies? Ali, sim, talvez houvesse algo.

Ele rapidamente olhou para trás. Abby acenou da varanda e Virgil retribuiu.

Dobrando a esquina, tentou não pensar em Mark Sexton pelado na cama.



Meio-dia. Ainda no carro, Virgil ligou para Barney Mann.

– Quanto tempo vai durar essa reunião?

– Não sei, mas deve demorar. As pessoas estão com os cabelos em pé. Todo mundo vai querer falar por uns dez minutos, logo você pode esperar por

uma hora e meia de lero-lero até chegarmos ao que interessa.

– Você tem o telefone e o endereço de Ronald Owen?

– Claro. Mas o que Ron tem a ver com isso?

– Não sei. É o que pretendo descobrir.

– Aquele bunda-mole do Mark Sexton... foi ele quem fez a caveira do Ron para você. – Não era uma pergunta. – Filho da puta. Ponho minha mão no fogo pelo Ron, se é que isso significa alguma coisa.

– E John Yao? O que você tem a me dizer sobre ele?

– Meu Deus... O cara apontou justamente os dois únicos tipos na agência que não são yuppies.

– Acha que Erica pretendia demiti-los?

Após um minuto de silêncio, Mann respondeu:

– Ron, talvez. Erica não gostava dele, e a recíproca era verdadeira. John Yao... Acho difícil. Ele tem ótimos contatos na comunidade asiática local e, por incrível que pareça, os asiáticos são ótimos clientes da agência.

– Mark Sexton disse que essas contas não valem muita coisa.

– Porque Mark é um imbecil. As contas do John realmente não são grandes. Não incluem TV, nem trombetas, nem fogos de artifício. O trabalho é basicamente interno, de empresa para empresa. Mas, quando somadas, elas dão um bom troco.

– Então Yao não corria risco nenhum, mas Owen, sim – resumiu Virgil.

– Exato. Além disso, Erica e John se davam bem. Não sei por quê... Química, talvez.

– Qual é o endereço de Owen?

– Me sinto um verme falando essas coisas para você.

– Eu ia descobrir de qualquer jeito – argumentou Virgil. – Se esse Owen não deve nada, não tem nada a temer.



Ronald Owen morava 30 quilômetros a nordeste de Minneapolis, no subúrbio rural de Grant Township. Virgil seguia para lá quando seu celular tocou. Era Davenport.

- Oi.
- Você ainda está em Grand Rapids?
- Não. Estou saindo de St. Paul, indo na direção de Mahtomedi, falar com um sujeito que não gostava de Erica McDill.
- Virgil colocou-o a par do que havia levantado e do que planejava fazer no resto da manhã, antes de voltar para a Ninho da Águia.
- Stacy e a equipe dela começaram a examinar a casa de McDill ontem à noite - informou Davenport. - Devem passar o dia todo por lá. O pai de Erica também está lá, talvez você queira conversar com ele.
- A casa é em Edina, não é? - Ele havia anotado o endereço em seu bloco. Edina ou Eagan, algo do tipo.
- Exatamente. A namorada voltou ontem à noite e armou o maior barraco, mas as coisas já estão sob controle. Essa mulher... Qual é a dela?
- Ainda não sei.
- Tudo bem. Me mantenha informado.



A residência de Owen ficava no topo de uma colina. Lembrava uma casa de fazenda da década de 1950, mas um anexo fora construído recentemente nos fundos, com uma garagem e uma oficina. O terreno devia ter uns 5 hectares. Na extremidade de um caminho de cascalho, à beira do milharal que descia pela encosta, um homem de jeans e camiseta acompanhava sua chegada. Owen, pensou Virgil.

Virgil estacionou ao lado de uma picape, desceu do carro e olhou ao redor. O lugar cheirava a cascalho, poeira e feno recém-cortado. A porta interna da casa estava aberta e ele bateu na porta de telinha. Uma música tocava no interior, mas ele não sabia dizer o que era. Uma mulher de 50 e poucos anos e cabelos escuros, secando as mãos numa toalha, espiou através da abertura e sorriu.

- Pois não?
- Sou do Departamento de Detenção Criminal - apresentou-se Virgil. - O Sr. Owen está?

– Ai, meu Deus... – disse ela, o sorriso já desfeito. – É sobre Erica, não é?
– É. Estou interrogando o pessoal da agência.
– Todo mundo ou só alguns?
– Muitos, digamos assim. Acabei de falar com Mark Sexton.
– Aquele idiota... Aposto que está acusando Ron.
– Não, não está, mas... – Virgil correu a mão sobre a telinha. – Realmente preciso falar com o Sr. Owen. A senhora pode ouvir, se quiser. Uma coisa eu posso adiantar: Barney Mann afirma que o Sr. Owen não teve nada a ver com a morte da Srta. McDill.
– E não teve mesmo. Bem, vou querer ouvir essa conversa, sim. – Enfim ela abriu a porta. – Entre. Ele está lá no milharal.



Owen estava retirando a palha das últimas espigas do verão. Usava um macacão e uma camiseta velha, um típico fazendeiro de fim de semana. Cumprimentou Virgil com a cabeça ao vê-lo se aproximar com a mulher.

– Polícia?

Virgil se identificou, e a mulher completou:

– Os Sextons.

– Só podia ser – replicou Owen. E perguntou a Virgil: – Quer levar um pouco de milho? É muito para duas pessoas, mas não o bastante para congelar.

– Levo um pouco, sim.

O milho exalava um cheiro adocicado em meio à brisa que cruzava o terreno. Parecia amarelo demais, talvez estivesse um pouco duro. Mas nada que lhe roubasse o sabor.

– O senhor sabe o que vim fazer aqui – prosseguiu Virgil. – Estava na cidade na noite de anteontem?

Owen fez que sim com a cabeça.

– Trabalhei até as seis na agência, depois vim direto para casa. – Passou o nome das pessoas que poderiam confirmar a informação. – Eu não teria motivo nenhum para matar Erica. Aliás, jamais mataria alguém.

Virgil assentiu.

– Os Sextons disseram que o senhor costuma caçar. A pessoa que matou Erica McDill sabe muito bem como manejar um rifle.

– Como foi exatamente que a mataram? – perguntou Owen. Virgil contou o que sabia. – Deve ter sido alguém de lá. Você até pode consultar o Google Earth se quiser, mas isso não basta para quem pretende se embrenhar naquele mato. Um único tiro, bem entre os olhos?

– Exato.

– Pelo jeito ou foi um acidente ou talvez tenha havido um primeiro disparo que não deixou rastros: ela se virou para ver o que era e levou a bala na testa... Ou então o cara era um maluco. – Owen puxou a palha verde de mais uma espiga. Viu um caruncho na ponta já carcomida, cortou-a e jogou-a no chão, pisoteando-a com a bota. – Por que diabos ele miraria na testa quando tinha todo o peito à disposição?

– Não sei – admitiu Virgil. A questão ainda não lhe ocorrera. – Talvez ela fosse uma amadora, achou que a cabeça fosse um alvo mais natural.

– “Ela”?

– Achamos que o tiro foi disparado por uma mulher.

– Então você não chegou a suspeitar de mim em nenhum momento? – indagou Owen.

– Não. Mas todo mundo disse que você não gostava dela, que talvez ela fosse demiti-lo, logo eu precisava averiguar. – Voltando-se para a mulher, Virgil acrescentou: – Quem sabe não foi sua esposa?

– Eu não mato nem rato – retrucou ela. – Só os enxoto de casa.

– E estava aqui na noite de anteontem?

– Saí do trabalho às cinco. Sou professora na Highland Junior High. Teve um jogo de vôlei depois das aulas.

Virgil sorriu.

– Eu também já suspeitava que a assassina fosse alguém da região... – E disse a Owen: – Se você tivesse que acusar alguém, uma mulher que você conheça e que por um motivo qualquer pudesse ter matado a Srta. McDill, quem seria?

Owen refletiu por um instante, encarando Virgil, e por fim respondeu:

– Jean.

– Quem é Jean?

– Sou eu – falou a mulher. – Realmente eu não gostava nem um pouco daquela piranha.

Eles conversaram por mais alguns minutos. Owen não conhecia ninguém na agência que pudesse ter matado Erica.

– Deve ter sido algum caipira daquelas bandas, desses homofóbicos – opinou ele. – Aposto 100 pratas que foi um tipo desses. Uma vez eu estava vendo um jogo de futebol lá em Milaca e alguém fez algum comentário sobre um dos jogadores, dizendo que ele era gay. O caipira que estava do meu lado falou “Eu mataria um veado”, e ele não parecia estar brincando.

– Será que ele diria a mesma coisa se fosse uma lésbica? – perguntou Virgil.

– Que diferença isso poderia fazer?

– As lésbicas não apresentam nenhum tipo de ameaça para os homens heterossexuais. Aliás, alguns até fantasiam com elas.

Jean o olhou de cima a baixo.

– Parece que você entende muito do assunto.

– Alguém sugeriu que eu investigasse um tal John Yao. Por acaso você sabe...

– John? John não mataria nem um rato. Foram os Sextons que falaram dele, não foram? Aqueles putos...



Virgil partiu com um saco de espigas de milho e pepinos.

Por que o tiro na cabeça? Seria possível que a atiradora quisesse mutilar o rosto de Erica? Alguma questão pessoal? Isso era bastante comum nos crimes passionais entre os homossexuais masculinos, mas, entre as mulheres, ele não sabia. De qualquer modo, Owen tinha razão: o tiro na cabeça só dificultara o crime, aumentando significativamente a margem de erro. Algo em que pensar.

E as lésbicas? Seria possível que elas povoassem suas fantasias? Ele achou que não. Via-se fazendo sexo com mais de uma mulher, mas nunca havia considerado a vertente lésbica. Quem sabe não faria uma tentativa da próxima vez que precisasse de uma fantasia?



Virgil deixou o subúrbio em que Owen morava e tomou a direção do centro de Minneapolis. Primeiro passaria na casa de Erica, depois seguiria para a reunião do conselho na agência. Além de conversar com a equipe de peritos que analisava a casa, talvez ele devesse pressionar Ruth Davies, ver se conseguia tirar algo dela.

Acabara de entrar na rampa da Interestadual 694 quando recebeu uma ligação da central do DDC em Minneapolis.

- Você conhece uma mulher chamada Zoe Tull, de Grand Rapids?
- Conheço. O que houve?
- Não sei se houve alguma coisa. Mas ela ligou dizendo que precisa conversar com você e que é urgente. Na verdade, falou “meio urgente”.



Virgil discou o número de Zoe e ela respondeu logo ao segundo toque – algo incomum ao se atender a um celular.

- Virgil?
- O que houve?
- Alguém entrou na minha casa ontem à noite, quando eu estava no quarto.
- Caramba... Por quê? – Ele não pôde deixar de visualizar um assassino à noite, numa casa escura. – Por que você acha que alguém entrou na sua casa?
- Eu não conseguia dormir. Estava completamente desperta, pensando em tudo o que aconteceu. Depois daquela briga, minha cabeça ficou fervendo. Já era muito tarde, umas duas da madrugada, quando ouvi um barulho. Na cozinha. Ou talvez no escritório. Então acendi a luz do quarto e, ao

entreabrir a porta, eu não conseguia enxergar nada porque estava um breu no resto da casa. Eu berrei: “Tem alguém aí? Eu estou armada!” Depois disso não ouvi mais nada, logo saí para o corredor. Vi meu gato, aí pensei que tinha sido o gato, fui caminhando pela casa, mas não vi ninguém. Só hoje de manhã vi a porta dos fundos... Ela estava entreaberta. Só uma fresta. Aliás, só vi mesmo que estava aberta quando fui sair e ela abriu assim que toquei a maçaneta. E agora nem dá mais para fechar, porque eles quebraram a madeira em torno daquele buraco em que se encaixa a fechadura.

– Você chamou a polícia? – perguntou Virgil.

– Chamei. Conte a história toda, inclusive falei de você, disse que a gente andou conversando. Eles concordaram que alguém arrombou a porta, mas que não dava para saber exatamente quando. Não fizeram nada, não tomaram nenhuma providência, apenas recomendaram que eu colocasse fechaduras melhores. E que eu avisasse a você.

– Ok. Troque as fechaduras. Tem algum lugar onde você possa dormir hoje à noite? Um hotel, sei lá...

– Acho que posso ficar com a minha irmã se for mesmo preciso. O marido dela está viajando.

– Então vá para a casa da sua irmã. Os peritos ainda devem estar por aí, vou pedir que eles deem uma olhada na porta. Os policiais que estiveram na sua casa manipularam a fechadura arrombada?

– Não, não. Acho que ninguém tocou nela. Olharam bem de perto, mas não tocaram – respondeu Zoe.

– Ótimo. Vou dar seu telefone para a equipe de peritos; eles vão ligar e você conta tudo o que aconteceu. Não volte a tocar nessa porta. Vá para a casa da sua irmã e providencie a troca das fechaduras.

– Tudo bem.

– Que tipo de arma você tem?

– Não tenho arma nenhuma. Tenho um taco de beisebol. E também um daqueles replicadores de som e um CD com um dobermann latindo. Mas nem me lembrei disso ontem à noite. Muito burra.

– Arrume as fechaduras. Vá para a casa da sua irmã. Vou voltar para Grand Rapids hoje à tarde. Ligo para você quando chegar aí.



Virgil ligou para Mapes e pediu que alguém da equipe da perícia procurasse Zoe. Em seguida, telefonou para Zoe e informou que o perito já estava a caminho. Só então entrou em contato com o legista, que lhe informou:

– O exame não revelou muitas surpresas, Virgil. Posso afirmar que ela não estava bêbada ou drogada. O ferimento na testa está bem feio, mas isso você já viu...

– É, eu vi.

– O mais provável é que tenha sido um rifle .223. Não dá para ter certeza, a menos que você encontre a bala, mas a julgar pelas bordas do orifício de impacto, o estrago que foi causado, só pode ter sido algum .22 de alta potência. Tudo indica que foi um .223, mas também pode ter sido um .222 mais antigo. Não creio que tenha sido um desses modelos menores de hipervelocidade... Um .223, essa é a minha aposta.

– Valeu.

Confirmação independente. Os rifles .223 eram os mais populares no estado de Minnesota, os mesmos usados pelo Exército: pouco coice, munição relativamente barata, alta precisão quando bem manipulados. Tudo que ele precisava fazer era encontrar a arma, de preferência com muitas impressões digitais e um mapa da cena do crime.

Virgil pensou ainda: se a atiradora havia invadido a casa de Zoe, era de Grand Rapids; decerto se infiltrara na rede local de fofocas e descobrira que a contadora vinha conversando com ele.



Erica McDill tinha morado numa vizinhança onde só havia mansões, com ruas muito calmas, jardins grandes, árvores altas e piscinas nos quintais, ou pelo menos naqueles quintais que se viam da rua. A casa dela era

relativamente baixa, de telhado reto e esquadrias de metal, talvez dos anos 1950. Feia, pensou Virgil, mas devia ter algum valor arquitetônico. O caminho de entrada contornava a casa até uma garagem de fundos, grande o bastante para quatro carros. Um sujeito chamado Lane, da perícia, deixou-o entrar. O interior com certeza fora decorado por um profissional, desde os carpetes até a cor escolhida para o teto.

Ruth Davies estava lá com o pai de Erica, sentada no chão da sala, cercada por papéis.

Virgil falou com ela primeiro, mas Ruth só choramingava, não dizia coisa com coisa e, quando o investigador já estava perdendo as estribeiras, ela foi para a cozinha e colocou para assar alguma coisa que cheirava a manteiga de amendoim.

O pai de Erica, Oren McDill, olhava para a papelada que resumia a vida da filha, visivelmente abalado, deprimido, perturbado. Era um homem alto e magro, de cabelos grisalhos muito curtos, óculos comuns de aro dourado, jeans e camiseta. Informou que Erica de fato havia deixado um testamento e que era ele o executor.

– Eu lhe dou uma cópia assim que puder passar no banco e tirá-lo do cofre.
– Ele apontou para os papéis ao redor. – Não era para terminar assim. Era *ela* que tinha de me enterrar...

A mãe de Erica morava no Arizona com o segundo marido e, de acordo com Oren, não era muito próxima da filha.

– Tudo começou com o divórcio – explicou ele. – Nós nos separamos quando Erica ainda estava no colégio e ela mal podia acreditar que a mãe nos tinha abandonado. Mãe queria liberdade. Não desejava um marido, pelo menos naquela época, e também não queria saber da filha. Ela mesma nos falou isso. Erica nunca se recuperou desse trauma.

– Veja bem, eu não quero ser injusto com ninguém...

Virgil olhou à sua volta; eles estavam numa varanda fechada, sozinhos, mas dali ele podia ouvir Ruth balbuciando algo no interior da casa.

– Eu preciso perguntar: caso você tenha lido esse testamento... pode me dizer se mãe de Erica é uma das beneficiárias?

Oren fez que não com a cabeça.

– Não vai receber um centavo.

– Ah. E Ruth?

– Ruth vai receber 100 mil dólares.

– Nada mal. Ela achava que não ia receber nada.

Oren franziu a testa.

– Acho que ela sabia, sim. Você perguntou a ela?

– Perguntei, mas talvez não tenha sido claro o bastante.

– Faz três anos que Ruth foi incluída. Erica fez um testamento novo quando assumiu a presidência da agência e sua renda deu um salto significativo. Acho difícil elas não terem conversado sobre isso.



A equipe de peritos, liderada por Stacy Lowe, estava quase acabando de verificar a casa, procurando por contas de telefone com registro das ligações, agendas, computadores ou qualquer coisa inusitada que pudesse resultar numa pista.

Virgil chamou Stacy para um canto e perguntou:

– Vocês terminaram lá no quarto da Ruth? – Ele já sabia que as duas mulheres dormiam em quartos separados.

– Já. Você está procurando alguma coisa em particular?

– Eu queria dar uma olhada nos sapatos dela...

Stacy distraiu Ruth, interrogando-a, e Virgil se esgueirou para o quarto dela para examinar o closet. Ruth possuía uma sapateira com nove pares. Virgil examinou cada um deles e não encontrou Mephistos, então foi para o quarto de Erica e lá achou mais ou menos vinte pares, inclusive dessa marca. Foi até Stacy e lhe pediu:

– Verifique os sapatos. O pessoal que está lá na lagoa acha que a assassina estava usando Mephistos. Procure por lama. Barro de pântano.

– Tudo bem. Deixe comigo. Mas eles me parecem limpos.

– Faça o que puder.

Virgil conferiu o tamanho dos sapatos de Erica: 39. Voltou para o quarto de Ruth e fez o mesmo: eram 38. Ruth poderia ter usado os sapatos de Erica. Ainda que os pares encontrados no closet nunca tivessem pisado num pântano, ele agora sabia que Erica possuía Mephistos...

– Nenhuma arma foi encontrada na casa – informou Stacy. – Nenhum rifle, nenhuma pistola, nada.

Virgil ergueu o indicador para silenciá-la, pois não queria interromper o raciocínio. Ah, sim. Erica usava Mephistos. Wendy passou a noite com Erica na véspera do crime, poderia ter pegado os sapatos dela...

Algo a ser investigado.

– Que foi? – perguntou Stacy.

– Nenhuma arma, é? Ah. Interessante.



Ruth não tinha álibi – dissera que havia ficado em casa, doente –, tinha um motivo monetário, e talvez emocional, para matar Erica, além de acesso aos Mephistos. Talvez tivesse mentido sobre o testamento. Quem sabe tinha alguma ideia sobre o que Erica pretendia fazer na pousada e até sabia de antemão sobre o solitário passeio até o ninho da águia. Talvez a própria Erica lhe tivesse mostrado o lugar num mapa ou no Google...

Por outro lado, o comportamento dela era... espontâneo demais. Ruth não havia ensaiado as respostas. Não premeditara seu comportamento. Tudo nela parecia sincero e irrefletido.

A menos, pensou Virgil, que ela fosse *maluca*.

No passado, ele já havia lidado com um estelionatário que parecia um cordeirinho porque, devido a um problema psicológico após os roubos, o homem simplesmente se esquecia do que fizera. Mas isso, claro, não o impedia de vender as coisas roubadas no eBay.



Terminada a conversa, Virgil cruzou a casa mais uma vez e achou que havia algo estranho nas paredes, só não conseguia identificar o quê.

Procurando ser discreto, examinou-as uma a uma e encontrou alguns buracos de prego onde antes poderia ter estado um quadro. Voltou para o lado de Stacy e indagou:

– Você encontrou nos documentos dela algum papel sobre as obras de arte que ela possuía?

– Tem uma pasta de recibos em algum lugar. Posso dar uma olhada.

– Faça isso, depois compare com os quadros da casa.

Virgil apontou para as paredes a seu redor. Em cada uma havia uma tela a óleo ou gravura e nenhuma delas dava a impressão de ter saído do depósito de uma decoradora qualquer. Pareciam obras que ele já vira em galerias: muito coloridas, idiossincráticas, algumas até agressivas.

– Veja se está faltando alguma coisa – prosseguiu. – Não sei quanto valem essas coisas, mas... é exatamente isso que eu quero saber. Quanto vale e onde está cada quadro. Se algum estiver faltando, gostaria de saber por quanto ele pode ser vendido no mercado.

Antes de sair, Virgil viu que Ruth e Oren empilhavam as roupas de Erica no corredor para depois colocá-las em malas e caixas. Uma tarefa cruel, pensou, vendo que vez ou outra eles se interrompiam para chorar. Deixou-os ali, naquele cenário de tristeza, e foi para a reunião do conselho no centro da cidade.



A agência ficava no quinto andar do Laughton Building em Minneapolis, um imponente espigão de vidraças azuis e esquadrias de metal. Barney Mann apresentou-o aos conselheiros, um grupo de homens e mulheres muito bem-vestidos que pareciam rosar uns para os outros em torno de uma mesa de bordo.

Virgil fez um breve relato do que já havia descoberto e um dos homens foi logo exclamando:

“Eu estava no jogo do Twins!”

E, sem que Virgil lhes tivesse pedido, todos deram álibis, que de modo geral eram fáceis de averiguar. Um dos homens não tinha nenhum, mas era

muito alto, com quase 2 metros de altura e, nos cálculos de Virgil, devia calçar 44. Mesmo assim, fez uma anotação. Se um deles fosse o assassino, as pistas que conduzissem a uma prova teriam que vir de outro lugar ou de outra pessoa.

Por volta das quatro horas, Virgil já tomava seu caminho de volta para o lago.

Ainda se lembrava do que Owen havia sugerido: um caipira homofóbico tentando mandar um recado.

Talvez, mas ele achava pouco provável. Em geral, era preciso mais do que isso para se matar alguém. Nem sempre, mas quase sempre. Dinheiro, sexo, rivalidade, álcool, obsessão... alguma coisa. Que ele ainda precisava descobrir.

A CASA DA IRMÃ DE ZOE parecia mais um chalé e ficava às margens de uma baía rasa, ao longo de uma estradinha de terra escura, na região de Fifty Dollar Lake. Zoe foi dando a Virgil as coordenadas pelo celular e já esperava no quintal quando ele chegou.

– O perito que foi à minha casa não encontrou nenhuma digital, mas confirmou que a porta fora arrombada – informou ela. – Ah, boa noite para você.

– Oi. Pois é. Falei com o cara. Ele disse que até uma criancinha poderia ter arrombado aquela porta.

– Amanhã as fechaduras já vão ser trocadas. – Zoe abraçou a si mesma e estremeceu. – Não estou gostando nada disso. Não sei se foi apenas uma coincidência ou se foi porque andei falando com você ou se tem algum psicopata solto por aí.

Uma mulher mais velha saiu da casa: a irmã de Zoe. Parecia muito com ela, esguia porém mais castigada pelo tempo, olhos verdes e distantes, um nariz talvez grande demais. Estava usando calças jeans e camisa xadrez com as mangas enroladas até os cotovelos. Ela avaliou Virgil descaradamente por um momento, depois olhou para o carro dele.

– Nada mal...

– Dá para quebrar o galho – disse Virgil.

– É melhor vocês entrarem antes de serem comidos pelos mosquitos – recomendou a irmã.

– Minha irmã Signy, ou Sig – apresentou Zoe. – Este é o Virgil.



A casa de Signy cheirava a pinheiro com um toque de bacon e panquecas. Dispunha de uma cozinha minúscula com fogão a lenha e uma sala pequena com sofá e algumas poltronas sobre um tapete redondo feito em tear. Um corredor aparentemente levava aos quartos. Virgil ocupou uma das poltronas e Zoe perguntou:

– Então, descobriu mais alguma coisa?

– Não muito. Conversei com algumas pessoas que não iam muito com a cara de Erica, mas que são inocentes. Descobri que Ruth Davies vai herdar 100 mil dólares e sabia que Erica tivera pelo menos um caso, logo acho possível que ela já previsse o fim da relação. Ah, e ela não tem nenhum álibi.

Signy havia ido à cozinha; voltou para a sala com três garrafas e entregou uma a Virgil. Cerveja mexicana Negra Modelo. Virgil deu um gole e disse:

– Desculpe, mas não posso beber em serviço.

– Pena – lamentou Signy, e entregou uma das garrafas para a irmã, ficando com a sua. – Então você não acha que essa tal de Ruth matou Erica?

– Não foi isso que eu disse.

– Mas foi o que pareceu.

– Ok, não acho mesmo.

– Quem você acha que foi?

– Não conheço direito os possíveis suspeitos. Vou descobrir daqui a alguns uns dias.

Signy sorriu para ele, deixando à mostra um incisivo quebrado.

– Autoestima é o que não lhe falta, isso eu posso garantir.



O marido de Signy estava no Alasca.

– Um dia ele saiu para comprar pão e foi parar em Churchill, em Hudson Bay. Desta vez, no Alasca.

– Confuso, esse seu marido – comentou Virgil.

– Ele é mesmo. Um bom sujeito, mas confuso. Não creio que vá voltar.

– Ele *pode* voltar – interveio Zoe.

– Não acho – replicou Signy. – Cada vez ele vai mais para o norte. Na última vez, mal parou por aqui. E agora chegou ao fim do mundo. Acho que não retorna mais.

– É a vida – disse Virgil.

– Mostra para Virgil a foto que ele mandou – sugeriu Zoe.

Signy foi até a mesinha do hall, voltou com um envelope e o entregou a Virgil, que pegou a foto e aproximou-a do abajur para ver melhor. Nela se via um homem magro e de cabelos escuros à margem de um riacho, olhando para um trator que acabara de atolar no que parecia ser um lodaçal ou um banco de areia movediça. Outro trator tentava tirá-lo dali com uma corrente.

– Acho que ele arrumou um emprego de motorista – falou Signy.

– Motorista de trator?

– Motorista de acidentes – disse Zoe.

Virgil devolveu a foto a Signy.

– Mais uma cerveja? – ofereceu ela.

– Não deveria... – respondeu Virgil.

Ela se levantou e trouxe mais uma garrafa para ele, desculpando-se:

– Eu faria um sanduíche para você, mas não tenho nada em casa. Geralmente como fora.

– Tenho um saco de milho no carro – lembrou Virgil.

– Milho? – perguntou Signy. – Acho que isso eu posso fazer. É só cozinhar na água, não é?



Virgil voltou com o milho e Signy examinou a sacola.

– Pepinos... Acho que dá para fazer uma salada. Tem maçãs e alface na geladeira.

Virgil ficou com a impressão de que a mulher não era lá grande coisa na cozinha. Assim que ela saiu, ele voltou a se sentar e pediu a Zoe:

– Me conte sobre essa banda. Wendy, Berni, sei lá mais quem...



Zoe contou que as moças já tocavam juntas havia dois ou três anos, mas que Wendy era uma espécie de celebridade local desde os tempos de colégio.

– Ela sempre foi a melhor cantora da região. Na infância, cantava com um grupo de polca e até viajava com eles. Pelo norte do estado, quero dizer.

Wendy e Berni haviam se tornado melhores amigas nos últimos anos do colégio e Berni aprendera a tocar bateria porque não tinha muito talento para os outros instrumentos. Na escola, ambas participavam de uma banda de rock que mais tarde migrou para o country quando Wendy se deu conta de que sua voz era mais adequada para o gênero. E ela sabia que as mulheres tinham mais oportunidades no country.

Após se formar, Wendy foi trabalhar numa loja de conveniência da cidade e, depois, para o pai, que criava cães de raça.

– Uns monstrenhos peludos e amarelos – disse Zoe. – Mas acho que dão muito dinheiro. Parece que são de uma raça muito rara.

– Deve ser por isso que ela se tornou a cachorra que é hoje – falou Signy da cozinha.

– Dá um tempo, Sig – retrucou Zoe.

Mesmo quando trabalhava com o pai, Wendy mantinha a banda, que ficava cada vez melhor, as amadoras da escola sendo gradualmente substituídas por profissionais. Além disso, sua voz foi ficando cada vez mais encorpada, assim como a vida amorosa.



Zoe disse – e Signy concordou, vigiando a água que botara para ferver – que Wendy era uma destruidora de corações, gostava de colocar suas amantes umas contra as outras e vez por outra dormia com homens apenas para provar sua independência.

– Mas é muito talentosa. Você viu lá no bar – falou Zoe, com uma expressão enlevada. – Ela tem esse magnetismo que encanta as pessoas. Até

mesmo Erica McDill. Algo que só as grandes estrelas têm. Não dá para saber exatamente o que é, mas a gente sente.

Berni, por outro lado, era uma baterista medíocre, comentou Zoe.

– Sabe tocar, mas não é muito criativa. Foi a própria Wendy quem me disse isso.

– Você acha que Wendy vai se livrar dela? – perguntou Virgil.

Foi Signy quem respondeu:

– Se Wendy achar que Berni pode atrapalhar a carreira dela, não vai pensar duas vezes: vai chutá-la para fora do ônibus e abandoná-la na beira da estrada.



Wendy sabia que precisava ser rápida: Taylor Swift era dois anos mais nova e já era uma estrela com o disco mais vendido nos Estados Unidos.

– Mas quer saber de uma coisa? Para mim Taylor Swift é mais da linhagem de Grace Slick. Você sabe quem foi Grace Slick?

– A vocalista do Jefferson Starship? – arriscou Virgil.

– Isso mesmo, e antes disso ela cantou com outra banda, a Jefferson Airplane. Todo mundo achava que ela ia ser a grande rainha do rock. Mas aí veio Janis Joplin, que foi a rainha do rock. Wendy é uma Janis Joplin. Mas precisa agir rápido. Ela sabe disso. O tempo está correndo contra ela.



Wendy e Berni moravam num trailer no terreno do pai da vocalista, Zoe contou ainda.

– Acho que foi Slibe quem fez Wendy voltar para Berni, e não para mim.

– Você ainda está apaixonada? – perguntou Signy.

– O que você acha?

– Acho que seu problema é a falta de oportunidades. Se morasse na capital, onde tem muito mais mulher, você já teria encontrado outra pessoa. Mas, por aqui, vai fazer o quê? Namorar Sandy Ericson? Aqui só tem Wendy.

Zoe fingiu um tremor e explicou a Virgil:

- Sandy deve pesar 100 quilos.
 - E não são apenas músculos – completou Signy, e acrescentou para a irmã:
 - Você sabe por que a Wendy estava arrastando a asa para o seu lado? Porque você é contadora e ela achava que podia aprender com você alguma coisa sobre dinheiro. Só por isso ela dava bola.
 - Sig... cale a boca – mandou Zoe.
 - Se Berni achasse que Wendy ia trocá-la por Erica, você acha que ela seria capaz de matar Erica? – perguntou Virgil.
- Zoe e Signy se entreolharam e sacudiram os ombros.
- Não sei se Berni entende alguma coisa de armas – respondeu Zoe. – Posso descobrir.
 - Não faça isso – pediu Signy. – Alguém já tentou entrar na sua casa. – Então, acrescentou: – A água já está fervendo. Vou deixar o milho cozinhar por um minuto, depois vocês podem vir.



- Enquanto se levantavam, Virgil disse a Zoe:
- Não vejo relação entre o arrombamento da sua casa e o assassinato. E você?
 - Também não.
 - Por outro lado, estou investigando um crime violento e você conhece todos os moradores locais próximos da vítima e foi vista falando comigo. É a primeira vez que isso acontece?
 - Ah, sim. Quer dizer... Cerca de dois anos atrás, alguns garotos andaram invadindo casas na minha vizinhança para roubar coisas e depois vender para comprar drogas, mas foram presos logo em seguida.
 - Isto aqui não é o paraíso que parece – falou Signy.
 - Mas o encadeamento dos fatos não deixa de ser interessante – comentou Virgil.
 - Nesses seriados, tem sempre alguém que não sabe que sabe de alguma coisa e acaba se colocando em risco por conta disso – disse Zoe. – Você acha que é o meu caso?

Virgil abriu um sorriso.

– Seriadados e romances policiais são bem diferentes da vida real... A minha ideia é a seguinte: alguém foi lá com a intenção de ameaçar você ou coisa pior; de repente ele queria descobrir o que você vinha falando comigo ou o que você sabia, então invadiu a casa, ouviu você dizer que estava armada e se mandou.

– Ele ou ela – observou Zoe.

– Isso. Caso você soubesse de alguma coisa, não teria deixado passar, certo?

Signy disse:

– Bem, aquele secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, uma vez falou de coisas que você sabe que não sabe ou sabe que sabe, e tudo o mais. Talvez Zoe não saiba que sabe.

Virgil a encarou por um instante.

– Acho que as duas cervejas já foram o bastante. Não entendi nada do que você disse.



A mesa da cozinha de Signy era minúscula e as três cadeiras ao redor eram diferentes umas das outras. Enquanto eles comiam a salada insípida e o milho delicioso com manteiga, Virgil perguntou a Signy o que ela fazia.

– Tenho uma loja de colchas artesanais em Grand Rapids.

– Ah. Bacana. Eu me amarro em colchas artesanais – comentou Virgil. – Minha mãe também faz, tenho três em casa.

– Mas quase não dá para viver disso. Tem meses que a gente acha que fechou as contas, mas aí... sempre acontece um imprevisto e você precisa de mais 50 pratas. Um pneu que fura, alguma coisa assim.

– Signy se formou em Belas-Artes – disse Zoe. – Na Universidade de Minneapolis.

Virgil ficou tão surpreso que Signy notou.

– Você estava achando o quê? Que eu era uma caipira analfabeta, não é?

– Que nada. Também venho de uma cidadezinha pequena – respondeu ele.

– É o Joe que está botando você para baixo – falou Zoe para a irmã. – Você devia se divorciar dele. Tipo... amanhã.

– Divórcios custam dinheiro e Joe não me amola. Portanto... fica para quando eu tiver a grana.

– Nem sei por que você se casou com ele. Aquele cara é um zero à esquerda.

– Bem... – disse Signy, depois pegou uma das espigas no prato e a ergueu à sua frente, contemplando-a com os olhos um pouco estrábicos. Mais de 20 centímetros, pensou Virgil. – Sinceramente, não sei por quê.

Zoe engasgou com alguma coisa e começou a tossir muito.

– Está conseguindo respirar? – indagou Virgil.

Ela esmurrou o próprio peito e por fim respondeu:

– Inalei um grão de milho.

– Foi o que pensei. Então, você vai dormir aqui?

– Até que a minha casa esteja segura de novo. O cara das fechaduras vai passar lá amanhã de manhã.

– E você, vai fazer o que amanhã? – perguntou Signy a Virgil.

– Pressionar pessoas. Vou sair por aí botando pressão.

– Isso eu gostaria de ver – comentou ela, a cabeça inclinada, roçando os dedos numa das bochechas. – Sério, gostaria muito de ver você em ação.



Virgil se hospedou num motel de beira de estrada, desses que não se dão o trabalho de emassar as paredes e apenas pintam os tijolos de um amarelo sujo, mas o lugar dispunha de um estacionamento com vagas especiais para os carros que rebocassem barcos. Na recepção, ao lhe perguntarem quanto tempo pretendia ficar, ele falou “Três ou quatro dias”.

Antes de pegar no sono, quando em geral pensava em Deus, Virgil pensou em Wendy. O problema de se avaliar um talento isoladamente era a impossibilidade de se dizer ao certo até onde ia esse talento.

Wendy era tão boa quanto qualquer vocalista que ele já ouvira cantar nos bares pequenos de Minnesota. Se cantasse ao lado de alguém consagrado,

era bem possível que soasse como um buldogue latindo.

Naturalmente, isso não significava grande coisa se as pessoas ao redor dela estavam convencidas de que aquela garganta era uma mina de ouro. De um lado, havia a cena musical de Grand Rapids; do outro, a possibilidade de Nashville, Hollywood... o céu como limite.

Então, Virgil pensou em Deus e logo dormiu.



Na manhã seguinte, ele vestiu uma camiseta do Nine Inch Nails, limpa porém antiga, pegou cinco folhados que sobraram do café da manhã, mais dois copinhos de café, e saiu para a Ninho da Águia. Mais um dia bonito, o sol se levantando no horizonte, quase nenhum vento. Cogitou se Johnson estava pescando ou se havia desistido do campeonato e voltado para casa.

Ah, o nosso querido Davenport.

O problema com Davenport, pensou Virgil, era que ele tendia a pensar em linhas retas. Retas demais. Temos um assassinato em Grand Rapids, a vítima é uma pessoa conhecida e o agente mais graduado do DDC está pescando num lago próximo. Então o que fazemos? Mandamos Virgil Flowers para lá.

O que havia de criativo nisso? Por que não mandar uma pessoa menos graduada, alguém que estivesse precisando ganhar um pouco mais de experiência? Por acaso ele levava em consideração o estado emocional do agente? Ou a necessidade de descanso?

Claro que não.

Mande o infeliz do Flowers e esquece. Ele que se vire.



Apoiando-se no guarda-corpo do deque, Margery admirava o lago à sua frente quando Virgil surgiu a seu lado.

– E aí, deu para esfriar um pouco a cabeça?

– Não consigo me desligar – confessou ela.

Virgil também mirou o lago.

– Bem... O inverno começa daqui a um mês. Aí você vai poder descansar.

Margery suspirou.

– O que você pretende fazer?

– Conversar com as hóspedes que conheciam Erica e ainda estão por aqui. Preciso de alguns nomes.

– Quer conversar com uma de cada vez ou com todas juntas?

– As duas coisas. Primeiro vou conversar com o grupo, depois perguntar se alguém quer me dizer alguma coisa em particular. Vou deixar meu celular para que elas entrem em contato.

– Algumas saíram numa expedição hoje de manhã, para ver os ursos em Steven's Island. Vão voltar para o almoço. Posso marcar para o início da tarde?

Virgil deu um tapinha no guarda-corpo.

– Ótimo. Até lá, então.



Ele ligou para Zoe.

– Trocou as fechaduras?

– O cara está aqui agora. Deve levar mais uma hora.

– Onde posso encontrar Wendy, Berni e o resto da turma?

– Provavelmente no estúdio. Elas alugaram o Schoolhouse por um mês. Estão gravando um disco.



O estúdio ficava na parte leste de Grand Rapids e no passado havia abrigado uma escola de um cômodo só. Era basicamente um cubo de tijolos vermelhos com uma chaminé numa das pontas e, na outra, acima da porta, um campanário sem nenhum sino. Era cercada por um estacionamento de cascalho com meia dúzia de utilitários espalhados em desordem. Assim que desceu de sua caminhonete, Virgil pôde ver o vulto da baterista que martelava seu instrumento do outro lado de uma parede de blocos de vidro, muito embora não se ouvisse nada do lado de fora. Entrando no prédio, ele se viu numa saleta de recepção, onde, sentada à sua mesa, uma loura

magricela e agitada lia o que parecia ser um manuscrito, mas que na verdade era uma partitura, e mascava seu chiclete ao ritmo de um baixo quase inaudível.

– Estou procurando por Wendy Ashbach – anunciou Virgil.

Ainda mascando, a moça perguntou:

– Quem é você?

– Polícia.

Provavelmente caprichou no tom e convenceu, pois a moça assentiu.

– Virgil. Sei quem é. Você estava na briga ontem à noite.

– É, estava...

– Elas estão gravando as trilhas de base de “Lover Do”. Vão ficar putas se você entrar e atrapalhar.

– Não quero atrapalhar ninguém, mas preciso falar com Wendy e talvez com Berni e qualquer outra que quiser levar um papo comigo.

– Ok. Por acaso você já esteve num estúdio de gravação?

– Negativo.

– Então vem comigo. Você vai se sentar no sofá que fica nos fundos. Elas estão trabalhando. Procure não fazer muito barulho, mas também não precisa ficar mudo.

A cabine de controle era uma sala de 6 por 5 metros, com uma longa vidraça dando para outra sala onde estavam diversas mulheres: baixista, guitarrista, tecladista e violinista, todas com fones nos ouvidos, executando uma música razoavelmente simples. Do outro lado da sala das instrumentistas ficava uma terceira, menor e também com uma vidraça, onde Berni tocava sua bateria.

Perto de Virgil, dois engenheiros de som se debruçavam sobre uma mesa de áudio que se estendia por quase todo o comprimento da vidraça à sua frente; a música chegava até eles por meio de duas caixas posicionadas de cada lado do ambiente, no alto. Wendy estava atrás dos dois homens, também com fones e diante de um microfone, meio cantando, meio vocalizando a letra da canção ao compasso de um metrônomo.

Nenhum deles olhou para Virgil ou para a lourinha; continuaram concentrados na música. A mulher apontou para o sofá no fundo da sala, esperou que Virgil se acomodasse nele, depois se sentou também.

– Eles estão gravando as trilhas de base – explicou baixinho. – Mais tarde vão gravar os solos e sobrepô-las. Só depois que tudo estiver perfeito é que Wendy vai entrar com os vocais para valer. Ela agora só está dando uma força para as meninas, para que elas não se percam.

Virgil assentiu e a lourinha perguntou:

– Você está aqui por causa de Erica McDill?

– Sim.

– Aquilo foi um baita azar. A gente bem que estava precisando de uma pessoa como ela. A mulher era profissional.

– E você, quem é?

A lourinha estendeu a mão.

– Corky Saarinen. Empresária da banda.

Virgil apertava a mão da moça quando a banda cometeu uma falha e um dos engenheiros disse:

– Tudo bem, pessoal. Vamos retomar do quarto verso. Sin, você começa e Wendy entra depois.

Eles recomeçaram e Virgil sussurrou:

– Por que vocês precisariam de Erica?

Corky se inclinou para mais perto e respondeu:

– Eu cuido de praticamente tudo quando elas pegam a estrada. Faço com que as coisas cheguem aonde têm que chegar, que nada se atrase. Também contrato alguns serviços de que elas precisam, como advogados, contadores e tudo o mais. Mas tem certas coisas... contatos, publicidade, mídia... que não são para qualquer um, precisam de um bom profissional. Porque tem vezes que a gente não sabe se está sendo enrolado, se está comprando gato por lebre... E o problema é o seguinte: se você causar uma má impressão logo de início, você queima seu filme, pode ficar anos na geladeira até conseguir outra chance. Tem que acertar logo de cara. E é isso que Erica McDill poderia ter feito para a gente.

– E agora, o que vocês pretendem fazer?

Ela deu de ombros.

– Erica conversou sobre nossa banda com algumas pessoas lá na agência dela. Vou tentar localizá-las, perguntar o que acham. De repente elas podem indicar o nome de alguém para ser nossas relações-públicas.

– Vocês pretendiam contratar Erica? Tinham como pagá-la?

– Que nada. Wendy e Erica estavam se pegando. A mulher queria ajudar porque estava se sentindo mais... sei lá, mais cool, mais ousada, mais sexy. Afinal, estava casada com uma dona de casa gorda e, de repente, aparece Wendy... Sabe como é, né?

– Você sabia que elas estavam tendo um caso? – perguntou Virgil.

– Sabia. Sim também. Ficamos na nossa, porque sabíamos que Berni ia armar um barraco quando tudo viesse à tona. Como de fato armou. Você já viu o olho da Wendy?

– Não.

Corky riu.

– Até parece que ela lutou seis rounds com o Rocky.

– Há quanto tempo as duas estavam envolvidas, Wendy e Erica?

Corky olhou de relance para a cantora.

– Alguns dias. Desde, hum, terça-feira. McDill foi com outras mulheres ao Goose na noite de sábado, conheceu Wendy e elas começaram a conversar. Depois voltou na segunda, para ver a banda tocar, e na terça já estava falando de relações públicas. Então deduzi que elas tinham se falado durante o dia, a sós. Aquilo só podia acabar em merda...



A banda chegou ao fim da música, repetiram os últimos versos mais duas ou três vezes, até que por fim um dos engenheiros disse ao microfone:

– Valeu, pessoal. Trabalho encerrado.

Wendy retirou os fones, virou-se e se espantou com a presença de Virgil ali, depois sorriu.

– E aí?

O roxo em torno do olho esquerdo, um disco do tamanho de uma moeda grande, ficava ainda mais assustador sob o dourado dos cabelos.

– Wendy, esse olho aí... até que está interessante.

– Gostou? Hoje de manhã a gente fez umas fotos de divulgação. Talvez eu use na capa do disco.



Wendy puxou uma cadeira de rodinhas de sob a mesa de som, jogou-se nela e deslizou até Virgil, entrelaçando os pés nos dele, os joelhos quase se tocando. Tratava-se de uma acintosa mas bem-humorada provocação, apenas para ver qual seria a reação dele. Virgil se explicou:

– Preciso conversar com você e suas amigas, saber qual de vocês matou Erica McDill.

Ela ficou assustada.

– Você está afirmando que... uma de nós é a assassina?

– Não, mas por enquanto vocês são minha melhor hipótese e é com ela que eu preciso trabalhar – respondeu Virgil, devolvendo a provocação.

– Bem, vejamos... Acho que foi na quarta que a gente decidiu matá-la. Eu disse: “Perua, chegou a sua hora.” Daí fui lá, peguei meu revólver e meti uma bala bem no ouvido dela. – Seu sorriso sumiu e ela inclinou a cabeça. – Que porra é essa que você está falando?

– Tudo indicava que Erica tinha sido morta por algum motivo relacionado ao trabalho, mas, quando fui investigar, não encontrei nada. Quase todos naquela agência precisavam dela viva. A morte de Erica vai custar muito dinheiro a muita gente. Depois pensei na namorada... mas ela precisa de um manual até para atravessar a rua; dificilmente seria capaz de arquitetar um crime tão complexo assim.

Virgil fez uma pausa e prosseguiu:

– Então me resta um bando de mulheres com uma vida amorosa em comum e você bem no centro dela. Muitas emoções à flor da pele. Mulheres trocando socos e pontapés nos bares. Quase todas vocês são moças de cidade pequena e aposto que pelo menos uma tem seu próprio rifle e sabe

como fazer para atravessar aquele pântano e chegar na lagoa. É isso. Essa é minha melhor hipótese.

Wendy o encarou por um instante, depois deslizou de volta para a mesa de som. Do outro lado do vidro, as mulheres papeavam umas com as outras enquanto guardavam instrumentos e partituras. Wendy apertou um botão na mesa e chamou:

– Meninas, venham cá um minuto. Tem um policial aqui que acha que matamos Erica.

Em um minuto, a cabine foi invadida pelas mulheres em pé de guerra e nenhuma delas, à exceção de Berni, particularmente pequena. Virgil não pôde deixar de notar a máscara de injúria que Wendy havia vestido, não muito diferente de uma máscara de Halloween. Mais uma maluca, pensou com seus botões.

Sem saber ao certo o que poderia sair daquilo, levantou-se do sofá, mas apenas como se estivesse sendo gentil com as recém-chegadas. Sentindo a seu redor o odor dos corpos superaquecidos, notou que algumas estavam suando por causa da gravação. Um trabalho mais duro do que se poderia imaginar.

– Pois bem – começou Wendy. – O cara está dizendo que foi uma de nós. Então, quem foi? Cat, foi você?

– Eu, não! – exclamou a tecladista. Fulminando Virgil com o olhar, emendou: – Ele disse que fui *eu*?

Wendy virou-se para Virgil, prestes a dizer algo, mas o investigador foi mais rápido:

– Não disse que foi você ou qualquer outra. Mas tem muita mulher rodeando Wendy aqui e ela estava dormindo com Erica McDill. Aí tem. Todo mundo que não gosta de Wendy, levanta a mão e pode ir embora!

Elas se entreolharam, algumas chegaram a sorrir. Nenhuma ergueu a mão.

– Quer saber de uma coisa? – falou Berni. – Você fica fazendo essas acusações aí... A gente pode processar você.

– Se você vê alguma acusação no que estou dizendo, não se acanhe – disse Virgil. – Pode me processar.

– Talvez seja melhor cobrir o cara de porrada – sugeriu a guitarrista, que não parecia estar brincando.

Elas voltaram a se entreolhar, provavelmente se perguntando até onde deviam ir com aquilo, e Virgil deu um passo à direita a fim de ganhar certa distância e ficar de costas para a parede.

– Pode vir, gata. Mostra aí o que você tem para dar – incitou ele.

A frieza na voz foi o bastante para chamar a atenção das outras mulheres.

– Acha que pode encarar a gente? – devolveu a guitarrista.

– Acho. Ou talvez não. Mas duas ou três vão ficar bastante machucadas. Quem sabe cega de um olho.

– Vocês estão doidos! – berrou um dos engenheiros.

– Sou um agente do Departamento de Detenção Criminal e estou investigando um homicídio. Se for preciso sair na porrada, paciência, mas vocês todas vão presas por agressão a um policial, um delito grave no estado de Minnesota – avisou Virgil. – Se estão achando que um assassinato é brincadeira, deviam ter visto os olhos vidrados da vítima, a cabeça esburacada. Erica McDill não estava rindo. E se quiserem alguns anos atrás das grades para refletir melhor, tudo bem, podem vir para cima.

Isso bastou para apagar o fogo delas.

A violinista comentou:

– Isso é loucura. Não tenho nada a ver com essa parada. Não vou brigar com um policial. Meu pai é policial.

– Covarde – disse Wendy.

– *Como é que é?* Quer ir lá para a sala de gravação e repetir o que você acabou de dizer? – rosnou a mulher.

Um dos engenheiros, um sujeito parrudo com os óculos pesados e extravagantes de um *hipster*, irrompeu na direção dela.

– Para fora, *já*. Vocês vão acabar quebrando meu estúdio. Wendy, só esta mesa custa mais de 150 mil dólares. Se vocês a estragarem, é *você* quem vai arcar com o prejuízo. Você ou seu papai.

– Fui – disse a violinista.

– Ninguém vai a lugar nenhum – avisou Virgil. – Vim aqui para interrogar vocês, uma de cada vez. Cinco minutos com cada uma.

– Lá fora – insistiu o engenheiro. – Só lá fora.

Por fim, o interrogatório se deu na cabine da bateria: Virgil sentado no banco do instrumento, e as mulheres, uma por vez, numa cadeira dobrável de metal.



Berni Kelly, a baterista:

– Como já lhe disse antes, eu estava sozinha, mas não matei ninguém. Estava em casa, esperando pela Wendy. O pai dela estava lá, na casa dele, pelo menos por um tempo. Eu não o vi. Vi o carro dele e certamente ele viu o meu. Eu não sabia desse rolo da Wendy com a Erica. Aliás, devo ter sido a última a saber.

– Ficou muito irritada?

– Bem, não é a primeira vez que a Wendy apronta. E ela sempre volta. Mas fiquei muito irritada, sim. Ontem à noite, quando esmurrei a cara dela, foi para valer.

– Um belo murro, por sinal – elogiou Virgil com um sorriso.

– Valeu.

– Vocês estão juntas de novo?

– Estamos. Olhe, realmente não tenho nada contra você. Espero de verdade que você descubra quem matou Erica McDill, muito embora eu não fosse com a cara dela. A gente tem essa atitude meio rock'n'roll com relação à polícia, mas na verdade isso é coisa de TV, não é a real. Estou do seu lado, juro.

– O que você acha de Zoe Tull?

– Nem lembro que Zoe existe – respondeu Berni. – Ela e Wendy tiveram uma história, mas Zoe é careta demais. Wendy já estava de saco cheio. A mulher queria trocar caixas de bombom no Dia dos Namorados, pelo amor de Deus!



Cathy “Cat” Mathis, a tecladista:

– A gente teria feito picadinho de você.

– Pode ser... Vocês são muitas, eu sou um só – replicou Virgil, bem-humorado. – Mas eu teria nocauteado uma ou duas e, quanto mais espaço eu tivesse, mais fácil ficaria para mim. Até seria uma experiência bacana se todo mundo pudesse sair dela com todos os dentes na boca. Se eu não fosse policial, é bem possível que eu comprasse essa briga.

Cat meneou a cabeça algumas vezes.

– Sério? – questionou ela, genuinamente surpresa.

– Sério.

– Você gosta de brigar?

– “Gostar” não é bem a palavra. Acho... intenso. Minha vida anda precisando de mais intensidade.

– Você matou aqueles vietnamitas todos. Foi intenso?

– Na verdade, não matei ninguém. Mas, sim, foi muito intenso. – Antes que Cat pudesse fazer mais uma pergunta, ele se adiantou: – Onde você estava quando Erica McDill foi morta?

– Não sei exatamente quando ela foi morta, mas ouvi dizer que foi no fim da tarde. Eu tinha uma aula de caratê às seis horas e era lá que eu estava.

– Caratê. Você gosta de lutar?

– Minha vida anda precisando de intensidade – afirmou ela.

– Quantas pessoas estavam nessa aula?

– Umas oito ou nove, além do professor. No fim da aula ainda chegou uma segunda turma. Se você for checar meu álibi, faça isso logo, ainda hoje se possível, antes que as pessoas se esqueçam das coisas. Meu *sparring* foi um cara chamado Larry Busch.

– Se você tivesse que acusar uma das pessoas que você conhece, quem você acusaria?

Antes de ele terminar a pergunta, Cat já balançava a cabeça.

– Essa pergunta não é válida. Não faço a menor ideia de quem poderia querer matar Erica McDill. Eu sabia que ela e Wendy estavam se pegando,

mas fiquei na minha, isso não era problema meu.

– Você também já teve algum relacionamento com Wendy?

– Wendy me paga para tocar teclado. Sou empregada dela.

– Mas...

– Não sou gay.

– Ah. Ok. Quer dizer que você nunca teve nenhum... rolo... nem com Wendy, Erica, Berni ou qualquer uma das outras?

– Nunca.



Bertha “Bert” Carr, a violinista:

– Você está procurando no lugar errado. A única pessoa que teria motivos amorosos ou... sexuais... para se livrar de Erica McDill é Berni. E tenho certeza de que ela não sabia, porque a gente conversou sobre Wendy e ela perguntou se eu achava que Erica representava algum tipo de ameaça. Berni sabia que Erica estava de olho na gata dela, mas não sabia até onde a coisa já tinha ido.

– Quando você descobriu?

– Na noite de terça. Ninguém disse nada, mas a gente estava aqui no estúdio e o pai de Wendy chegou com algumas pizzas, e as duas, Erica e Wendy, estavam sentadas uma do lado da outra, se tocando o tempo todo, bem ali, na cara do pai de Wendy.

– Na noite de terça.

– Sim. Fiz as contas de trás para a frente.

– Se estou procurando no lugar errado, onde eu deveria procurar? – perguntou Virgil.

– Na Ninho da Águia. Aquela pousada... Você sabe que muitas de nós costumam se hospedar por lá, não sabe?

– Muitas de nós?

– Lésbicas, gays.

– Ah, sim, claro. Já me disseram.

– Mas a história não para por aí. Por acaso você notou que lá tem uns garçons que fazem michê?

– Michê? Você está dizendo que...

Virgil se lembrou do garçom que o acompanhara até a beira do lago no dia de sua chegada, do corte modernoso dos cabelos dele.

– Exatamente. Rola muita sacanagem naquele lugar, e nem sempre homossexual. Ouvi dizer que Erica pagava a um desses garotos de vez em quando. Um lance meio *dominatrix* da parte dela. Não que ela curtisse essas paradas de couro e látex, mas às vezes gostava que um garotão ficasse de joelhos na frente dela, se é que você me entende.

– Caramba... – disse Virgil. – E Wendy sabia disso?

– Wendy pegava alguns garotos de vez em quando. Era algo que ela e Erica compartilhavam. Será que havia algum no chalé na noite em que Wendy estava?

– Caramba...

– Que diferença faz? Achei que você fosse menos careta.

– Não é isso. É que as coisas agora ficaram mais complicadas. Onde você estava quando Erica foi assassinada?

– Pelo que fiquei sabendo na TV... Acho que estava bem aqui, trabalhando na “Lover Do” com Wendy. Outras pessoas também estavam: Gerry, Corky, aquele cara ali, o Mark... – Ela apontou através do vidro para um dos engenheiros, que desligava um microfone na sala de gravação.

– Tudo bem. Isso basta como álibi.

– É. Suponho que sim. Quer dizer, as pessoas iam e vinham, a gente saiu para comer e ficou fora um tempo... Mas, de modo geral, era aqui que a gente estava – falou Bert.

– A Ninho da Águia fica só a dez minutos daqui.

– Bem, não dava para saber onde estava todo mundo a cada dez minutos. No intervalo do jantar, algumas pessoas ficaram fora por uma hora...



Cynthia “Sin” Sawyer, a guitarrista. Ela entrou com um saxofone, soprou algumas notas nele, depois o largou no chão ao lado da cadeira.

– Gay ou hétero? – indagou Virgil.

– Eu? Um pouco dos dois.

– Você acha que Wendy e Erica chegaram a compartilhar um parceiro do sexo masculino?

– Duvido muito. Wendy teria espalhado a novidade se isso tivesse acontecido. E ela não espalhou nada parecido.

– Você já ouviu falar sobre garotos de programa trabalhando na Ninho da Águia?

– Claro. Nas escolas, a garotada vive fazendo piada com isso. Se você for boa-pinta, é lá que você vai conseguir um emprego nas férias de verão. E dependendo do tamanho do seu pau, é até possível que paguem hora extra.

– Você acredita nisso?

– Acredito – respondeu Sin, sorrindo.

– Aquilo lá está começando a parecer um puteiro – disse Virgil.

– Você estava achando o quê? Que a mulherada vem para cá ver águias o dia todo? Vai por mim, chega uma hora que isso cansa. Você acorda, faz um pouquinho de ioga, bebe um chá verde para limpar o organismo, vê a bicharada do lago, dá uma remada, enche a cara de martíni, depois vai dormir. Tudo isso está incluído no pacote.

– Você acha que alguém da banda, qualquer uma de vocês, poderia ter algum motivo para matar Erica?

Ela se inclinou para a frente e deu um tapinha no joelho dele.

– Não. Sou uma ótima guitarrista, uma profissional. Gerry é uma puta baixista... Não é daqui, é da capital, e se mudou só por causa da voz de Wendy. Além disso, faz um ótimo vocal de apoio. A violinista até que não é ruim, a tecladista é razoável. Se a gente tivesse uma baterista decente, iria longe com Wendy. E Erica poderia ter ajudado bastante. Ouvi a conversa dela; em geral sou otimista com relação às pessoas. Erica realmente entendia da área dela. Tinha muito para nos oferecer.

– Então vocês teriam que se livrar de Berni, certo? – perguntou Virgil.

– Hum... acho que sim. Mas suponho que ela nem desconfie disso. Ou talvez desconfie. Fazer o quê? É a vida. Talvez ela possa se tornar uma boa assistente de empresário ou tocar outro instrumento de percussão. Pandeiro, sei lá. Ela canta um pouquinho e tem uns peitos lindos, o que ajuda bastante no visual da banda. Quer dizer, por mim ela até pode ficar. Mas o que importa é o seguinte: Erica poderia ter colocado a gente no mapa da música. Tinha contatos por todo lado, sabia o caminho das pedras.

– Você gostava dela?

– Não. Mas para mim isso não fazia a menor diferença – comentou Bert. – É como se você tivesse um excelente professor de música e ele passasse a mão na sua bunda. Você não ia gostar dele, mas e daí? Com ele você poderia ficar fera na guitarra e isso é o que importa. Com a Erica era a mesma coisa. Eu jamais iria para a cama com ela, mas também não ia dispensar os serviços de relações públicas.

Bertha havia saído para ir ao mercado no momento do crime.

– Sei que isso não é grande coisa como álibi, mas era isso que eu estava fazendo. Vim para o estúdio e saí logo em seguida, enquanto elas trabalhavam na “Lover Do”. Mas não tenho nada a ver com a morte de Erica McDill.

Virgil acreditava nela.



Gerry O’Meara, a baixista, aparentemente não tinha nenhum apelido. Estava ensaiando “Lover Do” com Wendy e as colegas quando Erica McDill fora morta.

– É verdade. Do jeito que está, esta banda não pode continuar. Mas acho que Berni sabe disso. Poxa, esta é a minha profissão, é com isso que eu ganho a vida. E sou muito boa no que faço. Já toquei com muita gente boa. Chegou a hora de a grana entrar. Estou com quase 30 anos, não dá mais para ficar esperando.

– Mas você acha que essas mudanças podem ter alguma coisa a ver com o assassinato de Erica McDill?

– Não vejo como. Erica ia ajudar a gente com os contatos em Nashville e tudo o mais. Deve ser algum rolo naquela pousada. Alguém ficou sabendo que ela tinha dormido com Wendy e ficou com ciúmes. Afinal, quem mais poderia saber que Erica saíra para remar naquela tarde?

– Bem pensado. Por acaso você sabe se Erica se relacionava com outra pessoa da banda, fora Wendy?

– Não ouvi nada do tipo. Não costumo frequentar a noitada gay. Sou hétero. Mas a morte de Erica só tem dois motivos possíveis, certo? Se não for grana, é sexo. Ciúmes de alguém. E você vai ter que descobrir qual.

– Valeu – disse Virgil.



Wendy, a vocalista:

– Acho que eu devia ter um advogado ao meu lado antes de falar com você.

– Tudo bem – replicou Virgil. – Chame um advogado. Se não puder pagar por um, posso chamar alguém da defensoria pública.

Wendy ergueu as mãos espalmadas.

– Ok, ok, ok. Você venceu. Não preciso de advogado. Pode perguntar o que quiser.

– Quando você dormiu com Erica naquela noite, havia algum homem na parada? Quer dizer, vocês fizeram alguma coisa a três?

Wendy o encarou por um instante, depois abriu um sorriso e balançou a cabeça.

– Você já sabe dos garotos, não é? Mas não, éramos só nós duas, esfregando boceta. – Ela falou com naturalidade, já sem nenhum intuito de chocá-lo.

– Erica estava se divertindo com outra mulher lá da pousada? Ou com algum homem?

– Aqueles caras não são exatamente homens. São apenas garotos. É assim que todo mundo os chama: “garotos”. Mas não sei se Erica estava metida com eles. Fui lá só porque a gente tinha conversado antes, tomado uns drinques e precisava fugir de Berni, o que só tornava as coisas mais

interessantes. Então, quando ela me chamou para ir à pousada, topei na mesma hora. Não foi nada planejado. A gente foi para lá, bebeu mais alguma coisa, depois... rolou. Posso dar mais detalhes se você quiser.

– Claro, não se acanhe.

Wendy voltou a fitá-lo.

– Vá se foder.

– Por acaso eu deixo você nervosa?

– Você não é como os outros policiais que eu conheço. E é isso que me preocupa: talvez você seja um maluco. E o que a gente precisa agora não é bem de um maluco, mas de alguém que esclareça logo essa história. Neste momento, um escândalo com nossa banda seria o fim da picada.

– Eu gostaria de falar com seu pai.

– Para quê?

– Pelo que ouvi dizer, ele é praticamente um membro da banda. E estou com esta pulga atrás da orelha: talvez alguém não quisesse que Erica se envolvesse. Pode ser que a vissem como uma espécie de ameaça, achando que ela podia roubar você da banda ou forçar a barra para que uma das instrumentistas saísse... Segundo me disseram, seu pai tem um papel importante na sua carreira.

– Bem, ele... Não sei exatamente o que ele é. Não é um membro oficial nem nada – falou Wendy. – Mas é a única pessoa ao meu redor que, sem dúvida alguma, só quer o melhor para mim. Com ele eu não preciso me preocupar. Meu pai não ia aprontar nada que pudesse me prejudicar.

– Ele protege você?

– Sim. É isso que ele faz.

– Mesmo assim, eu gostaria de falar com ele – insistiu Virgil. – Ouvi dizer que seu pai é meio reservado. E que atira muito bem.

Wendy não se importou nem um pouco com a observação.

– Tudo bem. Ele deve estar por aí.

ANTES DE IR FALAR COM Slibe Ashbach, Virgil ligou de novo para Zoe e a encontrou ainda em casa. Pegou o endereço dela e foi dar uma olhada nas fechaduras que haviam sido trocadas.

– As fechaduras são boas – comentou ele.

Zoe morava num modesto bangalô de dois quartos e, num deles, havia um crucifixo artesanal acima da cabeceira da cama. Virgil ficou intrigado com aquilo, mas não perguntou nada.

– As portas, no entanto, são uma porcaria – prosseguiu ele. – Até uma criança seria capaz de abrir um buraco na madeira com um chute. E os vidros da parte de cima são grandes demais. Não seria difícil quebrá-los com o cano de uma arma e passar o braço para alcançar a maçaneta. Assim que tiver grana, você deveria comprar portas novas.

Zoe ficou preocupada, mas ainda pensava segundo a lógica de uma contadora:

– Nunca tive um problema assim antes...

– Estamos no século XXI, os problemas estão sempre por aí. – Plantando uma das mãos na cintura, Virgil emendou: – Mas por que será que tentaram entrar na sua casa? *Por quê?*

– Ainda não sei. Não consigo parar de pensar nisso. Faz trinta anos que moro aqui e nunca sofri nada do tipo, daí começo a andar com o policial que está investigando um crime local e tentam arrombar minha casa. Não pode ser mera coincidência.

– É, não pode. Então continue pensando. O tempo todo. Se lhe ocorrer alguma coisa... me ligue.



Slibe morava numa casa de fazenda a mais de 10 quilômetros da cidade, ao cabo de uma estrada secundária que passava por alguns acessos ao lago até o asfalto dar lugar ao cascalho. Decerto não seria fácil chegar ali no inverno, pensou Virgil ao se aproximar. Com a neve, só de *snowmobile*.

A uns 50 metros da estrada, a construção de dois pavimentos parecia ter saído diretamente de uma pintura: fachada branca, gramado bem-cuidado, cerca ladeada por canteiros de zínias e cravos. Mais próximo da estrada, um trailer grande se assentava sobre blocos de concreto pintados de cinza. Mais ao fundo se via um moderno celeiro de metal e, à direita dele, um galpão aberto com uma retroescavadeira e uma empilhadeira, além de uma pá carregadeira. Estacionada junto à garagem, uma carreta rebaixada, e não muito longe da casa, outro abrigo com lenha empilhada quase até o teto.

Virgil calculava que o terreno devia ter cerca de 10 hectares; no fundo, havia uma plantação de pinheiros e um pequeno pasto salpicado de macieiras. No caminho diante da casa, uma placa informava: canil ashbach. Sob ela, outra placa mais antiga dizia FOSSAS SANITÁRIAS E TERRAPLENAGEM e, embaixo, uma terceira, mais nova e de metal: ENTRADA PROIBIDA.

Chegando à casa, Virgil notou que, do lado de fora do celeiro, nas laterais, havia uma série de compartimentos de alambrado, cada um deles abrigando um cachorro pardo de estatura mediana. À margem do acesso de carros, existiam ainda canteiros de repolho, milho e feijão, além de outros já vazios, onde anteriormente decerto estavam as verduras e os rabanetes, e outro bem maior, com um número suficiente de pés de batata para alimentar uma família inteira no longo inverno do Norte. Uma das extremidades da horta era cercada por arbustos de framboesa.

Uma bela fazenda, pensou Virgil, embora um tanto isolada e sombria.

Um homem, que devia ser Slibe, trabalhava próximo ao estoque de lenha. Aparentava 50 e poucos anos; corpulento e castigado pelo tempo, tinha uma barba de mais ou menos três dias e apresentava certa calvície, apesar dos cabelos compridos e desbotados. Usava calças jeans, uma camiseta e um enlameado par de botinas. Empunhando uma serra hidráulica, cortava toras de lenha para depois juntá-las à pilha.

Virgil desceu do carro e foi ter com ele. Slibe não interrompeu o que fazia: cortou mais três toras de carvalho, jogou-as sobre a pilha e só então desligou o motor da máquina. Virando-se para Virgil, questionou:

– Não viu a placa de “Entrada Proibida”?

– Vi, mas ignorei. Sou do Departamento de Detenção Criminal, estou investigando a morte de Erica McDill.

Slibe virou a serra, abriu a tampa do óleo e permaneceu calado por um tempo.

– O que isso tem a ver comigo?

– Estou conversando com todo mundo que tenha alguma relação com a banda de Wendy. Na noite anterior ao crime, sua filha teve um... encontro sexual... com a vítima. Acontece que Erica McDill estava se envolvendo na carreira da banda e algumas pessoas não estavam lá muito felizes com isso. Portanto, achei que devia investigar.

Virgil se deu conta de que estava falando mais do que devia, logo foi direto ao ponto:

– Onde o senhor estava quando Erica foi morta?

– Bem, pelo que Wendy me contou, acho que eu estava dando comida para os cachorros ou os treinando. Ou fazendo alguma coisa em casa. De qualquer modo, eu estava por aqui.

– Sozinho ou com mais alguém?

– Berni estava lá no trailer... O Júnior estava por aí em algum lugar... provavelmente no mato. Talvez alguém tenha aparecido de carro, mas não notei. Você pode ir falar com algum vizinho lá na estrada. De repente alguém me viu.

– Quem é Júnior?

– Meu filho. Algumas pessoas o chamam de Slibe II.

Nesse instante, uma pessoa surgiu do outro lado do trailer, um grandalhão de camisa de manga comprida azul e boné amarelo. Encarou-os por um instante, depois voltou a se esconder atrás do trailer.

– Seu filho tem um boné amarelo? – perguntou Virgil.

Slibe virou-se para o trailer.

– Tem. Um garoto parrudo, foi o que você viu? Ele fica rondando por aí feito um fantasma. Tem vezes que até eu me assusto. É meio atrapalhado das ideias.

– Ah. Bem, você tem um rifle?

Ouvindo isso, Slibe abriu um sorriso de dentes brancos demais – dentadura, pensou Virgil –, mas tão afiado e ameaçador quanto a lâmina de uma foice. Ele perguntou:

– Você acha que vai encontrar alguém por estas bandas que não tenha um rifle?

– Estou falando de um .223.

– Tenho. Faz tempo que não é usado – comentou Slibe.

– Eu gostaria de levar esse rifle comigo, se possível. Posso assinar um recibo.

– Providencie uma ordem judicial.

– Até posso fazer isso. Só que as coisas poderiam ficar bem inconvenientes para o seu lado. Mas tudo bem, se é assim que você quer...

– Como assim, inconvenientes?

Virgil deu de ombros.

– Se for preciso um mandado de busca, eles vão querer levar todas as suas armas. Vão mandar uma equipe de perícia, virar tudo isto aqui pelo avesso. Mas como eu disse, por mim tudo bem.

– Caralho, esses merdas do governo... – Slibe fechou a tampa do óleo. – Tudo bem. Vamos entrar.

– Vou buscar meu bloco no carro. Para escrever seu recibo.

Virgil foi até a caminhonete, pegou o bloco, tirou a arma que estava sob o banco e a enfiou na cintura das calças, contra as costas. Tão logo se virou, novamente avistou Júnior se escondendo atrás do trailer.

Em seguida, foi com Slibe para a casa, que de perto lhe pareceu tão bonita quanto vista da entrada. A cozinha lembrava a de Signy, pequena, com duas cadeiras e uma mesa, sobre a qual havia um jornal especializado em cinofilia. Slibe abriu uma das gavetas sob a bancada, vasculhou o conteúdo e

pegou entre os talheres uma chave pequena. Foi para o fim de um corredor e destrancou um armário, onde ficava o cofre de armas.

Ali havia pelo menos quatro rifles e duas espingardas de caça; na prateleira superior, uma pistola grande. Slibe retirou um dos rifles e o entregou a Virgil: um Colt de aspecto militar, semiautomático, modelo AR-15 Sporter II de mira aberta. Mais do que suficiente para apagar Erica. Virgil não havia tido mais notícias de Mapes sobre as marcas de extração, mas o chefe dos peritos dissera que elas deviam vir de uma arma mecânica, não de uma semiautomática.

– Obrigado – agradeceu Virgil. Puxou o ferrolho, farejou o interior da câmara e sentiu o cheiro inconfundível de solvente. – Devolvo assim que puder. – Apontou para o cofre. – São todos .30?

– Exceto uma, que é .22 – respondeu Slibe. – Os outros são .308, .30-06.

Virgil pegou o .22, examinou-o, guardou-o de volta. Uma bala daquele calibre teria matado Erica se a atingisse da maneira certa, mas não teria feito o mesmo estrago.

– Achei que ela tivesse sido morta num pântano – falou Slibe.

– E foi – disse Virgil, virando-se para ele.

– Mas vocês encontraram a bala? É por isso que você precisa do rifle?

– Não, mas achamos um cartucho. Podemos fazer um teste nele. No seu rifle também, e depois, se a bala for encontrada... Pronto, caso encerrado. – Virgil encolheu os ombros. – Porém, o mais provável é que a gente faça um exame metalúrgico, cotejando os resquícios de metal no rifle com os fragmentos descobertos no crânio da vítima.

A casa estava bastante silenciosa e Virgil pôde ouvir o zumbido de uma abelha que havia entrado pela janela. Slibe o olhou fixamente, depois piscou e disse:

– Bem, faça o que tem de fazer. Quanto antes me devolver o rifle, melhor. Talvez a gente vá para o Wyoming em outubro, caçar cachorros selvagens. É um costume nosso.

– Vou fazer o possível – garantiu Virgil. Já à porta, acrescentou: – Ouvi dizer que você cria cachorros aqui.

– Os melhores de Minnesota. Golden retrievers. Sou um dos maiores criadores desta parte do país. Se quiser levar um dos meus animais, treinado desde filhote, você vai ter que desembolsar 3 mil pratas.

Virgil assobiou.

– *Três mil dólares?*

– E a lista de espera já é maior que meu braço. – Do bolso das calças, Slibe tirou uma latinha de Copenhagen e colocou um pouco do tabaco sob a língua. – Pode perguntar por aí.

– O que você achava de Erica McDill?

– Não a conhecia. Pelo que Wendy contou, ela tinha umas ideias muito boas. Wendy não vê a hora de botar essa banda na estrada.

– E o que você acha disso?

Slibe apontou na direção do canil.

– Está vendo aqueles cachorros ali? Valem ouro. É aí que está o dinheiro. Ninguém em Nashville vai prestar atenção numa pobre coitada de Grand Rapids, Minnesota. Vinte anos atrás, até podia ser. Mas agora não. É isso que Wendy quer, mas ela não tem lá muito juízo. Já tentei convencê-la milhões de vezes.

– Você acha que sua filha deveria continuar aqui, criando cachorros?

– É exatamente isso que eu acho. Mas os jovens nunca estão satisfeitos. O que falta para Wendy aqui? Nada. Ela tem tudo de que precisa. Passei a vida inteira construindo este lugar para que ela tocasse o barco depois. E para o Júnior também, mas ele não tem condições de fazer isso sozinho. Wendy sabe disso tudo, mas só pensa nessa merda aí de música, televisão... Bem, você já está com o rifle. Quer mais alguma coisa? Se não, ainda tenho muita lenha para cortar.

Virgil assentiu e caminhou de volta ao carro. Antes de entrar, virou-se para Slibe e comentou:

– Wendy é mais do que uma boa cantora. Não sei se é boa o suficiente, mas é muito boa.

Algo mudou na expressão de Slibe.

– Não vá dizer isso a ela. Depois ela se manda para Nashville ou Los Angeles, quebra a cara e acaba nas ruas, vendendo o próprio rabo. Não é uma cantora ruim, mas não foi para isso que ela nasceu.



Virgil chegou à cidade já no fim da tarde. Ele ligou para a delegacia de Bemidji e pediu que alguém buscasse o rifle de Slibe na manhã seguinte. Conferiu as horas no relógio e seguiu para a pousada, ainda rebocando seu barco. Margery se encontrava em sua sala, sozinha, triste, pensativa, exatamente como da última vez em que a vira; ainda remoía o assassinato. Virgil entrou na sala, fechou a porta e ela ergueu o rosto quando ele puxou uma das cadeiras para sentar.

Aflita ao ver que ele havia fechado a porta, Margery perguntou:

– O que houve?

– Tenho algumas perguntas meio constrangedoras para lhe fazer.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– O quê?

– É verdade que alguns dos seus garçons prestam serviços adicionais na pousada?

Margery se recostou na cadeira.

– Merda... Bem, sei que isso acontece, mas não saio por aí interrogando as pessoas. O que nossas hóspedes fazem, desde que não façam no estacionamento, é problema delas. São adultas.

– Sim, mas... é você quem contrata esses garotos, Margery.

– Por acaso você já esteve num desses bares que só contratam garçonetes gostosas?

– Não, nunca.

– Pois eu já. Aquelas moças não estão lá porque têm mestrado em Harvard.

– Ela esboçou um sorriso. – Você já viu Kevin?

– Não...

– Ele tem 19 anos. Está terminando o primeiro ano na Universidade de Minnesota em Duluth. Metade das pessoas na cidade acha que Kevin é gay

por causa dos cabelos dele. Quando está em Grand Rapids, ele até frequenta um salão de beleza. Sai de lá com o cabelo todo modelado, parecendo um desses personagens de ficção científica. As mulheres devoram o garoto como se ele fosse uma barra de chocolate. Mas eu não tenho nada a ver com isso.

– Sabe dizer se Erica levou algum desses garotos para a cama?

– Não faço a menor ideia. Ou melhor: é possível que sim. Pelo que sei, ela gostava de tudo um pouco.

– Disseram que ela curtia um lance aí de dominação com os garotos.

– Disso eu não sei.

– Você chegou a perguntar se alguém sabia do caso de Erica com Wendy?

– Sim, mas ninguém sabia de nada. Ou pelo menos ninguém quis admitir. Sou sempre a primeira pessoa a me levantar nesta pousada e, em nenhum momento, vi Wendy saindo para o estacionamento.

– Você não se incomoda que sua pousada bacana e ecologicamente correta seja na verdade um bordel de luxo?

– Não é bem assim, Virgil! – protestou ela. – Não recebo um centavo da grana que passa de uma mão para a outra. Não sou uma cafetina. Apenas não interfiro quando a natureza segue seu curso.

– Mas dá uma boa mãozinha para a natureza, não dá?

– Olha, você não vai passar essa história para a imprensa, vai? Muita gente importante vai ficar em maus lençóis se você der com a língua nos dentes, e logo por um motivo tão besta. Sem falar no meu próprio negócio, que sem dúvida não vai sobreviver a um escândalo desses.

– Não é esse o meu objetivo, Margery. Essa decisão cabe ao meu chefe e ao pessoal administrativo. Mas é possível, e até mesmo provável, que toda essa atividade sexual tenha alguma coisa a ver com o crime. As pessoas são mortas por causa de dinheiro, sexo ou drogas, quase sempre cocaína e álcool, e às vezes também por conta de alguma maluquice. Dinheiro não parece ser o problema por aqui. Drogas também não. Então restam apenas o sexo e a maluquice.

– Mas o sexo não envolve nenhum tipo de rivalidade ou competição. Esses garotos... Eu não interfiro no que eles fazem, muito menos dou uma de

cafetina. Mas todo mundo sabe da presença deles aqui, bem como dos serviços que eles podem prestar. A coisa vai correndo de boca em boca. Mas ninguém se estapeia por causa deles. Que motivo alguém teria para fazer isso, quando basta desembolsar 200 dólares para conseguir o que você quer?

– E se você quiser amor?

Margery suspirou.

– Para isso eu não tenho resposta, Virgil... Você ainda quer falar com as amigas de Erica?



A discussão deixou um gosto amargo na boca de Virgil. Sexo era ótimo, mas sexo por dinheiro, pelo menos na cultura americana, podia ser algo terrivelmente destrutivo. Para ele não importava o que Margery dissesse: aquele lugar *era* um bordel.



Ele conversou com sete mulheres na biblioteca; gay ou hétero, isso ele não sabia. Todas sabiam da orientação sexual de Erica, mas nenhuma a tinha visto com Wendy. Uma delas informou que Erica parecia interessada num tal Jared, um dos garotos que trabalhavam no cais. Ninguém conhecia o sobrenome dele e Margery havia saído para resolver alguma coisa. Mas todas diziam que se tratava de um rapaz louro, magrinho e, tal como observou uma delas, “meio afeminado”.

Terminada a conversa, Virgil procurou a mulher que citara Jared e a chamou de lado.

– Você sabe se Erica foi para a cama com esse Jared?

– Pode ser. Não chegamos a conversar sobre isso, mas tenho certeza de que ela achava o garoto muito bonito.

– Você viu Jared hoje?

– Não. Faz uns dois dias que não o vejo, mas também não cheguei a procurar.

Virgil enfim encontrou Margery e lhe perguntou:

- Quem é Jared?
- Jared Boehm? Trabalha no cais como assistente.
- Também faz michê?

Exasperada, ela respondeu:

- Faz, eu acho.
- Ele está trabalhando hoje? – perguntou Virgil.
- Não. Tinha uma prova para fazer, sei lá. Na universidade em Duluth. Está tentando entrar. Sexta foi o último dia que esteve aqui.
- Vou precisar do telefone dele.



Virgil ligou para o celular de Jared, não conseguiu falar com ele, voltou para o motel, comprou um refrigerante na máquina do saguão, foi se deitar e ficou pensando em Slibe, Margery, Jared e os garotos de programa.

Nada do que Slibe falara lhe parecia descabido: se todos os aspirantes a cantor se resignassem a tocar os negócios do pai, talvez o mundo fosse um lugar melhor. Isso se você não se importasse em criar cachorros, escavar fossas sépticas e cortar lenha para o inverno...

Margery. Ela de fato não tinha ares de cafetina e, tecnicamente falando, não era. Ainda assim não deixava de lucrar com os michês, ao menos por causa da clientela que os garotos atraíam para a pousada, as mulheres que queriam um pouco de diversão noturna para complementar suas remadas e caçadas diurnas.

Jared. O problema era que, se ele tivesse mesmo a idade que Virgil imaginava, suas “aventuras”, tal como alguém chamara, talvez configurassem crime de estupro segundo o código penal de Minnesota, caso as parceiras fossem maiores de idade. Ou até pedofilia. Se ele estivesse sendo pago para fazer sexo, tratava-se de prostituição. E se qualquer uma dessas hipóteses fosse verdadeira, se tivesse havido alguma tentativa de chantagem, se as partes envolvidas tivessem trocado ameaças...

Ele precisava falar com Jared.

Quanto a Margery, ele até sentia certa pena dela. Margery era o tipo de pessoa que ele admirava, uma mulher despachada e independente que conseguira para si um bom negócio e uma vida confortável nos cafundós de Minnesota. E que tinha alguns michês no seu quadro de funcionários.

Virgil se lembrou do cartão de memória que havia retirado da câmera de Erica. Vira as imagens no visor de LCD, mas não com a devida atenção. Não sabia, por exemplo, se havia algum rosto masculino em alguma delas. Então se levantou, pegou o cartão e o copiou para o laptop a fim de examiná-las de novo. Nada de mais: mulheres no Wild Goose, fotos tiradas no lago, algumas na praia... e um rapazinho no cais, falando com algumas mulheres, aparentemente explicando algo sobre um barco.

Era alto e magro. Afeminado? Talvez, mas com o corpo rígido e bem delineado, a musculatura de um ciclista ou de um corredor. Estava mais ou menos no centro da fotografia... Jared...



Ele ainda pensava em Jared quando o telefone tocou sobre a mesinha de cabeceira. Quase todos com quem queria falar tinham seu celular, então ele refletiu por um instante e só depois atendeu.

– Alô?

– Oi, é Signy. Estou pensando em pedir uma pizza, mas estou sem cerveja. Você se importaria de fazer uma entrega de emergência?

– Sem problema – respondeu Virgil. – Me dê uns vinte minutos.

Inicialmente, ele ficou surpreso, mas, pensando melhor, nem tanto. Já havia rolado um certo clima entre os dois na véspera. Levantou-se, escovou os dentes e fez a barba; refletiu por três segundos, tomou uma ducha rápida e se perfumou com o bom e velho Old Spice.

Saiu na noite, ainda quente. Talvez uma tempestade estivesse se formando em algum lugar, mas o céu estava estrelado e não trovejava. Signy lhe havia oferecido uma Negra Modelo na noite anterior, então ele comprou um pacote com seis da mesma cerveja, já gelada. Novamente se perdeu no caminho. Ligou para Signy e ela o guiou pelo celular.



Quando os faróis do carro iluminaram a casa, ele viu que Signy já esperava diante da porta, olhando para o céu, e veio a seu encontro.

– Só pedi a pizza agora há pouco, depois que você ligou. Não queria terminar a noite com uma gigante nas mãos, caso você não viesse.

– Tudo bem – comentou Virgil. – Melhor colocar esta cerveja na geladeira.

Ele foi com Signy para a cozinha, retirou duas garrafas do pacote e guardou as outras, sempre muito consciente da proximidade dela naquele espaço exíguo.

– Vamos beber lá no gazebo – sugeriu Signy.

– Você tem um gazebo?

– A última coisa que Joe fez antes de se mandar para o Alasca. Mas não colocou a telinha. Fui eu quem cuidei disso depois. Venha...

Ela pegou uma lanterna, saiu com Virgil pela porta dos fundos, e ambos foram seguindo pelo caminho de pedras que conduzia ao lago. A noite estava escura o bastante para que ele não visse muita coisa além do facho de luz da lanterna e, dali a pouco, a estrutura esverdeada do gazebo. Eles entraram e Signy fechou a porta de telinha para manter os mosquitos do lado de fora. Signy se espichou numa das duas espreguiçadeiras e Virgil se acomodou numa das duas cadeiras de alumínio.

– Noite bonita – disse ele. – Um milhão de estrelas...

– As noites são sempre bonitas em agosto – falou Signy, e desligou a lanterna.

O lago estava silencioso, ainda com uma faixa azulada no horizonte, um denso arco de estrelas no alto, pontinhos de luz vindo dos chalés da margem oposta. Mais à direita se via o lume dourado de uma fogueira, talvez alguém assando salsichas numa praia qualquer.

– Então, como anda a investigação? Descobriu mais alguma coisa?

– Não sei. Andei falando com as pessoas, pisando no calo de muita gente, dando a entender que sabia de coisas que realmente não sabia. Só para ver no que dava.

– Zoe contou que você massacrou aqueles vietnamitas.

- Eu não mass...
- Eu sei, eu sei. Zoe também sabe. Mas fala isso para irritar você – explicou Signy, agora abraçando as próprias pernas.
- Malditas mulheres...



Enquanto tomavam cerveja, Virgil foi contando a Signy sobre as conversas que tivera com as moças da banda, Slibe e Margery e sobre os garotos de programa.

- Slibe – disse ela. – Aquele sujeito é bem sinistro. Aposto que foi ele.
 - Você acha?
 - Aquele homem é bem capaz de matar alguém. – Ela arrotou. – É um sociopata. Nasceu de um pai muito pobre, que batia no filho como se o menino fosse um tapete velho. Slibe não via nada de errado nisso, então nada mais natural que espancasse a esposa e o próprio filho também. A mulher se mandou um dia e nunca mais voltou. Slibe ficou puto. O filho dele, Júnior, é outro em quem você precisa ficar de olho. Talvez não seja violento, mas é um esquisitão.
 - E Wendy? O pai não batia nela também?
 - Olha... acho que não. Wendy é a menina dos olhos dele. Provavelmente a única em toda a vida. Além da esposa, claro.
 - Aqueles michês da pousada... Todo mundo sabe disso por aqui?
 - Não sei. Mas alguns devem saber. Essas coisas sempre acabam vazando.
 - O xerife não me falou nada a esse respeito.
 - Bem, ninguém é doido de contar para ele. O homem é *muito* careta. Provavelmente ia achar que devia tomar alguma providência.
 - E você acha que ele não devia?
- Signy deu de ombros.
- Entre quatro paredes vale tudo. As pessoas se divertem um pouco, ninguém se prejudica com isso. Que mal pode haver?
 - Nem todo mundo pensa assim, mas se esses garotos forem menores de idade, a coisa fica ainda pior. Há questões legais. Essas mulheres podem ser

indiciadas por assédio, estupro, pedofilia... coisas assim.

- Não creio que aqueles garotos se sintam violentados de alguma forma.
- Muitas prostitutas pensam que estão no ramo do entretenimento, como se fossem estrelas de cinema – comentou Virgil. – Mas não estão.



Signy pegou seu celular, usou a discagem rápida e perguntou pela pizza. Ao desligar, avisou:

- Jim já está a caminho. Melhor a gente subir.

Virgil seguiu-a até o chalé e sentou de pernas cruzadas sobre o tapete.

- Teve mais notícias do Joe?

Signy riu.

- Tive! Hoje.

Ela foi até a cozinha e voltou ainda rindo, com um envelope, do qual retirou uma fotografia. A imagem mostrava dois homens, um deles Joe, olhando para um volume preto e peludo. Virgil demorou um tempo para perceber que se tratava de um urso morto.

- Ele estava dormindo dentro do carro e um urso tentou entrar do outro lado – explicou Signy. – Isso foi num acampamento perto de Fairbanks. Ele começou a gritar e o urso começou a correr em volta do carro, quebrando tudo, até que alguém chegou e atirou nele.

Virgil balançou a cabeça, com pena do animal, e devolveu a foto.

- Já estive em Fairbanks – falou. – Me disseram que no inverno não tem lugar mais frio no mundo.

- Bem, Joe ainda não chegou a passar um inverno por lá. Está pensando em ir para Anchorage, arrumar um emprego num barco de pesca.



Um par de faróis varreu a fachada da casa.

- Pizza – disse Signy, e saiu para recebê-la.

Eles comeram na sala, próximos o bastante para que Virgil sentisse o calor do braço dela. Virgil perguntou sobre Grand Rapids, as escolas do lugar, os

amigos de Signy, a Ninho da Águia, o Wild Goose, Wendy, Berni, Zoe...

Lá pela metade da pizza, quando Virgil já cogitava recusar o pedaço seguinte, Signy confessou:

– Na verdade, acho que tenho uma informação para você. Só me lembrei agora há pouco. E não sei se vai servir para alguma coisa, porque não tenho...

– Toda informação é bem-vinda.

– Erica McDill não foi a primeira lésbica assassinada depois de se envolver com a banda de Wendy. Ou de se hospedar na Ninho da Águia.

– *O quê?*

SIGNY NÃO SABIA MUITO DA história. Dois anos antes, uma mulher chamada Constance Stifry, Lifry, Snifry, qualquer coisa assim, se hospedara na Ninho da Águia, vindo em férias de algum lugar em Iowa: Iowa City, Forest City, Mason City...

- Alguma-Coisa City. Não me lembro. Mas tenho certeza de que era Iowa.
- Posso descobrir – falou Virgil.
- Acho que alguém disse que ela já havia estado aqui, mas também não lembro direito.

A banda de Wendy vinha se apresentando na região e tocara uma semana no Wild Goose, mas ainda não era a banda do lugar. A tal Constance era uma mulher mais velha, mas sabia muito sobre country. Também era amiga do proprietário de uma importante casa noturna do meio country, um dos clubes em que os artistas em início de carreira costumavam se apresentar, e ela havia sugerido que Wendy falasse com o sujeito.

Ao voltar para Iowa, Constance realmente falara com alguém, que de fato era um figurão, e depois disso surgira a possibilidade de que Wendy e seu grupo abrissem o show de uma das bandas de primeira linha.

- Mas aí a mulher morreu. Foi assassinada. Todo mundo começou a procurar pelo culpado e a possibilidade de elas tocarem no tal clube acabou indo para o ralo.

- Como você sabe disso? – indagou Virgil.
- Wendy contou para Zoe, que me contou. Margery também sabe, pois essa Constance Nifly, Gifly, sei lá, se hospedou na Ninho da Águia e era lésbica.

– E por que Zoe não me disse nada? – questionou Virgil, deslizando a mão pelos cabelos. Mal podia acreditar.

– Sei lá. Talvez porque... A mulher foi morta lá em Iowa e ninguém sabia direito o que havia acontecido com ela. Alguém ficou sabendo, provavelmente uma das lésbicas, e o pessoal da Ninho da Águia a conhecia, então a notícia se espalhou. De qualquer modo, já faz um tempo que tudo isso aconteceu, mais ou menos dois anos. Ninguém via qualquer conexão entre a morte da mulher e as férias que ela tinha passado aqui. Acho que alguém falou de um assalto ou algo assim. Mas eu não tenho muita certeza.

– Agora *há* uma conexão. Poxa, Sig, vou ter que puxar a orelha da sua irmã. Ela sabe todos os detalhes?

– Não sei o que ela sabe. Mas o assassinato dessa mulher foi um assunto apenas... vagamente interessante. Que nem quando a gente conhece alguém que morreu num acidente de avião. Nada de muito palpitante.

Virgil fora à casa de Signy um tanto confiante de que terminaria a noite com as calças arriadas. Sig era uma mulher atraente que parecia estar sofrendo as agruras da abstinência. Ainda que não fosse possível resolver o problema dela naquela mesma noite – a rigorosa etiqueta sexual do Meio-Oeste americano em geral exigia uma relação mais longa do que três horas antes que um adultério fosse cometido –, Virgil teria gostado de pelo menos deixar ali um acampamento-base de onde pudesse, mais tarde, organizar seu ataque rumo ao pico.

Mas agora *isso*.

– Caramba – resmungou ele. Tirou o celular do bolso, ligou para Zoe e, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, berrou: – Por que diabos você não me contou sobre a tal Constance Não-Sei-das-Quantas de Iowa?

– Merda... – foi só o que respondeu.

– Estou indo para aí. Porra, Zoe...

Ele desligou.

– Você está indo embora? – perguntou Sig.

– Preciso ir.

Ela inclinou a cabeça.

– Pena. Eu estava adorando nosso papo.

Embora Signy já estivesse bem mais próxima do que ditavam as regras do convívio social, Virgil ainda se inclinou um pouco mais na direção dela.

– Eu também estava adorando o papo, mas, poxa, Signy...

– Eu sei. A mulher foi assassinada. Então, quem sabe outro dia...

Virgil aproveitou a deixa e a beijou nos lábios. Percebendo que ela retribuía com certo entusiasmo, sentiu-se autorizado a apertar o traseiro dela. E que traseiro.

Signy se desvencilhou e falou:

– Comporte-se. Agora vá falar com Zoe. Me ligue amanhã. Se quiser, é claro.

– Quero muito – afirmou ele, e olhou a seu redor, procurando por algum pretexto que pudesse ser usado para mantê-lo ali. Mas não encontrou nada.

– Amanhã eu ligo – disse.

Signy estava usando um batom adocicado, além de um perfume suave, e Virgil ainda podia sentir o gosto e o cheiro dela quando enfim chegou à casa de Zoe.



Zoe esperava por ele na sala, aflita, segurando uma folha de papel enrolada. Virgil imaginou que ela estivera andando de um lado para o outro, ensaiando o que dizer.

– Virgil, me desculpe. Realmente não achei que isso fosse tão relevante...

– Você não é tão burra assim – cuspiu ele. – Então não enrole e me diga o que aconteceu.

– Não sei exatamente, mas achei na internet uma reportagem que saiu na *Gazeta* de Cedar Rapids. Ela era de Swanson, Iowa, que fica entre Iowa City e Cedar Rapids. Imprimi a matéria, está aqui.

Ela entregou o papel a Virgil e ele leu:

29 de setembro – Constance Lifry, 49 anos, proprietária do restaurante Honey's, em Swanson, foi encontrada morta no estacionamento de seu estabelecimento, no número 640

da Main Street, tal como informou neste domingo o xerife do condado de Johnson, Gerald Limbaugh.

Lifry era uma conhecida ativista social, membro de diversos clubes de jardinagem locais, além de especialista no cultivo de rosas ornamentais.

Segundo relatou Limbaugh, a vítima foi vista pela última vez por duas faxineiras do restaurante. Ambas confirmaram que Lifry havia trabalhado até as dez horas da noite de sábado, depois de ter fechado às nove. O corpo foi encontrado quando uma delas saiu ao estacionamento para fumar.

“Estamos processando diversas informações encontradas na cena do crime e esperamos solucionar este caso o mais rápido possível”, disse Limbaugh. “Constance era uma amiga de longa data e todos que a conheciam poderão atestar que se tratava de uma pessoa excepcional, envolvida com sua comunidade e com campanhas para evitar doenças cardiovasculares e infartos. Era uma mulher trabalhadora que empregava mais de vinte pessoas. Sua morte foi uma tragédia e não vamos sossegar até que o culpado seja levado à Justiça.”

Limbaugh falou ainda que Lifry foi estrangulada “com algum tipo de corda, que provavelmente foi levada pelo assassino”.

Nenhuma testemunha foi encontrada até agora. “Mas estamos conversando com diversas pessoas e examinando as gravações da câmera de segurança do posto de gasolina do outro lado da rua.”

Essas eram as informações básicas; o resto do texto incluía apenas testemunhos e dados estatísticos.

– Isso é tudo? – perguntou Virgil. – Ninguém chegou a ser preso?

– Não diz nada aí. E eu nunca fiquei sabendo.

– Quando ela esteve aqui? Ela se hospedou na Ninho da Águia, não foi? E frequentava o Wild Goose? Que tipo de relação ela tinha com Wendy?

Zoe balançou a cabeça; ficou torcendo os dedos e andando em torno de Virgil enquanto ele lia a matéria.

– Eu me sinto mal ao falar nesse assunto... – falou, chorando.

– Zoe...

– Ela esteve aqui no verão do ano retrasado, em agosto. Depois voltou outras vezes, eu acho. Conheceu Wendy no Goose e elas conversaram. Perto de Iowa City tem um clube ou uma boate, não sei, um lugar chamado Spodee-Odee, que é muito badalado no circuito country. Um lugar a que as

bandas novas vão para serem descobertas. E muitas bandas importantes também tocam lá. Willie Nelson já tocou, Jerry Jeff Walker... Esses caras do Texas.

– Continue.

– Então ela... Constance... conhecia o proprietário desse clube, um sujeito chamado Jud ou algo assim. Isso é tudo o que eu lembro. Mas parece que eles eram muito amigos e a mulher disse a Wendy que, se ela quisesse, poderia indicar a banda para o tal Jud. Na verdade, Constance gostava mais da Wendy, da voz dela, do que da banda mesmo. E com razão... Naquela época a banda era bem ruinzinha. Hoje é bem melhor.

– Então ela ia descolar um trabalho para Wendy.

– Mais que um trabalho. Uma chance de ouro, na verdade. Tocar na Spodee-Odee é tipo uma condecoração. Significa que você é bom o suficiente – explicou Zoe.

– E quem poderia não ter gostado dessa ideia?

– Que ideia?

– De Wendy ir se apresentar em Iowa City.

– Sei lá. Quem não iria gostar de uma coisa dessas? Uma coisa *boa* dessas?

– Mas agora temos outra mulher que ia dar uma ajuda a Wendy e que também acabou morta. Certo?

– Certo – concordou ela.

– Constance Lifry era gay?

– Acho que sim. Não cheguei a conhecê-la. Estava fora da minha faixa etária. Mas foi isso que ouvi dizer.

– Ouviu de quem?

– Não sei. De Wendy, talvez. Espere: não quero comprometer ninguém. Não sei quem foi que me contou, mas lembro que alguém contou.

– Tudo bem. Mas então, pelo que você disse, Constance tinha várias coisas em comum com Erica. – Virgil foi tocando cada um dos dedos enquanto fazia sua lista: – Era gay, se hospedou na Ninho da Águia, frequentava o Wild Goose, se ofereceu para ajudar a banda de Wendy... e foi assassinada.

– Sim, mas... muito tempo depois de ter vindo aqui.

– Por que você não me contou? – questionou Virgil.

Ela ergueu o rosto e, novamente com os olhos marejados, respondeu:

– Porque... porque eu tinha medo de que essa história toda acabasse nos jornais e na televisão com uma visão distorcida das coisas, um escândalo sexual de lésbicas que matam lésbicas. Se isso acontecesse, a reputação da Ninho da Águia iria por água abaixo. Fiquei preocupada com Margery. Ela trabalhou a vida inteira para construir aquele lugar e, se viesse à tona que ela hospeda assassinas... ou que hóspedes são assassinadas... Você entende?

– Não exatamente. Eu acabaria descobrindo e, como você escondeu essa informação, minha investigação foi prejudicada. Essa foi a consequência. Além de tornar o rastro mais difícil de ser seguido.

– Eu sinto muito. Desculpe.



Virgil ligou para Davenport, que fazia uma caminhada noturna com a esposa, e lhe contou o que havia acontecido.

– Preciso dar um pulo em Iowa City. Ir de carro seria mais rápido do que de avião, mas são nove horas de viagem. Nove para ir e nove para voltar. Você me autoriza a fretar um avião? Coisa de mil dólares, mais ou menos.

– É absolutamente necessário?

– Bastante.

– Então faça o seguinte: venha de carro para cá, durma num motel e, amanhã cedo, Doug Wayne leva você de avião para Iowa City. É só marcar a hora.

Wayne era um patrulheiro da Polícia Rodoviária que já havia pilotado para Virgil em outras ocasiões. Virgil consultou o relógio e fez algumas contas.

– Amanhã às sete horas, em St. Paul.

– Vou cuidar disso agora mesmo. Você ainda está em Grand Rapids? – perguntou Davenport.

– Sim.

– Nesse caso... Você deve chegar aqui lá pelas duas da manhã. Cinco horas de sono. Isso basta para você?

– Claro. Olha, liga para a Polícia Rodoviária e avisa que estou indo pela Interestadual 35 com as luzes da polícia ligadas. Se me deixarem passar direto pela barreira, economizo meia hora.

– Vou ver o que posso fazer. Ligo de volta.



Zoe disse a Virgil que deixasse o barco na casa dela. Ele aceitou, voltou para o motel, pediu ao recepcionista que segurasse o quarto, pegou sua bolsa e saiu. Ainda estava no estacionamento quando Davenport ligou.

– Você tem passe livre até Minneapolis. Mas vê se não atropela nenhum veado pelo caminho; pode ser perigoso. Não está rebocando o barco, certo?

– Não, não estou rebocando nada. Por que você está sempre desconfiando de mim?

– Entre outras coisas, porque você trabalha para mim. Falei com Doug. Ele vai estar pronto às sete.

Sob a noite estrelada, e pisando fundo no acelerador, Virgil seguiu viagem, passando por um sem-número de cidadezinhas e vilarejos – Blackberry, Warba, Swan River, Wawina, Floodwood, Gowan – até sair pela Autoestrada 33 e descer rumo ao sul pela Interestadual 35. À uma da manhã, chegou a Minneapolis, hospedou-se no Radisson University e pediu para ser acordado às seis e meia.

Não pensou muito em Deus naquela noite. Mas pensou.



Vestindo seu uniforme de piloto, Wayne lia um policial de Walter Mosley enquanto comia um biscoito de manteiga de amendoim. Virgil chegou ao aeroporto com cinco minutos de atraso.

– Vamos lá – disse Wayne.

Em dez minutos eles já estavam no ar, seguindo para um aeroporto ao sul de Cedar Rapids. A locadora havia prometido que um Impala estaria à espera de Virgil.

– Mas então – perguntou Wayne –, o que aconteceu depois da última vez que a gente se viu?

Virgil falou sobre os acontecimentos em International Falls, sobre o que ele havia feito, a estratégia para o cerco, a chegada dos vietnamitas, o tiroteio na madrugada.

– Todo mundo ficou com muito orgulho de vocês – comentou Wayne. – Ninguém falava de outra coisa. Aqueles guerrilheiros vietnamitas, filhos da puta, mas vocês fulminaram os caras.

– Na época eu não fiquei muito orgulhoso, não. Nem depois. E a gente deixou escapar a principal agente deles.

– Aquela moça. É, eu sei. Mesmo assim...



Antes da aterrissagem, sobrevoando torres de telefonia, Virgil conversou com o subdelegado do condado de Johnson, Will Sedlacek, e foi informado de que o xerife estava pescando em Minnesota.

– Não vá dizer que ele está em Grand Rapids... – falou Virgil.

– Não sei onde fica Grand Rapids. Para falar a verdade, achei que ficasse em Michigan. Mas ele está em Lake of the Woods.

– Longe de Grand Rapids. Olha, devo chegar aí por volta das onze e preciso falar com alguém sobre o assassinato de Constance Lifry e esse clube country que vocês têm por aí...

– O Spodee-Odee. Bom, me ligue assim que chegar. Levo você para falar com Jud.

– Fechado.

Duas horas até Cedar Rapids, céu azul o tempo todo. Wayne disse que pegaria um cineminha na cidade enquanto esperava. Havia trazido uma muda de roupa, caso fosse preciso pernoitar.

– Acho que não vai ser necessário – disse Virgil. – Vou dar uma olhada num arquivo, conversar com algumas pessoas e só. Não devo demorar.



Sedlacek, um brutamontes de cabelos escuros, apontou para uma das cadeiras do gabinete e indagou:

– Foi difícil encontrar a gente? – Sem esperar a resposta de Virgil, discou um número no telefone fixo à sua frente e informou: – Ele já chegou.

– Foi. Fiquei perdido na altura do rio, depois peguei a rua errada na universidade... mas nada de mais.

Outro oficial, de nome Larry Rudolph, entrou na sala com uma pasta de arquivo e Virgil se levantou para apertar sua mão. Assim que ambos se sentaram, Sedlacek perguntou:

– Mas o que aconteceu por lá?

Os dois oficiais ouviram com atenção e, terminado o resumo de Virgil, Rudolph observou:

– Uma baita coincidência, se é que foi coincidência, mas... sei não, tudo indica que não foi o nosso cara. Constance Lifry foi estrangulada com uma corda, corpo a corpo com o assassino. Um rifle é bem diferente.

– Ambas terminaram mortas – retrucou Sedlacek.

– Sim, mas eu entendo o que ele está dizendo – disse Virgil. – Tenho muitas hipóteses na cabeça, mas ainda não tive tempo de botar no papel. Se vocês não se importarem, eu gostaria de dar uma examinada neste arquivo e, se alguma coisa chamar minha atenção, a gente volta a se falar.

– Sem problema – falou Sedlacek –, mas não tem muita coisa aí. Quer dizer, tem os relatórios e tal, mas a gente nem chegou perto de encontrar uma pista.

– Jerry ficou puto – comentou Rudolph. – Era muito amigo de Constance.

– Jerry é o xerife – emendou Sedlacek. – Botou a maior pressão.

– Existe algum indício de que ela foi atacada com algum objetivo específico? – perguntou Virgil. – Foi roubada, estuprada? Alguma coisa nesse sentido?

– Levaram a bolsa, então pode ter sido um assalto. Até porque ela foi morta na saída do restaurante. Mas não foi estuprada ou espancada, nada disso. O agressor já havia planejado estrangulá-la. Talvez achasse que ela estava levando para casa o faturamento do dia – conjecturou Sedlacek.

– Nesse caso, devia saber de antemão quem ela era – observou Virgil. – Provavelmente alguém da região.

– Provavelmente – concordou Sedlacek.

– Também acho – acrescentou Rudolph. – Swanson é quase um povoado, entre Cedar Rapids e Iowa City. Não tem mais do que sete estabelecimentos comerciais: um posto de gasolina, o restaurante de Constance e cinco bares. Era para lá que os menores de idade iam quando queriam beber, mas já demos um jeito nisso. O lugar é uma roça, mas as pessoas vão para lá porque gostam da atmosfera.

– É lá que fica o tal bar, Spodee-Odee? – indagou Virgil.

– Não. Fica em Coralville, não muito longe daqui.



Eles conversaram por mais alguns minutos, depois deram a Virgil uma mesa e uma cadeira, e ele passou uma hora examinando o arquivo de Constance, que, apesar de volumoso, não continha nenhuma informação concreta. O trabalho técnico parecia bem-feito, mas os peritos não haviam encontrado nada além de uma fibra de náilon enterrada no pescoço de Constance e mais algumas sob as unhas quebradas, o que levava a crer que ela fora estrangulada com uma corda de náilon.

O que, a não ser por um único detalhe, equivalia a descobrir que o assassino estava usando calças.

Terminado o exame, Virgil voltou com a pasta para a sala de Sedlacek.

– Então? Solucionou o mistério? – perguntou o subdelegado.

– Quem dera. Só uma coisa: a corda com que Constance foi estrangulada era de náilon, eu suponho, mas, segundo o legista, ela penetrou fundo nos músculos do pescoço. Isso significa que foi mesmo um homem que matou Constance.

– Ah, sim. Isso deve estar escrito aí em algum lugar, mas apenas como uma suposição. Um homem muito forte. Ela não foi apenas estrangulada; na verdade, perdeu muito sangue.

- O que não se encaixa com o crime de Grand Rapids. Encontramos marcas de sapatos lá naquele pântano. Sapatos femininos. Ou botas, sei lá.
- A mulherada daquela região costuma ser bem parruda...
- Nenhuma das suspeitas teria força para fazer um estrago desses. São saudáveis, sim, mas não vejo nenhuma delas estrangulando alguém com uma corda.

Sedlacek ergueu as mãos espalmadas.

- Infelizmente, meu amigo, isso é tudo o que tenho para você. Enfim, já almoçou? A gente pode comer alguma coisa antes de ir lá para o bar do Jud. Ele só chega uma hora.



Na lanchonete mais próxima, eles pararam para comprar um hambúrguer com fritas. Virgil estava usando uma camiseta da banda The Breeders sob a jaqueta e, saindo da fila do caixa, uma mocinha loura e muito magra se aproximou da mesa dele.

- Você é músico?
- Não – respondeu Virgil, sorrindo.
- Eu me amarro nos Breeders. Kim Deal é o máximo.
- Eu lhe daria a camiseta de presente – Virgil apontou Sedlacek do outro lado da mesa –, mas esse cara aí é da polícia e provavelmente me levaria em cana por atentado ao pudor.
- De repente eu dou meu telefone e você me entrega depois – disse ela, mas estava brincando. Despediu-se com um adeusinho e voltou à fila.
- Faz dez anos que trabalho nesta área e *nunca* fui cantado por uma universitária – comentou Sedlacek, espichando os olhos na direção da moça.
- O que você tem que eu não tenho?
- Boa aparência, personalidade... botas de caubói.
- E eu achando que inteligência bastava...
- Achou errado – replicou Virgil.



Coralville era um bairro comercial decadente nas imediações de Iowa City, basicamente uma longa avenida com motéis, estabelecimentos prestadores de serviços, seguradoras e alguns clubes, entre eles o Spodee-Odee, um casarão com fachada de toras de madeira, um amplo estacionamento de terra e cascalho e, diante das portas, um inútil travessão para se amarrar cavalos. Numa das laterais, a pintura em tamanho natural de um trator John Deere se justapunha a outra, de um índio sioux sobre um cavalo pampa; na varanda da frente, havia dois vasos grandes de cactos e, atrás de um deles, uma placa: “Mije nestas plantas e você é um homem morto. Quem sobreviver ao primeiro tiro, morre no segundo.”

Virgil havia seguido o carro de Sedlacek até o lugar. Em meio a uma nuvem de poeira, ambos desceram, suspenderam as calças e olharam ao redor. Do outro lado da janela protegida por barras, uma segunda placa dizia FECHADO, mas a porta se achava aberta e, na penumbra do interior, um barman organizava sua papelada. Ele ergueu o rosto e avisou:

– O bar só abre às quatro.

– Xerife do condado de Johnson – apresentou-se Sedlacek. – Temos hora marcada com Jud.

– Ele está no escritório – informou o barman, apontando com a caneta. – Corredor dos fundos, última porta.

Seguindo na direção indicada, eles atravessaram uma pista de dança e um palco semicircular de mais de 5 metros. Virgil ficou impressionado: já estivera em inúmeras casas de música country, mas o Spodee-Odee talvez fosse a maior. Eles chegaram a uma sala onde uma secretária trabalhava a uma mesa de recepção e, atrás dela, outras duas mulheres digitavam algo em seus respectivos computadores.

– Xerife Sedlacek? – perguntou a secretária.



Jud Windrow saiu de seu cubículo nos fundos, um sujeito alto, magro e enrugado, vestindo uma camisa à la Johnny Cash, preta com botões de

madrepérola, calças jeans e botas de caubói. Os bigodes eram fartos e os dedos, encardidos de nicotina.

– Entrem. Café? Cerveja?

– Acabamos de almoçar – respondeu Sedlacek.

– Como vão as coisas, Will? Faz tempo que você não dá as caras por aqui.

– Filhos, você sabe... Já estou tão cansado depois que eles vão dormir que só quero cair na cama.

– Isso não é vida que se leve. Arrume uma babá. Venha para cá dançar. Aposto que a patroa vai gostar. E você... Você deve ser Virgil.

Eles se cumprimentaram e sentaram-se todos.

– Ah, chamei Prudence Bauer para vir aqui conversar com a gente – avisou Jud.

Uma mulher surgiu à porta, mais ou menos 50 anos, pensou Virgil, de feições delicadas e cabelos grisalhos presos num coque antiquado no topo da cabeça. Ela decerto havia chegado logo depois deles.

– E aqui está ela – anunciou Jud. Foi até a recém-chegada, trocou beijinhos com ela, depois apresentou-a a Virgil: – Prudence é irmã de Connie. Assumi o Honey's depois que Constance faleceu.

– Foi assassinada – corrigiu a mulher, que tinha a voz grave e rascante da professora primária dos pesadelos de Virgil.

– Claro – falou Jud.

Todos se sentaram de novo e Virgil perguntou a Jud:

– Como era sua relação com Constance?

– Provavelmente eu era o melhor amigo dela. Concorda comigo, Prudie?

– Sim.

– Crescemos como se fôssemos irmãos gêmeos – acrescentou Jud. – Nascemos com uma semana de diferença, éramos vizinhos em Swanson, fomos criados juntos, estudamos na mesma escola, nos falávamos quase todo dia. Quando ela foi morta, fiquei muito mal.

Virgil o compreendia: tinha velhos amigos de Marshall, Minnesota, que talvez visse apenas uma vez por ano, mas dos quais ele ainda se sentia próximo, até íntimo, e sabia que seria sempre assim.

– Ok. O que vocês tinham a ver, se é que tinham alguma coisa, com uma banda liderada por uma vocalista chamada Wendy Ashbach, lá do norte de Minnesota? Ou com uma pousada chamada Ninho da Águia?

– Nada – respondeu Prudence. – Connie se hospedou nessa pousada e me contou um pouco sobre essa Wendy, dizendo que ela tinha uma voz maravilhosa, mas nunca fui até lá nem a conheci.

– Fiquei sabendo de Wendy por Connie – continuou Jud, fitando Virgil, as pontas dos dedos unidas. – Ela disse que havia uma banda ótima em Grand Rapids e achou que eu poderia querer trazer as moças para se apresentarem aqui. Inclusive estava disposto a ir até lá só para ouvi-las, mas Connie foi morta e a coisa desandou. Não dei prosseguimento à história.

O jeitão afável do galã country sumira sob o rosto do homem de negócios, pensou Virgil. Não que o homem de negócios nunca tivesse estado ali. Uma casa tão bem-sucedida quanto aquela dificilmente teria um idiota no comando.

– Você chegou a oferecer um contrato, fazer alguma oferta...?

– Nada oficial. Connie tinha um ótimo ouvido para todo tipo de música e, se ela dizia que a moça era boa, eu não tinha motivo nenhum para duvidar. Além disso, essa banda provavelmente não me custaria muito dinheiro. Eu opero da seguinte maneira: tenho uma banda residente que toca quatro noites na semana durante um mês, nas noites de movimento mais fraco. As bandas de renome se apresentam nas sextas e nos sábados, com a residente abrindo para elas. Nos domingos a gente fecha, claro. Eu teria chamado Wendy para ficar um mês aqui com a banda. Se elas fossem boas o bastante.

– E se não custassem muito dinheiro – emendou Virgil.

– O cachê seria o bastante para que elas se mantivessem por aqui e ainda sobraria alguma coisa. Para elas, o principal não seria o dinheiro, mas a oportunidade de serem ouvidas por gente graúda no mundo da música. Se uma banda nova faz sucesso no Spodee-Odee, as pessoas ficam sabendo. Quer dizer, as pessoas que dão as cartas na música country. Isso vale muito mais do que qualquer cachê que eu pudesse pagar a elas.

– Mas você nunca chegou a...

– Nunca. Isso foi há dois anos, ou quase. Caramba... faz quase dois anos que Connie se foi.

Prudence interveio:

– Quando soube que vocês estavam vindo, pesquisei na internet e me informei sobre esse segundo assassinato. Você sabia que minha irmã era lésbica?

– Sabia – respondeu Virgil.

– Há boatos de que essa Erica McDill também.

– Era, sim. Lésbica ou bissexual. Uma empresária que costumava se hospedar na Ninho da Águia, assim como sua irmã.

Prudence se recostou na cadeira.

– Até que enfim uma conexão com o assassinato da Connie. Faz dois anos que venho pedindo ao bom Deus que nos mandasse alguma coisa. Qualquer coisa. Nunca acreditei que o assassinato de Connie fosse um ato isolado. O Senhor não permitiria uma coisa dessas.

– Esse argumento não se sustentaria num tribunal – observou Sedlacek.

– Isso não importa – retrucou Prudence. – O que importa é descobrir por que diabos esse animal tirou a vida da minha irmã. Só então vou ter um pouco de paz. Do jeito que as coisas estão... eu não consigo pensar em outra coisa, não tenho paz.

Virgil voltou a pressionar Jud sobre Wendy, mas ele se manteve firme, dizendo que não sabia nada a respeito dela.

– Mas me diga você – devolveu o empresário. – Você está aí com essa camiseta dos Breeders, já ouviu Wendy cantar... O que acha dela?

Virgil refletiu um instante.

– Por acaso você já viu aquele documentário do Scorsese sobre os Rolling Stones, *Shine a Light*?

– Umas vinte vezes.

– Pense numa Christina Aguilera, porém country – disse Virgil.

Jud se recostou na cadeira e arqueou as sobrancelhas.

– É mesmo?

– É.

– Muito interessante. Estou procurando uma banda para tocar em setembro. O cara que eu tinha chamado se machucou feio e teve que cancelar.

– Ela é muito boa – elogiou Virgil. – Mas a banda tem alguns pontos fracos.

– A gente pode dar um jeito nisso. – Jud anotou algo em sua agenda. – Instrumentistas são feito lâmpadas. Basta ligar na tomada e desligar depois. Um bom é capaz de tocar qualquer coisa.

– Sei lá – disse Prudence. – Para mim esses crimes têm mais a ver com sexo do que com música.

Virgil assentiu.

– Bem, Srta. Bauer, Wendy Ashbach é gay. Está morando com uma baterista gay e passou a noite com Erica McDill na véspera do crime. Portanto... talvez a senhorita tenha razão.



Virgil expôs o que já havia conseguido investigar, depois contou sobre a troca de socos entre Berni e Wendy e, nesse instante, Jud fez mais uma anotação.

– Vou até lá dar uma olhada nessa Wendy.

– Você gosta do fato de que ela tem o pavio curto? – perguntou Virgil.

– Gosto. Pessoas assim têm uma autenticidade que essas figuras angelicais do mundo country não conseguem fingir. Os fãs farejam essa energia no ar, estão famintos por pessoas assim.

– Fique esperto quando chegar lá – aconselhou Virgil. – Não quero mais um homicídio.



Enquanto eles saíam, Prudence disse a Virgil:

– Guardamos todos os papéis da minha irmã, achando que eles podiam ser úteis na investigação, mas ninguém encontrou nada. Se quiser, você pode dar uma olhada neles.

Virgil conferiu as horas no relógio.

– Eu gostaria de ir embora antes do anoitecer. Esses papéis... estão muito longe do aeroporto de Cedar Rapids?

– Cinco ou seis minutos. Swanson fica logo depois do aeroporto.

– Então ótimo. Sigo você até lá.

– E a gente provavelmente vai se ver em Grand Rapids – avisou Jud. – Fica a quanto tempo daqui?

– Nove horas, se você for de carro. Existem alguns voos comerciais, mas não são muitos. Wendy se apresenta num bar chamado Wild Goose.

– Vou no meu Cessna pequeno. Adoro pilotar, mas não tenho muita oportunidade. Se o tempo estiver bom, amanhã mesmo eu chego lá.



De volta ao estacionamento, Sedlacek e Virgil apertaram as mãos.

– Prudence é uma boa pessoa – comentou o subdelegado. – Meio seca, mas muito inteligente. Como a irmã.

– Foi o que achei.

– Fiquei preocupado que você a achasse meio maluca com aquele papo... O bom Deus, o Senhor que não permitiria que o assassinato da irmã dela fosse um ato isolado...

– Vai saber – disse Virgil, espiando a mulher no momento em que ela entrava num Ford Taurus. – Talvez ela esteja certa.

JANELLE WASHINGTON FOI TRABALHAR NUMA confeitaria para ganhar um dinheiro extra quando o marido, que trabalhava como jardineiro num campo de golfe, saltou de um trator e rompeu um ligamento no joelho. Ele estava sem emprego já havia algumas semanas, vivendo apenas dos pagamentos do seguro de acidente de trabalho, e algo precisava ser feito.

A confeitaria pagava pouco mais que o salário mínimo, mas antes isso do que nada. O trabalho não era lá muito penoso e bastava apenas complementar o seguro para corresponder às necessidades do casal, que não eram muitas. Algum tempo depois, o marido já de volta ao trator, ela percebeu que gostava do contato com as pessoas durante o dia e optou por continuar na confeitaria.

Mas havia um problema. Janelle não conseguia ficar longe dos chocolates. Sempre tivera orgulho do próprio corpo, que não era perfeito, mas o marido, James, parecia gostar muito dele, e quando ela ganhou um quilo na primeira semana de trabalho, outro na segunda, outros tantos dali a um tempo... bem, alguma providência ela teria que tomar.

Em primeiro lugar, Janelle decidiu comer apenas dois pedaços de *fudge* por dia, o equivalente a 500 calorias. Depois, pelo menos durante o verão, ela iria de bicicleta para o trabalho e assim voltaria, o que significaria 20 quilômetros no total, 45 minutos de pedalada a cada etapa da viagem e, o mais importante de tudo, 500 calorias queimadas, de acordo com uma calculadora que ela encontrara na internet. Além disso, tal como pesquisara, ela ganharia mais músculos.

A dúvida agora era: o que fazer com essas calorias queimadas? Comer mais um pedaço de *fudge*? Ou tornar-se um saco de músculos com zero por cento

de gordura? Limitar-se a dois pedaços por dia seria difícil, sobretudo com o padrão naquela cozinha, fazendo chocolate o dia todo...

Certo dia, com seu plano já em prática e a limpeza dos balcões já terminada, ela se despediu de Dan, o proprietário da loja, e saiu para pedalar. Os primeiros quarteirões foram mais lentos em razão do trânsito à saída da cidade, mas assim que ela cruzou o rio, os carros praticamente sumiram e ela foi imprimindo cada vez mais velocidade, até começar a suar.

Nunca fora uma atleta, mas a bicicleta havia despertado nela uma centelha qualquer e, aos poucos, Janelle foi trocando o vício do açúcar pelo da endorfina.



O assassino de Erica McDill esperava entre as árvores de uma colina. Da clareira onde estava, podia ver tanto uma estrada municipal quanto uma trilha que levava a um porto natural de canoagem à beira do Mississippi. Nenhum canoísta havia aparecido na última hora e nenhum podia ser visto num raio de 500 metros correnteza acima.

Janelle Washington surgiria por ali a qualquer minuto. Matá-la traria dois benefícios. Em primeiro lugar, confundiria as investigações. Ele deliberadamente deixaria para trás um cartucho para que eles soubessem que Erica e Janelle haviam sido mortas pela mesma pessoa. Mas, como Janelle não tinha nenhuma conexão com as lésbicas, a banda de Wendy ou a Ninho da Águia, talvez eles comprassem a ideia de que as três mortes eram aleatórias.

Em segundo lugar, Janelle precisava mesmo desaparecer. Ninguém daria muita importância à morte dela, mas a moça sabia demais sobre Slibe Ashbach Jr. e o pai dele.



Janelle fez a curva a mais ou menos um quilômetro de distância; não pedalava forte, mas seguia no impulso. Ela deslizava firme sobre o asfalto liso, sem nenhum obstáculo que dificultasse a mira. Estava usando uma

echarpe à guisa de lenço para prender os cabelos. Aproximava-se cada vez mais: 500 metros, 400...

Até que uma caminhonete fez a curva às suas costas. Não vinha rápido, meio que passeava na estrada, e o atirador baixou o rifle, a testa molhada de suor, a respiração ofegante em razão da adrenalina. Merda. *Merda.*



Ao ver Janelle de bicicleta à sua frente, Tom Morris imaginou o que teria sido de sua vida caso ele tivesse sido mais esperto após se formar no colégio. Talvez eles tivessem começado a namorar. A possibilidade os rondara por um tempo. Ele sabia disso, ela também e, por esse motivo, um tinha pelo outro um carinho que perduraria para o resto da vida, ainda que nada acontecesse e ambos se casassem com outras pessoas e fossem felizes para sempre.

Tom reduziu a velocidade, baixou a janela e sorriu para ela.

– E aí? Levando esse traseiro lindo para passear?

– Cale a boca!

– Foi só um elogio. Vi James na cidade ontem. Ele disse que vocês vão jantar no Moitrie's na sexta. Talvez a gente vá também. Lá pelas sete.

Janelle parou e, sem descer da bicicleta, empurrou-a para perto da caminhonete.

– Vou ligar para Patsy. De repente a gente descola uma mesa para quatro.

Eles conversaram por um tempo sobre um clube de *snowmobile* que pleiteava a remoção das vias ferroviárias abandonadas, além dos dutos de drenagem sob cada uma delas, e se isso não aumentaria em demasia o trânsito de *snowmobiles* no caminho deles, e sobre os corvos que vinham surgindo cada vez mais numerosos, sobre o exterminador que Morris havia contratado para dar cabo dos esquilos em seu porão – coisa de rotina na vizinhança. Por fim, se despediram.

– Ligue para Patsy. A gente se vê por lá.



A caminhonete seguiu em frente, devagar, paralelamente à bicicleta por uns 100 metros, depois se afastou. Àquela altura, Janelle estava alinhada com o atirador, depois avançou, e a caminhonete ainda estava lá, seguindo sem nenhuma pressa, e a mulher se afastava cada vez mais, as linhas da mira a princípio se cruzando na altura da cabeça dela, mas só por alguns segundos, depois baixando para a blusa branca, na altura das costas...

A caminhonete ultrapassou um aclive baixo e sumiu do outro lado. O atirador olhou para o lado oposto da estrada: não viu nada. Mas ali ele não teria a mesma segurança que tivera nas outras vezes, alguém poderia aparecer e...

– Ah...

Mira na blusa branca, dedo no gatilho.

O tiro saiu de supetão.



Janelle teve a impressão de que fora atingida por um meteoro. Caíra na vala ao lado, estava sangrando, a bicicleta em cima dela. Baixando os olhos, viu o sangue que empapava sua blusa na altura das costelas. Então foi se arrastando para fora da vala, sem pensar em nada, sem saber ao certo o que havia acontecido, apenas imaginando que fora atropelada por um carro. Começou a se sentir fraca, deu-se conta de que só um milagre a salvaria da morte.

Buscando o que restava de suas forças, enfim conseguiu se jogar sobre o acostamento. Tentou se acalmar, pensar com frieza, mas ainda sem entender nada, virando-se no asfalto, vendo o sangue nas mãos, na blusa, nenhum carro no asfalto... Que diabos teria acontecido?

Algun tempo se passou e ela mirava apenas o azul do céu quando um carro parou bem a seu lado, esmagando o cascalho. Um rosto surgiu em seu campo de visão, ela ouviu a voz de um homem:

– Caralho! Janelle! O que aconteceu? Meu Deus...

Só então ela viu que se tratava de Tom Morris, que dali a pouco berrava ao celular:

- Um acidente na estrada! Uma mulher... está muito machucada... sangrando *muito*. Me ajudem, pelo amor de Deus! Uma ambulância... o mais rápido possível! *Uma ambulância!*

NUM DOS QUARTOS DE SUA casa, Prudence Bauer tinha quinze ou vinte caixas de papelão fechadas com fita adesiva, contendo boa parte da vida da irmã. Quando Virgil abriu uma delas, farejou um misto de poeira e perfume de lilás, algo que cheirava à morte. Duas caixas continham os papéis retirados da escrivaninha de Connie poucos dias após seu falecimento, incluindo um diário e uma agenda do Louvre.

– Ela gostava de arte? – perguntou Virgil, lembrando-se dos diversos cartões de museu que havia encontrado na carteira de Erica.

– Não particularmente – respondeu Prudence. – Ela comprava essas agendas na Barnes & Noble de Cedar Rapids. Tem outra por aí, mas com um gato na capa, eu acho.

Ela o deixou sentado na cadeira de balanço do quarto, sobre um tapete de retalhos, examinando a papelada sem chegar a lugar nenhum. Após quinze minutos, voltou com uma lata de Coca Diet.

– Encontrou alguma coisa?

Ele pegou o refrigerante.

– Nada ainda. Mas tudo isso é de grande ajuda. Mesmo que eu não encontre nada agora, talvez algo relevante apareça mais tarde. O importante é acumular na cabeça o maior número possível de informações.

– Sabe, você devia dar uma olhada nas contas de telefone. Estão aí em algum lugar...

Prudence começou a vasculhar as caixas de documentos à procura das contas enquanto Virgil folheava o diário, que se revelou bastante insípido: quem fez o que a quem em Swanson, e nada dramático, a não ser por um tal

Don que havia abandonado a esposa, Marilyn, e se mudado para Marion, fosse lá onde isso fosse, para ir atrás de uma mulher chamada Doris.

– Que fim levaram Don e Doris? – indagou Virgil.

Ela ergueu o rosto, o olhar distante, e enfim respondeu:

– Acho que se mudaram para Oklahoma. Lake Eufaula.

– Quer dizer então que Don não voltou para Marilyn?

– Não. Marilyn ainda está sozinha. Às vezes a vejo na janela de casa, olhando para a rua. Mora na esquina aí do lado.

– De repente ela está esperando o marido voltar – arriscou Virgil.

Prudence olhou para ele e sorriu.

– Vai ter que esperar muito. Don e Doris são dois apaixonados.



Virgil ainda não havia encontrado rigorosamente nada quando Prudence lhe entregou um maço de contas telefônicas.

– Foram quatro chamadas para o norte de Minnesota pouco antes de ela morrer.

Ele recebeu as contas, examinou-as e copiou os números em seu bloco.

– Gostaria de levar estas contas. Eu lhe dou um recibo.

– Não creio que seja neces...

– Uma questão de protocolo – explicou Virgil.

Curioso com aqueles números, sacou o celular, ligou para a sede do DDC em St. Paul e leu os números para a secretária de Davenport.

– Peça a alguém para descobrir de onde eles são. As chamadas foram feitas dois anos atrás.

– Para quando você precisa disso?

– Volto hoje à noite. Pode deixar na sua mesa, caso você tenha uma resposta logo.

Em seguida, telefonou para Doug Wayne, o piloto, e combinou de encontrá-lo no aeroporto. Prudence acompanhou-o até o carro alugado e, tocando-o no braço, disse:

– Tenho certeza de que você vai encontrar esse infeliz. Quando você me perguntou sobre Don e Doris, vi que se interessa pelas pessoas.

Virgil assentiu.

– Vou encontrar, sim. Onde quer que ele esteja.

– E se matar o filho da puta, não vou chorar uma única lágrima.

– Poxa, Prudie... – Virgil começou a falar, já ensaiando seu terceiro melhor sorriso.

Mas foi interrompido pelo toque do celular. O número era desconhecido, mas o prefixo era do norte de Minnesota. Boas novas, ele foi logo pensando, e atendeu:

– Alô.

– Oi, aqui é o Mapes...

– Cara, eu ia mesmo ligar para você, mas estou em Iowa. O que você descobriu sobre aquele cartucho?

– Foi disparado por um rifle de repetição, calibre .223. Mas espera aí, Virgil. Não foi por isso que eu liguei. Uma mulher foi baleada uma hora e meia atrás. Jan Washington. Por acaso ela tem alguma coisa a ver com a investigação?

– Não, nunca ouvi falar. Onde foi que a atingiram?

– Nas costas, a bala saiu pelo...

– Não, não, onde em Minnesota?

– Ah... No perímetro urbano de Grand Rapids. E como ainda estamos trabalhando por aqui, o xerife pediu que a gente fosse lá dar uma olhada. Encontramos mais um cartucho .223, disparado de uma colina próxima. Vou lhe dizer uma coisa, Virgil: só o laboratório vai poder confirmar uma coisa dessas, mas beijo sua bunda numa vitrine da Macy's se esse cartucho não saiu da mesma arma que matou Erica McDill.

Virgil não reagiu imediatamente; a informação demorou um pouco a ser assimilada.

– Merda.

– Pois é.

– A mulher morreu? – perguntou ele.

- Não. Mas está inconsciente. Falaram que tem grandes chances de sobreviver, embora tenha perdido o baço e boa parte do rim.
- Estou chegando aí.
- Até mais.



Virgil contou a novidade a Prudence.

- O que isso significa? – indagou ela.
- Não sei. Ligo para você assim que descobrir.



Virgil chegou ao aeroporto antes de Wayne. Ligou para Sanders, o xerife de Grand Rapids, que voltava de Bigfork, onde vinha procurando por Little Linda.

- Que relação tem essa Jan Washington com a Ninho da Águia?
- Até onde sei, nenhuma – respondeu Sanders. – O marido disse que os dois nunca estiveram lá.
- O marido... Quer dizer que ela não é gay?
- Nem gay, nem bi. Pelo menos eu suponho. Conheço Jan desde criança.
- Ela conhecia Wendy?
- Provavelmente. Quase todo mundo conhece Wendy. Perguntei a James, o marido, e ele falou que ambos a conheciam apenas de vista, da rua. Nunca frequentaram o Goose.
- Tem alguma coisa aí. Esse novo assassinato é tão diferente que, se a gente descobrir alguma conexão, vamos saber quem foi.
- Assim que Jan acordar vamos falar com ela – disse o xerife. – Meu medo é o seguinte: se atiraram é porque ela sabe de alguma coisa e, se ela sobreviver, é bem provável que tentem de novo. Destaquei três policiais para ficar do lado dela. Pelo tempo que for preciso.
- Bem pensado. Olha, estou voando para Grand Rapids daqui a pouco. Falo com você amanhã de manhã.



Virgil decolou com Wayne, ligou para Davenport, colocou-o a par dos últimos acontecimentos, depois recebeu uma ligação de Zoe.

– Você já soube? – indagou ela.

– Sim. E você, como ficou sabendo?

– Todo mundo está comentando. Devia ter dez policiais na cena do crime e foram eles mesmos que espalharam a notícia. Falaram que, segundo a equipe de perícia, a pessoa que atirou em Jan foi a mesma que matou Erica.

– Pode ser. Merda... O que você sabe sobre essa Jan?

– Trabalha numa loja de doces. Deve ter mais ou menos a mesma idade de Sig. Parece uma boa pessoa. O marido trabalha no clube de golfe e, juntos, eles organizaram um movimento para que colocassem trilhas de esqui cross-country em torno do campo durante o inverno. Foi ela que conseguiu o dinheiro para a máquina de abrir trilhas. É uma pessoa... bacana.

– Frequenta a cena gay aí da cidade?

– Ah, isso não. Eu saberia se frequentasse. Jan não era... não é gay.

– Talvez eu dê uma passada na casa de Sig quando chegar aí. Você acha que ela sabe de algo mais? – perguntou Virgil.

– Não, mas não duvido que gostaria de contar para você se soubesse – respondeu Zoe, com uma ponta de raiva.

Opa, pensou Virgil, e não deu prosseguimento ao assunto.

– A gente se vê por aí. Devo chegar tarde.



O sol já se punha quando eles pousaram no aeroporto de St. Paul, as hélices morrendo contra o dourado do horizonte. Virgil agradeceu a Wayne, jogou sua sacola no banco de trás do carro e foi para a sede do DDC na Maryland Avenue. Subiu de escada para o gabinete de Davenport, conferiu a mesa da secretária. Bem no centro dela havia uma pasta de arquivo, seu nome escrito na capa com hidrocor.

No interior, uma única folha de papel com um nome, Barbara Carson, um endereço em Grand Rapids e um dos números de telefone que ele mesmo havia informado e para o qual fora feita apenas uma ligação. O segundo número, para o qual Constance ligara três vezes, era o da Ninho da Águia.

Virgil já ia saindo quando deparou com os dois capangas de plantão do DDC, Jenkins e Shrake, que vinham do outro lado da porta. Dois armários embrulhados num terno elegante e sapatos de solado grosso, os rostos já quebrados mais de uma vez.

– Ora veja, quem está aí... – falou Jenkins. – O filho da puta do Flowers!

– Ele está com uma daquelas camisetas de rock, dessas de veado? – perguntou Shrake.

Jenkins examinou a camiseta.

– Sei lá. Está escrito “Breeders”.

– Puta merda, “Reprodutores”? Se o cara estiver se reproduzindo agora, a gente precisa dar um jeito.

– Li as suas histórias no *The New York Times* – comentou Jenkins. – Que tal você me dar um autógrafo?

– A inveja é uma lástima – replicou Virgil. – Mas suponho que minha proximidade traga um pouco de prazer às vossas tristes existências.

– Falando em prazer, você não estava pegando uma tal de Joy uns anos atrás? Aquela que jogava pingue-pongue ou alguma merda assim?

– Era vôlei de praia profissional e ela mandava muito bem. E o nome dela era *June*, não Joy.

– Que ela mandava bem, disso eu não tenho dúvida. E não só no vôlei.

– No salto com vara também – acrescentou Shrake.

– No Kama Sutra... – emendou Jenkins.

– E lá no norte? – perguntou Shrake. – Já descobriu alguma coisa?

– A coisa lá é meio maluca – respondeu Virgil.

Enquanto ele lhes dava um resumo do caso, foram até a máquina de lanches no fim do corredor, inseriram moedas e retiraram três sacos de batata frita. Só então Virgil se deu conta de que não havia comido nada

desde o almoço e estava morrendo de fome. Ao fim do relato, Shrake comentou:

– Você tem razão. Só pode ser coisa de maluco. É bem possível que essas coisas... as lésbicas, a pousada, a banda, a tal Wendy... não tenham nada a ver com a história. De repente, nem esse terceiro assassinato em Iowa. O mais provável é que tenha sido algum moleque com merda na cabeça e um rifle na mão se divertindo por aí.

Jenkins completou:

– Essa mulher que mataram no lago... Aquilo não foi coisa de profissional. Se ele estava a 80 ou 100 metros de distância, qualquer erro de cálculo, por menor que fosse, bastaria para que ele errasse a cabeça. Daí a mulher se jogava na água, e pronto. Ele podia ter atirado no peito, um alvo bem maior. Portanto, ou ele estava querendo se exhibir, ou... Bom, não existe outra explicação. O filho da puta tem orgulho de si mesmo. Do que ele é capaz de fazer com um rifle.

– Nesse caso, por que atiraria na outra mulher pelas costas? – perguntou Virgil. Algo fervilhava nos confins de sua consciência, mas ele ainda não sabia dizer o que era.

– Não sei, mas devia ter algum motivo. Aposto que estava mais longe. Você disse que a mulher estava de bicicleta, certo? Se estivesse pedalando rápido e ele estava longe... muito difícil acertar a cabeça. A 100 metros, alvo imóvel, tiro na testa... muito mais fácil do que 200 metros e alvo móvel, sobretudo se ela estivesse em alta velocidade e sacudindo muito. Você precisa descobrir a que distância ele estava.

– Então você acha que ele é um exímio atirador.

– Pelo menos acha que é – disse Jenkins. – Ou é tipo o assassino de John F. Kennedy, aquele pirado do Lee Harvey Oswald, querendo mandar um recado.



Virgil deixou-se recostar na parede e anunciou:

– Bem, acho que vou picar a mula.

- Não vai convidar a gente? – questionou Shrake.
 - Para quê?
 - Para o churrasco.
 - Que churrasco?
 - De mula – disse Shrake, e ele e Jenkins irromperam numa sonora gargalhada, se congratulando com soquinhos no punho fechado um do outro.
 - Olha, rapazes, se eu precisar espancar alguém para obter algumas respostas, mando chamar vocês, ok?
 - Proteger e servir, esse é o nosso lema – respondeu Jenkins.
- Virgil voltou ao carro, ainda tentando pescar aquela ideia que os dois capangas haviam despertado, ainda em vão, mas ela estava lá, em algum lugar, provocando aquela mesma sensação que ele tinha quando voltava do supermercado e sabia que se esquecera de comprar algo.
- Uma ideia que coçava.



Virgil seguiu pela Interestadual 35 rumo ao norte do estado e, mais ou menos na metade do caminho, parou numa lanchonete de beira de estrada, uma espelunca chamada Tobie's. Por maior que fosse sua fome, não quis se arriscar num hambúrguer, logo pediu apenas uma torta de mirtilo e uma xícara de café. Depois seguiu viagem, dobrando a oeste rumo a Grand Rapids e chegando ao motel pouco depois das dez horas. Subiu com a bolsa para o quarto e encontrou o telefone piscando com um recado de Signy: “Falei com Zoe agora há pouco e ela disse que você talvez quisesse me fazer algumas perguntas sobre Jan Washington. Nunca durmo antes da meia-noite, então, se você quiser passar por aqui...”

Ele pensou por um instante na proposta. Estava cansado, mas não muito, então voltou à rua, parou num supermercado, comprou um frango assado e um pacote de seis cervejas e foi para a casa de Signy. Viu o vulto dela do outro lado da janela ao chegar. Signy abriu a porta e, vendo a sacola do supermercado, abriu um sorriso irônico.

- Ah, você trouxe flores... Não precisava.
- Trouxe algo melhor do que flores – disse Virgil. – Um frango assado.

Eles entraram e Signy comentou:

- Você deve achar que eu fico aqui sozinha, morrendo de fome.
- Não é isso, mas tenho a impressão de que você não é lá muito chegada a um fogão. Talvez tenha sido por isso que Joe se mandou. O coitado andava louco por uma costeleta.
- Tem razão, deve ter sido por isso mesmo – admitiu ela. Abriu a embalagem e o frango perfumou a casa. – Você corta o frango, eu abro as cervejas.

Eles se acomodaram à mesa da cozinha, um diante do outro, e Virgil perguntou sobre o dia dela. Signy contou que havia passado a tarde costurando colchas com seu grupo de amigas e que elas só conversavam sobre o assassinato de Erica até que, a certa altura do encontro, Zoe ligara para contar da tentativa de assassinato de Jan Washington.

- A mulherada surtou. Ninguém entendeu nada. Todo mundo agora acha que tem um maluco solto por aí. A pressão agora vai ser muito maior, eu acho. As pessoas vão querer que esse psicopata seja encontrado imediatamente. E você que se vire. E, se for preciso, que chame mais policiais até que cada habitante da cidade tenha seu policial particular na porta de casa.

Virgil contou sobre seu dia também, depois perguntou sobre Barbara Carson, a mulher para quem Constance Lifry havia ligado antes de ser assassinada.

- Barbara... Sei quem ela é. Já trabalhou na área de serviço social da prefeitura, alguma coisa assim. Auxílio-desemprego, sei lá. Mas é uma senhora mais velha... Não sei se é gay. Talvez Zoe saiba.

- E Jan Washington? – perguntou Virgil. – Achamos que foi morta pela mesma mulher que matou Erica... ou, enfim, pela mesma *pessoa*. A mesma arma. Alguma conexão com essa tal Barbara?

- Não faço a menor ideia. Todas moramos na mesma cidade. Mas Barbara... Todas as envolvidas nesta história, tipo Margery, Erica, essa tal

Constance, Wendy... até mesmo Zoe... todas têm uma profissão e são gays. Jan é uma dona de casa que nunca quis trabalhar, mas que *precisou* trabalhar porque o marido se machucou. Não consigo ver nenhum ponto em comum com as outras. Jan frequenta a igreja batista, ajuda a distribuir comida para os pobres... E as outras, acho que nenhuma delas frequenta *qualquer* igreja.

– Hum...

Virgil encarou Signy por um instante. Ela tirou o cabelo da frente dos olhos e indagou:

– Que foi?

– Você tem uma arma?

– Você está suspeitando *de mim*? – questionou ela, incrédula.

– Não, não, claro que não. Só estava pensando... Sua irmã é vista com o policial que está investigando os crimes, alguém tenta entrar na casa dela, e agora eu tenho vindo aqui, e você também mora sozinha... Não quero que corra nenhum tipo de risco. Vou ficar mais tranquilo se souber que você pode se defender.

– Me defender *como*? O cara surge do nada quando você está andando de bicicleta ou remando sozinha num lago... Como você pode se defender numa situação dessas?

Virgil se levantou, lavou o rosto na pia da cozinha, secou-o com uma toalha de papel.

– O assassinato de Jan pode ser a chave desse mistério se trouxer uma informação totalmente nova. A menos que o sujeito seja um psicopata.

Ele se jogou no sofá da sala e Signy se acomodou a seu lado. Virgil a abraçou pelos ombros e ela admitiu:

– Tudo isso dá um pouco de medo mesmo...

– Ainda mais depois que tentaram arrombar a casa da sua irmã.

– Bem, eu realmente tenho uma arma, uma espingarda de caça que Joe me deu de presente. Fica debaixo da minha cama. Minhas janelas são boas... De repente eu posso empilhar umas latas de cerveja atrás das portas e, se elas caírem...

– Você se tranca no quarto com o celular e grita por ajuda – orientou Virgil.

– Hum.

Virgil fez um carinho nos cabelos de Signy, que se aproximou, e eles se beijaram. Nada mais natural que uma coisa levasse à outra e, a certa altura, ele soltou o sutiã dela para acariciar os seios, que, no universo dos seios, tendiam para o pequeno. Mas isso não constituía nenhum problema para Virgil. Na adolescência, ele tinha o hábito de observar a mãe dos amigos, sabia que os peitos cresciam com o passar do tempo, sobretudo no caso das mais magrinhas.

– Mmmm...

Ambos ofegavam e, justo quando ele apertava o mamilo esquerdo entre o polegar e o indicador e ela tentava desafivelar o cinto dele, o celular de Virgil tocou.

Sobressaltada, Signy praguejou:

– Virgil, porra... Você não desligou o celular?

Ossos do ofício de um policial, e aquela não havia sido a primeira vez que algo semelhante lhe acontecia. Virgil resmungou, cogitou não atender, mas, vencido pela curiosidade, conferiu o identificador de chamadas. E resmungou de novo.

– Quem é? – indagou Signy.

– O xerife.

– Nesse caso... atende. Melhor do que ficar imaginando o que ele queria.

Virgil enfim atendeu e Sanders foi logo perguntando:

– Onde você está?

– Acabei de abastecer o carro, estou indo para o hotel – mentiu Virgil.

– Então venha para o hospital. Um dos oficiais ligou agora há pouco, falou que Jan Washington acordou e está falando. Você precisa falar com ela antes que...

– Antes que...?

– Antes que o pior aconteça.

– Entendido. – Virgil desligou, fitou Signy por alguns segundos. – Sinto muito. – E explicou o que aconteceu.

Signy se levantou do sofá.

– Você realmente precisa ir. Ande. De pé.

Eles foram para a porta, Signy atrapalhando-se ao tentar prender o sutiã sob a camisa. Antes que conseguisse, foi interrompida pelo beijo de despedida de Virgil.

– Olha só o meu estado... – disse ela, e achou mais prático se despir tanto da camisa quanto do sutiã.

– Puxa, isso era mesmo necessário? – perguntou Virgil.

Sem conseguir se conter, espremeu-a contra a parede para um segundo beijo prolongado, e então Signy se desvencilhou, rindo.

– Dê uma última olhada, seu tarado, e vá embora.

Virgil enfim se foi.

Levando consigo a mais rígida das ereções que tivera desde os tempos do colégio.

13

O HOSPITAL ERA UM AMPLO CUBO de tijolinhos vermelhos ao sul da cidade. Virgil encontrou uma vaga nas imediações do pronto-socorro e correu rumo à entrada. No saguão, uma enfermeira veio imediatamente a seu encontro e ele se identificou:

– Virgil Flowers. Departamento de Detenção Criminal. Preciso falar com a Sra. Washington.

– Depressa, venha comigo. O quadro dela é bem instável.



O marido de Jan era um sujeito gordo e calvo que sob os óculos baratos escondia uma comovente expressão de medo, de horror pela violência que a mulher acabara de sofrer. Estava sentado no corredor da UTI numa cadeira de metal e plástico com Sanders agachado a seu lado, pousando a mão no ombro dele. Assim que avistou Virgil, o xerife se levantou.

– Virgil. Este é James Washington, o marido de Jan.

Virgil apertou a mão do homem.

– Sinto muito pelo que aconteceu à sua mulher, Sr. Washington. Como ela está?

– Muito mal, muito mal.

– Um dos nossos investigadores está lá dentro falando com ela – acrescentou Sanders. – Jan ainda está meio grogue.

– Vou entrar também e ouvir a conversa deles – falou Virgil. Antes de passar ao quarto, disse: – Mapes me falou sobre o cartucho .223. A que distância o atirador estava da Sra. Washington?

– Duzentos e vinte metros – respondeu o xerife.

– E ela estava pedalando na hora?

– Sim.

Jenkins e Shrake estavam certos, pensou Virgil. O atirador queria se exibir ou mandar algum recado. Ou... era apenas um excelente atirador.



No interior da UTI, Jan tinha o aspecto de qualquer outro paciente da unidade: deitada no leito com a cabeça ligeiramente levantada, olhos fechados, soro nas veias, fios ligando-a aos aparelhos de monitoração, um cateter de drenagem na bexiga, a urina colhida num saco sob o lençol.

O policial a seu lado ergueu o rosto e Virgil se apresentou:

– DDC. Virgil Flowers.

O policial assentiu.

– Ela acorda e dorme, acorda e dorme...

– Chegou a acusar alguém? Tem alguma ideia do que aconteceu?

– Não, nenhuma. Não suspeita de ninguém.

Sem abrir os olhos, Jan disse com a voz roufenha:

– Estou aqui...

– Não tenho mais o que perguntar – falou o policial a Virgil. – Se você quiser conversar com ela...

– Srta. Washington, sou da polícia estadual. Por acaso já lhe informaram sobre nossas suspeitas? De que a pessoa que atirou em você talvez seja a mesma que matou Erica McDill lá na pousada, a Ninho da Águia?

Silêncio por um tempo, depois um discreto meneio da cabeça e a resposta:

– Sim... Não sei... Por quê?

Até onde ela se lembrava, não tinha nenhum vínculo com Erica, nem ouvira falar da mulher. Também não tinha nenhuma ligação com a pousada, embora conhecesse Margery Stanhope de um clube de jardinagem. Conhecia Wendy de vista, bem como outras moças da banda, mas nunca havia falado com elas. E conhecera Slibe Ashbach e a mulher dele vinte anos antes.

– Vocês eram próximos? Tiveram algum desentendimento?

– Não, nada disso. Trabalhei na prefeitura durante um tempo, no setor de alvarás, e Maria Ashbach aparecia às vezes para resolver algum problema. Não éramos amigas nem nada. Apenas conversávamos quando ela passava por lá. Depois ela foi embora e nunca mais tive notícias.

– Sra. Washington... quando foi atingida, a senhora estava pedalando devagar ou em alta velocidade?

– Acho que... Não sei exatamente no momento em que fui atingida, mas devia estar na minha velocidade normal. Uns 20 quilômetros por hora.

– Uns 20 quilômetros por hora... Como sabe disso?

– Tenho um velocímetro no guidom. Essa é a minha velocidade normal.

Vinte quilômetros por hora, 220 metros de distância: um tiro e tanto. O atirador, pensou Virgil, tinha consciência das suas habilidades: optara pela distância também maior e conseguira o que queria. Ali tinha. O que exatamente? Isso ele ainda não sabia. Tratava-se apenas de uma intuição.

– Sra. Washington, só mais uma pergunta. Uma pergunta difícil, sobretudo no estado em que a senhora se encontra, mas...

– Não estou tendo nenhuma relação extraconjugal – ela foi logo dizendo. – Nem eu, nem meu marido.

O policial sorriu para Virgil.

– Já abordamos esse assunto.

– Tudo bem. – Ele se voltou para Jan. – Eu precisava perguntar. Olha, lido com pessoas feridas o tempo todo, tenho certeza de que você vai ficar bem. Vai doer um pouquinho durante um tempo, mas depois eles dão um jeito nisso também.

Ela assentiu novamente e, segundos depois, voltou a dormir.



De volta ao corredor, Virgil foi conversar com o marido e, mais uma vez, se desculpou por ter que perguntar.

– Pelo amor de Deus, não estou tendo caso com ninguém! Por que todo mundo me pergunta isso?

– Porque, quando uma mulher é atacada em circunstâncias incomuns, o primeiro suspeito é sempre o marido e, na maioria das vezes, ele é o culpado. Neste caso específico, sabemos que não foi o senhor quem atirou, mas também não podíamos deixar de perguntar. Pois bem. Se andou pulando a cerca por aí, é melhor ir dizendo logo, pois cedo ou tarde vamos acabar descobrindo.

– Pulei todas as minhas cercas antes de me casar com Jan. Depois disso, nunca mais.

Ele também não fazia ideia de onde tinha vindo o tiro, e era sobre isso que eles conversavam quando outro homem, parecido com James, também gordo e calvo, entreabriu a porta do corredor.

– James... Como ela está?

O xerife o apresentou a Virgil:

– Este é Tom Morris. Foi ele que encontrou Jan e chamou a ambulância. Esteve com ela pouco antes do tiro.

Morris contou a história:

– Eu vinha de carro atrás dela, na estradinha à beira do rio, logo na saída da cidade. Parei um pouquinho para conversar com ela, depois segui em frente. Passei por uma lombada e fiquei um tempo sem poder vê-la, mas depois havia uma subida e, do alto, olhando pelo retrovisor, tive a impressão de que ela estava caída no asfalto. Parei no acostamento e olhei pelo vidro traseiro. Estava um pouco longe, mas achei mesmo que ela tinha caído. Então voltei e...

Virgil pediu mais detalhes e, pensando com os outros três, já sabendo de onde tinha vindo o tiro, elaborou uma sequência dos fatos: o atirador estava esperando que Jan se aproximasse de bicicleta e talvez planejasse matá-la tão logo ela passasse pela linha de mira mais curta ou logo depois. Só que viu Morris chegar e precisou esperar até que ele sumisse de vista. Assim que Morris ultrapassou a lombada, baleou Jan e provavelmente correu para seu próprio carro e saiu na direção oposta, voltando para a cidade.

– Fiquei pensando nisso – disse Morris. – O cara estava correndo muito risco. Sem dúvida deixou o carro perto daquele porto natural dos canoístas,

depois subiu para o topo da colina. Para oeste ele podia ver tudo, mas, para leste, não via mais que uns 500 quilômetros. Se tivesse puxado o gatilho, e logo depois viesse um carro do leste, ele teria se ferrado. Teria que matar o motorista também. Se eu tivesse chegado um minuto depois, seria morto.

– Mas não tem muito tráfego naquela estrada – retrucou Sanders.

– Mas *algum* tem – falou Morris.

– É possível que ele estivesse num barco? – perguntou Virgil.

Os outros três homens se entreolharam, depois o xerife respondeu:

– Também levantamos essa hipótese, mas não chegamos a uma conclusão.

O rio se afasta da estrada bem naquela altura, dobrando para oeste, e naquele ponto é mais um riacho grande do que um rio de verdade. Ele poderia muito bem ter fugido por ali. Mais ou menos 2 quilômetros rio acima, outra estrada vem pela margem oposta e de repente foi lá que ele deixou o carro. Há umas árvores ali, que teriam escondido o veículo. Portanto, é possível, sim, que ele estivesse num barco.

– Mas precisaria ter colhões – replicou Morris. – O problema é que, numa canoa, ele não poderia se mover rapidamente. E, se fosse visto, não teria para onde correr. Seria necessário remar por cerca de quinze minutos, contra a correnteza, até chegar ao carro dele.

– Ou dela – completou Virgil.

– Acho difícil que seja uma mulher – disse Sanders. – No caso de Erica McDill, até pode ser, mas neste... Acho muito difícil.

– Meus colegas de Iowa também acham que o assassino é um homem – revelou Virgil, e os colocou a par do estrangulamento de Constance Lifry, ressaltando que talvez ele não tivesse nada a ver com os casos de Erica e Jan.



Antes de ir embora, Virgil se afastou no corredor com Sanders e perguntou:

– Você conhece uma mulher chamada Barbara Carson? Aqui de Grand Rapids?

– Claro. Uma senhora. Mora a uns cinco quarteirões daqui. Já trabalhou na prefeitura.

– Constance Lifry ligou para essa Barbara antes de vir para cá. Preciso falar com ela, eu acho. Amanhã.

– Eu lhe passo o endereço.

– E um rapaz chamado Jared Boehm? Trabalha na Ninho da Águia. Sanders recuou, surpreso.

– Jared? Claro. O pai dele é gerente lá na fábrica de papel. Por quê?

– Também preciso falar com ele.

– Sobre esses crimes?

– Algumas pessoas acham que Erica estava interessada nele.

Sanders encarou Virgil por um instante.

– Caralho.

– Mas não sei se é verdade – emendou Virgil. – Foi só um boato que ouvi e o garoto não voltou para o trabalho depois do assassinato.

– Pode deixar. Ainda hoje eu o encontro. Me ligue amanhã cedo.

– É um bom garoto?

– Acho que sim. Usa camisetas iguais a essa aí. – Ele apontou a camiseta dos Breeders que Virgil vestia. – E tem um cabelo esquisito.

– Faz sucesso com as meninas?

– Nunca reparei – respondeu Sanders. – Mas, agora que você perguntou... suponho que sim. É um garoto boa-pinta.

– Muito bem, então. Ligo amanhã.



Virgil voltou para a solidão de seu quarto de motel, pensou em Signy, em sua caixinha de fósforo no meio do mato; em si mesmo, trancafiado naquele bloco de concreto, ambos não saciados. E pensou em Deus, supondo que Ele estivesse se dobrando de tanto rir. Virgil riu também, apagou o abajur, deixou o sono chegar.



Na manhã seguinte, entreabrindo os olhos e notando o cheiro estranho do travesseiro, Virgil cogitava se levantar quando recebeu a ligação de Sanders.

– Jared Boehm está em casa com a mãe, que é advogada. Susan ainda não sabe se vai deixar você falar com o menino, mas disse que você pode passar por lá.

– Pelo que você pôde notar, a mãe está relutante porque sabe que o filho aprontou alguma, ou foi só uma reação natural de mãe?

– Acho que foi só uma reação natural. A mulher se acha mais inteligente do que todo mundo em Grand Rapids, incluindo o marido dela e toda a polícia, e foi logo dando uma de advogada para cima de mim quando falei que você queria ver o menino.

– Você disse por quê?

– Não. Falei que você está conversando com todo mundo que conhecia Erica McDill.

– E Little Linda? Vocês já a encontraram?

Seguiu-se um instante de silêncio, depois Sanders respondeu:

– Não.

Virgil riu, mesmo sabendo que não devia.



Ele anotou o endereço de Barbara Carson e dos Boehms e o melhor caminho até lá, depois tomou banho, tirou da bolsa uma camiseta dos Rolling Stones – show em Paris, 1975 –, a mais formal de sua coleção, adequada para falar com advogados, e se vestiu. Limpou depressa as botinas e desceu para o carro. Mais um dia bonito, bom para a pescaria, fresco o bastante em razão do vento. Oficialmente ele estava de férias. Seu barco estava lá, na casa de Zoe...

Os Boehms moravam fora da cidade, em Lake Pokegama, uma vizinhança de muitas árvores e casas que pareciam ranchos, com longos caminhos de cascalho e barcos na garagem. Tão logo desceu de seu Toyota, Virgil avistou o surrado Pontiac anos 1960 que se empoleirava num reboque. Como não

tinha nenhum interesse especial por carros, aquilo não o impressionou, então seguiu adiante e bateu à porta.

Susan Boehm tinha todo o aspecto de uma advogada: morena, terninho marrom-escuro, blusa bege, saltos confortáveis, meias de náilon. Uma advogada de corretora de imóveis, pensou Virgil.

– Posso ver suas credenciais? – ela foi logo dizendo.

Virgil mostrou sua carteira da polícia.

– Tudo bem – falou ela, seca, como se ainda estivesse desconfiada. – Pode entrar.

Nenhum sinal de Jared no interior da casa. Susan recuou alguns passos e perguntou:

– Posso saber qual é o motivo da sua visita?

– Preciso falar com Jared sobre Erica McDill.

– Está apenas colhendo informações ou acha que meu filho é um suspeito?

– Tenho conversado com muita gente. Algum motivo para que eu suspeite de seu filho?

– Claro que não. Jared é um adolescente, um bom menino. Formou-se no colégio entre os primeiros de sua turma.

Virgil espalmou as mãos num gesto conciliatório.

– Nesse caso... não temos nada a recear. De qualquer modo, acho que devo perguntar: a senhora é advogada criminal?

– Não. Minha especialidade é o direito imobiliário.

Virgil assentiu.

– Minha preocupação é a seguinte: se a senhora não está familiarizada com os procedimentos do direito criminal, vai atrasar minha investigação à toa. Um advogado criminal saberia que minha presença aqui é apenas rotina. E preciso, sim, tratar Jared como suspeito: ler a ele os seus direitos, etc., etc. Caso a senhora ache mesmo que a presença de um advogado é necessária, sugiro que chame um especialista. Posso voltar outra hora, se preferir.

– Meu filho não precisa ser defendido de um crime – retrucou Susan. – Precisa ser defendido de alguém que está tentando a todo custo encontrar um culpado qualquer.

Virgil balançou a cabeça.

– Não é isso que a polícia faz, Sra. Boehm. Um advogado criminal saberia disso. Acho melhor a senhora chamar alguém.

Susan ainda refletiu por alguns segundos, mas depois cedeu:

– Tudo bem. Por aqui.



Jared era um garoto alto e magro, parecia mais jovem do que de fato devia ser, e trazia os cabelos cuidadosamente espetados com gel, o que lhe conferia um permanente aspecto de surpresa e sarcasmo. Estava sentado no sofá da sala, usando uma camiseta que dizia “Faça amor, não faça guerra. Mesmo que você não saiba como”. Parecia nervoso. Do outro lado da janela se viam um barco a vela sobre a grama e uma lancha amarrada a um deque de madeira.

– Este é o oficial Virgil Flowers – apresentou Susan Boehm.

Virgil cumprimentou o garoto e sentou-se.

– Gostei da camiseta.

– Quer trocar? – perguntou Jared.

– Não. Acho que prefiro os Stones.

Virgil abriu o bloco de anotações, cumpriu a obrigação de expor os direitos legais do garoto, esperou que ele anuísse, depois anotou o horário e as circunstâncias.

– Pode me dizer onde você estava quando Erica McDill foi morta?

– Ele estava em Duluth, na universidade – adiantou-se Susan.

Virgil fez um aceno de descarte.

– Preciso que seu filho responda, Sra. Boehm. Suas respostas não me interessam.

– Eu estava em Duluth – falou Jared. – Trabalhei até as três, e Erica... quer dizer, a Srta. McDill, estava no chalé dela quando fui embora. Eu me despedi, vim para casa, peguei minha mochila e fui para Duluth. Dirigindo. Cheguei ao campus mais ou menos às cinco, deixei minhas coisas no dormitório... Tinha uma reunião. Depois comi alguma coisa com outros

caras no refeitório. A gente estava com um cara chamado Rusty Jones, que era tipo um guia do nosso grupo.

– Quantas pessoas neste grupo? – perguntou Virgil.

– Dez ou onze.

– Ótimo. E se eu falar com esse Rusty Jones, ele vai confirmar que você estava lá por volta das cinco horas?

– Acho que sim. Porque eu estava.

Virgil fez mais algumas anotações.

– Na pousada, você chegou a ver Erica McDill acompanhada? Ou discutindo com alguém? Algum tipo de briga?

– Não, nada disso.

– Ela era muito assediada por lá?

– Acho que sim. Tinha umas amigas... Mas não cheguei a ver nenhuma briga. Fiquei pensando, tentando lembrar de alguém que pudesse ter alguma coisa contra ela, mas não me recordei de nada. Às vezes elas discutiam por uma bobagem qualquer, tipo... uma queria fazer uma coisa e a outra não queria. Mas nada que levasse alguém a matar. Vi algumas pessoas ficarem irritadas, mas não a ponto de sair no tapa com alguém.

– Tudo bem. – Virgil fechou o bloco e virou-se para Susan. – Vou ligar para esse Rusty Jones e confirmar se Jared estava mesmo lá. Mas acho que seu filho não seria burro de mentir sobre...

– Ele não é – interrompeu ela, ainda fria, mas um pouco mais relaxada.

– ... e como acreditamos que o criminoso agiu por conta própria, isso inocentaria Jared. Pelo menos por enquanto.

– Então eu posso ir? – indagou Jared.

– Ainda não – respondeu Virgil. – Eu gostaria de conversar com você um pouquinho em particular.

– De jeito nenhum! – rugiu a Sra. Boehm.

Virgil se voltou para Jared:

– Se você tiver 18 anos, pode pedir à sua mãe para se retirar.

– Agora chega – disse Susan, levantando-se. – O senhor já passou dos limites. Pode se retirar.

– Foi por isso que sugeri que a senhora chamasse um criminalista. Preciso terminar minha conversa com Jared. A lei me garante isso. Fui convidado a entrar. E estou correndo contra o tempo. Gostaria de falar com Jared em particular. Mas se vocês dois se recusarem, tudo bem, continuo meu trabalho com a senhora na sala. Vocês é que sabem.

– Sobre o que você quer falar? – perguntou Jared.

– Acho que você sabe – falou Virgil.

Jared o encarou por um minuto, depois se virou para a mãe.

– É melhor você sair.

– Nem morta – retrucou ela.

Mãe e filho se digladiaram por um tempo, até que Jared cedeu:

– Merda! Você não larga do meu pé!

– É para o seu próprio bem.

– Porra nenhuma. Você se amarra em controlar as pessoas, isso sim!

– Você não pode falar comigo desse jeito!

Jared correu a mão pelos cabelos.

– Meu Deus... – E disse a Virgil: – Vai, pergunta o que você quiser.

– Você chegou a ter relações sexuais com a Srta. McDill?

A pergunta teve sobre Susan o efeito de um tapa. Arregalando os olhos para o filho, ela perguntou:

– *O quê?*

Com uma ponta de satisfação, Jared respondeu:

– Sim.

– Vocês... se viram mais de uma vez?

– Duas. Ela chegou no sábado e a gente ficou nas noites de quarta e quinta.

– Havia mais alguém com vocês?

– Não, só a gente.

Susan balançava a cabeça de um lado para o outro como se assistisse a uma partida de tênis.

– Você sabe dizer se ela “ficou” com mais alguém?

– Ouvi dizer que, sei lá, na noite da terça seguinte ela ficou com Wendy Ashbach.

– Quem foi que disse isso? – quis saber Virgil.

– Não sei. Eu estava trabalhando no cais e ouvi duas mulheres conversando sobre Erica e Wendy, fazendo piada. Eu nem sabia que Wendy estava no chalé, só que elas estavam se pegando. Tive a impressão de que ela estava lá, sim, mas não posso afirmar com certeza.

– Mas que história é essa? – questionou Susan. – Você estava *namorando* essa mulher? Ela não era muito mais velha do que você?

– Sra. Boehm... – disse Virgil, impaciente.

– Estou falando com meu filho! – cuspiu ela, e tornou a falar com Jared: – Por que ele perguntaria se havia mais alguém com vocês se...

– Olha, não creio que seja necessário... – tentou Virgil de novo, mas foi interrompido por Jared.

– Porque, *mamãe*, ela me pagou 300 dólares por noite para trepar com ela.

Dessa vez Susan foi à lona, nocauteada, de queixo caído. Jared perguntou a Virgil:

– Você já sabia disso, não sabia?

– Sabia, sim. Por acaso você teve que deixar parte desse dinheiro nas mãos de Margery Stanhope?

– Não... Aliás, Margery ia matar a gente se ficasse sabendo.

– Tudo bem. A Srta. McDill estava... brincando com mais alguém?

– Acho que não. Ela me escolheu logo de cara e estava de paquera com outras mulheres por lá.

Ainda sem ar nos pulmões, Susan perguntou:

– *Outras mulheres?*

– Sim. Ela era bi – respondeu Jared, e se voltou para Virgil. – Estou falando a verdade. Não sei o que aconteceu. Não faço a menor ideia. Já pensei mil vezes, mas não me ocorreu nada. Se tivesse alguma suspeita, já teria falado com você, ou sei lá com quem. Mas como não sabia de nada, resolvi ficar na minha. E passar despercebido.

– Isso não iria acontecer – replicou Virgil. – Todo mundo comenta sobre “os garotos da pousada”. Você já estava na boca do povo.

– Eu não sabia.

– Havia outras mulheres interessadas em você? Que talvez tivessem ficado enciumadas quando você ficou com a Srta. McDill?

– Não... Houve uma mulher uma semana antes, Karen alguma coisa, mas ela já tinha ido embora.

– Você viu ou ouviu alguma coisa sobre Wendy Ashbach ou a banda dela enquanto esteve com Erica McDill?

– Sim. Ela comentou comigo sobre isso. Parece que elas tinham um trato. Erica perguntou o que eu achava da banda e eu disse que não gostava de country, mas que Wendy tinha uma voz bonita e certamente ia longe. Daí ela falou que ia ajudar Wendy a chegar lá e apontou para uns papéis que estavam no quarto dela. Parecia um contrato, mas podia ser qualquer outra coisa. Não cheguei a perguntar. Mas uma coisa é certa: ela estava amarradona em Wendy.

– Você já teve alguma coisa com Wendy também?

– Não. E nem teria – respondeu Jared. – Você já viu o irmão dela? O tal Júnior? O cara é muito sinistro. Meio tosco, mas forte o bastante para arrancar o braço de alguém, e ainda por cima... sei lá, acho que ele tem tesão na própria irmã. Muito sinistro.

– Tesão em Wendy. Isso é um boato ou algo que você realmente sabe?

– É o que falam lá na escola. Ele parou de estudar assim que o diretor permitiu e acho que ninguém sentiu falta dele. De qualquer modo, ele nem ia conseguir se formar. Estava dois anos atrás de mim, então deve ter... 16 anos? Todo mundo falava: melhor não se meter com Wendy ou o irmão dela mata você. Tipo, mata *de verdade*.

– Quem dizia isso? Me dê pelo menos um nome.

Jared refletiu um instante, depois sorriu.

– Tommy Parker. Deve estar lá na cidade. Trabalha na loja de motores do pai, a Parker Brothers. Também vai estudar na Universidade de Minnesota. A gente se viu ontem. Se você conseguir falar com ele, pergunte o que aconteceu quando ele convidou Wendy para ir com ele no baile de formatura.

Virgil anotou o nome.

– Mais alguma coisa?

Jared fez que não com a cabeça.

– Você vai contar para mais alguém sobre mim?

Virgil se levantou.

– Por enquanto, não. Vou conferir seu álibi, mas tendo a acreditar em você. Se eu estivesse no seu lugar, ficaria de bico calado com relação a esse... emprego de verão. Você não vai querer ver seu nome nos jornais.

– Então você não vai fazer nada?

– Como eu disse, não por enquanto. Meu objetivo principal era saber se havia algum conflito envolvendo os garotos da pousada, alguma coisa que pudesse levar a um assassinato. Mas, pelo que você falou, não havia nada disso.

– Acredito que não. Ela apareceu na pousada, gostou de mim e chegou junto, só isso. Acho que não curtiu os outros garotos, nem parecia interessada numa parada a três. Foi só isso que aconteceu.

– Ok. Mas olha... se cuida – recomendou Virgil. – Ainda não sabemos o que está rolando por aqui, então procure se comportar. Fique em casa vendo televisão. Vá para Duluth. Não fique de bobeira na cidade, dando mole, pelo menos até a gente pegar esse cara.



Enquanto saía, Virgil ainda pôde ouvir Susan Boehm questionar:

– *Uma parada a três?*

Só então ele se deu conta de que havia dito “esse cara”. O gênero masculino lhe parecia mesmo o mais correto, o mais natural. Mas no caso de um assassino, e não de uma assassina, quem teria deixado aquelas pegadas de Mephisto no pântano?

Ele já entrava no carro quando Susan irrompeu da casa, berrando:

– Espera! Espera!

Virgil se virou e ela correu até ele.

– Alguma coisa precisa ser feita!

Virgil deu de ombros.

- Não sei exatamente o quê.
- Isso é exploração sexual! Aos olhos da lei, pode até ser configurado como estupro!
- Como prostituição, isto sim. O problema é que... conheço apenas um garoto, seu filho, e ele com certeza não testemunharia contra si mesmo, e uma cliente, Erica McDill, que foi assassinada. Então... como indiciar alguém?
- Como assim?
- Até pensei em indiciar Margery Stanhope, mas ela afirma categoricamente que não sabia de nada, e seu filho acabou de confirmar isso. Não acredito em Margery, mas se todo mundo diz que ela não tem nenhuma participação nessas transações, o que eu posso fazer? As mulheres não vão querer testemunhar contra si mesmas, os garotos também não. Só o que podemos fazer é infiltrar uma agente naquela pousada, esperar que um dos garotos a aborde com uma proposta e depois prendê-lo por prostituição. Mas... nem sei se isso funcionaria também. Ou se conseguiríamos uma ordem de prisão.
- Quer dizer então que nada será feito...
- Se um grupo de pais tiver uma conversa civilizada com Margery, é possível que isso tenha um fim. Ou talvez não. Estamos falando de um bando de universitários com a testosterona à flor da pele, que precisam do dinheiro. Você ouviu o que Jared disse: 300 pratas por noite. Vai saber... De repente ele pode faturar até 30 mil por ano, livres de impostos, se ele realmente se empenhar. Ele é um garoto de programa.
- Susan começou a choraminhar e Virgil lhe deu um tapinha no ombro.
- Converse com seu marido. Pensem juntos numa solução. Depois me digam o que querem que eu faça. Se eu puder ajudar... Mas não creio que a lei esteja preparada para lidar com esse tipo de problema.
- Ainda choramingando, ela caminhou de volta para casa.



Virgil deu marcha a ré no seu carro, pensando: “O assassino é um homem. E esse Júnior, qual será a dele?”

Refletiu um pouco sobre o filho de Slibe, depois voltou a pensar em Susan e, por um instante, teve muita pena da mulher e do filho dela. Ambos deviam ser boa gente. E ele não havia sido exatamente um diplomata: “Ele é um garoto de programa”..

Seguiu então para a casa de Barbara Carson, remoendo-se da babaquice que havia acabado de cometer e pensando, sem dúvida para aplacar a culpa, que o reconhecimento da própria babaquice talvez fosse o começo da sabedoria.

Hum... Provavelmente não.

BARBARA CARSON ERA PRATICAMENTE UM busto: uma viúva velhinha que se locomovia com a ajuda de um andador e morava numa casinha minúscula, o quintal repleto de roseiras sensacionais.

– Eu a conhecia muito bem – disse ela. Parecia uma Mamãe Noel de bochechas rosadas e cabelos brancos encaracolados. – Nós nos correspondíamos com frequência sobre as rosas ornamentais.

Virgil aprendeu então que aquelas rosas eram espécies antigas não mais cultivadas em massa, mas ainda encontradas em poucas fazendas abandonadas. Alguns milhares de pessoas espalhadas pelo país se dedicavam à preservação delas e Barbara era uma delas. Constance Lifry fora também.

– Todos nós ficamos chocados quando soubemos que ela tinha sido assassinada. Era uma pessoa ótima e, durante muitas semanas, só falamos da morte dela.

– Todos nós... quem? – perguntou Virgil.

– O pessoal das rosas, pela internet. Foi assim que fiquei sabendo: recebi um alerta. Uma colega nossa de Cedar Rapids que postou a informação.

Barbara sabia que Constance vinha a Grand Rapids “para encontrar as amigas gays na pousada”.

– Quer dizer que ela não fazia segredo da orientação sexual?

– E por que faria? – replicou a velhinha. – Ninguém dá a mínima para isso, exceto alguns velhotes senis e de nariz empinado.



Virgil deixou a casa de Barbara e foi para a delegacia de Grand Rapids. Tão logo foi recebido pelo xerife Sanders, colocou-o a par das conversas que tivera com a velhinha das rosas e com Susan Boehm, mas deixando de fora as aventuras de Jared.

– Por acaso você já ouviu falar de Slibe Ashbach Jr.? – perguntou. – É chamado apenas de Júnior ou de Slibe II. Deve ter 16 anos e todo mundo diz que é meio pancada.

– Acho que não – respondeu Sanders. – São 45 mil pessoas neste condado e só conheço 38 mil.

– Então ele não tem a ficha suja por aqui?

– Não que eu saiba. Ele mora com o pai?

– Suponho que sim. Eu gostaria de dar uma olhada nos registros.

– Sem problema. Vou chamar o oficial responsável por aquela vizinhança. Talvez ele conheça o garoto.



No Departamento de Polícia do Condado de Itasca, que se resumia basicamente à cidade de Grand Rapids, havia apenas duas ocorrências com o nome de Slibe Júnior: duas brigas numa escola de ensino médio. Ele não chegara a ser indiciado em nenhuma das vezes e ninguém se machucara seriamente. A polícia fora chamada porque as brigas tinham ocorrido numa escola, e os policiais haviam escrito relatórios mencionando Slibe como um dos encrenqueiros.

Sanders recebia cerca de dez relatórios semelhantes todos os anos.

– Desde o massacre em Red Lake que a população pressiona a polícia para que a gente fique de olho nas escolas. Não deixamos passar nada.

Virgil terminou de ler os relatórios, mas, como o policial que talvez conhecesse Slibe II ainda não havia chegado, ele foi tomar um café. Encarava sua xícara, ouvindo uma versão pasteurizada de “Hells Bells”, quando o policial veio a seu encontro e se apresentou:

– Roy Service.

Service pediu seu café ao balcão e, dali a um minuto, a garçonete voltou com a xícara.

– Para Roy Service, o serviço é sempre rápido. – E saiu rindo com seu bule em punho.

– Juro por Deus – resmungou o policial para Virgil. – Ela já me falou isso umas trezentas vezes. Qualquer dia eu saco meu revólver e meto uma bala na testa dela. Ou na minha.

– Se eu soubesse, não teria ficado aqui. Por favor, não diga a ela que meu sobrenome é Flowers... Mas e aí? Você conhece Slibe Ashbach Jr.?

Service assentiu.

– Já estive com ele. Você acha que ele está envolvido nesses homicídios?

– Não sei. Só o vi uma vez. Ele me pareceu... sei lá, meio estranho.

Service riu.

– Você tem toda razão. O garoto é meio estranho mesmo. – Despejando um copinho de creme sem lactose no café, perguntou: – Você gosta de cinema?

– Claro.

– Já viu *Mais forte que a vingança*? Robert Redford no papel de um caçador montanhês?

– Claro que vi. Um dos meus filmes prediletos. Depois de *O grande Lebowski*.

– Bem, Slibe II é como Jeremiah Johnson, o personagem de Redford. Mas um Jeremiah Johnson com alguns parafusos a menos. O garoto tem o costume de se embrenhar nos matos e nos lagos da região, cada vez aparece num lugar diferente... Nem sei o que ele come. Peixe, eu acho, ou esquilos. Deve comer em casa de vez em quando. Mas é um desses andarilhos malucos. Já vi o garoto a 30 ou 40 quilômetros daqui. Sempre com uma arma. E ele dorme ao relento.

– Você sabe o tipo de arma dele?

– Às vezes, quando está caçando aves grandes, um rifle de disparo único. Às vezes uma velha carabina de pressão, calibre .22. Um cara da Polícia Florestal contou que o garoto mata veados com essa carabina: chega bem

perto do animal e atira uma vez só, bem no cérebro, como se fosse uma execução.

– E um rifle .223?

Service negou.

– Nunca o vi com nada parecido, de percussão central. Talvez tenha uma. Provavelmente poderia comprar. Mas acho que não precisaria. O que ele curte mesmo é matar de perto.

Virgil bebeu do café e refletiu um instante, lembrando-se do pântano em que o atirador se escondera para agir em Stone Lake.

– Ele dirige? Tem algum tipo de trabalho?

– Tem uma caminhonete e já trabalhou num ferro-velho na Autoestrada 2, desmanchando carros para revenda de peças. Ficou ali por uns dois meses como capataz, mas depois pediu as contas. Não sei por quê. Acho que ele agora trabalha para o pai. Além de criar cachorros, Slibe Ashbach também faz escavação de fossas sanitárias, e o garoto dá uma ajuda.

– Acha que ele seria capaz de matar alguém?

– Voltando ao cinema: você já viu *Carícia fatal*?

– Já.

– Lembra de Lennie, o biruta que mata a mulher do cara? Pois então. Slibe II é que nem ele. Pode ser que se excite com alguma coisa e acabe matando por acidente, mas acho difícil que faça algo premeditado.

– Acha que ele teria um impulso incontrolável de agredir alguém?

– Talvez. Aquele garoto já teve que engolir muita merda na vida. Deve ter uma raiva reprimida em algum lugar. Passava o maior perrengue com os colegas na escola e ainda passa com o próprio pai em casa. Não tem cabeça para lidar com isso, então se refugia no mato.

Interessante, pensou Virgil ao se despedir de Service. Um bom suspeito do qual ele não tinha nenhum bom motivo para suspeitar.



Ainda do carro, ele ligou para Mapes e perguntou sobre o AR-15 de Slibe; foi informado de que os testes já haviam sido realizados e que, sem sombra

de dúvida, não fora aquele rifle que produzira os cartuchos encontrados pela perícia nos casos de Erica e Jan.

– Você já pode me devolver a arma? Se possível ainda esta tarde?

– Vou ver com o pessoal. A gente dá um jeito.

O rifle era um excelente pretexto para que ele voltasse à casa de Slibe.



Ele estava a caminho do hospital, para ver se Jan estava consciente e tinha algo mais a dizer. E queria perguntar se ela sabia alguma coisa sobre Jared ou Slibe Júnior. O xerife Sanders ligou.

– Há uma pessoa querendo falar com você. Disse que tem uma informação para dar.

– Quem é?

– Iris Garner. Filha de Margery Stanhope.



Iris Garner era uma ruiva alta de uns 35 anos que morava não muito longe dos Boehms, também numa casa estilo rancho, mas com algo que de fato lembrava uma fazenda: um cercado para o treinamento de cavalos, um pequeno estábulo mais adiante e um pasto que se estendia até o bosque que demarcava o perímetro urbano de Grand Rapids.

Ela sorriu de um modo cansado ao abrir a porta.

– Entre – pediu e, conduzindo Virgil para a sala, emendou: – Hesitei muito antes de ligar para vocês. Precisei pensar. Mas depois do que aconteceu a Jan Washington... Nem sei se o que tenho a dizer pode levar a alguma coisa.

– Qualquer informação para mim é útil – assegurou Virgil.

– Minha mãe não sabe que chamei você. Por favor, não conte a ela, a menos que seja necessário. Ela ia ficar brava comigo.

Iris sentou-se na poltrona vermelha que ladeava a lareira de pedras e Virgil se acomodou no sofá.

– Fique tranquila – falou ele. – Os detalhes de uma investigação só vêm a público quando o caso é levado a juízo. E nessa altura, claro, não há muito

mais o que esconder.

– Melhor assim. Mas o que tenho a dizer... o que eu acho que você deveria saber é que... minha mãe me contou que você e Zoe Tull ficaram amigos, é isso mesmo?

– Mais ou menos. Ela me deu uma carona da pousada até o aeroporto para que eu alugasse um carro. Depois me levou até o Wild Goose para que eu pudesse interrogar algumas pessoas que frequentam o bar.

– Wendy e a banda dela. Eu sei. – Iris suspirou. – Você sabia que Zoe pretende comprar a Ninho da Águia? Que ela vem tentando fechar o negócio já faz um tempo? E que Erica McDill é... quer dizer, era... outra compradora em potencial?

Silêncio.

– Ninguém me contou nada – disse Virgil.

– Acontece que... minha mãe está louca para se aposentar. Eu e meu marido, Earl, achamos que ela devia segurar as pontas por mais alguns anos. O mercado imobiliário está numa fase péssima e, daqui a uns cinco anos, é bem possível que ela consiga um preço melhor pela pousada. A menos que a crise atual se transforme numa depressão. De qualquer modo, Zoe vem pressionando para que ela venda. Sua ideia é direcionar o marketing para as lésbicas. Acha que é um nicho de mercado potencialmente muito lucrativo. Minha mãe nunca chegou a fazer isso. Sempre hospedou lésbicas, mas também muitas mulheres heterossexuais. Aliás, na minha infância, aquela pousada era um lugar de férias para toda a família. Meus pais começaram com essa história de hospedar só mulheres apenas quando a região ficou saturada de pousadas de pescaria. Todo dia aparecia alguém da capital e abria uma pousada por aqui.

– Sobre Erica McDill...

– Minha mãe contou a ela que estava interessada em vender a pousada e Erica logo disse que estaria interessada em comprar. Só fiquei sabendo disso no domingo da semana retrasada, quando minha mãe tocou no assunto durante o jantar. Não sei até que ponto Erica estava mesmo interessada, nem se elas chegaram a falar mais sobre isso.

- Então, Zoe talvez tivesse uma adversária na compra da pousada?
- Não apenas isso... Olha, quero que fique bem claro: gosto da Zoe, mesmo ela sendo gay. O que estou dizendo é que Zoe é uma mulher trabalhadora que fez seu pé de meia e está realmente decidida a comprar a pousada. Mas de repente chega essa Erica. Uma disputa entre compradores elevaria bastante o preço e Zoe não teria de onde tirar mais dinheiro. Para ela, isso seria o fim. Erica, pelo que sei, tem *muito* dinheiro. Ou melhor, tinha.
- Para quando está prevista a venda?
- Bem, se tudo permanecer como está, no inverno. Esse tipo de negócio geralmente acontece na baixa estação. Era para ter acontecido no último inverno, mas Zoe se enrolou com o financiamento e pediu a minha mãe que esperasse mais um ano.
- Que motivo sua mãe teria para esconder tudo isso de mim? Ou que motivo teria Zoe?
- Talvez não quisessem levantar nenhuma suspeita – respondeu Iris. – Só estou lhe contando isso porque... E se foi mesmo Zoe que matou Erica? De repente ela perdeu a cabeça, teve um surto, sei lá. E se minha mãe for a próxima da lista?
- Hum. Interessante. Você fez bem em me contar. Vou manter seu nome em sigilo, mas vou investigar.



No hospital, ele foi informado de que Jan Washington fora transferida para Duluth.

- Quando a levaram? – perguntou à enfermeira.
- Mais ou menos uma hora atrás. Acham que ela está com outra hemorragia interna e, em Duluth, os equipamentos de tomografia são melhores. É bem provável que ela tenha de ser operada de novo.
- O estado dela é grave?
- É, mas ninguém acha que vá morrer. Quer dizer, tudo é possível, mas a nova cirurgia é só para ver realmente o que está acontecendo. Jan é uma mulher muito forte.



Virgil bateu à porta de Zoe, mas não encontrou ninguém em casa. Ligou para a delegacia de Grand Rapids, identificou-se, solicitou o endereço do escritório de Zoe e perguntou como chegar lá.

O escritório ficava na cidade, na extremidade de um centro comercial. Na porta, uma placa informava: ZOE TULL, CONTABILIDADE. Virgil entrou e deparou com uma sala de espera com meia dúzia de cadeiras confortáveis e revistas especializadas, onde duas pessoas aguardavam. Uma secretária informou que Zoe estava atendendo um cliente numa das saletas fechadas que se viam ao longo do corredor. Um negócio maior do que Virgil havia imaginado.

Identificando-se, ele perguntou:

– Será que você podia interrompê-la e dizer que preciso falar com ela só um minutinho? É meio urgente.

Com certa relutância, a secretária foi até a última das saletas e voltou dali a pouco.

– Ela já vem.

Zoe logo surgiu, Virgil indicou a porta com a cabeça e eles saíram para conversar.

– O que houve? – indagou Zoe.

– Por que você não me contou que estava competindo com Erica McDill na compra da Ninho da Águia?

Zoe recuou um pouco, avaliando-o.

– Porque não tenho nada a ver com o assassinato dela e simplesmente não queria complicar as coisas. Além disso, Erica não estava falando sério. Quando Margery contou que pensava em vender a pousada, ela disse alguma coisa como “Quem sabe eu não compro?”. Mas nunca voltou a tocar no assunto. Não chegou a fazer nenhuma pergunta relevante.

– Eu precisava saber, Zoe.

– Por quê? Você só perderia tempo. Essa história não tem nada a ver com os crimes.

– Porque tem alguns milhões de dólares em jogo nessa história. O que é bastante para um assassinato – explicou Virgil. – A filha de Margery e o marido querem que Margery espere mais alguns anos para vender a Ninho da Águia porque acham que o preço pode subir depois que esta crise acabar. E isso porque provavelmente vão herdar a pousada. Portanto, não são só os seus interesses que estão em jogo.

– Você não está achando que Iris e Earl seriam capazes de matar alguém só para evitar uma venda, certo?

– Como eu posso saber? Não conheço Earl. Nem Iris. Só o que eu sei é que Erica McDill foi morta e alguém tentou entrar na sua casa. Preciso investigar aqueles dois. Mas antes disso eu precisaria saber da existência deles.

Zoe assentiu.

– Tudo bem. Tudo bem. Mande mal. Mas realmente achava que não era importante. Erica não estava falando sério quando disse que queria comprar a pousada. Desculpe.

– Tem mais alguma coisa que você não acha importante, mas que *talvez* eu devesse saber?

– Não, não. Não tem nada. Caramba, por um minuto achei que estivesse de volta à sua lista de suspeitos.

– Na verdade você nunca esteve fora dela – replicou Virgil, balançando a cabeça.



Mapes ligou: o rifle estava a caminho de Grand Rapids com um oficial da Polícia Rodoviária.

– Ele saiu uns dez minutos atrás, mas deve levar mais ou menos uma hora para chegar aí. Vai deixar a arma com o xerife.

– Valeu, Mapes. Vou usar o rifle como pretexto para voltar num lugar aí.

– Rifle vagabundo. Muito usado. Nosso especialista o testou numa linha de tiro, sobre um descanso e a uma distância de 100 metros, e não conseguiu chegar nem a 10 centímetros do alvo. Mas é uma arma boa para autodefesa, eu suponho.



Uma hora de espera, sem nada para fazer.

Virgil pensou em comer algo, buscar o rifle com o xerife e depois seguir para a casa de Slibe. Havia algo naquela confusão toda que parecia direcioná-lo para Wendy e sua turma, incluindo o pai e o irmão. Um ambiente de loucura.

Seguindo pela autoestrada, ele parou num McDonald's e lá recebeu uma ligação de Johnson Johnson, que já tinha voltado para casa.

– Fui pescar no Vermilion mais uma vez, não peguei nem gripe. E aí, já solucionou o mistério?

– Ainda não.

– Andei pensando... Já que ferraram com as suas férias, por que você não vai comigo para as Bahamas no outono? Vestir uma regatinha, pegar uns peixões...

– Johnson, as chances de você me ver numa regatinha são as mesmas de você comer uma mulher bonita.

– Porra, irmão, já comi muita mulher bonita.

– Cite uma.

Depois de um longo silêncio, ele falou:

– Essa mulher... tem que ser *muito* bonita?

Virgil riu.

– Johnson, ligo para você quando eu voltar. Mas pode contar comigo nas Bahamas. Não vão ferrar com as minhas férias de novo se não souberem onde estou.



Debruçado sobre um Big Mac com fritas e um milk-shake de morango, Virgil recebeu uma segunda ligação, agora de Jud Windrow, o proprietário da casa noturna em Iowa.

– Você está em Grand Rapids? – perguntou ele.

– Estou – respondeu Virgil, mastigando o sanduíche. – E você, está onde?

– A uns 3 mil pés do chão... indo para Grand Rapids. Wendy vai tocar no Wild Goose hoje à noite. Vou passar por lá e dar uma conferida. Você vai estar por perto?

– Pode ser. E você? Está trazendo alguma arma?

– Ahn? Ah, não, não. Você recomendou que eu tomasse cuidado, então pensei: ele estará por perto com uma arma, essa é toda a proteção que eu preciso. Além disso você estava usando aquela camiseta dos Breeders.

– Ok. A que horas você vai estar lá?

– A primeira parte começa às sete. Se ela for mesmo boa, fico até o fim. Se não...

– Vejo você às sete – avisou Virgil.



Virgil voltou à rua, dirigiu por apenas uma quadra, parou de novo e sacou o celular. A secretária de Davenport atendeu.

– Lucas está? – perguntou Virgil, e ouviu a secretária interfonar para a sala de Davenport e dizer “É o filho da puta do Flowers”.

Davenport veio à linha e Virgil foi logo reclamando:

– Já estou de saco cheio dessa parada de “o filho da puta do Flowers”.

– Pode deixar que eu falo com ela. Mas isso faz parte da lenda Flowers, ou mito Flowers, que só faz crescer. Mas o que você manda?

– Só liguei para colocar você a par das coisas.

– Fala.

Davenport ouviu o rápido sumário de Virgil, coisa de cinco minutos, depois falou:

– Você já sabe o que vou dizer.

– Diga lá.

– Vá ver esta banda com o cara de Iowa, tente se divertir um pouco, beba uma cervejinha e, na manhã seguinte...

– Fala.

– Vá pescar.

– Eu queria que fosse oficial. Se alguém reclamar, foi você que mandou.



O policial rodoviário ainda não havia chegado com o rifle de Slibe à delegacia de Grand Rapids, assim Virgil foi ao banheiro, depois saiu para perambular na calçada sem muito o que fazer. Não estava com fome nem queria café, logo meteu as mãos nos bolsos e ficou esperando até que viu o furgão verde-oliva dobrar a esquina e saiu ao encontro do motorista.

O patrulheiro se chamava Sebriski e perguntou sobre o episódio de International Falls. Virgil contou um pouquinho da história.

– Antes você do que eu, meu irmão – falou Sebriski.

O rifle já fora entregue e o recibo assinado, então eles conversaram mais um pouco sobre as políticas do Departamento de Segurança Pública e a possibilidade de um aumento de salário. Por fim, Sebriski se despediu com um tapinha nas costas e tomou seu rumo. Virgil guardou a arma na mala de seu Toyota.

Ficara com a impressão de que o patrulheiro o bajulara um pouco.

Logo depois do confronto em International Falls, em que três vietnamitas haviam sido mortos e outro ficara ferido, Virgil – que alimentava uma carreira paralela como escritor – fora convidado para escrever duas reportagens para a *The New York Times Magazine*.

Encontrara certa resistência por parte dos burocratas do governo, mas uma das raposas que cercavam o governador, vendo naquilo uma oportunidade para fustigar os adversários republicanos, convencera o chefe a azeitar as coisas e as matérias enfim foram publicadas, a segunda delas no domingo retrasado.

A repercussão havia sido maior do que Virgil antecipara: os jornais de Minneapolis tinham comprado os textos da agência de notícias do *The New York Times* para publicá-los também e isso os levara para todas as cidades do estado. Virgil agora era, tal como Davenport dissera, o policial mais famoso de Minnesota.

O que não era exatamente uma vantagem.

Virgil sempre fora o observador simpático e discreto – era esse, em grandes linhas, o seu método de trabalho – e o súbito interesse das pessoas, que

agora o interpelavam sobre os vietnamitas ou atentavam para cada um dos seus passos, deixava-o um tanto sem jeito e por vezes irritado.

Ele havia comentado sobre isso com Davenport e a mulher dele, que comentara:

– Bem, alguém tem que ser a papoula mais alta.

Virgil só foi entender que a papoula mais alta era aquela que despertava a admiração e a inveja das demais ao pesquisar na internet.

E depois disso ficou ainda mais preocupado. Até os colegas de polícia o bajulavam agora, o que só piorava as coisas.

Para normalizar a situação, só lhe restava aprontar alguma merda.

O que não seria tão difícil assim.



Slibe não se encontrava em casa quando Virgil chegou. A caminhonete dele também não estava por perto.

Batendo à porta, Virgil recebeu de volta aquele eco seco das casas vazias. Com o estojo do rifle numa das mãos, ele recuou um passo, voltou-se para o próprio carro e só então avistou Slibe II à porta do canil com um saco de ração quase vazio. À luz do sol e contra o breu no interior do celeiro, o garoto lembrava uma imagem de Caravaggio.

Virgil foi caminhando na direção dele e disse:

– E aí, tudo bem?

Slibe II permaneceu calado, com a mão livre enterrada num dos bolsos do macacão camuflado, apenas observando Virgil se aproximar. O investigador se lembrou da pistola que havia deixado sob o banco do carro, mas seguiu andando.

– Seu pai está por aí? – perguntou, sorrindo.

– Entrada proibida – foi só o que disse o garoto.

– Vim devolver o rifle dele.

Slibe II era 3 centímetros mais alto do que Virgil, com olhos escuros, fundos e tristes, sob sobrancelhas espessas e cabelos desgrenhados que pareciam ter sido cortados a faca. Era magro, parecendo subnutrido, com

mãos calejadas e uma barba curta. Na cabeça usava um boné de lona, da mesma cor do montículo de bosta de cachorro que alguém havia retirado do canil com uma pá. Depois de refletir por um instante, falou:

– Pode deixar comigo.

– Não dá. Seu pai precisa assinar o recibo – replicou Virgil. Apontando o queixo para o canil, indagou: – Quantos cachorros vocês têm aí?

– Alguns – respondeu o garoto, e abrindo um sorriso, acrescentou: – É só botá-los para trepar que daqui a pouco a gente tem mais.

– É para isso que eles estão aí, não é?

– As cachorras ficam doidas para dar quando entram no cio... – Slibe cuspiu no chão, mas de um jeito displicente, não como um insulto.

– Sabe dizer a que horas seu pai vai voltar?

– Não.

– Sou da polícia. Estou investigando aquele assassinato no lago.

– Wendy... – Slibe perdeu o fio da meada por um segundo, como se o cérebro vagasse por corredores com o nome da irmã, depois o reencontrou.

– ... me contou.

– Ah, é? Você conhece aquela área? Do outro lado do lago?

– Conheço tudo por aqui. – Slibe deixou o saco de ração cair a seus pés, deu alguns passos adiante e começou a girar lentamente, como se farejasse o ar, ora olhando para um lado, ora para o outro, até que apontou o queixo para o norte. – Fica ali. Talvez uns... Se eu sair daqui de manhãzinha, estou de volta antes do almoço, se estiver com pressa.

– Faz isso de vez em quando?

– Já fiz algumas vezes, mas lá não presta – respondeu Slibe, voltando os olhos escuros para Virgil. – As trilhas não chegam lá.

– As trilhas?

– As trilhas dos índios. Eu sigo as trilhas dos índios. Mas tem o lago, que interrompe... – Novamente ele olhou para o norte e apontou. – As trilhas vão nessa direção, depois para lá, mas não vão reto, por causa do lago, então elas fazem uma curva.

– Mas se eu precisasse de alguém que me levasse até lá, você poderia?

- Poderia. Mas provavelmente não levaria.
- Ah, é? Não gosta de policiais?
- Não muito.



Conversando com o garoto, Virgil entendeu por que as pessoas sempre o descreviam como uma pessoa estranha. Slibe pensava demais antes de dizer qualquer coisa, muito embora as palavras, quando enfim chegavam, fossem adequadas; o problema estava no tamanho das frases. Além disso, ele tinha um olhar oblíquo, não exatamente tímido, mas receoso, como se tentasse ocultar algum sentimento indevido, como curiosidade, tesão ou medo.

Virgil já havia conhecido pessoas assim, por isso sabia que, se Slibe II fosse acusado de ter roubado um mísero chiclete, um bom advogado seria capaz de condená-lo à prisão perpétua.

Slibe Ashbach Jr. exalava culpa.



Virgil estava prestes a fazer mais algumas perguntas sobre as trilhas que levavam ao lago quando Slibe, o pai, surgiu com sua caminhonete, parou a 5 metros do canil e desceu do carro.

- Prazer em conhecê-lo – disse Virgil ao garoto, e foi ao encontro de Slibe.
- Vim devolver seu rifle.

Slibe recebeu o estojo, fitou Virgil por tempo demais.

- Ficha limpa, não é?
- Não foi esse rifle que matou Erica McDill e baleou Jan Washington – respondeu Virgil.

Slibe olhou de relance para o filho.

- A mesma arma foi usada nos dois casos?
- Achamos que sim. Pelo menos foi o que disseram os peritos.
- Eu falei que não tinha nada a ver com isso – lembrou Slibe, e mais uma vez fitou o filho. – E o asno ali, falou o quê?

Slibe II entrou no canil e sumiu de vista.

– Estávamos conversando sobre as trilhas dos índios.

– Humm. Ele conhece bem aquelas trilhas. – Slibe ergueu o estojo. – Você já fez o que tinha para fazer aqui?

– Não exatamente – falou Virgil com um sorriso. – Eu e um amigo vamos ver Wendy hoje à noite. É um figurão aí, do mundo da música country. Veio conhecer sua filha.

– Bem... – disse Slibe, que foi para a porta do canil e virou o rosto. – Você já sabe o que eu acho dessa palhaçada toda.



Depois, ele sumiu no interior do celeiro, indo atrás do filho. Virgil esperou um tempo, achando que eles fossem sair novamente, mas então ouviu um tropel do outro lado da porta do celeiro e, dali a pouco, um bando de cachorros peludos e dourados entrou pelo lado, cada um em sua baia particular.

Virgil deu as costas para o canil e foi embora. Eles que se fodam, pensou. Sei onde encontrá-los quando precisar deles.

Nada para fazer. Ninguém com quem conversar. Sig estava trabalhando, Zoe estava irritada. Além disso, ele precisava pensar em algumas coisas, então voltou para o motel e tirou um cochilo.



Acordou ainda meio tonto e olhou para o relógio: hora de voltar ao trabalho. Mas uma pasta de dente era o mais importante naquele momento, pensou, estalando os lábios.

Virgil e Jud Windrow se encontraram no Wild Goose às dez para as sete, foram para um dos reservados, conversaram com o barman Chuck por um tempo, ganharam de cortesia as duas primeiras cervejas e pagaram por outras duas antes que Wendy começasse a cantar.

Virgil já havia explicado a Jud qual era exatamente a natureza da banda, da clientela, do bar em si, e quando Wendy e as outras meninas subiram ao palco, o empresário comentou:

– Elas têm uma presença interessante. Essa *vibe* sapatão funciona. E aquele olho roxo ali? É da briga?

– É. Se você olhar bem, vai ver um arranhão ainda cicatrizando no rosto de Berni...

Wendy se aproximou do microfone e, com sua voz rouca, anunciou:

– Esta semana foi uma loucura, então, em vez de incendiar a casa logo de início, vamos começar com uma música mais lenta. Portanto, chegue junto da sua gata e vamos curtir juntas “The Artists’ Waltz”.

Elas começaram o show e Virgil viu Jud se recostar no sofá com uma expressão de ceticismo no olhar, que foi se esvaindo à medida que Wendy prosseguia com seu número. Terminada a canção, elas tocaram um *soft rock* boboca que Virgil não conhecia e Jud se debruçou na mesa.

– Ela pode chegar lá.

– Você acha?

– Acho. Mas vai ter que dar um jeito na baterista. Ela bate quase no pulso da música, mas nunca exatamente nele.

Virgil assentiu.

– Todo mundo diz a mesma coisa, mas ela e Wendy são... você sabe.

– Foi ela que causou o olho roxo?

– Foi. Bem aqui nesta mesa.

Jud tossiu uma risada, depois olhou para Berni martelando sua bateria.

– Se eu estivesse aqui, acho até que ia ficar de pau duro. Pena que não estava.

– Ficaria nada. Não foi uma luta livre na lama. Foi uma briga feia, tipo duas onças querendo se matar.

Jud voltou sua atenção para a banda e ficou ouvindo por um tempo.

– Aquela primeira canção... onde foi que elas encontraram? É alguma coisa aqui da região?

– Composição de Wendy.

– Melhor ainda. Mas a baterista...

– Alguém me disse que ela manda bem nos vocais de apoio e que os peitos são bonitos o bastante para que ela fique de pé, cantando. Talvez com um

pandeiro ou coisa parecida.

– Pode ser, se for mesmo necessário mantê-la.

Wendy terminou o rockzinho boboca, correu os olhos pela plateia e avistou Virgil e Jud.

– Aqui vai mais uma das nossas, ainda hoje a gente estava ensaiando... Ela se chama “Doggin’ Me Around”.

Dali a pouco, Jud fazia movimentos como se estivesse tocando uma bateria imaginária.

– Confesso que cheguei aqui meio cético, mas, se puder, assino um contrato com ela.



A primeira parte durou quarenta minutos, terminando com uma balada, dessas de dançar com o rostinho colado. Wendy desceu do palco e foi direto para a mesa deles; ambos ficaram de pé para recebê-la.

– É esse o cara? – indagou ela.

– Como você ficou sabendo? – perguntou Virgil.

– Meu pai contou que você ia trazer uma pessoa aí... – respondeu Wendy e se sentou com eles, deslizando para o lado de Virgil. – Você é Jud Windrow, dei uma olhada no seu site.

– Gostei muito do que ouvi – comentou Jud. – Bebe alguma coisa com a gente?

Chuck trouxe mais três cervejas de cortesia e Jud foi fazendo suas perguntas sobre Wendy e a banda: quem eram as instrumentistas, desde quando tocavam juntas, quantas canções country havia no repertório delas, o que mais podiam tocar.

Wendy contou que na infância costumava ser levada pela mãe para os festivais de polca e que havia cantado muito em bandas do gênero. Jud ia sacudindo a cabeça, ouvindo com atenção.

– Muito bom, muito bom. Nada melhor do que a prática, sobretudo na infância.

– Era isso que a gente fazia, mamãe me arrastando para todo canto... Por dois anos cantei duas vezes por semana. O plano dela era me levar para Hollywood.

– E o que aconteceu? – quis saber Virgil.

– Apareceu um cara chamado Hector Avila. Eles tiveram um caso, a coisa veio à tona e eles se mandaram. Uma noite fui dormir com um pai e uma mãe e, na manhã seguinte, acordei com um pai e um bilhete. Ela caiu na estrada. Foi para o Arizona. Nem ligou para se despedir.

– Quantos anos você tinha? – indagou Jud.

– Nove. Para mim foi como se o mundo tivesse acabado. Meu irmão ficou chorando por três dias e meu pai nem conseguia falar com as pessoas. Por dois meses não fez mais que plantar aquela horta dele e trabalhar horas a fio, sem falar com ninguém. Achei que fosse deixar a gente num orfanato. Mas depois... as coisas foram melhorando. Aos poucos.

– O sofrimento produz excelentes cantoras – comentou Jud. – Mas você tem um problema com sua baterista.

Wendy fez uma careta.

– Eu sei. Isso pode ser consertado, se a gente encontrar alguém melhor.

– Tenho algumas bateristas. Conheço uma, de Normal, Illinois, que manda bem pra caralho e está procurando uma banda nova. A banda em que ela está agora não vai a lugar nenhum: a vez delas já passou.



Virgil não vira Zoe entrar, mas de repente ela estava ao lado de Wendy e, inclinando-se para a frente, acusou Virgil:

– Você é muito malvado. Chorei a tarde inteira.

– Desculpe. Sei que fui duro. Mas estava irritado com você – disse Virgil.

Zoe se voltou para Wendy:

– Ele suspeita de mim porque sou apaixonada por você e quero comprar a Ninho da Águia e Erica estava dormindo com você e talvez quisesse me dar uma rasteira e comprar a pousada antes de mim e...

Continuou a choramingar e Wendy, pousando a mão na perna dela, xingou Virgil:

– Babaca.

– Opa...

– Você não precisa ser um babaca para fazer seu trabalho – emendou Wendy.

– Cerrrtíssimo – disse Zoe.

Berni veio à mesa e ordenou a Wendy:

– Pode ir tirando essa mão daí.

– Não enche – retrucou Wendy. – Temos um problema aqui.

– Por mim ela deixa a mão exatamente onde está – acrescentou Zoe.

Berni deu um passo atrás e Virgil praguejou:

– Puta merda...

– Berni, não! – berrou Wendy.

A baterista já estava pronta para socar, Zoe também já rilhava os dentes. Vendo isso, Virgil tentou atropelar Wendy para se levantar da mesa; a vocalista rapidamente se colocou entre as duas mulheres, e só então ele pôde sair para conter Zoe pela cintura, Chuck correndo para junto da confusão. Assistindo a tudo de camarote, Jud deu uma sonora gargalhada.

– Rock'n'roll!



Virgil saiu com Zoe para o estacionamento e lhe deu um beijinho na testa.

– Então, estamos numa boa de novo?

– Não.

– Olha, não vou suspeitar de você outra vez a menos que eu tenha um bom motivo – prometeu Virgil. Para ele, era uma proposta mais que razoável.

– Muito generoso da sua parte. Babaca.

– Zoe... Vai para casa, toma um ansiolítico, vai dormir. Amanhã você acorda melhor.

– Agora é assim: todo mundo resolve os seus problemas com um comprimido. Ninguém assume os próprios sentimentos.

Ela continuou com seu discurso por um tempo. Virgil perdeu o fio da meada, pois notou uma mariposa do tamanho de um pires voando em torno de uma das luzes do estacionamento e ele sempre tivera um especial interesse por mariposas. Foi meneando a cabeça enquanto observava a silhueta do inseto circundando a lâmpada. Zoe disse alguma coisa e ele falou “Espero que sim. Olha, tente dormir um pouco”. Aparentemente, a resposta fora adequada, pois ela agradeceu.

Uma mariposa verde... Caramba, uma *Actia luna*. Fazia anos que ele não via uma viva. Já era tarde no ano para aparecer um inseto daqueles. Seria possível que elas andassem produzindo duas gerações agora, pelo menos em Minnesota? Ele tinha um amigo na Universidade de Minnesota que saberia dizer...

– ... hoje à noite?

– Claro – respondeu Virgil. – Me ligue quando quiser... A gente sai para comer alguma coisa, um cheesebúrguer, sei lá.

Ela o encarou de um modo estranho e ele ficou se perguntando que diabos Zoe dissera. Depois, ela foi para o carro e se despediu com um aceno.

A mariposa ainda voava em torno da lâmpada, chocando-se contra ela. Virgil tentou se aproximar, mas decerto foi visto, pois o inseto rapidamente se lançou noite adentro, rumo à lua que crescia no alto.



Ele voltou para o bar e disse a Jud que precisava ir. Nesse mesmo instante, a banda voltou a tocar e Jud ergueu a voz para se fazer ouvir:

– Obrigado por ter indicado essas meninas. Devo uma a você.

Virgil saiu com um plano em mente: na manhã seguinte iria pescar e, enquanto estivesse no barco, solucionaria aqueles crimes.

Pelo menos na sua cabeça.

Mas talvez acordasse tarde, pois sua ideia agora era passar na casa de Sig e as chances eram grandes de que ele não estivesse em condições de acordar às cinco da madrugada para pescar.

As chances eram *enormes*, pensou.



Ele chegou à casa de Sig às oito e meia. O Honda de Zoe se achava estacionado do lado de fora, junto de outros tantos, e o gazebo à beira do lago estava iluminado.

Virgil resmungou e se deu conta de que era daquilo que Zoe estava falando antes.

Uma reuniãozinha na casa de Sig. Sem dúvida para costurar colchas...

ROBERT PLANT E ALISON KRAUSS cantavam “Please Read the Letter” enquanto Virgil dava marcha a ré junto ao lago, deixando o reboque entrar na água. Achando que a música combinava bem com a manhã e com seu próprio estado de espírito, ele continuou ouvindo antes de desligar o carro.

Mais um dia de águas calmas, mas o céu se tornara cinzento, com nuvens baixas que talvez se desmanchassem em chuva ainda antes do anoitecer. Virgil enfim desceu do carro, sentiu no ar o cheiro de peixe e lodo, escalou o reboque até a proa do barco, desatou as cordas e deixou que o casco deslizesse para a água. Em seguida, pulou ao chão, puxou o barco e o amarrou no arbusto mais próximo.

Depois de estacionar o carro e o reboque, trancou as portas, destrancou-as de novo, pegou sua capa de chuva, mijou no mato, subiu no barco e deu partida no motor. Desenhando um arco na água, foi seguindo rumo à margem sul do lago.

Havia lúcius ali, mas ele não iria se preocupar com isso. Preferiu procurar por alguma baía pantanosa, algo com nenúfares na superfície e troncos submersos. Encontrando o que queria, arremessou seu anzol à procura de um lúcio ou um robalo. Não ficaria com nenhum dos peixes que pegasse, por isso não importava o que fisgaria.



A pesca acalmava sua cabeça, desacelerava seu organismo: o mero aspecto repetitivo e inútil da coisa, arremessar e recolher, arremessar e recolher, tinha sobre ele o efeito de um calmante, mas a possibilidade de uma fisgada o mantinha atento. Esse misto de atenção e tranquilidade ajudava no

raciocínio em geral. Às vezes, quando chafurdava apenas nos fatos, ele via as árvores mas não via a floresta.

Virgil sabia a hora certa de recorrer àquele estado de espírito.

Em vez de atacar os fatos, deixou-os flutuando na consciência enquanto guiava sua linha entre os discos roxos e verdes dos nenúfares. Um pouco mais adiante, uma garça o vinha observando com seus olhos de cobra, de íris amarelas, até que se deu conta de que Virgil não constituía nenhuma ameaça e prosseguiu na caça ao sapo de seu desjejum.

Um homem muito sábio – um policial chamado Capslock – certa vez falara que nunca havia visto um homicídio de alguém muito rico em que o dinheiro não tivesse nenhuma importância nos fatos. O mesmo se podia dizer em relação ao sexo.

Mas o mesmo não podia ser dito sobre os deficientes mentais: ele já lidara com um sem-número de casos envolvendo pessoas claramente malucas, os primeiros suspeitos na cabeça de todo mundo, mas que não tinham nada a ver com os crimes em questão. Mas isso também não significava grande coisa: havia vezes em que os doidos *realmente* eram os culpados.



Ele tinha nas mãos um caso de homicídio que envolvia muito dinheiro em pelo menos dois aspectos não relacionados entre si:

1. Ruth Davies, a namorada de Erica McDill, estava prestes a levar um pé na bunda e ser deserdada por Erica. Matando-a, herdaria 100 mil dólares e tudo aquilo que conseguisse surrupiar da casa, o que talvez incluísse algumas obras de arte bastante valiosas. Se Erica ainda estivesse viva, Ruth não teria embolsado um único centavo.
2. Zoe Tull vinha tentando juntar dinheiro para fazer uma proposta de compra à proprietária da Ninho da Águia e Erica McDill talvez pudesse frustrar seus planos. Embora gostasse de Zoe, ele não poderia eliminá-la como uma possibilidade. Ela o tinha procurado dizendo que a porta

de sua casa fora arrombada, mas não havia nenhum motivo aparente para que alguém fizesse isso. Seria possível que ela tivesse forjado o arrombamento apenas como uma tática ingênua para distraí-lo, para sugerir a existência de outro culpado? Talvez. Mas ele precisava admitir: achava difícil que ela tivesse matado alguém. Simplesmente gostava demais dela para supor uma coisa dessas.



Além disso, o sexo estava por toda parte.

Zoe e Wendy. Wendy e Berni. Wendy e Erica. Erica e Ruth. Erica e Jared. Slibe II e suas cadelas? Talvez não. Mas... e um dos Slibes e Wendy? Coisas muito estranhas aconteciam naqueles cafundós de invernos tão longos...

Berni talvez desconfiasse que estava prestes a ser dispensada pela empregadora e amante; pelo menos alguma noção devia ter de que, se aquela banda fosse chegar a algum lugar, ela teria que ficar para trás. Sem trabalho e sem Wendy. Além disso, não tinha nenhum álibi que a inocentasse de vez do assassinato de Erica. E para complicar as coisas, Constance Lifry, a outra vítima, também havia tentado dar um empurrão na banda.

Virgil também havia captado uma vibração ruim de Slibe II quando o esquisitão falou dos cachorros. O que mesmo ele dissera? “As cachorras ficam doidas para dar quando entram no cio.”

Ele falara com um inegável prazer. Claro, estava falando de cachorras. Virgil sabia que a palavra encerrava um duplo sentido, mesmo na caipirice daquele fim de mundo.



Por fim, havia pelo menos uma ou talvez duas pessoas mentalmente instáveis, para dizer o mínimo. Slibe II e Wendy. O problema de Slibe era bastante visível. Quanto a Wendy, Virgil havia apenas entrevisto a loucura, mas sabia que ela estava lá.

O que significava que Slibe I também deveria figurar na lista, já que talvez Slibe II e Wendy tivessem puxado a ele.

Slibe.

Mais de uma vez ele havia falado algo que perturbara Virgil momentaneamente, mas ele não sabia dizer ao certo o que fora. Tentou relembrar o que estava fazendo ao ouvi-lo, mas em vão, e ele se deu por vencido.



Virgil deixou que tudo aquilo ficasse fervilhando em sua cabeça enquanto ele passeava pelo lago, ao longo da costa, passando pelos deques de uma meia dúzia de chalés. A mente vagando.

A certa altura, um peixe deu uma mordida em sua isca, mas Virgil não conseguiu fisgá-lo, então voltou ao ponto de partida, tornou a arremessar, sentiu mais um puxão e dessa vez conseguiu tirar um robalo pequeno, de uns 30 centímetros de comprimento. Desvencilhou-o do anzol, jogou-o no lago, debruçou-se sobre a borda do barco e lavou as mãos na água gelada.

E pensou: Ruth Davies.

Ruth poderia ser eliminada da lista dos suspeitos caso ele parasse de andar em círculos.

Virgil olhou à sua volta, tentando localizar a Ninho da Águia, que não ficava longe. Ligou o celular, viu que tinha duas barrinhas de sinal e conferiu as horas: 7h45. Davenport ainda não teria chegado ao trabalho. Virgil ligou para a casa dele, foi atendido por Letty, a filha do chefe, e disse a ela que levasse o telefone até o quarto do pai.

– Melhor que seja importante – resmungou Davenport ao telefone. – Sabe que horas são?

– Sei. Hora de levantar. Faz tempo que todo mundo já levantou. Então pare de choramingar e ligue para Jenkins ou Shrake. Preciso que um deles dê uma dura numa pessoa aí.

– Ok, ok. Vou pedir que um deles ligue para você. Você está no celular?

– Estou. Fale para eles ligarem rápido.



Ele desligou e, nesse mesmo instante, se deu conta do que Slibe dissera que o perturbara.

Slibe dissera que estava pensando em ir caçar cachorros selvagens no Wyoming. Falara como se já tivesse feito isso antes. Mas um caçador desses não usaria uma semiautomática .223 de mira aberta, já velha e com a qual não conseguiria acertar nada que estivesse além de 100 metros. Tampouco uma carabina manual .30-06, um .22, um rifle calibre doze ou vinte, e muito menos aquela velha pistola Ruger que também se achava no armário de Slibe. Talvez ele pudesse usar a .308, pensou Virgil, mas não se tratava de uma arma comum na caça de cachorros selvagens. Grande demais, cara demais.

Portanto, Slibe possuía outra arma que não se achava naquele armário. Muito provavelmente uma .223, mas de pressão, e com uma bela luneta sobre o cano. E como ele não devia saber que tipo de arma fora usada no assassinato de Erica McDill, não tinha nenhum motivo para escondê-la.

Mas *havia escondido*.

Virgil começou a assobiar. O iceberg começava a se derreter...

O que mais haveria sob a ponta?



Ele passava diante do deque da Ninho da Águia, indo para a lagoa onde Erica fora morta, quando seu telefone tocou. Era Shrake.

– Precisando de uma força, camarada?

– Preciso que você e Jenkins deem uma prensa numa lésbica fragilzinha.

– Moleza. E o que você quer da sapata?

Virgil explicou.

– Tudo bem – disse Shrake. – Mas antes quero fazer uma consulta contigo, já que você é o nosso gênio de plantão. Tive uma ideia: se eu descolar um aparelho falso para os dentes, desses extrabucais, de repente eu podia usar um para ficar com cara de maluco. Ontem mesmo no metrô eu vi um cara

da minha idade com um desses, falando no celular. Parecia doido varrido. Se eu usasse uma parada dessas... e risse para as pessoas...

– Duas coisas... Primeiro: você já tem cara de doido. Portanto, seria um esforço inútil. Segundo: se você estiver de aparelho e levar uma porrada na cara, em vez de perder um dente só, vai ferrar a boca inteira.

Momento de silêncio.

– É, tem razão – cedeu Shrake. – Melhor eu repensar a minha persona de ataque.

– Faça o que quiser. Mas e aí, você pode pressionar essa mulher para mim?



Muito bem.

Supondo-se que Jenkins e Shrake conseguissem eliminar Ruth da lista de suspeitos ao confirmar seu álibi para o momento em que Jan fora atacada, ainda restaria a possibilidade de que os assassinatos tivessem origem na agência de publicidade. Mas o atentado contra Jan – para o qual ninguém ainda havia encontrado qualquer vínculo – dificilmente poderia ter vindo de Minneapolis. A menos que se tratasse de uma vítima aleatória, atacada apenas como estratégia para despistar. O mais sensato seria deixar de lado essa hipótese remota, ao menos porque ele não fazia a menor ideia de como chegar a uma solução.

Virgil coçou o queixo, pensando: “No entanto...”

Mark e Abby Sexton definitivamente não eram pessoas normais. Ele talvez estivesse correndo o risco de ser demitido e ela talvez nutrisse algum tipo de ressentimento sexual contra a ex-amante; era bem possível que houvesse um crime em algum lugar daquela psicologia tão confusa e Jan fora sacrificada apenas para distrair. Se ambos estivessem envolvidos, sendo o álibi um do outro, e fossem espertos o bastante... ele jamais seria capaz de pegá-los.

Portanto, deixe-os de lado.



Assim, restava apenas o núcleo Grand Rapids/Ninho da Águia. Wendy, Zoe, Berni, Slibe, Slibe II, talvez outra moça da banda, talvez até alguma amante desconhecida da Ninho da Águia.

A tese da amante desconhecida parecia a menos provável, sobretudo em vista da conexão entre Constance Lifry, de Iowa, Erica McDill, de Minneapolis, e Jan Washington, de Grand Rapids.

A polícia de Iowa achava que Constance fora morta por um homem e Virgil tendia a concordar. Portanto, onde se encaixavam os Mephistos?

Ideia maluca: haveria a possibilidade, ainda que remota, de que Erica tivesse amarrado seu barco na toca de castor, subido a pé até a estrada e depois voltado? Para se encontrar com alguém em segredo? E que esse alguém a tivesse seguido no caminho de volta para matá-la?

Ele ainda não havia levantado essa hipótese, que trazia Minneapolis de volta ao cenário. Com quem ela teria se encontrado em segredo, nas imediações de um pântano no norte de Minnesota?

Virgil tocou o barco para outro ponto mais adiante, jogou o anzol na água, esqueceu-se dele...

“Não viaje, cara.” Se quisesse ter um encontro secreto, Erica poderia ter dirigido seu confortabilíssimo Mercedes para qualquer lugar num raio de 10 quilômetros daquela pousada. Não teria de chafurdar num pântano.

Apostava que se tratava de Slibe e seu rifle escondido.

De um modo ou de outro, o homem tinha o rabo preso. Virgil tinha certeza quase absoluta de que Jenkins e Shrake conseguiriam inocentar Ruth e, dessa forma, ele poderia eliminar a possibilidade de que o culpado viesse de Minneapolis. Ele estaria ali, em Grand Rapids.

Novamente, Virgil começou a assobiar. Recolheu o anzol, arremessou-o de novo.

Mais um dia de trabalho duro no escritório.

HAVIA MUITO NO QUE PENSAR e Virgil ainda queimaria muitos neurônios até o fim da manhã. No início da tarde, ele avistou, à margem do lago, um bar com uma placa de SANDUÍCHES e outra, mais antiga, da cerveja Pabst, perto de um ancoradouro. Ele ficou ali por cerca de 45 minutos, comendo hambúrguer e bebendo refrigerante, lendo um *Herald Review* de dois dias antes e conversando com o barman, para quem os assassinatos eram obra de algum maluco da capital.

– Pode acreditar no que estou dizendo – disse o homem. – Raramente me engano com essas coisas.

Ele se chamava Bob e não tinha nenhum motivo para achar aquilo, a não ser o fato de que, na sua opinião, Minneapolis e St. Paul eram um antro de lunáticos. Virgil intuía que ele também tinha opiniões fortes sobre mulheres, esportes, cervejas, pescarias e carros.

– Todo mundo sabe que aquela pousada hospeda um monte de lésbicas – continuou Bob –, e eu aposto que esses crimes têm alguma coisa a ver com aquele encontro de lésbicas das Cidades Gêmeas... Como é que se diz? Aquele conciliábulo.

– Até onde sei, um conciliábulo é uma reunião secreta de bruxos.

– Dá no mesmo. – Bob retirou da boca o palito que vinha mascando, examinou com cuidado a ponta já mascada. – De repente é esse negócio de imolação, sei lá.



Virgil voltou ao lago antes das duas e foi margeando a costa oposta à Ninho da Águia. Às três ele recebeu uma chamada de Shrake.

– A gente deu um sacode na mulher e tenho duas coisas para dizer. Primeiro, ela tem um alibi no caso de Jan Washington: estava numa funerária, preparando o enterro da outra. Segundo, ela havia guardado três quadros num cofre e agora vai levá-los de volta para casa. Falou que Erica McDill tinha dado quadros para ela, mas não tem nenhum papel que prove isso.

Virgil já perdera o interesse, mesmo assim perguntou:

– Quanto eles valem?

– Não dá para saber, mas Erica McDill pagou 90 mil por um deles e 13 mil pelos outros dois.

– Então valia a pena roubá-los.

– Difícil dizer. Perguntei a um camarada meu que tem uma galeria de arte e ele falou que esses quadros valem o que as pessoas estiverem dispostas a pagar por eles. O maior dos três, que é um monte de borrões coloridos, é de uma artista de Washington, amiga de uns abstracionistas famosos da década de 1950 mas que não ficou famosa como eles. Pode ser que fique um dia e o preço do quadro vá lá para cima. Mas também é possível que ela seja esquecida e a porcaria do quadro não valha mais nada.

– Espere só um instante: você disse que tem um amigo que é dono de uma galeria de arte?

– Vai à merda – praguejou Shrake. – Bom, foi isso que a gente apurou. Se essa Ruth tem algum envolvimento com os crimes, alguém sujou as mãos por ela.

– Valeu. Isso já ajuda – agradeceu Virgil.

E pensou: Slibe.



E pensou ainda: não tenho nada que possa levar o homem a um tribunal.



Ele tinha apenas algumas peças de valor forense. As pegadas só atrapalhavam, pois indicavam uma mulher. Na hipótese de que o criminoso

tivesse uma cúmplice, talvez fosse possível chegar a algum lugar. Os dois cartuchos eram mais úteis: se ele pudesse encontrar a arma de onde eles haviam saído... e se ela contivesse impressões digitais ou resquícios de DNA ou apontassem para algum histórico nos registros da polícia...

Mas se Slibe fosse mesmo o criminoso, o melhor que ele poderia ter feito naquela altura era jogar sua arma num lago qualquer da região. Se isso tivesse acontecido e ele ficasse de bico calado, dificilmente poderia ser pego.



Virgil pescou por mais dez minutos. Depois voltou à margem, guardou a vara, jogou-se diante do manche e ligou para Sig.

– Quer sair para comer alguma coisa mais tarde?

– Faço qualquer coisa para não ter que ingerir minha própria comida. Por acaso foi você que passou por aqui ontem à noite mas não entrou?

– Foi. Vocês estavam costurando, certo? Pois é, esqueci.

– Não pretendo costurar nada hoje à noite. Um belo bife e uma garrafa de vinho vão contar muito a seu favor.

– Posso passar às sete?

– A gente se vê às sete.

Em seguida, ele ligou para Sanders, que já havia voltado para Bigfork.

– Será que você poderia mandar um dos seus policiais pegar Berni Kelly? É a baterista da banda de Wendy Ashbach. Preciso apenas falar com a moça, mas quero que ela seja tratada como uma suspeita. Não precisa algemar, mas jogue-a no banco de trás de uma viatura. Fale grosso. É para deixá-la mofando no corredor da delegacia. Ela deve estar naquele estúdio chamado Schoolhouse. Se não estiver, tente a casa do Slibe.

– Você acha que foi ela?

– Não acho nada em particular, mas minha lista de suspeitos já está bem menor. É o caso de Jan Washington que me preocupa mais. Por acaso vocês já encontraram alguma pista?

– Não, nenhuma. Um dos nossos detetives foi falar mais uma vez com ela em Duluth, mas até agora ela não faz a mais vaga ideia do que pode ter

acontecido. Dali não vai sair nada.

– Foi a mesma coisa quando estive em Iowa. Conteí para algumas pessoas o que eu já havia apurado. Fico me perguntando se não atiraram em Jan só para desviar a nossa atenção de Constance Lifry. Ou da banda de Wendy. Ou da Ninho da Águia.

– Tomara que não. Fico arrepiado só de pensar que estamos procurando alguém com esse nível de loucura. Mas é o que tudo indica – comentou Sanders.

– Olha, pegue a baterista e me ligue em seguida. Estou voltando para a cidade agora.

– Onde você está?

– Andei fazendo umas investigações – respondeu Virgil.



Virgil voltou com o barco para o reboque e o deixou na casa de Zoe. Bateu à porta, mas ela ainda estava no trabalho. Seguiu para o escritório da contadora, foi informado de que ela ainda demoraria uns quinze minutos com um cliente, então foi à sorveteria mais próxima e atravessou a rua com uma casquinha de pistache em mente. Apertando a própria barriga para ver como andavam as banhas, constatou que a situação ainda era administrável e se decidiu por um sundae com *fudge* de chocolate.

Um casal entrou logo em seguida, experimentou três sabores diferentes e saiu pouco depois, cada um com sua casquinha. A atendente, uma moça de olhos grandes, perguntou:

– Você é o cara da polícia estadual?

– Sou – respondeu Virgil.

– Acha que vai pegá-lo, seja lá quem for? – indagou de forma casual, limpando o balcão.

– Pode apostar que sim. Fizemos muito progresso hoje. Mais um dia ou dois, no máximo três, este caso está solucionado.

– Jura?

– Juro.

Ela o encarou com desconfiança e, assim como Zoe já havia feito em outra ocasião, questionou:

– Por que você está me contando tudo isso?

Virgil deu de ombros.

– Por que não contar? Você paga os seus impostos, que são usados para esta investigação. Você tem todo o direito de saber.

– Posso contar para minha mãe? Ela anda superpreocupada. Vai ficar bem mais tranquila quando souber que você está prestes a pegar o cara.

– Claro, pode contar.

Só então ela notou a camiseta dele.

– Que troço é esse aí, “The Gourds”?



Virgil estava perplexo com a ignorância dos jovens em Grand Rapids: como ela não conhecia The Gourds, a melhor e única banda country a gravar um cover de “Gin and Juice” do Snoop Dogg? Ele voltou ao escritório de Zoe e foi encaminhado para a sala dela.

– Daqui a pouco vou estar com Wendy – informou ela. – Ela quer que eu dê uma olhada no contrato com aquele sujeito de Iowa.

– Conheci a casa noturna dele. Parece um lugar sério – comentou Virgil, puxando uma cadeira para si. – Havia um monte de fotos no escritório, de artistas do primeiro time.

Sem disfarçar a ironia, Zoe perguntou:

– E aí, por onde você tem andado? Intimidando mulheres inocentes?

Virgil pensou em Ruth Davies e respondeu:

– Basicamente, sim.

Em seguida, contou que já podia eliminar a mosca-morta da sua lista de suspeitos, mesmo sabendo desde o início que ela não tinha culpa no cartório.

– Mas você ainda suspeita de mim – disse Zoe. – Pelo menos um pouquinho.

– Não. Decidi que gosto demais de você para suspeitar de alguma coisa.

Zoe balançou a cabeça.

– Sabe, se você fosse contador em vez de policial... Deixa para lá.

– Fale.

– As pessoas iam fazer gato e sapato de você. Não dá para fazer a contabilidade de uma pessoa, depois dizer que está tudo certo só porque você gosta dela. As coisas precisam *estar* certas. Têm que ser *lógicas*.

– Talvez. Mas diga aí. Quem você acha que foi? Só pode ser alguém a no máximo dois graus de Wendy.

Zoe olhou para Virgil, depois para o calendário de parede e, por fim, voltou-se de novo para ele.

– Slibe.

– Não tenho rigorosamente nada que aponte para ele.

Não era bem a verdade: havia o comentário sobre a caçada de cachorros selvagens.

– Vou contar uma coisa sobre Slibe. Ele era casado com uma mulher chamada Maria Osterhus, com quem teve a Wendy e o Júnior, e tinha um negócio que ia bem, uma empresa de fossas sanitárias chamada S&M Septic and Grading. Mas depois... a mulher se apaixonou por um cara e se mandou com ele. Não queria grana nem os filhos, não queria nada. Só desejava o tal Hector Não-Sei-das-Quantas. Esse Hector abandonou o emprego, foi para o Arizona com Maria e os dois nunca mais deram as caras por aqui. Slibe criou os meninos sozinho. Ele era totalmente apaixonado pela mulher e essa paixão foi transferida para Wendy...

– Como você sabe disso tudo? Quantos anos você tinha quando essa história aconteceu? Dez?

– Foi a própria Wendy que me contou. A gente ficou junto por um tempo. Essa era a grande questão da vida dela.

– Mas Slibe nunca...

– Não, não, não. As coisas não chegaram a esse ponto. Pelo menos foi o que Wendy disse. Também perguntei a ela. Mas... não acho que Slibe esteja disposto a abrir mão da filha. Quer mantê-la com ele para o resto da vida.

Acha que é *proprietário* dela. Do mesmo modo que era proprietário de Maria. Wendy é dele e de mais ninguém.

– Mas Slibe não parece ligar para o fato de que ela é lésbica – observou Virgil.

– Bem, certamente ele pensa como todos os homens. Se Wendy se interessasse por um cara, esse cara poderia se tornar o novo proprietário dela e Slibe não ia permitir uma coisa dessas. Aos olhos dele, o lesbianismo não passa de uma brincadeira feminina. Mas, no caso de um homem, a coisa muda totalmente de figura.

– Ah – fez Virgil.

– O que isso significa?

Nesse instante, o celular de Virgil tocou e ele o tirou do bolso para atender. Uma ligação do xerife.

– Já trouxeram a moça – avisou Sanders. – E ela está cuspiendo marimbondos.

– Você não me parece preocupado.

– E não estou. Se der alguma merda, posso dizer que a culpa é sua.

– Bem pensado. Daqui a pouco estou aí.

Ele se levantou e Zoe perguntou:

– Por acaso você vai se encontrar com minha irmã hoje à noite?

Sig certamente havia comentado com ela.

– Sei lá. De repente dou uma passada por lá, tomo uma cervejinha com ela.

– Cervejinha. Sei. Para seu governo, Sig foi depilar as pernas.

– Poxa, que pena. Eu ia me oferecer para fazer isso para ela – lamentou Virgil.

Zoe riu.

– Slibe.



Berni de fato estava cuspiendo marimbondos. Sentada numa cadeira de plástico laranja, ela fulminava com o olhar o policial que lia seu jornal do outro lado da mesa. Virgil se aproximou por trás e percebeu que a baterista

estava zumbindo de fúria, do mesmo modo que a primeira ex-mulher dele costumava fazer.

Virgil tratou de abrir um sorriso acintosamente provocador.

– Berni! Que bom que você veio!

Ela se virou na cadeira de plástico e xingou:

– Filho da puta!

Imediatamente ficou de pé e Virgil teve a impressão de que ela já mirava os olhos dele. O policial achou o mesmo e também se levantou, mas Virgil ergueu as mãos.

– Opa, opa. Eu só quero conversar.

Berni começou a chorar e, notando o rosto todo borrado de rímel, Virgil se deu conta de que ela já havia chorado.

– Acho que Wendy vai me expulsar da banda...

– É mesmo?

– Aquele cara que você trouxe aqui, o tal Jud... ele falou que ela precisa de uma baterista melhor.

– Você conversou com Jud?

– Não. Ele conversou com Wendy, que me contou. Falou que eles ainda não tomaram uma decisão, mas aposto que já. E depois você manda esse policial de merda me arrancar do estúdio!

– Você e sua boca suja – disse o policial.

Ela se virou para ele e gritou:

– Cala a boca, Carl! – E se voltou para Virgil: – Carl quer me comer desde que estava no nono ano e eu, no quinto. É ou não é, Carl?

– Quer ir com ela para a sala de interrogatório? – indagou Carl a Virgil. – Já estou farto dela. – E acrescentou para Berni: – “Os quais, conhecendo bem o decreto de Deus, que declara dignos de morte os que tais coisas praticam...”

– Ah, certo, ouvi dizer que você nasceu de novo – falou ela. – O que para você é ótimo, já que da primeira vez não deu muito certo, não é?

Virgil conduziu a baterista para a sala de interrogatório.

– Vem, vamos conversar. – E completou para Carl, que o irritara: – “A alma de Jônatas se ligou à de Davi, e Jônatas o amou como à sua própria alma.”

– Isso não significa que eles eram veados! – berrou Carl antes que eles sumissem na sala. Parecia um tanto nervoso.

Tão logo eles se viram sozinhos, Berni questionou:

– Que diabos foi aquilo?

– Sou filho de pastor. Sei tudo do assunto, os prós e os contras.

– Davi era veado?

– Vai saber... Donatello achava que sim.

– Dona *quem*?



Virgil acomodou-a à mesa de interrogatório e explicou:

– Berni, analisamos todas as evidências, o xerife e eu, e está mais do que claro que você está envolvida nesses crimes de alguma forma.

Ela começou a protestar, mas Virgil a interrompeu:

– Escute. Em primeiro lugar, tivemos dois homicídios associados à banda, mais uma tentativa de homicídio, realizada com o mesmo rifle que matou Erica McDill. Você não tem nenhum álibi concreto. Então fomos juntando as peças do quebra-cabeça, entre elas as pegadas que encontramos na beira do lago, deixadas por uma mulher...

– Não matei ninguém – rosnou ela. – Nunca estive naquelas bandas do lago.

– Ainda estamos nos estágios preliminares e o que realmente nos interessa é... o estado emocional do culpado. Se você acha que estava, digamos, nervosa, é bem provável que isso possa ser levado em conta na sua defesa. Se você estava abalada por causa da relação de Erica com Wendy...

– Eu nem sabia que elas estavam ficando!

– As pegadas estavam lá – insistiu Virgil.

– *Não são minhas!*

– Mas todas as outras têm um álibi. E não há como negar: esses crimes estão associados à banda.

– A namorada da Erica, lá de Minneapolis...
– Tem um álibi inquestionável – completou Virgil. – Não sei até que ponto você conhece nosso sistema penal. Se você colaborar, é possível que os jurados sejam mais lenientes no seu julgamento. Você não tem nenhum antecedente criminal e...

– *Mas eu não matei ninguém!*

– Bem... – Virgil jogou as mãos para o alto como se não tivesse mais argumentos, como se não pudesse fazer mais nada por ela. Em seguida, foi direto ao ponto: – Acreditamos que você está envolvida. Quer dizer, você diz que não matou ninguém, mas se não foi você, quem foi?

Ela olhou de soslaio, depois respondeu:

– Merda. Eu estava rezando para que você o pegasse sozinho. Wendy vai me matar.

– Se não foi você... Quer dizer, se você sabe de alguma coisa, é melhor falar depressa. Ele ou ela está apagando todo mundo que sabe algo.

Berni ergueu o rosto.

– Você acha?

– Ninguém está seguro, é isso que eu acho. Essa pessoa é desequilibrada. Precisa de ajuda. Aliás, se foi você que matou essas mulheres, é isso que vamos fazer: providenciar algum tipo de ajuda psiquiátrica.

– *Eu não...* – Berni virou o rosto e novamente começou a zumbir, refletindo. – Não sei de nada. Mas acho que você devia investigar o Júnior.

– O Júnior? Não o pai dele?

– Slibe? Sei lá. Só sei que o Júnior tem... uma atração sexual pela própria irmã. Sempre teve. Desde que eram pequenos. Se você conseguir falar a sós com a Wendy, ela mesma vai lhe dizer. O Júnior nunca ia querer que ela fosse embora. *Nunca.*

– Ele é sexualmente ativo?

– Ativo? Bota ativo nisso. Aquele menino não faz outra coisa além de brincar com o próprio pirulito.

– O que eu estou perguntando é: ele tem namorada?

– Até onde sei, ainda é virgem. A não ser que tenha pagado a alguém. Mas ele é... *muito* diferente. Fica olhando para a gente o tempo todo. Finge que não, mas dá para ver que os olhos dele estão plantados na gente.

– Talvez esteja interessado em você, e não na Wendy – sugeriu Virgil.

– Acho que ele é interessado em sexo e ponto final. Quer dizer, o garoto tem 17 anos, a gente sabe o que ele quer. Mas a Wendy é o centro do universo dele.

– Ah.

– Como assim, “ah”? – questionou Berni.

– Parece que Wendy é o centro de muitos universos.

– É. Inclusive o dela própria.

Virgil fingiu pensar.

– Sei lá, Berni. Admito que ainda não investiguei Slibe Júnior. Não sei qual é o álibi dele, mas você há de convir que tenho bons motivos para achar que você está envolvida.

Ele continuou a manipulá-la, instigando, sempre que possível, para que ela falasse de Wendy, Slibe e Júnior. Jogando verde para colher maduro.

Pegando pesado.

Ela comentaria com Wendy, que falaria com todo mundo...

E o assassino ficaria sabendo. Provavelmente faria alguma coisa.



Eram cinco horas quando Virgil liberou Berni, pedindo-lhe que não saísse da cidade.

De volta ao motel, tomou uma chuveirada, barbeou-se de novo e se vestiu. Na hora de escolher a camiseta, ficara em dúvida entre duas das mais novas: uma da Blood Red Shoes e outra da The Appleseed Cast. Decidira-se pela última ao se dar conta de que naquelas circunstâncias não seria lá de muito bom gosto usar algo de uma banda que tinha como nome “Sapatos Vermelhos de Sangue”.

Sig já estava pronta quando Virgil chegou. Com um vestidinho de algodão, veio saltitante ao encontro dele, beijou-o com paixão e, ainda com os dedos

enterrados sob o cinto dele, exclamou:

– Bifes! Estorricados!

– Aonde vamos?

– Ao Duck Inn, no centro da cidade. O lugar é tão chique que eles têm até pacotinhos individuais de torradas de gergelim.

Virgil riu.

– Aí não dá para resistir.



Sig se revelou uma pessoa engraçada depois que Virgil teve uma oportunidade real de conversar com ela. Conhecia quase todo mundo na cidade, bem como os podres de cada um, e contou como havia reagido ao descobrir que Zoe vinha fazendo experiências sexuais com uma amiga dela.

– Não fiquei nem um pouco chocada. No meu caso, você sabe... se não tem algo balançando entre as pernas, para mim não serve, não faz nenhum sentido. Mas descobri que Zoe gostava de mulheres e isso me pareceu absolutamente normal.

Ela e Virgil tinham se cruzado em algum momento na Universidade de Minnesota, talvez até tivessem tido uma conhecida em comum, uma garota que havia zanzado por todos os tipos de arte conhecidos na face da Terra. Depois de demonstrar pouco talento para a pintura, a escultura, a cerâmica, a arquitetura, o desenho botânico, a música e a dança – ela estudara violão clássico, tocava muito mal, e o professor de dança tinha sugerido que sua real vocação poderia ser o *pole dancing* –, a garota se decidira pela criação literária, área em que talvez Virgil a tivesse conhecido.

– Mas não me lembro de nada que ela tenha escrito – comentou ele.

– Pois eu me lembro de um trabalho em particular – disse Sig. – O namorado dela caçava e ela fez uma gravura de um coelho esfolado. Horrorizou todo mundo que viu a obra.

– Talvez então a gravura fosse boa. Se causou esse impacto todo...

– Não. Aquilo não parecia um coelho esfolado, mas um animal qualquer que tinha sofrido algum tipo de acidente. Ou, sei lá, um mutante depois de

umas marteladas. Mas... quer saber? Talvez você tenha razão. Não me lembro de nenhuma outra obra que tenha perdurado tanto tempo na minha memória. Talvez fosse mesmo boa. De qualquer modo, ela acabou desistindo da gravura também.



O Duck Inn era um falso chalé de lenhador com um estacionamento de cascalho à frente, pinheiros plantados e, na fachada, um luminoso de neon com um pato batendo as asas em azul e vermelho. Entrando no restaurante, eles depararam com Jud Windrow deixando o local.

– E aí, Virgil? – disse Jud, e olhou Signy da cabeça aos pés. – Você vai ao Wild Goose mais tarde?

– Provavelmente não. Tenho uma reunião de perícia forense hoje à noite. Aquele caso, você sabe.

– Bem, estou indo para lá agora. Tive uma reunião com Wendy no trailer dela e ela vai assinar comigo.

– Você resolveu aquela parada da baterista?

– Acho que sim. Berni contou que esteve com você hoje de tarde. Estava puta da vida.

– Pessoas morreram – alegou Virgil.

– É isso aí, irmão. – Jud novamente esquadrinhou Signy. – Não faça nada que Willie Nelson não faria.

– Vou tentar me lembrar, caubói – devolveu Virgil.

Jud riu.

– Vou indo nessa, caubói. Aquele inferninho está esperando por esta minha bunda velha.



Signy ficou ligeiramente ofendida com a conversa e, assim que ocupou sua mesa com Virgil, perguntou:

– Quem era aquela figura?

Virgil contou sobre Jud Windrow e ela opinou:

– Muito presunçoso.

Inclinando-se sobre a mesa, Virgil explicou:

– Você nem faz ideia de como está bonita. Os caras deste restaurante estão babando baldes por sua causa. E foi isso que deixou Jud daquele jeito.

– Nesse caso...

A conversa corria solta enquanto eles comiam seus bifês com purê de batatas e tomavam um Pinot Grigio de Santa Barbara. Lá pelas tantas, a garrafa já quase vazia, Sig contou uma piada de padre (“O fiel pergunta ao padre se ele acha errado alguém lucrar com o erro dos outros. O padre responde que sim, claro, e o outro diz: ‘Então devolve a grana que eu paguei para o senhor fazer meu casamento!’”), e Virgil contou a ela sobre sua tia Laurie, irmã de sua mãe, que havia fugido com um padre e despertado a ira do pai de Virgil, que por muitos meses não falara de outra coisa.

Após uma hora e meia, terminado o jantar, Signy insistiu que eles fizessem uma caminhada pela vizinhança para que Virgil conhecesse um pouco do centro da cidade. Eles passaram por alguns bares, Signy cumprimentou alguns amigos e, dali a um tempo, já de volta ao carro, ela indagou:

– Você está com o celular?

– Claro. Quer fazer uma ligação?

– Não. Mas, desta vez, deixa ele no carro, ok?

– Claro! – Virgil tirou o telefone do bolso e o guardou no porta-luvas. – Você é uma mulher muito prática.

– Sempre fui.



Em casa, Signy colocou um CD de Norah Jones para tocar e foi ao banheiro. Ao voltar, Virgil a tomou pela cintura e perguntou:

– Dança comigo?

Ao som de “Come Away with Me”, “One Flight Down” e “The Nearness of You”, eles foram dançando pela sala, levados pela música, e a certa altura Signy mordeu o lóbulo dele e Virgil prensou-a contra a parede mais

próxima. De repente, um par de faróis surgiu do outro lado das janelas e as luzes automáticas do quintal se acenderam.

– Essa não... – resmungou Virgil.

Signy se desvencilhou, foi até a janela e espiou através das cortinas.

– É Zoe. Ela sabia que você estava vindo para cá. Vou dizer que não é um bom momento, ela vai entender.

Virgil abraçou-a por trás.

– Não quero ser grosso, mas, juro por Deus, se eu não for para a cama com você esta noite, vou enlouquecer.

Sem se virar, Signy apertou uma das coxas dele.

– A gente vai se livrar dela.

Zoe bateu à porta.

O TRAILER DE WENDY CHEIRAVA A comida enlatada – provavelmente um cozido –, café, suor e maconha. Jud Windrow se esparramava num pufe com as botas plantadas no tapete de retalhos, bebendo uma Budweiser, mas sem perder o foco enquanto ouvia Wendy, Berni e Slibe rosnarem uns com os outros.

Não era a primeira vez que presenciava aquilo. Havia artistas que consumiam milhares de horas aprendendo a tocar um instrumento, capazes de dizer tudo que alguém quisesse saber sobre como escrever uma música, sobre pontes e transições ou sobre palavras específicas que não podiam ser usadas em música nenhuma. “Cadáver”, por exemplo. Haveria no mundo alguma canção com a palavra “cadáver”?

Os artistas sabiam disso tudo, trabalhavam diariamente no seu ofício, aperfeiçoando-se cada vez mais, passando noites em claro na companhia de um violão ou teclado. Ainda assim, não sabiam nada sobre o negócio da música. Estavam num mercado, mas não tinham consciência disso. Eram artistas e pronto.

Jud suspirou e deixou que a discussão prosseguisse.



Colocara lenha na fogueira ao mencionar a necessidade de recrutar outra baterista e, talvez, outra tecladista também. Berni havia subido nas tamancas e, por um instante, ele temera que ela partisse para cima dele, mas depois a moça começara a suplicar a Wendy, tentando salvar o próprio emprego. Quando a vocalista virou o rosto, Berni começou a chorar.

– Eu... eu... eu hoje passei a tarde inteira com o filho da puta de um policial naquela delegacia, o cara me torturando, e agora vocês querem me expulsar da banda? É isso que vocês querem, não adianta negar.

Jud sugeriu que ela poderia continuar, mas em outra função, ajudando na linha de frente com outro instrumento de percussão ou fazendo os vocais de apoio, e ela se acalmou um pouco.

– Desde que eu fique na banda...

Wendy defendeu a tecladista:

– A gente tem forçado a barra dela, só isso. Ela manda bem nas gravações, mas não tem uma atitude, entende? Fica ali atrás, tocando, mas com uma carinha de morta. A gente pode dar um jeito nisso.

– Ela *realmente* toca bem – concordou Jud. – Mas, nas bandas grandes, todo mundo precisa ter personalidade.

– A gente arruma um chapéu para ela – sugeriu Wendy. – Deixe isso comigo. O negócio é que... ela faz as melodias das canções. Foi ela que transformou “The Artists’ Waltz” numa valsa. Antes era um baladão.

– Tudo bem – cedeu Jud. – Ela fica. Mas de chapéu.

Eles passaram aos termos do contrato e foi aí que Slibe se intrometeu. Havia cláusulas que eram claramente favoráveis a Jud, que foi obrigado a admitir isso. Após o primeiro mês como banda residente do Spodee-Odee, elas teriam que tocar no bar por uma semana em cada um dos cinco anos seguintes, e por opção dele, Jud. Caso recusassem, precisariam pagar o equivalente a quinze por cento dos direitos autorais de todos os discos lançados naquele período. Por outro lado, caso não as quisesse em qualquer um dos cinco anos, Jud poderia cancelar sem nenhum ônus para si.

Slibe gritou para Wendy:

– Está vendo como é? Esse sujeito embolsa uma porcentagem de tudo! Vira dono até da sua bunda!

– Da bunda inteira, não – retrucou Jud. – Só de quinze por cento.

– É assim que esses pilantras roubam. Você se enreda num contrato e depois não consegue sair.

Wendy queria assinar de qualquer jeito, convencida pelos bons motivos dados por Jud:

– Você pode continuar aqui e cantar com sua bandinha de merda para o resto da vida, tocando no Wild Goose ou até em alguma espelunca de Minneapolis, mas não é assim que você vai conseguir sua grande chance. Não mesmo.

– As pessoas podiam vir até aqui para ouvir elas tocando... – começou Slibe.

– Pai, deixa ele falar! – reclamou Wendy.

– Se quiser estourar, você vai ter que se mostrar – prosseguiu Jud. – Isso significa tocar por um mês no meu bar, onde você será ouvida pelos maiores e mais importantes agentes do mercado. E ainda vai receber por isso. E eu, recebo o quê? Uma banda nova que ninguém conhece. Mas se vocês forem realmente boas, minha grande recompensa virá depois que vocês forem descobertas e se tornarem um sucesso. Vocês gravam um ou dois discos e eles vendem bem. Daí vocês têm que voltar e se apresentar no Spodee-Odee por uma merreca de cachê, mas qual o problema? Tocar no meu bar não vai macular a sua imagem em nada. Pelo contrário. O Spodee-Odee é um dos lugares de maior prestígio em todo o circuito. Eu loto minha casa durante uma semana e vocês ficam com toda a renda dos discos.

Eles ouviram um carro se aproximar e Slibe se levantou para ver quem era.

– É aquela Zoe.

– Fui eu que a chamei – disse Wendy.

– Para quê, porra? – perguntou Berni.

– Porque ela é mais inteligente do que nós e entende dessas coisas de contratos e impostos – explicou Wendy. – Além disso, é apaixonada por mim e não vai cobrar nada.

– Ela é um pé no saco – resmungou Slibe. – E não vai nem um pouco com a minha cara.

Zoe bateu à porta e Slibe a deixou entrar.



Zoe recebeu o contrato e alegou:

– Não sou advogada.

– Basta que você dê uma lida – falou Wendy.

Zoe foi à cozinha para ler o documento.

– Mas se elas gravarem um disco que não venda tão bem – criticou Slibe, se dirigindo a Jud –, você pode simplesmente expulsá-las.

Jud assentiu.

– Claro que posso. O contrato me favorece porque sou eu que está correndo o risco. Qual é o banco que faz um contrato de hipoteca em que o comprador não precisa pagar se não estiver a fim? Banco nenhum, ora. *Todos* os contratos favorecem o banco. E, no nosso caso, o banco sou eu.



Estavam todos sentados no ambiente que seria a sala de estar, Jud o mais próximo da porta, que ficava no meio do trailer, e Wendy com Berni num longo sofá contra a parede dos fundos. Jud olhava para Berni quando pensou ter visto algo do outro lado da persiana, no ponto da última lâmina, que se achava empenada. Algo parecido com um par de olhos, mas depois não viu mais nada, senão o lusco-fusco do anoitecer.

Zoe voltou da cozinha e devolveu o contrato a Wendy.

– O que você quer saber?

– Se eu devo assinar ou não – respondeu Wendy.

– Isso você vai ter que decidir sozinha. Depende do que você quer. Não sei nada a respeito desse tal Spodee-Odee. É um lugar importante?

– Muito – disse Wendy.

– Segundo esse sujeito aí – replicou Slibe, apontando o queixo para Jud.

– Não somos o maior clube do país, mas um dos maiores – retrucou Jud.

– Bem, já tive a oportunidade de ler alguns contratos de escritores e este é muito parecido. O Sr. Windrow está fazendo mais ou menos o papel de um agente. É aí que entra a parte dos quinze por cento. Se vocês arrumarem outro agente, também vão ter que pagar os mesmos quinze por cento... Mas não precisam pagar o Sr. Windrow para tocar no clube dele. Dependendo do

montante que estiver evolvido nessa altura, vocês podem decidir de um jeito ou do outro. A menos que...

– O quê? – perguntou Wendy.

– A menos que a banda se dissolva e você pare de cantar. Nesse caso, não sei o que acontece.

– Existem duas hipóteses – interveio Jud. – Se ela ganhar 100 milhões de dólares na loteria e não quiser cantar mais, eu a processo e tento abocanhar um pedaço. Mas se não ganhar porra nenhuma, a banda acaba e ela parar de cantar e for trabalhar de garçonete numa lanchonete de beira de estrada, que diabos eu teria a ganhar entrando com um processo? Metade do próximo cheesebúrguer vendido? Se for esse o caso, abro mão de qualquer processo ou recompensa. Não adianta se esforçar em vão.

– Está vendo? O malandro só quer saber da parte dele – acusou Slibe.

Wendy mais uma vez examinou o contrato.

– E sobre essa baterista, a tal O’Hara? Aqui está dizendo que a gente tem que tocar com ela sempre que se apresentar no Spodee-Odee. Mas e se a gente mantivesse a Berni durante este primeiro mês?

– Se liga, Wendy – disse Jud. – O’Hara é a melhor baterista de todas e, no momento, está sem banda. Vai cair para vocês feito uma luva. Divorciada, sem filhos, procurando por uma banda nova... Quanto a Berni, ela pode começar a trabalhar desde já na linha de frente, bem a seu lado no palco, fazendo vocais, rebolando para a galera, tocando pandeiro, sei lá.

– Pandeiro, uma ova – retrucou Berni, e novamente deixou o rosto cair nas mãos.

Foi nesse instante que, mais uma vez, Jud percebeu algo do outro lado da persiana. Seria possível que houvesse alguém ali? Wendy pousou a mão na perna de Berni.

– Vai dar certo, você vai ver. Com minha ajuda, não vai ter para mais ninguém em cima daquele palco. Só vai dar você. Tenho estes peitões, mas você é o sonho de qualquer caubói... Vai dar certo, fique tranquila.

– Mais uma coisa sobre esse contrato... – interrompeu Slibe.



A discussão seguiu adiante, todos consultando o relógio, até que por fim Wendy avisou ao pai:

– Agora a gente precisa ir para o Goose. Mas vou assinar. Preciso falar com as outras meninas antes, mas vou assinar. – E acrescentou para Jud: – Você ainda fica aqui esta noite?

– Fico.

– Então a gente se vê amanhã no estúdio, todo mundo conversa junto e você leva o contrato. Vai para o Goose agora também?

– Preciso comer alguma coisa antes. Alguma sugestão?

Wendy fitou Zoe, que respondeu:

– O Duck Inn, talvez.

– Isso não está certo – reclamou Slibe. – O certo é levar essa porcaria de contrato para um advogado examinar amanhã. Para que a pressa?

– Um ou dois dias eu posso esperar – falou Jud. – Mas preciso logo de alguém para tapar um buraco. Se você assinar, ótimo. Se não assinar... Bem, já estamos montando a nossa programação para o próximo verão e outono. Se Johnny Ray não tivesse metido seu Mustang numa vala, esse buraco nem existiria.

– Vou assinar – garantiu Wendy. – Vou assinar.

ZOE CONTOU O MOTIVO DE sua visita. Virgil levou as mãos à cabeça.

– Como assim você não está conseguindo encontrá-lo? A gente falou com o cara. Trombamos com ele nesse restaurante...

– Duck Inn – completou Sig.

– ... três horas atrás. Já deve estar de volta ao hotel.

– Não está – informou Zoe. – Passei por lá e bati na porta. Depois fui até o aeroporto, falei com Zack.

– Funcionário do aeroporto – explicou Sig.

– E o avião de Jud ainda está lá – acrescentou Zoe.

– Ele deve estar num bar qualquer.

– Passei por todos os bares da cidade. Era para ele ter chegado lá às sete.

Virgil conferiu as horas e se virou para Sig.

– Foi mais ou menos nessa hora que peguei você aqui.

– Olhei as horas pouco antes de você chegar e ainda não eram sete.

– Então a gente deve ter chegado ao restaurante por volta das...

– Talvez dez para as sete.

– Logo ele estava atrasado – concluiu Zoe. – Não conhece ninguém na cidade, ele mesmo disse. Não consegui encontrá-lo em lugar nenhum. Wendy, Berni e Cat também estão à procura dele... Sei lá, pode ser que ele tenha bebido e agora esteja numa vala qualquer...

– Não estava bêbado quando o encontramos – interveio Sig, já um tanto contagiada pelo nervosismo da irmã.

– Puta merda – praguejou Virgil. – Se esse cara estiver numa farra por aí... Alguém sabe que carro ele estava dirigindo?

– Um Jeep Commander vermelho – respondeu Zoe. – Foi conversar com Wendy hoje de tarde e eu também passei por lá. Saí na mesma hora que ele, por isso vi o automóvel.

Virgil foi até o carro, pegou o celular no porta-luvas e ligou para Sanders.

– Tudo indica que é um alarme falso, mas também pode ser que não. Preciso que você mande seus homens atrás de um Jeep Commander vermelho, dirigido por um cara chamado Jud Windrow...



– Virgil... vai embora – pediu Sig.

Ele não queria.

– Isto não é uma investigação, é uma busca – argumentou. – Não posso fazer nada, só sair por aí atrás dele.

– Sei muito bem o que está se passando na sua cabeça, ok? Não vai rolar, Virgil. Não assim, com você todo tenso, olhando para o relógio a cada dois minutos. As pessoas vão ligar para você. Então é melhor você ir. Encontre o cara. Vou continuar aqui. – Sig sorriu para ele. – Não se preocupe, você não vai enlouquecer.



Virgil seguiu com Zoe e reclamou:

– Valeu, hein?

– O que você queria que eu fizesse? – questionou ela.

– Eu sei, eu sei...

– Realmente sinto muito. Siggy gosta de um homem a seu lado e, desde que Joe foi embora... e o Joe...

– O que tem o Joe?

– Joe é um cara bacana. Dá esses perdidos de vez em quando e... você sabe, não há casamento que resista. Mas é um cara bacana e minha irmã sente falta de um homem do lado dela. Se Joe fosse um babaca qualquer, talvez ela quisesse dar um tempo nos homens. Mas Joe não é babaca. É um cara engraçado, gostoso, só que... meio extravagante. E eu sei que Sig precisa de

alguém assim por perto. Tenho certeza que vocês vão se dar muito bem juntos.

– Porra, se o cara é tão bacana assim, por que você não casou com ele?

– Virgil...

– Tudo bem. Já estou indo – disse Virgil. – Quer saber de uma coisa? Quero mais é que esse Joe se exploda!



Dirigindo de volta à cidade, Virgil teve uma ideia, parou no primeiro acostamento que viu, encontrou seu bloco de anotações e ligou para Prudence Bauer em Iowa. Ela atendeu logo ao segundo toque e ele se identificou.

– Desculpa incomodar a essa hora, mas por acaso Jud Windrow ligou para você agora à noite?

– Não. Por que ligaria?

– Bem, fiquei com a impressão de que vocês eram amigos, achei que ele pudesse ter ligado. Vai contratar Wendy.

– Somos amigos sim, Virgil, mas nem tanto assim. Ele era mais próximo da minha irmã Connie – explicou Prudence. – Mas agora, diga a verdade. Ele sumiu, não foi?

– Apenas temporariamente.

– Essa não – lamentou ela, e Virgil imediatamente se arrependeu de ter ligado.

– Ainda não sabemos se aconteceu algo.

– Mas você acha que pode ser algo sério – devolveu ela, ríspida. – Caso contrário não teria me ligado. Não minta para mim, rapaz.

– Gostaríamos de saber onde ele está.

– Então ligue para a ex-mulher dele. Irma Windrow. Ela ainda trabalha no Spodee-Odee como contadora. Eles são muito próximos.



Virgil seguiu a sugestão.

– Estamos tentando falar com Jud sobre... um contrato que ele pretende assinar com Wendy Ashbach.

– Não estou sabendo de nada. Ele geralmente liga às dez. Já passou da hora, mas... não é *sempre* que ele liga.

Ela não sabia de nada, mas Jud não havia ligado.

A irritação de Virgil começava a dar lugar à preocupação.



O xerife ligou de volta.

– Conseguimos o número da placa na locadora, fizemos uma busca rápida na cidade, mas não encontramos o homem. Agora vamos nos dividir em grupos. E você, está fazendo o quê?

– Estou indo para a casa de Slibe Ashbach. Era lá que Jud Windrow estava antes de sumir. Sei não, mas essa história só pode ter alguma coisa a ver com os Ashbachs. Só não sei qual.

– Onde você está?

– Acabei de passar pelo Arby's.

– Pare no estacionamento desse restaurante. Se está indo falar com os Ashbachs, vou mandar dois homens com você.



Virgil parou no estacionamento, deixou o motor ligado e não havia esperado mais que três minutos quando chegou a viatura enviada por Sanders. Ele desceu para falar com os homens, que se chamavam Ben e Dan, ambos grandes e musculosos, com olhos azuis e queixo furado.

– É só uma opinião – disse Virgil –, mas acho que um dos Ashbachs está envolvido com esses crimes. Vamos tentar manter a calma ao chegarmos lá, pois o homem que estamos procurando sabe muito bem como usar uma arma e ainda por cima é maluco. Tudo bem? Estão com seus coletes? Quero que vocês se comportem como... sei lá, como se algum tiro tivesse sido ouvido nas redondezas. Não fiquem muito próximos um do outro, para não dar a chance de que ele os atinja numa única saraivada. Esperem que eu

entre na casa e fiquem atentos. Vocês têm um rifle? É para deixá-lo no banco de trás. Quando saírem do carro, abram a porta traseira e fiquem atrás dela, só por precaução.



Tão logo terminou as instruções, certo de que Ben e Dan haviam compreendido a situação, Virgil seguiu à frente deles rumo à casa de Slibe. Quanto mais eles se afastavam, mais a escuridão parecia se fechar em torno deles, como se um vidro de tinta nanquim tivesse se derramado sobre o céu, e mais baixas sobre a estrada pareciam as árvores. Ao chegarem à via de cascalho, mais estreita parecia a estrada e mais curtos os feixes de luz dos faróis. Como se eles estivessem adentrando um filme de terror.

Em seguida, eles passaram pela caixa de correio vermelha que marcava a última casa antes da de Slibe, viram luzes na garagem e no que provavelmente era a cozinha e, por fim, alcançaram o fim da estrada. A casa de Slibe estava escura, muito embora um poste lançasse uma luz rósea sobre o quintal. Virgil podia ver uma lâmpada acesa no canil, no topo do telhado, e algumas luzes no interior do trailer de Wendy. Dois carros se achavam junto do trailer e a caminhonete de Slibe estava diante da casa.

Virgil deu três pancadinhas leves no freio para sinalizar aos policiais que eles haviam chegado, depois passou pela placa de entrada proibida, pela ampla horta de Slibe e parou nas imediações do trailer.



Ao descer do carro, viu uma cortina se entreabrir e, muito de relance, o rosto de Wendy. Segundos depois, ela surgiu à porta com Berni às costas.

- Conseguiram encontrá-lo? – foi logo perguntando.
- Não – respondeu Virgil. Pressentia atrás de si os dois policiais se posicionando atrás das portas da viatura. Ótimo.
- Ele voltou para Iowa? – perguntou Berni por sobre o ombro de Wendy.
- O avião dele ainda está no aeroporto – informou Virgil. Olhou à sua volta, depois indagou a Wendy: – Onde está seu pai? E seu irmão?

– Meu pai está em casa e o Júnior... sei lá. Esteve aqui mais cedo. Mas ele não tem nada a ver com essa história.

Uma porta bateu na casa de Slibe e, virando o rosto, Virgil viu o homem sair à varanda. Em seguida, olhou de relance para os dois policiais; um deles assentiu e sussurrou algo para o companheiro.

– Berni me contou sobre a dura que você deu nela hoje à tarde – falou Wendy.

Slibe se aproximou.

– Que diabos está acontecendo aqui?

– Jud Windrow sumiu – relatou Virgil.

– E o que a gente tem a ver com isso?

Virgil não deixou de perceber que a reação de Slibe fora rápida demais, ríspida demais, e num claro tom defensivo.

– Jud foi visto pela última vez aqui – respondeu. – Antes de ser assassinada, Erica McDill passou a noite com Wendy, que estava prestes a assinar um contrato com Jud Windrow, e teria assinado anteriormente com Constance Lifry se ela não tivesse sido estrangulada. Isso não lhe sugere nada?

– Sugere, sim: que tem alguém querendo ferrar minha filha – disse Slibe.

– Onde você estava hoje por volta das sete horas? – perguntou Virgil. – E o seu filho?

– Eu estava aqui. A reunião acabou, Jud foi embora e as meninas também, porque iam tocar. Dei comida para os cachorros e fiquei cuidando de alguns deles até escurecer.

– E seu filho?

Slibe olhou rapidamente para o canil.

– Saiu para caminhar. Vi que ele estava arrumando a mochila e falei que precisava de ajuda com os cachorros. Ele disse que não tinha tempo, pegou seu rifle e foi embora.

– A pé?

– Claro que foi a pé. Ninguém sai para uma caminhada de carro. Seja como for, Jud estava bem quando saiu daqui, todo mundo o viu. Como meu

filho ia seguir o homem até a cidade a pé? E carregando um rifle?

– Jud estava indo para o Duck Inn – interveio Wendy.

Virgil olhou para os três, correndo a língua pelos lábios enquanto pensava que eles estavam mentindo. Tinham que estar. Em algum momento...

– Você quer saber quem foi? – indagou Berni. – Se Jud sumiu? Foi sua amiguinha: Zoe.

– Já investigamos Zoe. Ela está limpa.

– Por quê? Por causa da bunda dela? – questionou Wendy. – Vai por mim: ela não usa aquela bunda tanto quanto você imagina.

– Foi ela que disse a Jud para ir ao Duck Inn, então sabia onde ele estava – insistiu Berni.

– Aquela mulher está sempre por toda parte – completou Slibe. – A gente sempre vê o carro dela por aí. É contadora, deve estar cuidando dos livros de alguém. Pelo menos é isso que a gente pensa.

– Certamente ficou sabendo que eu estava com Erica – prosseguiu Wendy.
– Não saiu daquela pousada no dia seguinte, depois que eu fiquei com Erica, e alguém deve ter visto a gente. Além disso, ela conhecia Erica bem o bastante para saber que toda tarde ela ia à lagoa para ver as águias.

Virgil lembrou-se da barwoman da pousada: ela tinha visto Wendy com Erica. Alguém mais teria visto?

Wendy olhou para o pai e para Berni.

– E aquela mulher que foi morta em Iowa... Foi justamente quando Zoe e eu começamos a nos ver com mais frequência. Isso faz o quê? Uns dois anos.

– Virando-se para Virgil, exclamou: – Meu Deus, Virgil, foi a Zoe!

Virgil logo se deu conta de que estavam tentando empurrar uma suspeita para ele. Mas não deixava de ser algo plausível, para o qual ele não tinha contra-argumentação.

– Quero falar com seu filho – falou a Slibe. – Não importa que tenha saído: você tem que encontrá-la e dizer que estou querendo falar com ele. E se ele não der as caras até amanhã, vou providenciar uma busca. Não vamos descansar até o tirarmos do meio do mato.

– Duvido muito – ironizou Slibe.

– Vou encontrá-lo, pode acreditar – falou Virgil, encarando o homem.
Slibe não desviou o olhar: encarou-o de volta, fuzilando-o.

– Você pretende enquadrar meu filho por conta de um crime que ele não cometeu? Júnior não fez absolutamente nada. Que motivo ele teria para fazer alguma coisa?

– Quero falar com ele. Amanhã sem falta – exigiu Virgil.

Ele saiu caminhando de volta para o carro, sinalizando aos policiais para que os dois entrassem na viatura. Antes que ele se acomodasse no Toyota, ainda ouviu Wendy berrar:

– Foi a Zoe, seu idiota! Foi a Zoe!



Eles já haviam sumido de vista quando Virgil parou o carro e os policiais pararam atrás dele. Indo ao encontro da dupla, Virgil perguntou:

– Algum de vocês sabe, ou poderia descobrir, onde mora Jan Washington?

– Claro. Ela mora ao sul do rio...

Virgil ouviu como chegar à casa de Jan, depois conferiu as horas: meia-noite. Paciência. Se o marido da mulher estivesse em casa, ele que saísse da cama.

– O que vocês acharam da minha conversa com os três?

Eles se entreolharam, depois um respondeu:

– Sei lá, mas ali tem.

– É o que eu acho – concordou o outro. – Os três têm rabo preso. Fico pensando sobre Wendy e o pai dela. Será que o velho não andou molhando o biscoito dele ali, tipo... uns dez anos atrás?

– Ahn... – fez Virgil.

– Por outro lado – continuou o primeiro, que Virgil achava ser Dan –, talvez você devesse dar uma investigada em Zoe também. Aquela família sempre foi meio esquisita. Você sabia que a mãe delas era lésbica? Quer dizer, se tornou lésbica?

“Ah, é? E daí?”, pensou Virgil.

– Vocês dois, deem uma maneirada. – Endireitou o tronco, deu uns tapinhas na porta do carro. – E encontrem esse sujeito, Jud Windrow. Vou ficar muito puto se souber que ele está hospedado numa pousada qualquer por aí.

– O que não é tão difícil assim. Tem um milhão de pousadas nesta região – falou Dan. – Mas falamos com a delegacia mais cedo. Nenhum sinal do homem ainda.

– Deve estar perdido por aí – arriscou Ben.

– Encontrem o cara – ordenou Virgil, e voltou a seu carro.



Ele continuou a pensar:

Se alguém pretendia sequestrar Jud e matá-lo para depois abandonar o carro do morto num mato qualquer, como ele, o assassino, voltaria para o *seu* carro? Era possível que estivesse disposto a andar 12 ou 15 quilômetros no escuro e tivesse deixado o carro num estacionamento 24 horas qualquer. Ou talvez o tivesse escondido mais perto para caminhar apenas meia hora. Mas como poderia saber de antemão o itinerário de Jud? Pelo menos precisaria saber onde ele havia jantado.

A menos que tivesse agido em dupla.

Slibe e o filho, por exemplo.

E a polícia de Iowa achava que o assassino era um homem...



A casa dos Washingtons ficava a 8 ou 10 quilômetros da cidade, à beira de outra estrada secundária, mas não tão isolada quanto a dos Ashbachs. Havia postes de luz ao longo de todo o caminho e Virgil podia avistar as casas, os galpões e as caixas de correio à sua frente.

Passou direto pela casa que procurava e precisou voltar, apontando sua lanterna para as caixas de correio até encontrar o nome dos Washingtons. Eles moravam numa casa comum de pavimento único, fachada revestida de vinil impermeável branco, garagem para dois carros, um barracão nos

fundos e um jardim junto à passagem dos carros. A única luz que vinha de dentro parecia ser a de um abajur, mas as luzes automáticas do quintal se acenderam tão logo Virgil entrou com o automóvel na propriedade.

A varanda se resumia a uma simples estrutura de concreto. Virgil tocou a campainha, pouco depois ouviu passos e, só então, a luz da frente da casa se acendeu. De pijamas azuis, Washington espiou através das vidraças e destrancou a porta.

– É a Jan? Está tudo bem com ela?

Virgil ergueu as mãos.

– Sinto muito se o assustei, mas não é sobre Jan que preciso falar. Tenho certeza de que ela está bem. Mas estamos com um problema sério e eu gostaria de fazer umas perguntas.

– Claro... entre. O que houve?

– Estamos procurando uma pessoa – respondeu Virgil, e rapidamente contou sobre Jud Windrow. – Por acaso você e sua mulher tinham algum tipo de relacionamento com Slibe Ashbach e o filho dele?

– Não, nenhum. Ele escava fossas sanitárias, não é isso? A nossa foi feita por El Anderson.

– Você os conhece?

– Slibe... o pai... Anos atrás eu participei de um comitê de reajuste de impostos e ele veio me pedir um abatimento, eu acho. Não me lembro do que aconteceu depois, mas acho que não era nada de muito complicado. É possível que a gente o tenha encaminhado para alguma assessoria... Acho que o reconheceria se o visse. Pode ser.

– Tudo bem. É você mesmo que faz sua declaração de imposto de renda?

– Como? – disse Washington, estranhando a pergunta.

– Sua declaração. É você mesmo que faz ou alguém faz por você?

– É uma moça lá da cidade que faz nossas declarações, a minha e a da minha mulher.

Virgil ficou apreensivo.

– E o nome dela é...

– Mabel Knox.

– Mabel Knox? – indagou, sentindo um alívio.
– Sim, ela trabalha para Zoe Tull. Zoe tem um grande escritório de contabilidade lá no centro da cidade.



Os Washingtons e Zoe se conheciam.
O que talvez não significasse nada, pensou Virgil. Ainda assim, aquela era a única conexão que ele havia encontrado.
E deveria ter encontrado antes: poderia ter perguntado a Zoe.
Teria perguntado se não acreditasse que Zoe era inocente.

SLIBE ASHBACH SAIU PELA PORTA dos fundos de sua casa, parou em meio à escuridão e aguçou os ouvidos. Bastava prestar atenção para que se escutasse uma espécie de crepitar ao redor, como se as folhas das árvores conversassem umas com as outras ou os insetos apostassem uma corrida sobre a relva.

Isso ele ouviu, mas nada que viesse de um ser humano. Ainda havia uma lâmpada acesa no trailer de Wendy, a mesma que, Slibe sabia, atraía o filho como a uma mariposa.

Ele foi caminhando através do breu, pisando leve com os tênis, até alcançar o trailer e contorná-lo com a cabeça baixa. Atrás, deparou com Júnior, empoleirado em seu bloco de concreto, o olho grudado na janela. Sentiu um ímpeto de fúria ao vê-lo. Respirou fundo, procurou se acalmar e, falando baixinho, perguntou:

– Está vendo alguma coisa interessante aí?

Júnior nem se mexeu. Um círculo de luz incidia sobre o olho dele, vindo do ponto em que a persiana fora empenada.

– Ouvi você desde a hora que fechou a porta. Parecia um elefante pisando a grama. – Desceu do bloco de concreto, olhos na sombra, e perguntou: – O que você quer?

– Precisamos conversar, agora – avisou Slibe. – Vá para o canil, sai dessa mosquitada aí.

– Os mosquitos não me incomodam – retrucou Júnior, e era verdade.

– Mas me incomodam. Vá para o canil.

Eles foram caminhando a passos largos, Júnior um pouco atrás do pai, ambos em silêncio. Os cachorros estavam quase todos dormindo; um deles

ganiu ao vê-los passar rumo à escada.

No loft, Júnior deixou-se cair numa cadeira.

– Fale – foi só o que disse.

– Você viu os policiais que estiveram aqui?

– Vi. Eu estava no canteiro de aspargos.

– Aquele cara, o da polícia estadual. O tal de Flowers. Ele acha que foi você que matou aquelas mulheres e que você fez alguma coisa com o tal de Windrow que esteve aqui hoje à tarde. O homem sumiu e eles acreditam que esteja morto.

– Não fui eu.

– Escute, imbecil. Para a polícia não importa nem um pouco quem matou ou deixou de matar. Uma mulher foi morta, outra levou um tiro e um homem está desaparecido; tudo o que eles querem é prender alguém e dar o caso por encerrado. Flowers perguntou onde você estava e eu falei que você tinha saído para uma caminhada.

– Vou precisar de comida, se for para sair – disse Júnior.

– Tem comida em casa. Pegue no armário da cozinha e se mande daqui.

– Sei não...

– Se ficar, vão meter você na cadeia, idiota. E só Deus sabe quando você vai sair de lá.

– Mas eu...

– *Escuta, porra.* Você não ouviu o que eu disse? Eles estão cagando para você. Só têm que prender alguém. O xerife precisa se reeleger. Se encontrarem outra pessoa, aí tudo bem, eles soltam você. Mas se não encontrarem... vão tentar culpá-lo.

Júnior abaixou a cabeça como sempre fazia ao remoer algum pensamento. Quinze segundos depois, Slibe informou:

– Falei para eles que você já tinha saído. Se você ficar fora do circuito por um tempo, acho que vão partir para cima de outra pessoa.

Júnior permaneceu calado, se virou na cadeira e ficou olhando para sua tralha de andarilho, amontoada junto à parede.

– Comprei duas caixas de munição ontem no Martin's. Podia sumir uns dias se tivesse um pouco de farinha de rosca.

– Tem uma caixa fechada lá na cozinha, junto com farinha de milho e um monte de pacotinho de sal e pimenta, uns vinte que peguei numa lanchonete. Se você já quiser ir se preparando, posso buscar para você.



Slibe II se aprontou em quinze minutos: saco de dormir, muda de roupa, quatro pares de meia, carabina .22, duas caixas de munição – cinquenta cartuchos em cada uma –, faca, lanterna de cabeça, rede de proteção, luvas, inseticida. Refletiu um instante, depois acrescentou uma vara de pescar ultraleve, uma caixa de anzóis e um tapetinho de ioga.

Slibe voltou com um saco de lixo repleto de comida: farinha de rosca, farinha de milho, um pacote de seis cervejas.

– Não vou mais caminhar – avisou Júnior.

– O quê?

– Vou levar a canoa. Você me deixa perto do rio. Vou descer até aqueles pântanos que tem mais para o sul. E ficar lá o tempo que eu quiser. Pescando e comendo.

– Falei para eles que você tinha saído para caminhar.

– Se alguém aparecer e perguntar, posso dizer que mantenho minha canoa escondida no mato, que saí a pé e a peguei.

– Tudo bem, tudo bem. Mas agora a gente precisa ir. As meninas já estão dormindo. Não quero esperar mais nem um minuto.

Júnior recolheu sua tralha e carregou tudo para a caminhonete. Slibe foi até um barracão de madeira e voltou com dois remos. Seriam oito minutos até o barranco às margens do Big Dick Lake, que servia como porto natural. A canoa, uma velha Grumman de alumínio, se achava acorrentada a uma árvore próxima. Eles a buscaram, alojaram-na na carroceria e saíram na direção do rio.

– Está escuro – comentou Slibe ao sair da Autoestrada 2 e passar por um armazém de processamento de zizânia.

– A gente acaba se acostumando – garantiu Júnior.

Na altura do barranco, pouco depois de uma ponte, eles ligaram a lanterna de cabeça e colocaram a canoa na água. Júnior jogou para dentro dela sua mochila, a carabina, a vara de pescar e o tapete de ioga.

Slibe debochou:

– Esse tapete aí... Você está ficando mole.

– É por causa das raízes. Elas machucam. Com o tapete fica melhor para dormir. – Júnior recebeu o par de remos. – Não sei o que o senhor está aprontando, pai, mas eu ia achar bom se me deixasse de fora disso.

Em seguida, embarcou na canoa, manobrou e sumiu na escuridão.

Slibe esperou até que não pudesse ver ou ouvir o filho, depois cuspiu na água e voltou para a caminhonete.

Parou num posto de gasolina 24 horas, comprou uma garrafa de cerveja e foi bebendo no caminho de volta para casa.

Pensando o tempo todo.

Elaborando sua história.

NA VARANDA DE ZOE, VIRGIL batia à porta como um marido bêbado. Até que a luz se acendeu, a porta se abriu e Zoe surgiu do outro lado da telinha.

– Virgil?

A julgar pelas roupas, ainda não fora dormir.

– Jud continua desaparecido. Acabei de voltar da casa dos Ashbachs. Posso entrar?

– Claro.

Zoe recuou. Virgil puxou a porta de tela, passou à sala e se jogou no sofá, a pistola ficando-o nas costas. Já havia se esquecido dela. Inclinou-se para a frente, retirou-a da cintura e a deixou sobre a mesinha à sua frente.

– Você está armado – disse Zoe, apreensiva.

– Não é para você – tranquilizou-a Virgil. – Estive na casa dos Ashbachs com mais dois policiais, prontos para entrar em ação.

– Para matar alguém, você quer dizer.

– Para atirar de volta se fosse o caso. Estamos lidando com um bando de malucos. O merda do Slibe falou que o merda do filho saiu para o mato. Agora o moleque está por aí, no meio da noite, com uma arma na mão. Quando pressionei os três... Slibe, Wendy e Berni... todos apontaram a mesma pessoa.

– O Júnior? – perguntou Zoe, incrédula.

– Não. Você.

Zoe caiu de costas no sofá.

– Até Wendy? – guinchou ela.

– Até Wendy. Mas tudo começou com Berni. Portanto, aqui estou. Para fazer o que já devia ter feito muito antes se não gostasse tanto de você. Vá

buscar uma corda.

– Uma corda?

– É. Uma corda de varal, qualquer coisa. Mais ou menos 2 metros.



Zoe precisou vasculhar a casa até encontrar um pedaço de fio, que serviu para Virgil. Ele a conduziu de volta para a sala, passou o fio em torno do próprio pescoço – uma das mãos sob o fio na altura do pomo de adão, palma virada para fora – e ficou de costas para ela.

– Me enforque.

– *O quê?*

– Tente me enforcar. O mais forte que puder.

– Virgil, eu não quero machucar você.

– Quando começar a me machucar, você para, ora.

Zoe fez sua primeira e tímida tentativa. Insatisfeito, Virgil se voltou para ela e a sacudiu pelos ombros.

– É para fazer direito ou eu cubro você de porrada até me obedecer!

Isso a insuflou, pelo menos um pouco, e ela tentou novamente, agora com mais força. Mesmo assim, Virgil conseguiu se desvencilhar.

– É uma mulherzinha mesmo... Uma dondoca. Minha terceira ex-mulher tinha a metade do seu tamanho, mas ia fazer um trabalho bem melhor, pode apostar.

A provocação funcionou. Na terceira tentativa, Zoe usou toda a sua força para puxar o fio em torno do pescoço de Virgil e, dessa vez, ele teve dificuldade para se desvencilhar: jogava o corpo para um lado, depois para o outro, e já ia perdendo o fôlego quando enfim conseguiu fazer com que Zoe deixasse o fio escapar.

– Minhas mãos... – choramingou ela.

– Você está bem? – perguntou Virgil, jogando o fio no chão.

– Você quase quebrou meus dedos.

Zoe estava esparramada no sofá e examinava os lanhos vermelhos que cortavam suas palmas.

Virgil sentou-se ao lado dela.

– Muito bem. Agora sei que você *poderia* ter estrangulado Constance Lifry, mas não a ponto de cortar fora a cabeça dela.

– Não estrangulei ninguém – defendeu-se Zoe, já aos prantos.

– Por que você não me contou que faz a declaração de Jan Washington?

– Mas eu não faço... Ah, merda. É a Mabel que faz!

– Você não me disse nada.

– Mas não sou eu que faz o imposto dela e do marido! Eles trazem a papelada num envelope e entregam para Mabel. Ou mandam pelo correio. A gente manda um formulário de instruções com um envelope de retorno, depois a Mabel cuida de tudo. Olha, se eu falo com a Jan três vezes por ano, é muito. E nunca no escritório. Só na rua, quando a gente se encontra por acaso.

Virgil encarou-a por um tempo.

– Venha comigo.

– Para onde? – quis saber Zoe.

– Para a Ninho da Águia.

– Mas já passa de uma da manhã!

– Se estivesse querendo saber as horas, eu olhava o relógio. Ande, venha comigo.

Eles saíram para o carro de Virgil, mas precisaram voltar para buscar a arma que ele havia esquecido sobre a mesa. Virgil guardou a pistola sob o banco do motorista e eles partiram rumo à pousada.



No norte de Minnesota, as noites costumam ser geladas no mês de agosto. Aquela em particular estava fria o bastante para incomodar. Quando eles chegaram à pousada, outro carro acabava de parar no estacionamento com um bando de mulheres, que foram caminhando para seus respectivos chalés. Certamente vinham do Wild Goose, pensou Virgil. Para quem olhasse na direção do lago, os chalés ficavam à direita da casa principal da pousada,

morro acima. Zoe conduziu Virgil por trás da casa e foi com ele até o mais alto dos chalés, cuja varanda era protegida por tela.

– Ela vai ficar irritada – avisou ela.

– E daí? – indagou Virgil.

– Só estou dizendo.



Margery ficou surpresa, mais do que zangada. Estava usando um pijamão de flanela com estampa de macacos voadores e, por cima, um roupão de feltro rosa.

– O que foi?

– Zoe foi acusada dos crimes – respondeu Virgil. – Uma acusação plausível. Ou eu a inocento ou a levo presa.

– *O quê?* – disse, surpresa, não zangada.

– Podemos entrar?

A sala de Margery era confortável e bem no estilo de um chalé, com prateleiras para livros velhos, entre eles diversos romances condensados da *Reader's Digest* dos anos 1960. Uma Bíblia se achava sobre o braço de uma poltrona. Virgil pegou-a, jogou-a feito uma bola de uma mão à outra, e disse às duas mulheres:

– “Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor.” Provérbios, capítulo 12, versículo 22.

– Capítulo 12, versículo 22? – repetiu Margery.

– Como você pode ser tão carola com essa boca suja que você tem? – questionou Zoe.

– Não interessa – retrucou Virgil. – Por favor, sentem-se.

Elas obedeceram e Virgil perguntou a Zoe:

– No dia em que Erica McDill foi morta, você estava aqui na pousada, certo?

– Estava trabalhando na contabilidade com Margery. Terminei no dia seguinte, quando você chegou aqui. No estado de Minnesota, você declara as

obrigações trabalhistas a cada trimestre, mas as restituições são feitas só no mês seguinte.

– A que horas você foi embora?

– Mais ou menos... Sei lá. No meio da tarde.

Ela olhou para Margery, que deu de ombros.

– Também não sei.

– Não vim até aqui para receber esse tipo de resposta ridícula. Feche os olhos se for preciso. Concentre-se e pense. A que horas você viu Zoe pela última vez naquele dia? O que estava fazendo pouco antes de ela ir embora?

Margery fechou os olhos e cruzou as mãos sobre o colo.

– Vi quando ela foi para o estacionamento. Eu estava no escritório. Falando com Helen... – Ela ergueu o rosto. – É isso. Helen estava se aprontando para ir embora e eu queria que ela terminasse as contas na manhã seguinte, antes que Zoe chegasse. Helen sempre vai embora um pouquinho antes das três, porque tem que pegar o filho na creche às três e quinze. Portanto, faltava pouco para as três horas.

– É isso mesmo? – perguntou Virgil a Zoe.

– É.

Virgil se voltou para Margery.

– Se eu arrastá-la para um tribunal, você juraria pela veracidade dessa informação?

– Sim. E acho que Helen também, pois ela estava trabalhando com Zoe e depois foi buscar Steve.

– Steve é o filho?

– É. Um menino de 3 anos.

– A que horas você acha que Erica saiu para remar? – indagou Virgil.

– No fim da tarde. Por volta das seis. Não sei direito, porque ninguém se lembra de tê-la visto sair. Mas isso é absolutamente normal, sempre tem alguém saindo para remar.

– Então Zoe foi embora às três, mais ou menos, e Erica só foi para o lago três horas depois.

– Certo – confirmou Margery.

– Você conhece a estrada que passa perto daquele riacho nas imediações do lago?

– Claro. Sempre passo por lá no outono. Tentamos manter uma política de boa vizinhança com as pessoas que moram ali.

– Onde o assassino poderia ter escondido um carro?

Margery precisou pensar um pouco.

– Há três casas ali que dão para o lago, mas existem outras duas, longe da água, que são usadas só durante a temporada de caça. Uma pessoa poderia entrar com o carro pelo portão de uma delas e estacionar atrás da casa. Ou até mesmo na frente. O mato ali é sempre alto, ninguém veria da estrada.

– Já passamos por lá, não encontramos nada – replicou Virgil. – Mas, para o assassino, isso seria um grande risco. E se houvesse alguém na casa naquele momento?

Margery fez que não com a cabeça.

– É fácil saber. Não há muita coisa no interior das casas. Só camas, fogões elétricos, uma bomba d'água, mesas e cadeiras. Nada para ser roubado. Por isso os portões ficam fechados junto da estrada, mas não trancados. Quando alguém chega e vê o portão fechado, sabe que não há ninguém em casa. Na temporada de caça, se os donos vêm passar uns dias, eles sempre o deixam aberto.

– Então você pode ir de carro até lá, abrir o portão, entrar com o carro, fechar o portão e ninguém sabe que há alguém em casa, é isso?

– Sim.

Virgil perguntou a Zoe:

– Você faz os impostos de alguém naquelas bandas?

– Não. Nenhum deles mora aqui. São de Minneapolis ou St. Paul. Ou talvez de Alex...



De volta ao carro.

– Para onde a gente vai agora? – indagou Zoe.

– Para o seu escritório. Você deve ter uma agenda.

– Tenho.

Eles seguiram para a cidade num silêncio não exatamente confortável. Ao longo do caminho, Virgil ligou para a delegacia de Grand Rapids e falou com o policial de plantão: ainda nada de Windrow.

– Você acha que ele está morto? – perguntou Zoe com a voz sumida.

– Não sei se está vivo – respondeu Virgil, e esmurrou o volante do carro. – Preciso *fazer* alguma coisa. Preciso *fazer* alguma coisa. Não estou fazendo *nada*.



Na cidade, já em seu escritório, Zoe pegou o computador com sua agenda, encontrou dois nomes e lembrou-se das pessoas.

– Com isso eu devo ter ido bem além das cinco horas. Certamente.

– Mas isso não basta, Zoe – retrucou Virgil. – Você poderia ter chegado lá sem nenhum problema, saindo daqui às cinco. Pense! O que você fez depois?

– Fui a pé até o Donaldson's e comi. Não sou de cozinhar muito. Sig também não. Bem, depois eu... – Ela se recostou na cadeira, fechou os olhos.

– Eu comi... mas antes passei num shopping, olhei umas vitrines e comprei uma revista. Gosto de ler enquanto estou comendo. Depois abasteci o carro.

– Pagou a gasolina com cartão de crédito?

– Sim.

– E isso foi mais ou menos a que horas? Seis?

Zoe pensou um pouco.

– Por volta das seis. Talvez um pouco mais tarde, porque é possível que eu tenha saído daqui depois das cinco. Raramente saio às cinco em ponto. Deixe-me pensar... – Olhos mais uma vez fechados. – Lembro quando me despedi de Mabel naquela noite. Ela veio à minha sala para dizer alguma coisa... hum... não recordo o quê, mas nada de muito importante. Ela deve se lembrar de ter me visto. Depois ainda trabalhei um pouquinho. Mabel sai às cinco. Além de contadora, ela faz as vezes de recepcionista e cabe a ela fechar o escritório às cinco. Não devo ter saído daqui antes das 17h20.

Portanto, deviam ser 18h15 ou 18h30 quando abasteci o carro. – Ela apontou para Virgil. – Os cartões. Pago tudo com cartão de crédito para depois guardar os recibos. Todo contador faz isso. Venha, vamos dar um pulo lá em casa.

Já eram três da madrugada no momento em que eles chegaram à casa de Zoe. Ela conduziu Virgil diretamente para um closet junto ao nicho que era o escritório. Lá dentro, havia uma pilha de caixas de arquivo com inscrições dos anos. A mais antiga era de 2005.

– Constance Lifry foi morta dois anos atrás... Você tem a data e o horário exatos?

– Tenho. Vou pegar no carro.

Virgil voltou com seu bloco de anotações e eles pegaram a caixa em questão. Zoe encontrou as faturas dos cartões e eles foram checando os débitos.

– Aqui está – disse ela. – Fui à Nordstrom naquele dia também. Eles não abrem antes das onze. Todo mundo me conhece por lá, ninguém aceitaria meu cartão das mãos de outra pessoa. Também fui à Target e comprei um monte de coisa... E, no dia seguinte, fui...

– Você poderia ter voltado de carro no dia seguinte. Esses extratos não dão a hora exata das compras.

– Os extratos, não. Mas basta você ligar para o serviço de atendimento de cada um dos cartões.

– Vou conferir tudo isso, Zoe. É melhor você não estar me passando a perna.

– Pode conferir – apostou ela. – Não vejo a hora de acabar com essa história. Você sabe que não fui eu.



– Qual é o cartão de posto de gasolina que você usa? – indagou Virgil.

– Nenhum. Uso o Visa. Você pode checar numa agência de crédito.

Ele examinou os extratos do Visa, encontrou débitos de gasolina três dias antes do assassinato de Constance e quatro dias depois. Nada entre uma

coisa e outra. Naturalmente, era possível pagar por gasolina com dinheiro vivo, mas a maioria das pessoas nem se lembrava disso.

Hum...

Ele sacou o celular do bolso, ligou para um dos números de discagem rápida. Após seis chamadas, Sandy, a hippie, atendeu:

– Virgil... Você sabe que horas são?

– Espere que eu vou olhar.

– Você está na cidade? Achei que estivesse no...

– Estou no norte, trabalhando num caso. Vá buscar um lápis. Preciso de umas informações. Amanhã cedo. Devo acordar lá pelas dez.

– Amanhã eu tenho uma aula de osteologia humana às dez.

– Então eu telefono às dez para as dez – avisou Virgil. – Quero que você ligue para as agências de crédito e levante quais são os cartões em nome de Slibe Ashbach. Já está com o lápis? – Ela estava e ele soletrou o nome. – Também quero saber quando e onde ele comprou gasolina... – disse, e passou as datas.

– Virgil, você é um amor de pessoa – falou Sandy.

Uma voz masculina resmungou algo no fundo.

– Quem está aí com você?

– Tenho amigos, sabia?

– *Sandy...*

– Não enche, Virgil.

◆ ◆ ◆

– Uma amiga especial? – perguntou Zoe.

– Uma garota do escritório. Faz pesquisas para a gente.

– Por acaso ela já pesquisou Virgil Flowers?

– Talvez.

◆ ◆ ◆

– Então, qual é o veredicto? – perguntou Zoe.

– Nunca achei que você fosse a culpada – respondeu Virgil. – Você é estável demais. Mas nem tanto quando o assunto é Wendy. Se fosse matar alguém, provavelmente a vítima seria Berni. Ou Wendy. Ou você mesma. – Ele mordeu o lábio inferior, pensando. – Mas não é tão simples assim. Se achasse que, cedo ou tarde, Wendy ia largar Berni, como todo mundo achava, é bem provável que você não matasse Berni. Talvez Erica McDill fosse uma ameaça maior: ela podia roubar de você não só Wendy, como a pousada também.

– Ah, tenha a santa paciência. Para mim já deu, vou dormir – resmungou Zoe, levantando-se. – Se você resolver me prender, ligue com antecedência para que eu possa lavar o cabelo.

– É o que todos dizem – devolveu Virgil.

Uma vez no carro, ele riscou Zoe de sua lista mental de suspeitos. Faria todas as verificações necessárias, para que não levasse mais nenhum susto, porém Zoe não havia matado ninguém.

VIRGIL CONSUMIU ALGUM TEMPO COM Deus naquela noite, pensando no absurdo da existência – naquele momento, era bem possível que Jud Windrow estivesse morto em algum lugar, e por nenhum motivo compreensível – e no absurdo do próprio comportamento: um homem de fé que não era capaz de controlar a própria língua.

A fé de Virgil era complexa e pouco convencional, não necessariamente cristã, produto dos anos que ele estudara a natureza e dos primeiros anos de formação, na infância, passados na companhia de uma Bíblia. Deus, suspeitava ele, talvez não fosse uma consciência estável, onipresente, onipotente e atemporal, mas algo parecido com um vagalhão avançando na direção de um futuro insondável, e as almas humanas talvez fossem como neurônios, células da inteligência do próprio Deus...

É isso aí, meu camarada, agora passa o baseado...

O que quer que Deus fosse, Virgil duvidava de que ele se importasse com coisas como palavras, sexo ou até mesmo morte. Sem dúvida deixava que o mundo e as pessoas seguissem seu curso, cada um tecendo seu próprio destino. E virava o rosto para pessoas como Virgil, que conjecturavam sobre o mundo espiritual ao mesmo tempo que, reféns das próprias paixões animais, deixavam-se guiar por diretrizes morais que não deviam ser de cunho divino, se é que essas existiam.

Sua filosofia, tal como um papa-hóstias certa vez o alertara, permitia que ele fizesse mais ou menos o que bem entendesse e bem à maneira dos comunistas ateus.

Foi na altura dos “comunistas ateus” que ele enfim sentiu as pálpebras pesarem.

E dormiu o sono dos ímpios.



Foi despertado cinco horas depois por uma ligação do celular. Sentou-se às pressas na cama, procurou pelo aparelho e foi encontrá-lo no bolso das calças jeans, abandonadas no chão ao pé da cama.

– Alô?

– Slibe Ashbach tem um cartão de crédito e um de débito – informou Sandy. – Na manhã do dia em que Constance Lifry foi morta, ele usou o de crédito, Visa, num posto de gasolina em Grand Rapids. Mais tarde nesse mesmo dia, voltou a usar o cartão, mas em Clear Lake, em Iowa, e mais uma vez às três da madrugada. E no dia seguinte também, em Grand Rapids. São mais ou menos 500 quilômetros de Grand Rapids até Clear Lake. E mais ou menos 300 de Clear Lake até Swanson, em Iowa, dependendo do itinerário. Ou seja, são 600 quilômetros na viagem de ida e volta entre Clear Lake e Swanson, mais os 500 de volta a Grand Rapids. Portanto, se a gente imaginar que a caminhonete dele precisa ser reabastecida a cada 500 quilômetros, o que é bastante razoável, então podemos supor que ele saiu de Grand Rapids para Clear Lake, de Clear Lake para Swanson, depois voltou para Clear Lake, e de lá para Grand Rapids. Tudo se encaixa perfeitamente. Até mesmo os horários, se Constance Lifry foi morta às dez da noite.

– Você é um tesouro inestimável, Sandy – elogiou Virgil. – Mande tudo isso para mim por e-mail.

– Tesouro, uma ova. Não foi isso que você disse da última vez que a gente se viu.

– Sandy, agora não tenho tempo para discutir.

– Você nunca teve tempo para discutir a relação porque nunca teve tempo para *ter* uma relação. Quando encontrar um tempinho, me ligue – cuspiu ela, e desligou.

Virgil fez uma careta, deu um suspiro, coçou o saco.



Slibe.

Slibe, Slibe, Slibe. O bom e velho Slibe.

– Foi ele – disse Virgil para o teto do motel.



John Phillips era um ruivo baixinho e musculoso, os cabelos já um tanto ralos, e estava usando um terno azul que, na opinião de Virgil, não lhe caía bem. As rugas em seu rosto sugeriam um ceticismo permanente. Na qualidade de procurador do condado de Itasca, certamente ele já tinha ouvido mil vezes “Não foi minha intenção”. À frente de Virgil e Sanders, com a expressão cada vez mais cética, Phillips ocupava sua mesa ao lado de uma bandeira dos Estados Unidos. De pernas cruzadas, o xerife apenas ouvia o relato de Virgil.

– Isso é tudo o que você tem? – questionou Phillips. – Os débitos do Visa nos postos de gasolina?

– Não. Tenho duas mortes, provavelmente três, além de uma mulher ferida e um maluco solto por aí. Eu *acho* que foi o Slibe I, mas também pode ter sido o Slibe II, e até mesmo a irmã dele, Wendy, por motivos que ainda desconheço. Depois do meu pequeno teste ontem à noite, concluí que Zoe não é forte o bastante para ter estrangulado Constance. Wendy talvez seja. Deve ser 15 quilos mais pesada.

– Mas Wendy *queria* ir embora com esse tal de Windrow – argumentou Sanders.

– Eu sei. E também tem um álibi para o caso de Erica McDill, mas ele depende do horário exato em que Erica foi morta, e essa informação ainda não temos. Bem, é por isso que acho que foi um dos dois Slibes. Se conseguirmos uma ordem judicial para vasculhar a propriedade inteira, vamos poder entrar naquele trailer também.

Phillips pegou um lápis de um pote de vidro sobre a mesa e usou a borracha para coçar a cabeça. Virando-se para Sanders, falou:

– Posso até adiantar o que Don vai alegar: vai dizer que é pescaria. Pescaria de provas.

– Mas temos os débitos no cartão – alegou Sanders.

Virgil completou:

– Será uma enorme coincidência se um dos Slibes ou Wendy não tiver usado esse cartão para ir até Iowa e matar Constance. Só isso já é motivo suficiente para um mandado de busca. E nos outros três casos, de Erica, Jan e Jud, há o argumento da oportunidade. Nenhum dos Slibes tem um álibi concreto. Além disso, todos esses casos giram em torno da banda de Wendy.

– Menos o de Jan – corrigiu Phillips.

– É verdade. Mas também temos essas mortes todas – replicou Virgil. – Ainda que não tivéssemos evidências que justifiquem um mandado, se descobrirmos quem está por trás desses crimes, vamos evitar que outras pessoas sejam mortas. E se realmente conseguirmos provar que um deles é o culpado, duvido muito que as evidências sejam anuladas num tribunal só porque foram obtidas à força. Esse mandado não é assim tão estapafúrdio. Sobretudo se der resultado.

– Esse sumiço de Windrow está entalado na minha garganta – admitiu Sanders. – Não conseguimos encontrar o homem de jeito nenhum. A Avis tem rastreadores instalados em todos os carros da sua frota e eles não estão recebendo sinal de nenhum lugar na América do Norte. Esse cara só pode estar no fundo de um lago qualquer. No fundo de um pântano, sei lá.

– Provavelmente brincando de casinha com Little Linda – disse Phillips.

– Muito engraçado, John, muito engraçado.

– De qualquer forma, esse Windrow vai ser um problema. Não vamos poder citar o nome dele diante de um júri se nem ao menos conseguimos provar que o homem está morto.

– Provar? A gente nem *sabe* se ele está morto... – falou Sanders.



Don Hope, o juiz distrital, era um senhor já de certa idade, os cabelos totalmente brancos. Olhando sobre os óculos sem aros, ele disse a Phillips:

– John, pescaria maior do que esta, só quando Teddy Roosevelt subiu o Amazonas.

Phillips se reacomodou na cadeira e disse:

- Excelência, esta analogia não é bem o que...
- Bem, essa gente toda morreu e eu já estou tão velho... O que eles podem fazer comigo? Traz o papel que eu assino. Não que isso não vá contra meus princípios.

Virgil sorriu.

- Está rindo do quê? – perguntou o juiz.
- Apenas um sorriso de aprovação, Excelência.
- Você tem cara de quem se acha sabichão. Isso aí na sua camiseta quer dizer o quê?
- É o nome de uma banda de rock. The Appleseed Cast.
- Nunca ouvi falar. Deve ser uma dessas bandas de sabichões.
- Bem, obrigado pela ordem judicial, Excelência. Não se preocupe, o senhor vai ficar orgulhoso do nosso trabalho.
- Essa tal Wendy... É aquela peituda, não é? Espero que não tenha sido ela.



Com o mandado, não havia nenhuma pressa para ir até a casa de Slibe: mais do que rápido, o xerife Sanders queria fazer tudo do modo correto.

– Não vamos chegar lá no último minuto e salvar Windrow. Se alguém queria ver o homem morto, a essa altura ele já está.

– E se não estiver... se estiver caído bêbado no bar de uma pousada qualquer... *eu* que vou matá-lo – garantiu Virgil. – Reúna seu pessoal. Vou pedir que a equipe de perícia volte para cá. Vão levar algumas horas até chegar aqui.



Sanders arregimentou três policiais de Grand Rapids e outros cinco da capital. Com os três peritos, eles somariam doze, mais o próprio Virgil. Dando Little Linda como morta – decerto ela estava no fundo de um lago também –, o xerife decidiu acompanhar a equipe. Catorze pessoas bastariam para revirar aquele lugar pelo avesso. Eles se reuniram numa das saletas do

tribunal. Virgil deu as devidas instruções e disse o que esperava encontrar. Não achava que haveria muita encrenca.

– Nosso principal objetivo é achar a arma, munição de calibre .223 ou qualquer outra coisa que sugira que eles possuam um rifle .223 de ferrolho. Pode ser, por exemplo, uma foto em que eles estejam caçando cães selvagens. Claro, qualquer vestígio de sangue também é importante. Se Slibe Júnior já tiver voltado, deem uma boa examinada nele, à procura de um ferimento. Jud Windrow estava dirigindo um Jeep Commander... Procurem chaves de carro. Vamos permanecer um bom tempo por lá, portanto, se quiserem levar um sanduíche ou refrigerante, peguem agora...



Tão logo chegaram os peritos, eles saíram numa longa caravana liderada pelo xerife, com Virgil na retaguarda. Quando ele entrou na propriedade de Slibe, os policiais já se espalhavam por todos os lados.

– Que porra é essa aqui? – gritou Wendy, à porta do trailer.

Ignorando-a, o xerife bateu à porta da casa, mas ninguém atendeu. Wendy foi até ele com Berni.

– Papai foi à cidade.

– Portanto, vou entregar a você mesma – disse Sanders. – Isto aqui é um mandado de busca para a propriedade particular de Slibe Ashbach e endereço comercial da empresa Slibe Ashbach & Slibe Ashbach LLC, de nome comercial S&M Septic and Grading. Se você tiver uma chave da casa, não vamos precisar arrombar a porta.

– Tenho uma chave... – Só então Wendy deu pela presença de Virgil. – Que merda é essa agora, Virgil? Que diabos vocês estão fazendo aqui?

– Um fato novo. Não posso dizer o que é. Preciso falar com seu pai – respondeu Virgil. – Seu irmão já voltou?

– Não sei. Você vai ter que conferir.

– Na casa?

– Não, ele tem um loft no canil.

Todos se viraram para lá e Virgil se lembrou de uma coisa:

– Ontem à noite havia uma lâmpada acesa no loft. Achei que Slibe Júnior tivesse saído para uma caminhada.

– Toda noite a lâmpada fica acesa ali – explicou Wendy. – Acende automaticamente quando escurece.

– Para quê?

– Sei lá. Alguma coisa a ver com os cachorros.



Um dos policiais foi com Wendy buscar a chave da casa e Berni falou a Virgil:

– Isso vai render um baita processo para todos vocês.

– Você sabe a que horas o Sr. Ashbach vai voltar? – perguntou o xerife.

– Nem sei o que ele foi fazer na cidade. Saiu mais ou menos uma hora e meia atrás.

– Tudo bem. – Wendy voltou com as chaves e o xerife anunciou: – Ao trabalho.



Os peritos faziam um exame básico na casa de Slibe, no trailer de Wendy e no loft de Júnior, enquanto um dos policiais vigiava Wendy e Berni. Outros três vasculhavam o terreno e as edificações externas.

Virgil acompanhava ora uns, ora outros, esperando que algo lhe chamasse a atenção.

A primeira coisa que ele notou foi a ordem espartana na casa de Slibe: um lugar para cada coisa e todas as coisas em seu devido lugar, incluindo um jarro alto colocado junto à cama, como se fosse uma escarradeira, mas no qual ele acumulava todas as moedinhas que não fossem de 25 centavos. Ainda no quarto, Virgil abriu algumas gavetas e encontrou todos os pares de meia enrolados, todas as camisetas meticulosamente dobradas e, sob a janela, ficava um cesto de vime com a roupa suja. Na bancada do banheiro, se enfileiravam como soldados o creme de barbear, a gilete, a pasta de dente, dois frascos de remédio e o filtro solar.

Os remédios eram tarja preta e um dos peritos informou que se tratava de dois tipos diferentes de estatina, usada para diminuir o colesterol.



Virgil lembrou-se de onde Slibe guardava a chave do cofre de armas, buscou-a e examinou o conteúdo com os peritos. Eles levaram toda a munição de calibre .223, que, segundo Slibe, era para ser usada na semiautomática Colt. Cada cartucho seria examinado no laboratório para ver se havia alguma semelhança com os restos de metal encontrados no crânio de Erica McDill. No entanto, a munição era nova, por isso não haveria marcas de extração para checar, tampouco cartuchos vazios para recarga.

– Ele me disse que estava pensando em fazer uma viagem para caçar cachorros selvagens – contou Virgil. – Esse pessoal quase sempre recarrega os cartuchos.

– Senão ficaria muito caro – emendou um dos peritos.



No depósito, eles não encontraram nada além de lenha, as toras meticulosamente empilhadas e armazenadas para o inverno. O galpão aberto abrigava uma retroescavadeira, uma empilhadeira e uma pá carregadeira; as três máquinas eram velhas, mas bem cuidadas. Atrás da edificação, havia uma pilha de tubos de plástico branco, das que se usam nas fossas sépticas, e um tanque com uma rachadura no concreto, tomado pelo mato.



Eles encontraram uma estação de recarga no loft de Slibe II.

O loft era apenas um segundo pavimento com piso de madeira no celeiro de alumínio que fazia as vezes de canil. Silenciosos e dóceis, os cachorros pareciam bem tratados e bem alimentados, mas, como era de se esperar, o lugar cheirava a bosta, mesmo na parte de cima. O loft contava com dois

aquecedores elétricos no teto e, numa das extremidades, um fogão antigo de ferro fundido. Havia também uma pia, uma banheira e um vaso sanitário numa área reservada, mas nenhuma porta.

Assim como a casa, o lugar parecia organizado com uma precisão militar. Por fora, tudo muito bem-arrumado e limpo, mas, dentro das gavetas, uma mixórdia de roupas, peças elétricas e mecânicas, material de caça e pesca. Num armário portátil de papelão, um dos policiais encontrou um emaranhado de roupas de inverno, parte pendurada nos cabides, parte jogada no chão. À primeira vista, o lugar lembrava a casa de Slibe, mas bastava fuçar para que a semelhança se desfizesse.

Quatro caixas de munição, compradas numa loja de excedentes do Exército, jaziam no chão junto à estação de recarga. Duas continham cartuchos de espingarda e as outras duas, quarenta cartuchos vazios, que foram espalhados sobre a mesa pelo perito e examinados também por Virgil. Tudo foi colocado depois num saco plástico.

Mapes, o chefe da perícia, veio ao encontro deles e também verificou os cartuchos.

– Precisamos checar isto no laboratório, mas, a olho nu, não vejo nenhuma marca de extração.

– Só precisamos de uma – falou Virgil.

Ele sacudiu o saco, na esperança de ver algo, mas em vão.

Olhou debaixo da cama estreita e encontrou uma pilha de revistas pornográficas velhas e um saco plástico com cinco fotografias coloridas, já desbotadas, de uma mulher com um penteado dos anos 1980. Outro saco continha uns 700 gramas de maconha.

Virgil pediu a um dos peritos que embalasse a maconha, depois sentou na cama para ver as fotos. Numa delas, uma mulher posava junto a um Chevrolet da década de 1980 ou 1990 com um Slibe bem mais jovem a seu lado. Estavam diante da casa, com o acesso de carros ao fundo. Nenhuma horta, apenas um espaço aberto. Seria a mãe de Wendy e Slibe Júnior?

Virgil foi com as fotos para a janela a fim de obter uma luz melhor. A mulher tinha um porte atarracado, cabelos de um louro cinzento, peitos

fartos como os de Wendy e um rosto bonito para os padrões locais. Slibe era louro. Virgil já havia notado uma coroa de fios alourados em torno da calvície dele, mas tão curtos que ele não dera muita importância ao fato. Na imagem, os cabelos cobriam as orelhas, tão longos quanto os de Virgil. Cabelos de roqueiro. Louros de verdade.



– Acho que encontrei algo aqui – avisou um dos peritos, sentado no chão junto ao cesto de roupa suja, olhando para a manga de um macacão jeans.

– O quê? – perguntou Virgil.

– Não dá para ter certeza, mas parece uma mancha de sangue. Relativamente grande.

– Mas ele não teria visto?

Virgil foi até o homem e examinou a mancha, que tinha o tamanho de uma moeda de 50 *cents*. O sangue não empapava o tecido; parecia superficial.

– Está só do lado de fora, provavelmente o sangue não é dele. – O perito ergueu o macacão e as mangas caíram para o lado. – Está vendo? É na parte inferior da manga... como quando você se suja num pote de geleia ou algo assim.

– Mande para o laboratório agora mesmo – mandou Virgil. Aquilo era um bom sinal. – Cedo ou tarde vamos precisar de alguma amostra de DNA, mas o que eu quero agora é saber o tipo de sangue. Ainda hoje se possível. Vou tentar saber qual é o tipo de sangue de Windrow.

– Antes vamos mostrar para o Ron. Ele sabe tudo de sangue.



O perito empacotou o macacão e foi com Virgil para a casa de Slibe. Tão logo os viu e notou o macacão embrulhado, Sanders indagou:

– O que é isso?

– Provavelmente uma amostra de sangue – respondeu Virgil.

Mapes se aproximou e examinou a mancha.

– É sangue – confirmou, e a palavra reverberou entre o grupo de policiais.

Virgil pediu ao xerife que destacasse um de seus homens para levar o macacão até Bemidji. Depois orientou o policial escolhido:

– Não quero que você mate ninguém, mas ligue a sirene e vá o mais rápido que puder. Já o estão esperando por lá.

– Deixe comigo, chefia.

Com o telefone fixo da casa, Virgil ligou para a delegacia de Bemidji, explicou o que queria e depois contatou Sandy, a pesquisadora, que, apesar do azedume, prontificou-se a descobrir qual era o tipo de sangue de Jud.

Wendy entrou na casa, atraída pela movimentação.

– O que houve? – perguntou.

– Onde está seu irmão? – questionou Virgil.

DUAS PESSOAS CHEGARIAM DALI A dez minutos.

Ruffe Ignace foi a primeira delas. Ruivo, vestia um blazer preto bastante amarrotado, calças jeans e um par de sapatos sociais pontudos. Era um repórter do recém-falido *Star Tribune* de Minneapolis. Ignace e a namorada haviam ensinado Virgil a dançar o *jitterbug*.

Enquanto ele tentava passar pelos policiais do lado de fora, Virgil esperava à porta da casa com as mãos nos quadris. Logo o repórter veio ter com ele, estampando no rosto um sorriso como o do Gato de Cheshire.

– Virgil Flowers, seu filho da puta. Quando vi seu rostinho bonito, falei para os caras que tinha vindo falar com você.

– Infelizmente vou ter que expulsar você daqui.

– Ah, ótimo. Eu aqui tentando salvar um jornal falido e você aí, com essa marra toda. Valeu, amigão. Como se você não me devesse nenhum favor...

– E aí, tudo bem?

– Exausto, depois de dirigir quase 300 quilômetros no meio da madrugada só porque um editorzinho de 23 anos achou que eu devia. Estou escrevendo um policial.

– Você e todos os outros repórteres no estado.

– Não. Eles estão escrevendo roteiros de cinema. Eu estou escrevendo um livro. Tenho até um agente. – Ignace olhou para os policiais que iam e vinham à sua volta. – Já pegou alguém?

– Não. Por enquanto, só uma pista. Estamos investigando um garoto chamado Slibe Ashbach Jr., também conhecido como Slibe II. O pai tem uma empresa de terraplenagem e escavação de fossas e a irmã, Wendy

Ashbach, é vocalista de uma banda country aqui da região. Encontramos uma mancha de sangue. Já foi encaminhada para a delegacia de Bemidji.

– Era de Erica McDill?

– Não. Erica foi morta a longa distância. Esse sangue deve ser de um cara aí, que talvez esteja morto. Se estiver, temos três casos de assassinato, provavelmente relacionados entre si, além de uma tentativa de homicídio.

Virgil levou um tempo para explicar toda a história, mas sabia que o repórter tinha uma memória de elefante e que mais tarde seria capaz de botar tudo no papel. O próprio Ignace já havia contado que suas lembranças duravam cerca de três horas até começarem a falhar.

– Vou apresentar você ao xerife. Não sei se ele vai deixar que você fique. Tente ser gentil com o cara, ok? Também estamos investigando o pai do garoto. Vou ter que ficar aqui até ele aparecer ou até que alguém informe que ele foi detido na cidade.

Uma caminhonete surgiu na estradinha de cascalho, levantando uma nuvem de poeira.

– Deve ser ele! – exclamou Virgil.

– Mas o filho é suspeito?

– Agora é. Até pouco tempo atrás, o suspeito era o pai. Fique por perto e escute... se o xerife não botar você para correr.

O policial de sentinela havia parado Slibe no acesso de carros e Virgil aproveitou a oportunidade para levar Ignace até Sanders.

– Bob, este aqui é Ruffe Ignace, repórter policial do *Star Tribune*. Eu o deixei entrar, mas falei que a decisão final seria sua.

Sanders cumprimentou o repórter com um aceno da cabeça, sem lhe apertar a mão.

– Se os repórteres locais derem as caras por aqui, vou ter que mandar você embora. Não quero aquela gente por perto. Caso contrário, tudo bem, você pode ficar. Mas com as mãos sempre no bolso.

Ignace agradeceu:

– Muito obrigado, xerife. – Fique tranquilo, não vou atrapalhar seu trabalho.



Slibe avançou com sua caminhonete, estacionou junto à porteira da horta, desceu do carro e, logo que avistou Virgil e o xerife, apertou o passo na direção deles, visivelmente irritado. Notando a situação, dois policiais se adiantaram para detê-lo, mas Slibe, já reduzindo as passadas, berrou de onde estava:

– Que diabos é isto aqui? Vocês *invadiram* minha casa?

– Estamos fazendo uma busca – explicou Virgil. – Na sua casa, no trailer de Wendy e no loft do Júnior. Falando nisso, cadê seu filho?

– Não boto coleira no garoto – respondeu Slibe. Ele olhou à sua volta, ainda perplexo, e suplicou ao xerife:

– Não mexa com os cachorros, pelo amor de Deus! Os cachorros, não!

– Venha – pediu Virgil. – Vamos conversar dentro de casa. Tenho uma pergunta para lhe fazer.

O xerife disse a Virgil:

– Em respeito à cartilha, sugiro que a gente leia os direitos dele.

Um dos policiais cuidou disso e Slibe falou a Virgil:

– Não quero porra de advogado nenhum. E também não quero você aqui na minha casa. Pergunte o que quiser e dê o fora.

– Você tem um cartão Visa – disse Virgil. – Quero vê-lo.

Slibe o encarou por um instante, depois tirou a carteira do bolso, correu o dedo pelos diversos cartões, encontrou o Visa e o entregou. Virgil sacou o bloco de anotações do bolso de trás da calça e examinou o cartão: o número não batia com o que ele tinha.

– Há quanto tempo você tem este cartão?

– Trinta anos, sei lá.

– O Júnior também tem um?

– Não. Não tem nem conta bancária. Wendy tem.

– Tenho um número de cartão diferente no nome de Slibe Ashbach.

– Mas... – Slibe desviou os olhos, depois voltou-os para Virgil. – Tenho um cartão corporativo. Fica sempre em casa. Para quando preciso pedir alguma entrega, coisas desse tipo.

– Vá buscá-lo – pediu Virgil.

Num dos quartos dos fundos, Slibe mantinha um escritório, tão organizado quanto o resto da casa. Ele abriu a gaveta esquerda da escrivaninha e de lá tirou quatro cartões. Virgil conferiu o número do Visa e os números bateram.

– Na manhã do dia em que Constance Lifry foi morta em Swanson, Iowa, este cartão foi usado para comprar gasolina em Clear Lake, também em Iowa, uns 500 quilômetros ao sul de Grand Rapids. Na manhã seguinte, foi usado para o mesmo fim, o que significa que o motorista provavelmente rodou cerca de 600 quilômetros entre um abastecimento e outro. O que é mais ou menos a quilometragem de uma viagem de ida e volta entre Clear Lake e Swanson. O abastecimento seguinte foi feito aqui.

Slibe arregalou os olhos, engoliu em seco diversas vezes e olhou em torno do escritório e para o xerife.

– Meu Deus... Sempre soube que aquele menino não era bom da cabeça.

– Você acha que foi seu filho quem matou Constance Lifry? – perguntou Virgil.

– Não sei... Não sei... Mas eu nunca... eu nunca pus os pés em Clear Lake em toda a minha vida, pelo menos até onde lembro. Nem sei onde fica. É na Interestadual 35, não é? Já atravessei o Texas por ela, a caminho de Nova Orleans, mas isso foi logo depois do Katrina.

– O Júnior usa este cartão?

– Todos nós usamos – respondeu Slibe, agora trêmulo. – Não é a primeira vez que... que ele usa esse cartão para comprar gasolina. Sem pedir antes.

– Você não sabe onde ele está agora?

– Não, mas ele saiu a pé, eu acho. Eu o vi arrumando suas coisas. Pegou uma caixa de farinha de rosca na cozinha, a espingarda dele, a vara de pescar. – Slibe estava boquiaberto. – Meu Deus... Você acha que ele matou aquelas pessoas?

Virgil disse ao xerife:

– Agora *realmente* precisamos encontrá-lo.

– Deixe comigo – garantiu Sanders.



O condado de Itasca é uma grande floresta pontilhada por pântanos, lagos e algumas cidades, duas vezes maior que o estado de Rhode Island, quase 8 mil quilômetros quadrados de pinheiros, píceas, cedros, lariços, bétulas e bordos. Caso Slibe Júnior estivesse apenas sentado à sombra de algum arbusto, pensou Virgil – criado nas pradarias –, seria quase impossível encontrá-lo. O xerife pensava de outra forma.

– Se você senta num toco de árvore, em qualquer lugar, alguém sempre acaba aparecendo depois de um tempo. Isso é certo. A maioria das pessoas, quando se perde numa floresta, começa a andar de um lado para o outro, e é por isso que elas continuam perdidas. Basta sentar em algum lugar e alguém acaba aparecendo.

– Até aí, tudo bem, xerife – disse Virgil. – Acontece que o moleque está armado com uma espingarda e provavelmente já matou algumas pessoas.

– É verdade – aceitou Sanders.

Ignace, o repórter, se intrometeu:

– O que vocês pretendem fazer?

– Vou me pendurar no rádio – respondeu Sanders.



Os peritos encontraram e embalaram diversos tipos de munição, alguns pedaços de fios e cordas que poderiam ter sido usados para estrangular alguém e as joias que se achavam escondidas numa caixinha entre diversas revistas infantis e brinquedos de plástico num escaninho militar.

As joias, entre elas um fio de pérolas pequenas e um broche de pássaro-trovão em turquesa, além de vários brincos sem muito valor, foram embaladas como possíveis troféus recolhidos das mulheres mortas. Mas, quando Virgil mostrou a embalagem a Wendy, ela arqueou as sobrancelhas.

– São da minha mãe! Onde vocês encontraram? Estavam comigo, mas sumiram.

Virgil checou com Ruth Davies e Prudence Bauer, que não deram falta de joia nenhuma, nem de pérolas ou broches.

– Onde está Jud? – indagou Prudence.

– Não sei – disse Virgil.

– Vocês são como uma maldição para nós – acusou ela, e começou a chorar ao telefone.



Sandy ligou relatando que havia conversado com a ex-mulher de Jud e que o tipo sanguíneo dele era A positivo, ou seja, comum. Slibe falou que o dele era O, e Wendy não sabia o seu.

A tarde deu lugar ao anoitecer. Entediado com a busca, Ignace enfim decidiu ir embora; despediu-se de Virgil e deu a ele seu número de celular, dizendo que ia passar as informações ao jornal e depois explorar as “possibilidades eróticas” de Grand Rapids. Os policiais começaram a juntar as coisas e a se dispersar. Slibe passara a tarde marchando de um lado para o outro em sua propriedade, xingando, ora cuidando dos cachorros, ora observando a movimentação dos peritos que entravam e saíam de sua casa. Wendy ficara quase o tempo todo ao lado de Berni. Às seis horas, um técnico de Bemidji ligou para informar que o sangue encontrado no macacão era A positivo.

Virgil telefonou para Sanders.

– É possível que Slibe II seja A positivo, se a mãe era, mas isso realmente me faz acreditar que Jud Windrow... já era.

– Vamos partir com tudo para cima do garoto – disse o xerife. – Se alguém no condado de Bemidji não souber que estamos à procura dele, ou é surdo ou é cego.



O sol se punha atrás das árvores quando Sanders entrou em contato.

– Acabamos de receber uma informação que parece confiável. Slibe II foi visto a bordo de uma canoa numa área pantanosa do Deer River. Uns

garotos estavam descendo o rio e avistaram Slibe remando no meio do matagal.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Virgil.

– Trabalhar na moita e despachar uma equipe para o rio, alguns barcos subindo e outros descendo, para que ele não possa escapar. Assim que o dia amanhecer, decolamos num helicóptero e o pegamos.

– Alguma coisa que eu possa fazer?

– Bem, se estiver a fim de um passeio de avião...



Virgil voltou para a cidade, parou numa lanchonete para comprar um sanduíche e uma Coca e foi comendo a caminho do aeroporto. Ainda estava mastigando quando Signy ligou.

– O que você está fazendo? – perguntou.

– Estamos tentando pegar Slibe Júnior... – Ele contou sobre os avanços do dia, o cartão de crédito e o que estava prestes a fazer.

Sig suspirou aliviada.

– Graças a Deus... Mas tenha cuidado nesse avião.



No aeroporto, ele tirou um par de binóculos da mochila e se juntou a um policial, Frank Harris.

– O piloto está atrasado – informou Harris. – Ligou dizendo que o filho talvez tenha quebrado o braço numa aula de caratê. Vem para cá assim que sair do pronto-socorro.

– Merda...

Virgil não estava a fim de esperar. Pensou em Sig, sozinha em casa, ainda precisando ser saciada. Em seguida, olhou as horas. Trinta minutos de atraso. Depois quarenta. Decidiu que iria embora caso o piloto não desse as caras em vinte minutos. Sentiria certa culpa, mas era isso que ele pretendia fazer.

Dali a cinco minutos, chegou o piloto, um homem relativamente baixo, moreno, mais ou menos da idade de Virgil, que se chamava Hank Underwood.

– Desculpem o atraso.

– E o menino? Quebrou mesmo o braço? – perguntou Harris.

– Quebrou. Foi mais sério do que a gente pensava – respondeu Underwood. – Não foi o braço, mas um osso do punho, chamado escafoide. Pode ser que ele fique cinco meses engessado. Justo agora que ele ia começar as aulas de futebol americano.

Ainda conversando sobre o assunto, eles foram caminhando para o monomotor Cessna, e Virgil comentou:

– Como reza o ditado, há males que vêm para bem. Quem sabe seu filho não desiste do futebol e se torna um gênio da matemática, um cientista famoso?

– Acho que ele ia preferir o futebol – disse o piloto. – Todos os amiguinhos estão no time... Mas, sei lá, de repente você tem razão. – Ele não parecia lá muito convencido.

Underwood colocou Harris na cabine dos passageiros, pois Virgil era o mais alto dos dois. Enquanto decolavam na escuridão, o avião cheirando a óleo quente, tomado pelo ar frio, ele avisou:

– Ao chegarmos lá, vou rodar um pouco para que vocês tenham uma visão melhor. Vamos descer por um lado e subir pelo outro, usando o rio como guia.

– Como vamos marcá-lo?

– Com o GPS – respondeu Underwood. – Vamos circular até conseguir um azimute que vá desde o garoto até algum ponto no rio, então marcamos nossa posição e depois repetimos o mesmo procedimento, mas de outro ângulo. Não será uma marcação perfeita, mas confiável o bastante.

– Desde que haja uma fogueira só – disse Harris.

– Poucas pessoas acampam num pântano – argumentou o piloto. – Geralmente esses lugares ficam tão escuros quanto um saco de carvão.

Nosso maior problema será se ele estiver dormindo dentro da canoa e não estiver cozinhando nada.

– Não queremos assustá-lo – avisou Virgil.

– Fique tranquilo. Vamos subir por um lado do rio, voar a esmo por um tempo, depois voltar pelo outro. Se ele estiver próximo o bastante da rodovia, talvez nem nos ouça.



Poucos minutos após a decolagem, eles já podiam avistar o Deer River.

– O local onde ele deve estar fica bem ali, perto das luzes – alertou Underwood, apontando. – Está vendo aquela fileira de luzes? Então, 90 graus em nossa direção.

A planície em torno do rio era um breu só. Eles foram sobrevoando uma das margens, passaram por uma cidadezinha, fizeram um arco para oeste, sempre esquadrinhando o terreno, depois voltaram sobrevoando a rodovia. Foi nessa segunda passagem que Harris exclamou:

– Uma fogueira!

– Onde? – perguntou Virgil.

– Uns 45 graus para a esquerda... Um lume cintilante. Merda, não estou mais vendo. Ah, ali, ali...

– Apenas mato entre ele e nós – disse Underwood.

Virgil olhou no mesmo ângulo em que olhava Harris e, em pouco tempo, avistou o ponto:

– Ali. É bem pequena.

– Ninguém precisa de uma fogueira grande para assar uma salsicha – falou Harris.



Underwood circulou a cidadezinha e eles foram usando os marcadores do GPS para traçar linhas de azimute entre os cruzamentos da rodovia e a fogueira.

– Não estou vendo mais nada lá embaixo – comentou Virgil, esquadrinhando a escuridão.

– Não há mais nada lá embaixo – disse Harris. – Nem por muita grana eu acampava nesse lugar. Só Deus sabe o que a gente pode encontrar por lá.

– Talvez um assassino maluco – sugeriu Underwood. – Tipo... *Sexta-feira 13*.

– Não vi o filme – falou Harris. – Mas a ideia é essa.



Todos estavam exaustos quando pousaram. Virgil e Harris deixaram Underwood guardando o avião e, depois de instruírem o piloto para não dizer nada a ninguém, foram direto ao gabinete do xerife. Sanders e alguns policiais esperavam por eles com um mapa topográfico; Virgil e Harris usaram uma régua para traçar as linhas que haviam delineado.

– Nada mal – comentou o xerife, o dedo sobre o ponto em que as linhas se cruzavam. – Caramba, isto aqui não fica mais que 1,5 quilômetro do lugar onde disseram ter visto o garoto. Só pode ser ele.

– A que horas você vai mandar o helicóptero? – perguntou Virgil.

– O sol se levanta às seis... Então, por volta das seis horas. – Sanders consultou o relógio. – Daqui a sete horas. Melhor que você esteja no rio às cinco no mais tardar. Vou colocar você num barco.

– Quem vai no helicóptero? – quis saber Virgil.

– Eu e o piloto – respondeu o xerife. – Sou eu que estou pagando, logo sou eu que vou.

– Cuidado. Aquele maluco vai derrubar vocês.

– Você só está dizendo isso porque quer roubar meu lugar – retrucou Sanders, e ele estava certo. Bateu palmas e emendou: – Caralho, isto, sim, é adrenalina. Tenho que confessar uma coisa: até que estou me divertindo com esta história. Hoje de manhã não estava, mas agora... – Sanders virou-se para um dos policiais: – Ligo para você quando a gente encontrar o garoto e você pega o Jim Young e o arrasta lá para o rio. Vamos pousar numa

daquelas trilhas, quero uma foto minha descendo do helicóptero. – E acrescentou para Virgil: – Política. Jim é um repórter local.

– Entendido – falou Virgil.



Naquela noite Virgil pensou um pouco mais em Deus e também em Slibe Júnior, naquela solitária fogueira no meio do nada, uma alma atormentada que se acreditava segura nos braços da natureza, sem imaginar o que estava por vir na manhã seguinte.

VIRGIL VOLTOU AO CARRO E pegou o casaco de náilon preto que guardava para os casos de emergência. Agosto em Minnesota: as manhãs eram sempre geladas naquelas bandas setentrionais.

Earl, um guia local que conhecia aquele rio feito a palma da mão, recrutado por Sanders, acabara de colocar na água seu Alumacraft de 18 pés e fundo chato. Virgil seguiria com ele e um policial chamado Rod, que manuseava nervosamente seu AR-15, volta e meia olhando correnteza abaixo para o lugar onde o helicóptero deveria pousar. Dois barcos iguais já estavam na água e outros tantos já subiam e desciam pelo rio.

– Você vai levar sua pistola? – Rod perguntou a Virgil.

– Ainda não decidi.

Rod havia perguntado porque, vendo que Virgil não empunhava uma arma de cano longo, o mais provável era que ele estivesse levando uma pistola sob a jaqueta; na verdade, a arma ainda se achava sob o banco do carro. Todo aquele arsenal estava deixando Virgil apreensivo: eles estavam indo para um pântano de pouca visibilidade em alguns locais, com seis barcos apinhados de policiais armados com rifles, saindo de três pontos diferentes e convergindo para um ponto central. O comandante da equipe de Sanders parecia tão nervoso quanto ele; andava de um lado para o outro lembrando a seus subordinados a disciplina nos disparos.

Virgil novamente voltou ao carro e, do alto do barranco, correu os olhos pela equipe de policiais, as quatro viaturas e as três caminhonetes com trailers. Enquanto observava Earl estacionar seu trailer, achou que a melhor estratégia seria deitar-se no casco do barco, mas já podia antever os solavancos que teria de suportar. Os barcos de fundo chato eram perfeitos

para águas calmas e velocidades baixas, mas não os mais indicados para marolas fortes, muito menos para o chumbo grosso de uma perseguição como aquela.

Virgil refletiu um pouco mais, pegou sua pistola de calibre doze, carregou-a com três balas e guardou outras sete no bolso do casaco. Se aquilo não bastasse, azar o dele.



Esperou mais um pouco em meio a um leve fedor de lama e peixe podre. Um dos policiais tomou um remo emprestado, pescou da água um saco plástico e o jogou numa lata de lixo. Olhando na direção sul, um dos policiais perguntou:

– O que será que eles estão fazendo por lá?

Dali a pouco, o comandante berrou:

– A postos! O xerife já está chegando!

Às pressas, todos entraram em seus respectivos barcos, os silenciosos motores de quatro tempos foram ligados e eles partiram rumo ao sul. Após um minuto, ouviram o helicóptero, relativamente alto, aproximando-se com rapidez, depois reduzindo a velocidade. Por um dos rádios, Rod foi informado:

– Ele foi encontrado! Está bem debaixo do helicóptero!



Partindo ao mesmo tempo, eles foram levantando ondas compridas na água calma, Ron brandindo o rifle como um guerrilheiro de cinema enquanto Virgil se sentava numa almofada na popa. Com o rosto já avermelhado pelo vento frio, Rod ouviu uma mensagem no rádio e gritou:

– Ele está fugindo para as árvores!

O pântano, na verdade, era o que restava de uma série de braços mortos do Mississippi, alguns dos quais ainda podiam ser vistos do alto, como grandes lagos destacados, separados uns dos outros por planícies de mato alto, tabuas e moitas cerradas. Havia um grande arvoredo ao sul das planícies. Se

Slibe Júnior conseguisse alcançá-lo, seria quase impossível tirá-lo dali, sobretudo em meio a uma troca de tiros.

Mas levaria de dez a quinze minutos para remar até lá, se é que ele tinha partido de onde fora visto na noite anterior. A flotilha de Sanders já estava a menos de três minutos de distância...

Eles atravessaram o lago, o mais depressa possível para um barco plano, e seguiram por um canal que fazia uma curva acentuada. Mesmo assim, Earl pôde manter a velocidade anterior em razão da familiaridade que tinha com o território. Após desviar de um galho na superfície, ele seguiu por outro canal tributário que Virgil pensou ser o rio, embora não tivesse mais que 15 metros de largura.

O helicóptero seguia para o sul, abrindo certa dianteira, mas eles também avançavam rapidamente. Virgil arriscou se levantar por um segundo: não viu muita coisa, apenas as copas das árvores adiante.

– Ele está atravessando o matagal! – berrou Rob.

Ouvindo o ronco dos motores, Virgil olhou para trás e viu os barcos que desciam o rio, aproximando-se deles. Agora, cinco embarcações seguiam juntas por um trecho de algumas centenas de metros.

– Não deve faltar muito! – voltou a gritar Rob.

Não mais que quinze segundos depois, ele apontou e berrou para Earl:

– Ali, ali!

O helicóptero devia estar 50 ou 60 metros à frente deles. Virgil podia ouvir alguém berrando algo com um megafone, mas não entendia o que era em razão da barulheira dos rotores. Vindos do norte, outros dois barcos se juntaram à frota e Earl sinalizou para que eles fossem margeando as tabuas. Pouco depois, Virgil avistou um pequeno canal de águas rápidas, com no máximo 50 centímetros de largura, que ia adentrando as tabuas.

– Será que a gente consegue passar por ali? – perguntou Rod.

– Difícil – disse Earl, desligando o motor. Retirou o varão preso à borda esquerda e foi empurrando o barco pelo canal. Não avançou mais que 10 metros. – Fechado demais.

– Não dá para seguirmos a pé? – insistiu Rod.

– Não. Alguns trechos até são mais rasos, mas a cada dois minutos você vai ter água até o pescoço – respondeu Earl, e manejando o varão, saiu do canal.

Rod falou no rádio e então ordenou:

– Vamos voltar para o norte... Há um canal mais largo por lá. Merda, alguns companheiros já estão fechando o cerco. Não vamos chegar a tempo.

Earl novamente ligou o motor e eles seguiram na direção norte. Dali a pouco, outro barco irrompeu do matagal e foi seguindo na esteira deles. À sua frente, Virgil podia ver mais embarcações que os haviam ultrapassado enquanto eles tentavam cortar caminho através das tabuas.

– Ele está nas árvores – informou Rod. – Estão vendo o cara!

Eles ouviram cinco disparos rápidos.

– Caralho, o que foi isso? – berrou Rod, e se sentou depressa.

– Calma, pessoal – disse Virgil. – Todo mundo de cabeça baixa...

O helicóptero manobrava no alto e, após alguns minutos, eles escutaram uma longa saraivada de rifles semiautomáticos, dois ou três deles. Com seu rádio ao ouvido, Rob avisou:

– Pegaram o cara! Acertaram o cara!

“Merda”, pensou Virgil.



O helicóptero estava tão perto que eles não conseguiam ouvir os próprios pensamentos, mas não havia como alcançar o local em que estava Slibe sem chapinhar pelo menos cerca de 400 metros através das tabuas e do matagal ribeirinho. Foi isso que eles fizeram e, após uma última curva, enfim viram os barcos acostados a um barranco lamacento. Cinquenta metros adiante, policiais cercavam uma canoa de alumínio aterrada na margem.

Ainda com água até os joelhos, eles seguiram em frente até alcançá-los. Abrindo caminho entre os policiais, Virgil deparou com dois homens amarrando bandagens de compressão nas coxas e canelas de Slibe.

– Botem o cara na lona, rápido – mandou um deles.

Quatro homens içaram o garoto, que não parava de gemer, e o deitaram sobre um pedaço de encerado azul. Sangue vazava através do tecido. Muito

sangue.

Virgil e outros cinco policiais ergueram a maca improvisada e, cambaleantes, levaram-na pela água até o barco mais próximo, Slibe urrando de dor com os olhos revirados e úmidos. Por três ou quatro vezes, ele questionou: “Por que vocês atiraram em mim?” Eles o acomodaram no chão da embarcação e o policial ao motor rapidamente deu partida e foi avançando pelo canal até sumir de vista.

– Para onde vão levá-lo? – perguntou Virgil a um dos subordinados de Sanders.

– Uma ambulância está indo para o desembarcadouro – respondeu o homem, que parecia abatido.

– Como foi que aconteceu? – indagou Virgil.

– Ele tentou chegar até as árvores. Eu estava no terceiro ou no quarto barco e alguém no primeiro atirou nele.

– Ele estava... com o rifle dele?

O policial pigarreou e desviou o olhar.

– O rifle dele, hum, ainda estava... amarrado na canoa. Não sei direito, mas acho que ele estava tentando subir com a canoa na margem e fugir correndo na direção das árvores. Sei lá.

– E os ferimentos? São graves?

– As pernas estão bem ruins e ele também levou um tiro na bunda. Na lateral, mas na altura da bunda. Uns buracos enormes.

Correndo os olhos ao redor, Virgil viu que os policiais cochichavam entre si, preocupados.

Problemas à vista.



Sem abandonar a cena do tiroteio, os policiais aguardavam a chegada dos peritos do DDC. Mapes vinha tendo mais trabalho em Grand Rapids do que jamais tivera em toda a sua carreira, pensou Virgil.

Ele circulava pelo local, conversando com os policiais: dois deles haviam disparado as armas. O primeiro atirara contra o mato à frente de Slibe

apenas para amedrontá-lo, para evitar que ele se embrenhasse no arvoredo. O segundo, pensando que o tiro viera de Slibe, abriu fogo contra o garoto. Como Slibe parecia ter se escondido atrás de uma árvore, o primeiro policial disparara de novo, sem saber ao certo de onde viera o segundo tiro.

Virgil ainda falou com alguns homens, depois pediu a Earl que o levasse de volta para o carro.

– Eles não deviam ter atirado no moleque – comentou Earl durante o caminho.

– Se tivesse conseguido alcançar as árvores com um rifle, ele poderia ter matado algumas pessoas – replicou Virgil, sem grande convicção.

Earl cuspiu na água.

– Ele teve várias oportunidades para atirar em alguém se quisesse. Mas nem chegou a desamarrar sua espingarda.

– As coisas não são tão simples assim. Nem tão fáceis.

– Essa é a triste verdade – concordou Earl.

Eles atravessavam o canal sob a luz da aurora, que projetava sombras longas e pálidas a partir dos barrancos e matagais ao longo das margens. Admirando a paisagem, Earl falou:

– É o paraíso...

Lembrando que Johnson Johnson também havia chamado o lugar assim, em Vermilion, Virgil disse:

– É verdade, meu camarada.



Sanders já se encontrava no hospital no momento em que Virgil chegou. Assim que o viu, foi ao encontro dele.

– Você estava lá?

– Estava, mas no último barco. Não vi o que aconteceu. Como ele está?

– Muito machucado, na sala de cirurgia. Estão tentando controlar a hemorragia. Fazendo uma transfusão. Falei com um dos enfermeiros. O sangue dele é do tipo O. Perguntei porque...

– Eu sei. Essa informação é importante.

– Do helicóptero não deu para saber se houve uma troca de tiros lá embaixo.

Sanders usou a expressão “troca de tiros” com uma conotação otimista, mas Virgil fez que não com a cabeça.

– Ele tinha uma carabina .22, que ainda estava amarrada no barco quando ele foi atingido.

– Droga. Não estava nem com um revólver?

– Não. Rolou uma confusão na hora, as coisas ficaram meio nebulosas – explicou Virgil. – Se ele tivesse alcançado as árvores, com uma arma, seria difícil tirá-lo de lá. Não sei o que dizer, Bob, mas acho que... no fim das contas foi melhor assim. Ninguém mais se feriu.

– Vá dizer isso ao pessoal da televisão.

– Eles estão aqui?

– Ligaram. Não sei se estão vindo ou não. E aquele seu amigo do *Star Tribune*?

– Não sei onde está. Não é exatamente um amigo...

– Não tente me enganar – retrucou Sanders, com um sorriso de ironia. – Você ainda não viu o jornal de hoje, certo?

– Não vá me dizer que...

– Primeira página. Você, todo sorridente. “Caso resolvido.”

– Puta merda...



Sanders disse que não seria possível ter certeza de nada até que os médicos saíssem da sala de cirurgia, o que ainda demoraria um pouco, uma ou duas horas.

– Eles têm muito a fazer lá dentro. Só nos resta esperar.

Virgil foi para a recepção do hospital, comprou um *Star Tribune* e viu sua fotografia, de pé com os braços cruzados, conversando com Slibe. Até que a imagem era boa. Ele nem vira Ignace tirando a foto, tampouco sabia que ele estava com uma câmera. Pensando que saíra bem, ouviu o celular tocar. Davenport chamando.

– Fala.

– Já viu o *Star Tribune* de hoje?

– Estou com ele nas mãos. Você precisa saber de algumas coisas. Tivemos um probleminha agora cedo...

Virgil colocou-o a par dos acontecimentos e, depois de alguns segundos de silêncio, Davenport perguntou:

– As evidências... Elas são fortes o bastante?

– Estamos fazendo um exame de DNA na mancha de sangue encontrada no macacão e podemos conseguir alguma amostra do DNA de Windrow na casa dele... O pessoal de Iowa pode cuidar disso. Se uma coisa bater com a outra, e com o extrato do cartão de crédito, acho que isso vai bastar.

– Então estamos todos felizes, certo?

– Não inteiramente. É possível que o moleque seja o culpado, mas fiz essa busca por causa do pai dele. Que para mim é muito mais suspeito que o filho. Sei lá, o garoto não me parece ser do tipo que planeja as coisas. Posso até estar enganado, mas...

– Logo, você não volta hoje à noite.

– Não. Talvez nem amanhã. Porra, Lucas, tem alguma coisa nesse caso que não está me cheirando bem.

– Fique frio, você vai acabar descobrindo. Me mantenha informado. Uma senadora aqui do Minnesota, Marsha Williams, me ligou para saber do caso de Erica McDill. É amiga do pai dela, queria saber em que pé estavam as coisas.

– Estão pressionando você?

– Não exatamente. Ela só estava fazendo um favor para o Sr. McDill, pediu que eu a mantivesse informada – respondeu Davenport. – Se você não se opuser, vou ligar para ela daqui a pouco, passar as últimas informações.

– Pode ligar, mas... não carregue nas tintas. Deixe espaço para a merda.



Ele voltava para a sala de espera do pronto-socorro quando Wendy atravessou as portas, vestindo uma camisa branca larga, jeans e chinelos de

borracha, os cabelos despenteados. Ela parou, olhou à sua volta e avistou Virgil.

– Ele morreu? Cadê meu irmão?

Virgil se aproximou.

– Ele está sendo operado. Foi ferido à bala.

Wendy começou a chorar e suplicar:

– Ele vai sair dessa, não vai? Vai ficar bom, não vai?

– Foi atingido nas pernas, mas está bem machucado. Perdeu muito sangue antes de ser trazido para cá, mas estão fazendo uma transfusão. Tem dois médicos com ele agora.

– E onde ele está?

Virgil levou-a para a UTI, onde Sanders esperava com outros dois policiais. Ao vê-la, o xerife foi ao encontro dela e tomou-a pela mão.

– Estão cuidando muito bem do seu irmão. Ainda não sabemos direito qual é o estado dele, mas assim que tivermos alguma notícia, eu lhe aviso.

Wendy começou a ficar nervosa, querendo saber exatamente o que havia acontecido. Sanders passou o braço por seus ombros e saiu caminhando com ela pelo corredor. Virgil constatou que ele era bom naquilo: consolar eleitores.



Eles esperaram mais uma hora. Virgil recebeu uma ligação de Ignace e perguntou:

– Desde quando você anda com uma câmera?

– Bacana, não é? Uma câmera do tamanho do seu pau, portanto, fácil de esconder. Totalmente automática, só apontar e clicar. Então, gostou da foto?

– Até que não ficou ruim.

– Mando uma cópia para você. Mas e aí, alguma novidade hoje de manhã?



Ao cabo de duas horas de cirurgia, um médico atarracado e barbudo saiu da sala.

– Estabilizamos a situação, mas o estrago foi grande. Estancamos a hemorragia, mas diversos ossos foram esfacelados na perna e na pelve. Ele recebeu quatro bolsas de sangue. Um helicóptero está vindo do Regions Hospital de St. Paul, vamos transferi-lo para lá.

– Ele vai ficar bom? – perguntou Wendy.

– Vai precisar de muita fisioterapia. E, hum, ele ainda não está totalmente fora de perigo. Seu estado ainda é um tanto delicado, mas nada que o impeça de fazer a viagem.



O médico ainda deu mais detalhes e, logo depois, chegou Zoe, que se abraçou a Wendy. Após uma hora e meia, com uma bolsa de soro e analgésicos espetada num dos braços, Slibe Júnior foi acomodado no helicóptero e levado para a capital.

VIRGIL, SANDERS E JOHN PHILLIPS se reuniram por alguns minutos no gabinete do procurador do condado.

– Se os grupos sanguíneos forem os mesmos, e com os débitos do Visa, e se o pai dele cooperar, não devemos ter nenhum problema – disse Phillips a Virgil. – Mas também podemos usar uma declaração do garoto, assim que ele estiver em condições de dar uma. É preciso que você esteja lá, do lado dele. Leia os direitos do Júnior, depois veja o que ele tem a dizer. Não há pressa de providenciarmos um defensor público para ele... Vamos esperar que ele peça.

– Merda. Eu queria muito ter encontrado um rifle .223 naquela casa – praguejou Virgil. – Deve estar escondido em algum lugar naquela fazenda. Vou pressionar mais Wendy e Slibe, ver se o moleque tem algum esconderijo especial no meio do mato.

– Esse rifle seria mesmo a cereja do bolo, caso tenha alguma digital – concordou Phillips.



Virgil telefonou de novo para Davenport, não só para informá-lo da reunião, mas sobretudo para enfatizar a fragilidade das evidências contra Slibe II.

– A gente precisa logo desse DNA, cara. Para ontem. Sei que estamos sobrecarregados, mas você tem que dar um jeito.

Zoe ligou pouco depois.

– Estou em casa com Wendy. Acho melhor você vir para cá.



Wendy e Zoe se achavam na sala, ambas com um aspecto apreensivo. Virgil imediatamente sentiu o cheiro da maconha.

– Fumando unzinho?

– Você é um babaca! – disparou Wendy.

– Não fiquei feliz com o que aconteceu a seu irmão – disse Virgil. As duas mulheres se sentavam lado a lado no sofá e ele se acomodou na poltrona à frente delas. – Não gosto de ver ninguém na situação dele. Os policiais temiam que ele fugisse até as árvores com a arma dele e de lá fosse matando um por um.

– Mas eles podiam ter apenas ficado lá e esperado. Não precisavam *atirar* nele – retrucou Wendy. – O coitado devia estar apavorado, com um helicóptero o caçando, aqueles barcos todos...

– Você viu alguma coisa? – perguntou Virgil.

Wendy negou.

– As rádios deram a história – explicou Zoe. – Ninguém fala de outra coisa.

– Wendy... eu sinto muito – desculpou-se Virgil.

– Wendy, conte para ele – pediu Zoe.

A cantora começou a chorar.

– Meu Deus... É tudo horrível!

– Falar o quê? – indagou Virgil.

Wendy olhou para Zoe e viu que ela a encorajava.

– Não acho que foi o Júnior. Acho que foi meu pai.

Após um momento, Virgil perguntou:

– Por que você acha isso?

– No dia em que Erica foi morta... saí da pousada de manhãzinha, mas estava superotimista com tudo, com as coisas que íamos poder fazer juntas. Naquela tarde eu estava gravando com a banda no estúdio e, na noite anterior, Erica parecia realmente interessada em nós, querendo saber de tudo, fazendo perguntas sobre nossa carreira... Então pensei: quem sabe ela não topa vir para o estúdio e assistir à gravação? No intervalo do jantar, dei um pulo na Ninho da Águia.

– A que horas foi isso? – indagou Virgil.
– Mais ou menos seis e meia.
– Você não conseguiu falar com ela?
– Não. Ela não estava lá. O carro, sim, mas ela tinha saído para algum lugar, não sei para onde. Provavelmente já estava remando para ver as águias.

– Ok.

– Mas aí... a gravação ainda não havia terminado e eu precisava voltar para o estúdio. Quando saí da pousada e entrei no asfalto, tive a impressão de ver a caminhonete do papai passar por mim. Fui atrás, mas ele estava correndo muito e eu não consegui alcançá-lo. Mas tenho quase certeza que era ele.

Virgil encarou-a por um instante.

– É só isso?

Wendy se virou para Zoe, que disse:

– Melhor você contar tudo.

– Tudo o quê? – indagou Virgil.

Wendy hesitou um pouco, mas por fim prosseguiu:

– Na manhã seguinte, fiquei sabendo pela Cat, que tinha ouvido de um policial, que Erica fora assassinada naquela lagoa e as pessoas estavam esperando a polícia estadual. Quase enlouqueci. De verdade. Peguei meu carro, fui até lá e estacionei numa daquelas estradinhas. Dava para ver que alguém tinha pisoteado o mato por ali, então desci pelo mesmo caminho até a beira da água e vi os barcos... Infestado de mosquitos... Fiquei olhando por um tempo, depois voltei para o carro e me mandei. Estava apavorada.

Virgil esfregou o próprio rosto.

– Não acredito... Que sapatos você estava usando?

– Mephistos. Zoe me contou naquela noite que você estava procurando por Mephistos. Eu não queria jogar meus sapatos fora, porque eles são caríssimos, muito mais do que qualquer outro que já tive na vida, logo escondi numa caixa no estúdio.

– Você disse que eu não precisava guardar segredo – falou Zoe a Virgil.

– É, eu disse.

– Mais uma coisa – continuou Zoe, e olhou de relance para Wendy. – A banda estava trabalhando numa canção na tarde de terça... Slibe apareceu procurando por Wendy. Erica estava lá. Wendy pediu ao pai que pedisse umas pizzas pelo telefone e depois todo mundo comeu junto.

– Sim...

– E Erica comentou sobre as águias, falou que pretendia ir vê-las de perto lá na lagoa – completou Wendy.

– Meu Deus... – disse Virgil. A essa altura ele já achava que fumaria um baseado caso lhe oferecessem. – Você *achou* que era a caminhonete do seu pai, mas não tem certeza, é isso?

– Bem, eu... Sabe quando você vê uma caminhonete e, embora elas sejam todas muito parecidas, você sabe que é a caminhonete de um amigo só pelo jeito que ele dirige ou... sei lá, alguma coisa assim? Então, era a caminhonete do meu pai, sim. De repente dei de cara com ela e pensei: que diabos ele está fazendo por aqui?



Virgil quebrou o silêncio:

– Tudo bem, Wendy. Constance Lifry e Erica foram mortas, Jud Windrow está desaparecido, provavelmente morto também. Todos eles têm alguma relação com a banda. Mas... e Jan Washington?

– Não faço a menor ideia.

– Seu irmão conhecia Jan?

– Até onde sei, não. Júnior não é muito ligado em doce.

– E seu pai?

– Mesma coisa, eu acho. Quer dizer, Jan não é amiga da família.

– Então, por que... Se o Júnior não bate bem da cabeça, é possível que ele tenha atirado nela só por diversão. Algo parecido com as caçadas que ele tanto gosta. Mas não vejo seu pai fazendo uma coisa dessas. Seu pai é... rígido demais.

– Não sei. Realmente não sei. Nada disso faz sentido.

– Se foi seu pai quem matou essas pessoas todas – perguntou Zoe a Wendy –, que motivo ele teria para fazer uma coisa dessas? Para manter você perto dele?

Wendy assentiu.

– As únicas pessoas que ele realmente amou foram minha mãe e eu. E o Júnior também, eu acho. Ele já me disse isso um milhão de vezes. Quando mamãe foi embora, ele quase morreu de desgosto. Costuma falar que sou igualzinha a ela.

– Seu pai nunca...? – Virgil preferiu deixar a pergunta no ar em vez de completar com “molestou você sexualmente”.

Wendy demorou alguns segundos para pescar o que ele queria saber.

– Não, não. Nada disso. Não.

– Nunca?

– Não. Teve uma época, eu devia ter 12 ou 13 anos, que fiquei meio ressabiada com ele, achando que ele andava me espiando por trás das portas, então comecei a tomar mais cuidado quando ele estava por perto, mas isso foi só durante um tempo. Nada aconteceu. Nunca.

– E o Júnior?

Wendy abriu um sorriso triste.

– Ele gostava de me espiar. Tipo... quando eu saía do banho, ele ficava na janela, olhando. Eu não dava muita bola. Ele também nunca fez nada. É tímido demais.

– Como é a relação do seu pai com ele? Slike deu a impressão de que estava entregando o próprio filho à polícia.

– Não sei direito. Ele costumava bater na gente, acreditava em disciplina. Mas minha mãe sempre nos acudia... Depois que ela se mandou, ele deu umas surras bem violentas no Júnior. Isso parou uns anos atrás, pois meu irmão começou a reagir. Às vezes eu ficava achando que... sei lá, que meu pai não estava dando conta de tudo.



Eles permaneceram calados por um tempo, então Virgil perguntou:

– Alguma vez seu pai chegou a pedir que você não fosse embora?

– Ah, sim, mais de uma vez. Ele era de uma família muito pobre. Muito pobre mesmo. Um irmão dele morreu cedo, supostamente por um problema cardíaco, mas meu pai disse uma vez que deve ter sido de desnutrição. Havia épocas em que eles chegavam a passar fome. Naquele tempo, o governo tinha um programa de assistência social: distribuía manteiga de amendoim e banha de porco para as pessoas, qualquer coisa que sobrasse nas fazendas da região. Ele contou que, em alguns meses, eles comiam manteiga de amendoim no café, no almoço e no jantar. Hoje ele nem suporta o cheiro...

Para instigá-la a continuar, Virgil comentou:

– É, eu posso imaginar.

Ela aquiesceu.

– Enfim, depois de se formar no colégio, ele foi trabalhar como operário numa empresa de fossas sanitárias, igual à que ele tem hoje, e depois se alistou no Exército, onde aprendeu sobre os equipamentos pesados. Serviu por seis anos, guardou cada centavo que pôde e, ao sair, deu entrada numa escavadeira e trabalhou feito um burro de carga, conheceu minha mãe, eles se casaram, e minha mãe também só fazia trabalhar, até que eles conseguiram dar um gás na empresa. Meu pai acha que o Júnior não tem capacidade para tocar o negócio, por isso ele quer que eu fique. Acha que se eu for para Nashville ou qualquer outro lugar, a empresa vai...

Ela apenas deu de ombros e Zoe completou:

– Vai para o ralo.

– Não tem graça nenhuma – replicou Wendy, ríspida. E acrescentou para Virgil: – Mas essa não é a minha. Não quero passar o resto da vida pilotando uma porcaria de uma escavadeira, nem administrando um bando de peões.



– Mas... por que você está me contando tudo isso? – indagou Virgil.

– Porque se o culpado for meu pai, ele tem que ser preso – explicou Wendy. – Quanto ao Júnior... não tem culpa de ser como é. Foi meu pai que

o deixou assim. Depois que minha mãe fugiu com Hector, *eu* passei a ser a mãe do Júnior. Era *eu* que precisava protegê-lo do meu pai dentro do possível.

– O Júnior é quatro, cinco anos mais novo que você?

– Sete. Olha, se ele for preso... vão acabar matando-o na prisão. Acho até que ele pode morrer antes, só por estar preso. Mas Júnior é do tipo que atrai a maldade das pessoas. Essa gente que gosta de zoar com os outros. Se for para a cadeia, vai morrer lá ou ser morto. E isso não é certo, se não for ele o culpado.

– Não, não é – concordou Virgil.

Ele se recostou na poltrona e fechou os olhos. Se Slibe era o culpado, e Júnior inocente, eles estavam com um pepino e tanto nas mãos. Quando a polícia prendia alguém por um crime qualquer, era quase impossível indiciar e condenar outra pessoa sem provas absolutamente cabais. Levando-se em conta a premissa básica para qualquer condenação – “para além de toda e qualquer dúvida razoável” –, os advogados de defesa sem dúvida tripudiariam sobre a acusação com o seguinte argumento: “Se vocês têm tanta certeza de que X é culpado, por que Y foi preso dois dias antes?”

Ainda havia uma possibilidade de se contornar esse tipo de situação com a alegação de que as duas pessoas envolvidas eram pai e filho, portanto, as evidências podiam valer tanto para um quanto para o outro. Mas não seria fácil, sobretudo porque a única evidência contra Slibe era o fato de que Wendy *pensava* ter visto a caminhonete dele na estrada.

Mesmo assim, Virgil acreditava que o carro avistado era mesmo de Slibe.

Ele abriu os olhos e perguntou:

– O que aconteceria se, ao confrontar Slibe e dizer que viu a caminhonete dele, seu pai retrucasse: “Não viu, não. Eu estava na casa de Fulano naquela hora”?

– Se ele negasse... eu acreditaria. Especialmente se esse fulano confirmasse a história. Não tenho certeza se era a mesma caminhonete. Naquele momento, achei que era.

– Poxa, isso é muito pouco – lamentou Virgil, e se inclinou na direção dela.
– O que você acha da ideia de usar uma escuta... um microfone... e acusar seu pai de ter matado Erica? Você fala que viu a caminhonete, só para ver como ele reage. A gente estaria por perto, só no caso de ele tentar alguma bobagem.

– Caramba... – Wendy correu a mão pelos cabelos. – Isso seria uma traição, não seria? Ele nunca me perdoaria, mesmo que seja inocente. Quando foi traído por minha mãe, nunca mais se recuperou. Só sabia trabalhar e aparecia em casa só para dar comida para os filhos, fazer a limpeza e trabalhar mais um pouco na horta. Tudo o que ele já fazia antes, mais as coisas que passou a fazer depois que minha mãe se foi. Ia dormir exausto e, no dia seguinte... tudo de novo.

– Não me ocorre nenhuma outra ideia além da escuta. Sobretudo se aquele sangue que encontramos no macacão de Júnior for mesmo de Jud Windrow. Aí as coisas vão se complicar para o lado do seu irmão. E vou lhe dizer uma coisa, Wendy: uma carreira de cantora vai ficar bastante difícil se seu pai resolver matar todo mundo que aparecer para ajudar você.

– Preciso pensar no assunto.

– Então pense rápido – devolveu Virgil.

Zoe falou a Wendy:

– A gente pode trocar uma ideia. Sem Virgil por perto. Ele espera lá fora.



Achando que aquilo poderia demorar, Virgil ligou para Sanders e pediu o reforço de alguns policiais.

– Vou tentar falar com Slibe e acho melhor não ir sozinho.

– Também acho. Com o filho dele todo esburacado naquele hospital... Estou de novo em Bigfork. Pode passar lá na delegacia. Meus homens vão estar à sua espera.



Virgil foi com dois policiais à propriedade de Slibe, mas o homem não estava em casa, nem sua caminhonete. Tudo certo com os cachorros, que tinham comida e água, mas a casa, o trailer e o loft estavam abandonados.

Virgil entrou em contato com Zoe para saber o que Wendy havia decidido sobre a ideia de uma escuta eletrônica.

– Más notícias, Virgil: Slibe ligou e ela foi se encontrar com ele no escritório de Dick Raab.

– Quem é esse?

– Um advogado. Provavelmente o melhor da cidade. Slibe disse que é hora de fechar o bico e salvar a família.

– Era só o que me faltava...

– Quer saber de uma coisa? Acho que ela está gostando de mim outra vez.

– E em que isso ajuda?



Virgil telefonou para Sanders e falou que eles precisavam ir juntos falar com Phillips.

– Problemas? – perguntou o xerife.

– Pode ser.



Eles se reuniram no gabinete de Sanders. Phillips parecia aborrecido; um senhor mais velho sentava-se num dos cantos com cara de paisagem.

– Bob disse que talvez haja problemas – comentou Phillips assim que Virgil entrou.

Sanders cumprimentou Virgil e, apontando para o homem no canto, o apresentou:

– Este é meu pai, Ken Sanders. Era o xerife antes de mim. Metade das pessoas no condado ainda pensa que está votando nele.

Virgil apertou a mão do homem e sentou-se.

– Falei com Wendy Ashbach. Ela acha que não foi o irmão, mas o pai.

Contou sobre a conversa com Zoe e Wendy, sobre a ligação de Slibe e o encontro de pai e filha com Dick Raab. Ken parecia apenas cético, mas o xerife e o procurador tendiam para a apoplexia.

– Só *agora* ela resolveu abrir o jogo? – explodiu Phillips. – Depois que outra mulher levou um tiro, um homem desapareceu e o irmão dela está igual a um queijo suíço no hospital?

– Slibe é pai dela – ponderou Ken. – A única pessoa que tem na vida além do irmão. Ela o estava protegendo.

– Se Wendy estiver dizendo a verdade, o pai dela é o maior canalha de todo o estado de Minnesota – falou Virgil. – Estaria cavando a cova do próprio filho.

– E se ela estiver mentindo? – sugeriu Sanders. – E se estiver protegendo o irmão? Ou a si mesma? Você voltou a falar com Slibe depois daquele dia da busca?

– Não, não é nada disso – interveio Phillips. – Vou lhe dizer o que está acontecendo. Meu Deus, é tudo tão claro. – Ele se levantou e começou a perambular pela sala enquanto pressionava as próprias têmporas. – Wendy diz que foi o pai. Temos uma montanha de evidências que apontam para o irmão dela. Sangue no macacão, a fuga para o mato... Então levamos o garoto a julgamento, Wendy é convocada para testemunhar e conta que viu a caminhonete do pai nas imediações do lago. E, além disso, há os débitos dos postos de gasolina a caminho de Iowa. Slibe pode muito bem ter deixado aquele macacão no loft do filho. O advogado de defesa leva Slibe a julgamento e as provas contra ele são tão fortes quanto as provas contra o menino. Júnior é inocentado, já que, porra, as dúvidas são muito mais do que razoáveis. Depois o quê? A gente prende Slibe? A filha dele começa a tremer no banco das testemunhas e a gente tem *sangue* no macacão de Júnior... O advogado de Slibe leva Júnior a julgamento e... Opa. Wendy também é levada a julgamento, já que Virgil tem evidências de que ela esteve lá no lago: as marcas de sapato na lama. Logo, Slibe é inocentado. Merda, merda. *Merda!*

– Você está falando sério? – perguntou o xerife.

– Sério feito um infarto – respondeu Phillips. – Dick Raab vai pegar aquela garota e atochá-la no meu rabo. Caralho... – Ele apontou para Virgil. – Você. Vá imediatamente para a capital. Esteja do lado daquele garoto assim que ele acordar e arranque dele uma declaração. Se ele confessar, estamos tranquilos. Se acusar o pai... não é tão bom, mas já é alguma coisa.

– E se ele já estiver com um advogado?

– Aí estamos ferrados. Espere um minuto... *Vocês não estão ferrados. Vocês pegaram todo mundo. Sou eu quem vai ser condenado.*

– Que alívio – disse o xerife ao pai, que esboçou um sorriso.

– Muito engraçado, Bob – resmungou Phillips.

– Que fique entre nós – falou Sanders –, mas se aquele garoto empacotasse, tudo estaria resolvido. A gente poderia dar o caso por encerrado.

– Que nada – replicou Virgil. – Este assassino é um maluco. Se for Slibe, ou mesmo Wendy, outras pessoas ainda podem morrer. Agora é assim que ele resolve seus problemas. Porque o cara é um maluco.



Eles permaneceram calados por um minuto, até que Ken fez uma correção:

– Ou a moça que é maluca. Conheço essa Wendy. É a mãe outra vez. – Ele deu uma risada. – Todo mundo nesta cidade estava acompanhando *aquele* pequeno romance. Entre Maria Ashbach e Hector.

– Você estava sabendo? Quero dizer, muita gente sabia?

– Não sei se muita gente sabia, mas Hector costumava fazer as inspeções sanitárias do condado e Maria cuidava da papelada do marido. E depois de um tempo... Hector estava inspecionando mais do que a papelada dele. A mulher de Slibe com um latino. Só podia dar no que deu: Maria se mandou com o outro e fodeu com o clã inteiro. Ninguém bate bem da cabeça naquela família. Eu não ficaria surpreso se Slibe tiver bolinado a filha mais de uma vez. É por isso que ela é homossexual.

– Já perguntei a Wendy – contou Virgil. – Ela diz que não.

Ken se empertigou na cadeira.

– *Você perguntou?* Rapaz... você tem mais colhões do que aparenta.

– Ele é o cara que massacrou aqueles vietnamitas em International Falls – explicou o xerife ao pai.

Virgil por pouco não perdeu as estribeiras.

– Eu não massacrei...

Sanders riu.

– Foi Zoe que me revelou: para tirar você do sério, basta falar nesses vietnamitas.

– Então vou ter que dar umas palmadas na bunda dela – disse Virgil, já relaxado.

– Posso assistir? – indagou Ken.

– Mas o que é isso? O clube da comédia? – questionou Phillips. – Vocês ficam aí rindo, mas essa gente vai acabar se safando, escutem o que estou dizendo.

Ken balançou a cabeça.

– Acho que não. Para início de conversa, provavelmente podemos indiciar Wendy como cúmplice por sonegação de informação. Também há as marcas de sapato. Se ela partir para cima de você, vai ter que admitir que viu o pai por lá, que estava usando aqueles calçados e mentiu para Virgil. Ela está nas nossas mãos. Basta você descobrir como usar isso a seu favor.

Phillips examinou o velho por um instante.

– Não foi à toa que elegeram você oito vezes.

– Isso aí – concordou Ken. E acrescentou para Virgil: – Li sobre aquela confusão em International Falls. Estão pegando no seu pé agora?

Eles conversaram sobre o assunto durante um tempo, o velho ouvindo com atenção, fazendo perguntas inteligentes. Por fim, ele concluiu:

– Você não tinha opção melhor.

– Também acho que não. Poderia ter deixado passar, mas... as pessoas precisam ser julgadas, sabe? Não dá para fazer acordo com um bando de assassinos estrangeiros que vêm para cá executar pessoas.

– Mesmo assim eu me preocupo com policiais armados com metralhadoras automáticas. A polícia está se transformando num exército. Hoje em dia aparecem metralhadoras, viaturas que mais parecem tanques de

guerra, munição a rodo, uniformes blindados... Por exemplo, uma situação como a de hoje de manhã. Aquilo ia acabar muito pior se eles estivessem com armas pesadas. Hoje em dia, numa simples perseguição de rua, alguém sempre acaba morto. E costuma ser uma pessoa inocente. Um pobre coitado que estava tentando atravessar a rua...

– Concordo plenamente.

– Olha, o papo está ótimo, tudo muito interessante, mas ainda temos muita coisa para fazer – interveio Phillips.

Virgil ficou de pé e se espreguiçou.

– Tem razão. Preciso pôr um fim nessa história. Saber quem matou essas pessoas. Não para que vocês prendam alguém, mas porque eu *preciso* saber.

– Então se mande para a capital – mandou Phillips.

Virgil pensou em Sig, cogitou dar uma passada na casa dela. Pensou também em Slibe Júnior acordando no hospital ainda sem um advogado ao lado.

Ele queria ver Sig.

Mas *precisava* ir para St. Paul.

VIRGIL LIGOU PARA SIGNY E disse a ela que precisava se ausentar mais uma noite. Com um indisfarçável ceticismo no tom de voz, ela comentou:

- Você precisa chegar ao fim dessa história, Virgil.
- Juro por Deus, Sig, a última coisa que eu queria era ter que viajar agora.
- Eu acredito...



A viagem até St. Paul seria monótona e enjoada, sem muito o que ver durante a tarde, sem ao menos o romantismo de uma noite estrelada. Com o rádio ligado, ele ouviu “Dallas”, uma de suas canções prediletas, seguida da versão de Lucinda Williams para “It’s a Long Way to the Top (If You Wanna Rock’n’Roll)”, do AC/DC, e a música trouxe certo alívio. Mas, ao chegar ao estacionamento do Regions Hospital em St. Paul, não havia nada que pudesse vir a seu socorro.



Mas Virgil pensou em algo assim que entrou no quarto e viu Júnior. O rosto inerte do garoto era uma ilha escura em meio aos lençóis, travesseiros e cobertores brancos, aos aparelhos eletrônicos que mostravam números em verde e vermelho, aos líquidos transparentes que corriam das bolsas ao corpo por meio de cânulas de plástico, aos outros líquidos que saíam dele por meio de tubos idênticos. Os olhos estavam fechados, a respiração suave e irregular.

- Ele já acordou? – perguntou à enfermeira.

– Já. Uma hora atrás ele estava acordado, mas ainda muito mal. Não falava coisa com coisa. Não sabia onde estava. Agora está sedado. Acho que não volta a acordar hoje.

– Vai sobreviver?

– Oitenta por cento de chance. Eles precisaram recompor o reto por causa de alguns fragmentos de osso que atravessaram o músculo. Depois vão ter que colocar placas de metal nas pernas e na pelve. A espinha não foi afetada, mas o estrago foi grande nas pernas. Segundo um dos médicos, é bem provável que sejam necessárias mais cinco ou seis cirurgias para consertar tudo. Do jeito que for possível. E ainda há o problema da infecção. Se ela piorar, só Deus sabe o que vai acontecer.

Virgil agradeceu à enfermeira e desceu para a lanchonete. Comprou um refrigerante, refletiu sobre o que acabara de ver. Depois de um tempo, olhou as horas no relógio e ligou para Sandy, que já se preparava para sair.

– Preciso de um monte de informações. Nas próximas horas se possível. Você vai receber suas horas extras, fique tranquila. Pode ser?

– Muito gentil da sua parte perguntar em vez de me tratar como se eu fosse sua escrava.

– Sandy...

– Fale logo. O que você quer?

– Vamos lá, então. Uma mulher chamada Janelle Washington está internada num hospital em Duluth. Preciso saber qual. O marido dela se chama James, eles moram em Grand Rapids... Também quero a placa de um carro... – Ele passou o resto da lista e, segundo Sandy, não havia nada de complicado nela.

– Onde você vai estar?

– Estou indo para Duluth – respondeu Virgil. – Droga. Duas horas atrás eu estava lá. Fiquei quinze minutos aqui, agora preciso voltar.

– A vida nunca foi um mar de rosas.

– Poxa, você é um doce de pessoa...

– Lucas está quase saindo. Quer falar com ele?

– Não. Ele só vai encher o meu saco. Me telefone assim que tiver as informações sobre Janelle.

Assim que desligou, Virgil voltou ao carro, pegou sua Nikon D3 e subiu com ela para o quarto de Júnior. A enfermeira torceu o nariz, mas Virgil engrossou a voz e ela cedeu. Empoleirado numa cadeira, ele tirou diversas fotos do garoto, conferiu a nitidez de cada uma no visor de LCD e, satisfeito, desceu ao chão.

A enfermeira voltou dali a pouco com sua supervisora, e Virgil disse a elas:

– Já terminei. Às vezes você tem que fazer uma coisa e ponto final, que se danem as regras. Podem botar isso no relatório de vocês.



A meio caminho de Duluth, já anoitecendo, Virgil parou numa lanchonete de beira de estrada e, no estacionamento mesmo, tirou uma soneca de meia hora. Foi acordado pela ligação de Sandy. Ela passou o nome do hospital em que estava Jan, informou que ela estava consciente e à espera dele.

– Você estava certo quanto ao carro. Ele nunca foi registrado. Em nenhum lugar.

– Valeu, Sandy. A gente se vê daqui a dois dias.

Virgil entrou na lanchonete, comprou uma rosca de canela e voltou à estrada.



Jan se encontrava em seu leito. Virgil ainda não a conhecia, mas teve a impressão de que ali estava uma mulher que perdera muito peso nos últimos dias.

– James está por aí em algum lugar – comentou ela.

– Como você está?

– Muitas dores. O tempo todo. Estou tomando um monte de analgésicos, mas eles não têm adiantado muito. Uns não servem para nada e outros me derrubam por completo. Até agora os médicos não conseguiram encontrar um meio-termo.

– Preciso mostrar uma fotografia.

Virgil tirou o laptop da bolsa, ligou-o e abriu o arquivo da melhor foto que havia tirado de Slibe Júnior, aquela que mostrava sobretudo o rosto do garoto e deixava de fora todo o equipamento hospitalar. Quase parecia uma fotografia de carteira de habilitação.

– Conhece este homem?

Jan examinou a imagem por alguns segundos, depois franziu a testa e disse:

– Ah, sim. Já faz muito tempo. Este aí é o Hector. Como é mesmo o sobrenome? Ele ficou apenas alguns anos por lá antes de fugir com... Lembrei. Hector Avila. Fugiu para o Arizona com Maria Ashbach.



Eles conversaram sobre o assunto.

Hector era engenheiro civil do Departamento de Obras Públicas do condado, onde Jan fora empregada antes de pedir demissão para ter filhos. Eles se conheciam e ainda trabalhavam juntos quando Avila conheceu Maria.

– Hector fazia a inspeção das instalações sanitárias no condado. Era Maria que cuidava da papelada da empresa do marido. Ela administrava o negócio e Slibe fazia as escavações. Eu sabia que estava rolando alguma coisa entre Maria e Hector. Até cheguei a adverti-lo...

– Você o advertiu?

– Bem, Slibe é um cara da roça, entende? E Maria era a mulher dele. Você se mete com ela e... Há muitas estradinhas desertas e escuras naquela região. Você acaba... levando chumbo. Como aconteceu comigo.

– Fazia quanto tempo que eles estavam juntos, Maria e Hector?

– Um bom tempo. Pelo menos dois anos. Eram bastante discretos. Depois que... se encontravam... nem falavam um com o outro. Eu sabia porque conhecia o Hector. Ele pagava um quarto de motel, geralmente no Hibbing, e ela ia para lá na surdina. Não sei direito... Acho que no início era só sexo,

mas depois eles se apaixonaram. Espero que sejam felizes, onde quer que estejam.



Virgil ligou para a casa de Mapes e lhe disse o que precisava. Em seguida, telefonou para Sanders.

- A validade do mandado de busca na casa de Slibe era de três dias?
- Isso. Mas não era necessário terminar no primeiro dia. Por quê?
- Se eu falar, aposto que você vai zoar com a minha cara se eu der com os burros n'água.
- Não, não vou...
- A gente se vê amanhã.
- Espere, espere! E o Júnior? – quis saber o xerife.
- Estava dormindo. Não cheguei a falar com ele.
- John Phillips vai ficar puto. Ele precisava daquela declaração.
- O garoto é inocente – garantiu Virgil. – Pode dizer isso ao procurador.
- Virgil...
- Vou precisar dos seus homens outra vez. Por volta das nove.



Virgil chegou de volta ao motel às duas da madrugada, desabou na cama e apagou.

Mapes ligou às oito.

- Estamos no lobby.
- Vá tomar um café em algum lugar – resmungou Virgil. – Daqui a um minuto estou de pé.
- Pela voz, vai ser bem mais que um minuto.
- Ok, ok. Já estou descendo.



A manhã estava fria e silenciosa, com um cheiro de chuva no ar. O estacionamento estava molhado, pois havia chovido durante a noite, mas

não muito; sob os carros ainda se viam os retângulos secos. Virgil encontrou Mapes junto da van da perícia com Herb Huntington, um assistente. O chefe dos peritos examinava os folhetos de turismo que pegara no lobby do motel.

– Muita coisa para se fazer aqui por perto – comentou ele. – Eu não tinha ideia.

– Sua mulher vai gostar de saber disso – disse Herb a Mapes. – “Meu bem, este ano a gente finalmente vai sair de Bemidji. Sim, senhora, vamos para Grand Rapids. Pescar, caçar, jogar golfe, o que você quiser.”

– Vocês estão com o equipamento todo aí? – perguntou Virgil.

– Virgil, não estou dizendo que você pirou – falou Mapes –, mas vou me esconder nos fundos da van enquanto Herb faz o trabalho. – Virgil balançou a cabeça com um sorriso triste estampado no rosto. – Que foi?

– Não é apenas um palpite – retrucou Virgil. – Vamos tomar um café. Pode ser que a gente demore lá.

– O que você sabe que eu não sei? – indagou Mapes.

– Jud Windrow não foi encontrado até agora. Nem mesmo com o rastreador no carro dele.

Mapes suspendeu as próprias calças.

– É. Tem isso. Mas agora... vamos lá tomar esse café. Para onde a gente vai?



Eles comeram, buscaram dois policiais na delegacia e seguiram em sua caravana de três caminhonetes até a propriedade de Slibe. Estacionaram diante da casa, que por um instante lhes pareceu abandonada, uma nuvem pairando baixa sobre ela. Virgil bateu à porta, ninguém atendeu. Um dos policiais contornou a casa até a garagem, espiou dentro dela e berrou de volta:

– O carro dele não está aqui!

– Dê uma olhada no loft – pediu Virgil. E acrescentou para Mapes: – Acho que você já pode começar.

Virgil foi caminhando na direção do trailer e, antes de alcançá-lo, viu a porta se abrir. Descalça, Wendy desceu os degraus de cimento.

– O que você está fazendo aqui?
– Cadê o seu pai? – perguntou Virgil.
– Ele... Nosso advogado nos alertou para não falar com você. Em hipótese alguma.

Berni surgiu atrás de Wendy e apoiou-se no ombro da namorada.

– Tudo bem você obedecer ao seu advogado. Mas, se seu pai estiver por aqui e aparecer do nada para atirar em alguém, levo você presa por homicídio culposo.

– Você não... O que eles estão fazendo ali?

Do outro lado do quintal, Mapes e Huntington andavam de um lado para o outro na horta.

– Estamos continuando a busca – respondeu Virgil. E dirigindo-se a Berni, emendou: – Berni, o advogado não lhe advertiu, já que você não tem um. Então posso perguntar: sabe onde está Slibe?

– Isso não é justo – protestou Wendy.

– Foda-se o justo – cuspiu Virgil. – Berni, se você souber é melhor contar. Caso contrário, vai estar tão encrencada quanto Wendy.

– Deixe-a em paz – adiantou-se Wendy. – Eu mesma digo: meu pai está trabalhando no subúrbio, na fazenda dos Wendigos.

– A que horas ele saiu?

– Na mesma de sempre, eu acho. Mais ou menos seis e meia. Ouvi quando ele saiu.

– Você não acha estranho que até agora ele não tenha ido ver o Júnior?

– Sei lá. Ele ficou muito abalado. E depois o Júnior foi transferido. Eu e Berni estamos indo para St. Paul hoje, talvez ele vá conosco. Mas, afinal, o que você está procurando aqui, Virgil?



Huntington estava nos fundos da horta com uma caixa de metal sobre os ombros, empunhando uma vara de 2,5 metros que culminava em algo parecido com um aro de basquete. Naquele exato momento, passava o aro sobre o canteiro de batatas, atravessando a horta com Mapes a seu lado.

– Wendy, você precisa ver seu irmão – recomendou Virgil. – Eu estive lá ontem à noite. Ele está precisando de apoio.

Ela se virou para ele.

– Está tão mal assim?

– Muito. Vai ficar bom, mas ainda vai levar um tempo. O risco maior é o da infecção.

Ele contou sobre a visita, deu as costas para Wendy e viu Mapes caminhando em sua direção. Huntington perambulava em círculos, pisoteando tomates e pepinos, alheio ao estrago que fazia.

– Encontramos uma massa, Virgil – anunciou Mapes. – E é grande.

– Nenhuma dúvida?

– Bem, encontramos essa massa. Você já imagina o que é e realmente pode ser isso. Não tenho como dizer mais nada.

– De que diabos vocês estão falando? – quis saber Wendy.

Virgil suspirou fundo, subiu um dos degraus de cimento e passou o braço pelos ombros dela, apertando-a contra si.

– Caramba, que situação...

– *Fala, porra!*

– Wendy... acredito que sua mãe esteja enterrada naquela horta.



Wendy congelou, todos os músculos do corpo parecendo se contrair ao mesmo tempo. Em seguida, se desvencilhou de Virgil.

– Você pirou de vez – acusou Berni, boquiaberta.

– Você pirou de vez... – repetiu Wendy, voltando os olhos da horta para Virgil.

– Esses caras usaram um detector de metais de última geração – argumentou Virgil. – Estão dizendo que encontraram uma grande massa de metal enterrada naquela horta. Você me disse que, quando sua mãe foi embora, ela deixou o carro aqui e fugiu com o namorado, Hector Avila. Pedi a uma agente do DDC para pesquisar o automóvel de Hector, um Blazer S10 de 1990. O carro nunca foi registrado em nenhum lugar do país. Nenhum

sinal dele no Arizona, no Novo México, no Texas, na Califórnia, no Colorado, em Nevada... em nenhum estado do Sudoeste. Você contou também que, ao voltar da escola, seu pai falou que a mãe de vocês tinha ido embora e, naquele mesmo dia, começou a plantar uma horta...

– Não, não, não, não... – replicou Wendy, balançando a cabeça. – Não é nada disso. Minha mãe está no Arizona.

– Não consegui encontrá-la. Também não encontrei Hector Avila. Não há nenhum registro de pedido de divórcio em nome de Maria Ashbach em Minnesota, no Arizona ou em qualquer outro lugar.

– Meu pai me contou quando eles se divorciaram...

– Também contou que recebeu uma carta em que sua mãe dizia que não queria ver vocês nunca mais. Você acha que sua mãe faria uma coisa dessas?

Wendy novamente olhou para horta, a boca já seca em razão do desespero.

– Mas isso... Mas isso...

– Seu irmão. Levei uma foto dele e mostrei para Jan Washington no hospital em que ela está internada em Duluth. Ela achou que fosse uma foto de Hector Avila. O Júnior é filho de Hector e seu pai sabe disso. Por isso está armando para cima dele.

– Não dá para acred...

– Só há um meio de descobrir – interrompeu Virgil. – Sabemos que há uma grande massa de metal naquela horta e que seu pai tem equipamento de escavação que pode ter usado para enterrá-la. Vocês estão aqui neste fim de mundo, sem ninguém por perto para bisbilhotar. É bem possível que ele tenha conseguido enterrar um carro. Precisamos verificar.



Wendy começou a chorar. Berni a abraçou e, olhando para Virgil com uma expressão de medo, voltou com a namorada para dentro do trailer.

– Fiquem por aqui, de olho nas duas – pediu Virgil em voz baixa aos policiais. Em seguida, ligou para Sanders. – Acho melhor você vir para cá.

Mapes mostrou-lhe o lugar na horta em que eles haviam captado os sinais mais fortes.

– Não dá para saber exatamente qual é o tamanho, mas o comprimento e a largura são compatíveis com um carro e a massa não está tão profunda.



Com o rosto banhado de lágrimas, Wendy saiu do trailer e foi ter com Virgil na horta.

– Como vocês pretendem tirar esse carro daí?
– Vou chamar alguns homens para ajudar.
– Posso pilotar um trator melhor do que qualquer um nesta cidade.
– Wendy, não creio que seja uma boa ideia.
– Essa espera é *insuportável*, será que você não entende? – berrou Wendy. – Minha mãe está no Arizona! Está no Arizona e pode voltar a qualquer momento! Não está enterrada aqui!

Virgil recomendou a Berni:

– Melhor você levá-la para...

Wendy afastou a namorada.

– Não vou a lugar nenhum! Vou buscar aquela escavadeira *agora*.

Saiu marchando rumo ao galpão dos tratores e um dos policiais já ia avançando para algemá-la, mas Virgil sinalizou para que ele recuasse. Virgil foi atrás dela, seguido por Berni e o policial. Mapes, Huntington e o segundo policial permaneceram na horta.



Havia dois tratores no galpão. Uma das escavadeiras, a maior, decerto estava com Slibe. Wendy montou na escavadeira que se encontrava ali e deu a partida no motor.

– Saia do meu caminho – ordenou a Virgil.
– Wendy, é melhor não...
– Não estou nem aí. – Ao mesmo tempo que manobrava o trator, ela continuou a falar: – Quando mamãe foi embora, alguma coisa deve ter danificado o cérebro do meu pai. Um dia ele disse que foi com ela até a

cidade para que comprassem juntos uma cova no cemitério. Os dois deviam ter 30 anos...

– Por isso é que ele precisa tanto da sua presença aqui.

Wendy enfim acelerou o trator.

– Saia do meu caminho.



Virgil foi seguindo a escavadeira quintal afora e Mapes foi ao encontro dele.

– Acha que é uma boa ideia?

– Vamos ver o que acontece – respondeu Virgil. – Marque o local exato para ela.



Mapes marcou o perímetro em questão e Wendy começou a trabalhar. Era hábil com o trator, sabia o que estava fazendo. Inicialmente, escavou não mais que meio metro na área demarcada; jogou a terra fora da horta e voltou a escavar, o monte crescendo cada vez mais à medida que ela ia aprofundando. Apesar da distância, Virgil pôde ver que ela chorava. Aproximou-se e berrou por sobre a barulheira:

– Você está bem?

– Alguém andou escavando por aqui. E fundo. O solo está todo remexido. Afaste-se.

Foi a essa altura que Sanders chegou, acompanhado de mais um policial. Virgil foi ter com ele. Tão logo desceu do carro, Sanders avistou Wendy no trator.

– Que diabos está acontecendo aqui?

– Acho que Hector Avila e Maria Ashbach estão enterrados naquela horta.

– *O quê?*

Virgil explicou e Sanders reclamou:

– Você não podia deixar que Wendy os desenterrasse! Tire-a de lá. Que merda...

Eles ouviram um ruído de metal sendo arranhado. Wendy recuou a escavadeira. Um dos policiais pulou no buraco, cavou com uma pá e se endireitou, olhando para Virgil.

– Qual era a cor do Blazer?

– Azul.

– Achei algo azul.



Já recomposta, Wendy agora escavava com afinco, o rosto contraído. Depois de uma rápida discussão com Sanders, voltara ao buraco para retirar mais alguns centímetros de terra e continuou escavando até que encontrou um obstáculo de metal que se estendia por todo o comprimento do buraco.

Deu ré no trator para que os policiais saltassem e dessem continuidade ao trabalho com pás. Apeou da escavadeira, atravessou a cerquinha da casa do pai e foi se sentar nos degraus da varanda com Virgil e Berni a seu lado.

– Meu pai a cobria de porrada. Lembro muito bem. Ela berrando, chorando. Ele também costumava chorar depois de tudo, mas dizia que tinha de fazer aquilo porque ela merecia. Eu achava que as coisas eram assim mesmo, que os homens eram desse jeito. Achava aquilo natural... Um dia recebemos uma carta da minha mãe. Meu pai mostrou, leu para nós. Ela dizendo que ia começar uma vida nova e que era melhor ficarmos com meu pai. Uma carta de despedida. Lembro-me do meu pai falando ao Júnior que ela não ia mais voltar e meu irmão aos prantos porque não entendia o que estava acontecendo. Era como se ela tivesse morrido... Alguns anos mais tarde, meu pai contou que eles iam se divorciar e, logo depois, que eles já tinham se divorciado, e eu contei para todas as minhas amigas...

– Eu contei para a minha mãe – comentou Berni. – Na roça que é esta cidade... todo mundo sabia que eles tinham se divorciado, tudo o que havia acontecido.

– Ele estava inventando uma história – explicou Virgil.

Sentados ali, eles continuaram observando o trabalho dos policiais. A certa altura, Virgil perguntou:

– Por que você mentiu sobre aquele cartão com a marca de batom? O cartão que você deixou para Erica McDill?

Wendy permaneceu calada por um tempo, depois se virou para ele.

– Não sei. Tinha medo de você. Estava disposta a negar tudo... Sei lá. Burrice minha.

No interior do buraco, um dos policiais ficou de joelhos e começou a escavar com as mãos. Virgil se levantou e instruiu Wendy:

– Espere aqui.

– Porra nenhuma – esbravejou ela.



O teto do carro enterrado já estava à mostra e, após alguns minutos, parte do para-brisa também. Sanders buscou uma lanterna e a entregou ao policial, que a usou para iluminar o interior do automóvel, aproximando-se do vidro para ver melhor. Movimentou a lanterna ora para um lado, ora para o outro, depois olhou para Virgil e Wendy.

– Tem umas roupas aqui – comentou o homem.

– Roupas – repetiu Sanders.

– Roupas e... alguns ossos e cabelos.



Wendy sentou-se subitamente na terra removida e caiu para trás, revirando os olhos.

– Ela deve ter desmaiado – disse Virgil, erguendo a cabeça dela. – Acho melhor a gente chamar... levar... – Ele nunca havia lidado com uma mulher desmaiada antes.

Berni logo correu e berrou para Sanders:

– Ela precisa ir para o hospital!

Então Wendy estremeceu e Virgil aconselhou:

– Não se mexa. Você desmaiou. Fique quietinha.

Mas ela ficou de quatro, engatinhou até a borda e espiou o interior do buraco.

– Faz anos que tenho um sonho. *Anos*. Sempre achei que um dia ela ia voltar. Ou que eu ia ficar famosa, fazer um show no Arizona, e ela ia aparecer para me ver... Até hoje tenho esse sonho. Todos esses anos...

SANDERS VOLTOU COM UM RÁDIO e informou:

– Elas estão lá realmente... a escavadeira e a carreta. Mas Slibe, não. O pessoal da obra disse que ele saiu para almoçar.

– Provavelmente voltou para a cidade – arriscou Virgil.

– Vou despachar uma patrulha.

Uma chuva fina e intermitente começara a cair, trazendo consigo nuvens pretas e cinzentas. Sanders e Virgil permaneceram encolhidos, molhados, acompanhando os trabalhos.

Havia quatro viaturas na estrada, do outro lado da cerca; no interior da propriedade, estacionados ao redor da casa, mais algumas picapes da polícia, três veículos particulares, a caminhonete de Virgil e a van da perícia. Mapes e Huntington chefiavam a escavação e metade do carro já se achava descoberto no buraco cada vez mais amplo. Um dos civis era um operador de escavadeira de Grand Rapids, que agora trabalhava cuidadosamente ao redor do automóvel enquanto os policiais retiravam a terra mais próxima com suas pás.

“O circo está completo”, pensou Virgil.



Embrulhado numa capa de chuva amarela, Phillips saltou para fora do buraco, raspou no gramado a lama dos sapatos, limpou as mãos e foi se juntar ao xerife.

– Um horror aquilo lá. A mulher está no banco de trás e o homem no da frente. Parece que ambos levaram um tiro na cabeça. Os crânios estão

virados para cima, rindo para a gente... – Ele sentiu um arrepio. – Vai ser difícil dormir esta noite. Ou até este mês.

– Como foi que isso aconteceu? – perguntou Sanders. – Por que ninguém sabia?

– Muita gente sabia – respondeu Virgil. – Antes de tudo isso acontecer, as pessoas já previam que Hector e Maria acabariam fugindo juntos. E depois eles de fato sumiram... supostamente foram para o Arizona. Era isso que todo mundo achava. Era isso que Slibe contava por aí. Acho até que foi ele próprio que começou a espalhar os boatos. Inventando a carta enviada por Maria, etc. As pessoas sabiam que ela havia escrito essa carta porque *ele* contara.

– E a família dela? Os pais?

– Não sei. Vou perguntar a Wendy assim que tiver uma oportunidade.



O xerife ficou observando a escavação por um tempo, mas depois voltou para o lado de Virgil e indagou baixinho:

– Afinal, como você descobriu tudo isso?

– Volta e meia alguém falava do caso de Maria com Hector e eu nunca dava importância à parte do Hector. Mas, durante a busca que fizemos no loft do Júnior, encontrei algumas fotos de Slibe e Maria ainda jovens. Ambos eram louros. E Wendy é louríssima, quase translúcida de tão branca. Fui ver o Júnior no hospital e ele estava lá, deitado naqueles lençóis brancos, moreno... Foi aí que a ficha caiu. Hector Avila, um nome latino. Um caso extraconjugal, um filho moreno. Um pai que parecia querer culpar o próprio filho. Juntando uma coisa com outra, concluí que Júnior não era filho de Slibe... Fiquei pensando nisso e também no fato de que o carro de Jud nunca foi encontrado, apesar do rastreador. Talvez alguém o tenha encontrado e desligado o rastreador. Mas há outra explicação possível. Você mesmo sugeriu: esse carro deve estar no fundo de um lago qualquer. Ou algo assim. Tipo, enterrado.

– E você também lembrou desses tratores todos que o Slibe tem em casa – completou o xerife.

– Exato. E Slibe começou a fazer essa horta justo no dia em que a mulher dele sumiu.

De repente, Virgil avistou uma caminhonete vindo a mil por hora pela estrada.

– Merda. É Slibe.

Os policiais se viraram para olhar; dois deles dispararam para seus respectivos carros. Slibe reduziu a velocidade, parou, e Virgil pôde ver que o motorista corria os olhos pela propriedade, pelas pessoas reunidas ali, pela movimentação na horta. A caminhonete deu ré, parecendo que ia manobrar.

– Ele está fugindo! – berrou um policial.

Mas então o automóvel arrancou na mesma direção em que estava e foi acelerando rapidamente, a ponto de derrapar na altura da caixa de correio e derrubá-la ao chão. Endireitou-se logo e continuou avançando para os policiais à sua frente, que saíram correndo para os lados. Levantando o cascalho molhado, ele seguiu adiante, agora rumo a Virgil, Sanders e Phillips.

– Corram! – berrou Virgil.

Phillips foi para o buraco escavado na horta; Virgil e Sanders, para os degraus da varanda. Subiram neles no último segundo, a tempo de ver o rosto de Slibe na janela da caminhonete, que seguiu desgovernada para além da casa, da van da perícia e do canil, até atropelar a cerca de madeira e invadir o pasto dos fundos.

Atraída pelo barulho, Wendy saiu à varanda e pôde ver a caminhonete sumir de vista. Os policiais vestiam seus coletes à prova de balas enquanto Sanders dava as instruções para a perseguição. Virgil perguntou a ela:

– O que há por aqueles lados?

– Nada. Ele não vai conseguir sair do pasto... Mas há um atalho que desce para o Hourglass Lake. Uma trilha...

– Algum barco nesse lago?

– Não. Há uma parte que dá para pescar, mas não fica na nossa propriedade. As margens são pantanosas e as pessoas chegam lá através de um riacho... Não sei direito. E ele não nada muito bem... Existe um barracão naquela direção ali. – Ela apontou. – À esquerda, quando você chega ao lago. Se ele conseguir alcançar a estrada, acho que pode sair por ela. Mas é uma longa caminhada.

– Quer dizer então que só tem água por lá... – disse Phillips. – Vai ser difícil ele escapar.

As viaturas já zarpavam atrás da caminhonete e Sanders correu até Virgil.

– Chamei um helicóptero da polícia estadual. Mas vai demorar um pouco.
– Um dos carros passou por ele. – Meu pessoal está indo para o lago. Vão cercar todas as saídas, incluindo a estrada.

– Por que ele não desceu e saiu correndo? – perguntou Virgil. – Parecia saber o que estava fazendo.

Berni, que surgira às costas de Wendy, respondeu:

– Às vezes a gente ia nadar no Hourglass. Slibe tem uma caixa de ferramentas escondida no mato, dessas de plástico, que ficam na mala do carro. Tem um maçarico, uma rede de pescaria e algumas varas.

– Mas como ele...? – começou Sanders.

– Uma caixa grande o bastante para guardar uma arma – interrompeu Berni. – Nem me lembrei dela quando vocês estiveram aqui procurando por armas. Mas dá para guardar um rifle naquela caixa. Fácil.

– Vá atrás do seu pessoal – Virgil instruiu Sanders. – Se Slibe estiver por lá com um rifle de luneta, calibre .223, eles vão ter que voltar. Aqueles coletes não vão adiantar de nada. Se Slibe se vir acuado, vai mandar bala.

O xerife imediatamente correu para seu carro.

– Sabe do que a gente precisa mesmo? – perguntou Berni.

– Do quê? – quis saber Virgil.

– Do Júnior. Só ele vai conseguir achar Slibe.



Os policiais se armavam até os dentes e Wendy perguntou:

– Vão matá-lo, não vão?

É muito provável, pensou Virgil, mas só indagou:

– Onde exatamente fica esse lago?

Wendy apontou para um trecho arborizado no horizonte.

– Bem ali. Mas fica a quase um quilômetro.

– Preciso ir. Vou fazer o possível para não machucá-lo, caso a gente o encontre.

Virgil foi para o carro, pegou uma espingarda, vestiu o colete e foi falar com o xerife, que coordenava a movimentação dos carros.

– Vou dar um pulo até aquelas árvores ali – avisou, e mostrou o local indicado por Wendy.

– Acha que sua espingarda é o suficiente? Posso lhe arrumar um AR-15 se você preferir – ofereceu Sanders.

– Não, isto aqui basta. Mas avise seu pessoal que estou indo para lá. Não quero ser confundido com o bandido.

– Leve um rádio. – Sanders berrou para um dos policiais: – Bill, me dê o seu rádio!

Virgil recebeu o aparelho, pendurou-o ao cinto, entrou em seu carro e saiu na mesma direção que os outros. Depois seguiu sacolejando pasto afora até avistar uma cerca de arame farpado, que Slibe também havia atropelado para fugir entre as árvores. As viaturas estavam ali e a maioria dos policiais esperava atrás delas, enquanto outros dois se embrenhavam na mata.

Virgil não gostou do que viu: sabia que, se fosse acuado, Slibe não hesitaria em matar alguém. Seguiu com seu automóvel até onde foi possível, mas bem à direita dos demais; logo que parou, desceu e sacou o rádio da cintura.

– Sanders, seu pessoal está entrando na mata. Se ele resolver reagir, vai acabar matando alguém. Eles precisam deixar que ele faça alguma coisa primeiro. Precisam esfriar a cabeça ou ele vai ficar de tocaia em algum lugar e pegar seu pessoal de surpresa.

– Entendido. Certamente eles sabem para onde ele foi, estão apenas mantendo o homem em movimento.

– Estão indo rápido demais. Se ele estiver com aquele rifle...

– Entendido.



Idiota, pensou Virgil.

Até então, não era esse o conceito que tinha do xerife, mas as coisas estavam ficando perigosas naquela perseguição e ele estava bem no meio de tudo. Policiais assistem a filmes de ação como todo mundo e, às vezes, acabam morrendo por causa deles.

Virgil colocou três cartuchos em sua espingarda e guardou o resto no bolso. Correu para a cerca de arame farpado, pulou-a com cuidado para não se prender e seguiu para a mata. Não sabia exatamente para onde estava indo, mas saberia tão logo se embrenhasse nela.

Não havia nenhum planalto por perto, mas havia morros, e um homem em fuga, por instinto, escolheria um de dois caminhos: ou seguiria o curso de um riacho qualquer para poder se esconder na água ou correria na crista de um morro de modo que pudesse ver o que estava acontecendo, espiar seus perseguidores. Se fosse inteligente, correria pouco abaixo dessa mesma crista para poder subir até ela para espiar e logo descer de novo em busca de esconderijo. De qualquer forma, seria necessário um morro que lhe servisse de escudo ou promontório.

Virgil seguiu para o único morro que parecia haver nas redondezas. Essa crista também levaria Slibe de volta às suas próprias terras, provavelmente à área que ele mais conhecia, mas sem que fosse preciso sair da mata. Seu plano era subir até ela e tentar surpreendê-lo no meio do caminho, pois os policiais só chegariam perto de Slibe quando ele começasse a correr aleatoriamente, arriscando a própria vida. Nesse caso, não haveria nada que ele, Virgil, pudesse fazer.



Virgil começou a escalar o morro. A vegetação era densa, composta sobretudo de pequenos álamos, cortados, talvez, dez anos antes, e ele não conseguia ver mais que uns 50 metros à frente. Do outro lado da crista, o

terreno era um grande declive e, embora não pudesse ver o que havia mais abaixo, Virgil farejava a presença de água. Por entre as árvores passava mais luz do que seria razoável para uma floresta densa, o que significava que elas terminavam em algum lugar encosta abaixo. O lago, provavelmente, ou um pântano.

Ele voltou para a crista, tentando encontrar algum lugar com boa visibilidade. Não havia espaços de fato abertos. Por fim, descobriu um buraco onde antes ficava um álamo velho e se acomodou entre as raízes apodrecidas. Vestia sua capa de chuva cinza, o que era bom, pois assim não era notado.

Aguçou os ouvidos, mas não ouviu nada além de uma gritaria distante. Nem sequer ouvia os esquilos, que sem dúvida tinham fugido com sua presença e só voltariam a se agitar dali a dez minutos.

Ele baixara o volume do rádio ao sair do carro e agora levou o aparelho à orelha, captando entre os chiados eletrônicos o que diziam ou berravam os policiais do xerife: dois deles se moviam para a esquerda; outro não via nada, ninguém se movimentava a seu redor; outro ainda se preparava para se deslocar mais adiante; mais outro havia chegado a uma área pantanosa e não tinha como seguir em frente.

Virgil não conseguia imaginar muito bem o que se passava, já que não conhecia o terreno, mas tinha a impressão de que os policiais haviam avançado razoavelmente para a esquerda de Slibe e agora formavam uma barreira que se estendia do pasto até o lago. Portanto, Slibe não poderia avançar naquela direção sem que atirasse em alguém. Os policiais pensavam tê-lo acuado contra o lago.

Talvez tivessem mesmo, talvez não. Slibe sabia o que estava fazendo e se movia depressa.

Virgil deixou o rádio de lado e aguçou de novo os ouvidos.

À espera de tiros. Ou passos.



Slibe seguia sorrateiramente pelo lado direito do morro. De início, Virgil pensou tratar-se de um esquilo, pois os ruídos eram discretos. Mas, como chovera um pouco, as folhas estavam molhadas e abafavam eventuais estalos e rangidos. Só quando ouviu um galho se partir foi que se convenceu de que era Slibe: esquilos não partem galhos.

Slibe poderia ter sido mais silencioso se estivesse avançando mais devagar; com certeza sabia disso, mas não podia se dar ao luxo. Virgil podia ouvi-lo se aproximando, tentava imaginar o que se passava na cabeça dele. Por onde pretendia escapar? Mataria alguém que estivesse naquela mata, talvez num chalé? Roubaria um carro, uma identidade, dinheiro? Não levaria mais que algumas horas para chegar ao Canadá e isso atrasaria a busca...

Matar alguém por ali, seguir para o norte e depois para oeste. Chegar até Calgary, aos campos de extração de petróleo. Havia pessoas de uns trinta países naquela região. Aquilo, sim, era um Velho Oeste.



Slibe estava próximo, seguindo seu caminho por entre as árvores.

Virgil espiou à sua volta, viu certa movimentação, então não enxergou mais nada, porém agora tinha uma boa ideia de onde ele se achava. E depois o viu de novo de seu esconderijo, apenas um dos olhos para fora. Foi nesse momento que Virgil partiu no encalço do homem. Slibe estava vestindo calças jeans e uma camisa de manga comprida, molhado da cabeça aos pés, um rifle com luneta numa das mãos; a certa altura parou, olhou à sua volta, para a trilha que havia deixado atrás de si, para a direção em que se encontravam os policiais. Apurou os ouvidos, seguiu adiante, o rosto sério, os cabelos grudados à testa, o rifle frouxo entre os dedos, a mão direita abrindo caminho na mata.

Já estava razoavelmente próximo quando Virgil avisou:

– Não me obrigue a matá-lo.

Slibe estacou.

– Tenho um rifle de calibre doze apontado para sua barriga – prosseguiu Virgil. – Não dá para errar.

Slibe virou a cabeça à procura dele, enfim o encontrou e viu a arma.

– Jogue seu rifle no chão – ordenou Virgil. Vendo que ele permanecia imóvel, ameaçou: – Todo mundo fala que eu massacrei aqueles vietnamitas em International Falls. Não vou pensar duas vezes se tiver que matá-lo, Slibe, mas não é isso que eu quero. Agora largue essa arma e venha comigo.

Slibe voltou a olhar para a direção onde os policiais formavam uma barreira.

– Era você que eu temia. Eu poderia muito bem ter escapado dos panacas de Sanders.

– Escute o que estou dizendo, Slibe. Você vai para a prisão. Mas vai sair um dia. Ainda é novo. Com um bom advogado, pode conseguir um acordo. Não temos nada de concreto com relação às mortes de Erica McDill e Constance Lifry e não fazemos a menor ideia do que aconteceu com Janelle Washington, nem do que você fez com Jud Windrow. Portanto, tudo se resume à sua mulher e a Hector Avila. Você consegue um acordo. Dez anos, talvez. Quando sair, Wendy estará lá, cuidando dos negócios.

Virgil estava mentindo deslavadamente. Slibe jamais sairia de trás das grades antes dos 80 anos.

– Wendy e aquele merdinha do Júnior – disse Slibe.

– Ei, ele é irmão de Wendy.

Slibe ainda segurava o rifle. A chuva havia aumentado e agora pingava forte através dos álamos, encharcando os dois.

– Você já sabe de tudo?

– Sei. Várias pessoas me contaram que sua mulher fugiu com um mexicano. Quando enfim tive a oportunidade de estar com Júnior, vi que ele não podia ser um Ashbach.

Slibe deu uma risadinha.

– Eu teria me safado se você não tivesse aparecido por aqui. Tinha tudo sob controle.

– Pode ser. Mas agora, que tal jogar esse rifle no...

– Você não vai me dar uma chance aqui, vai? – arriscou Slibe.

– Não, não vou.

Slibe mais uma vez olhou para o local de onde vinha a gritaria dos policiais.

– Merda – praguejou, e enfim jogou o rifle para o lado.

Virgil não se mexeu.

– Não sei se você tem uma pistola escondida aí, portanto desça este morro com as mãos na cabeça até chegarmos ao pasto.

Slibe assentiu e foi seguindo o declive. Virgil foi atrás dele, mas a certa distância. Chamou Sanders pelo rádio.

– Ele está comigo. Estamos voltando para o pasto, à direita de onde deixei meu carro.

– Entendido – respondeu Sanders.



Slibe seguiu à esquerda pela cerca de arame farpado.

– Há um buraco mais à frente. Eu sempre adiei o conserto, pois é um bom ponto para se postar durante a temporada de caça aos cervos.

– Você já entrou no quarto de Zoe com segundas intenções?

– Você está gravando?

– Não. Vai ficar só entre nós. E, de qualquer forma, dado o que já aconteceu, ninguém vai dar a mínima. Só quero mesmo saber.

Slibe quase riu.

– Eu só queria que ela ficasse de bico calado. Eu entrei lá pensando... Não sei o que eu estava pensando. Eu tinha tomado umas doses de uísque no Jack's. Enfim, eu me esgueirei lá para dentro, o mais silenciosamente possível, e de repente ouvi uma voz na escuridão: “Estou com uma espingarda e vou estourar seus miolos.” Eu estava bêbado, mas não tanto assim... Dei no pé.



Virgil localizou o buraco na cerca e Slibe o atravessou rumo ao pasto com o investigador às suas costas. De onde estava, Virgil podia ver os policiais que corriam para seus carros. Slibe abaixou os braços e o policial mandou:

– Mãos na cabeça.

– Me mate logo. Na frente desse monte de testemunhas. Não estou armado.

Slibe tirou o casaco encharcado, sob o qual usava uma camiseta, também molhada e grudada ao corpo. Deu meia-volta com as mãos para o alto, deixando claro que não trazia uma pistola na cintura.

– Como eu disse, não estou armado. E você vai ter que me matar. Senão, vou cobrir você de porrada. Você é o responsável por tudo isso, Virgil. Você vai levar a maior surra da sua vida.

Ele arremeteu contra Virgil, que tentou contê-lo com uma coronhada de seu rifle, um golpe que havia aprendido numa aula de dois minutos no Exército, tão inútil à época quanto agora, pois Slibe desviou e ele perdeu o equilíbrio em razão do capim molhado, quase indo ao chão, ouvindo pessoas gritando. Sem hesitar, Slibe se lançou novamente, mirando na barriga, e Virgil tentou desviar, mas não conseguiu. Com o choque, o rifle foi arremessado na direção da mata enquanto ele e Slibe rolavam no chão lamacento.

Virgil sabia que precisava de apenas alguns minutos até que os policiais os alcançassem. Slibe esmurrou-o na lateral da cabeça e ele revidou, duas vezes na altura dos rins, o mais forte que pôde. Porém, Slibe conseguiu ficar sobre ele e acertou-lhe uma cotovelada no rosto. Virgil sentiu o nariz quebrar.

Depois foi a vez de Virgil ficar por cima, sangrando e *puto*. Desferiu um soco contra o olho de Slibe e eles rolaram novamente. Slibe se contorceu até montar em Virgil, que aproveitou a oportunidade para dar uma gravata no adversário, apertando-o contra si. Slibe começou a se retorcer, tentando se desvencilhar.

Caso conseguisse, ficaria por cima com os dois punhos livres, apto a dar as porradas que quisesse. E sua cabeça estava molhada, escorregadia, difícil de prender numa gravata. Mas a orelha estava logo ali e Virgil cravou os dentes nela, ainda o apertando. Slibe começou a berrar e espernear e Virgil mordeu ainda mais forte, até que eles começaram a rolar, Virgil pensando que os policiais já deviam estar próximos, os olhos empapados de sangue, sem conseguir enxergar...

Os policiais se jogaram sobre Slibe, dois rapagões escandinavos que conseguiram apartá-los. Slibe ainda berrava quando Virgil se deu conta de que boa parte da orelha dele ainda estava em sua boca. Cuspiu-a para longe, enojado.

– Ele atirou em você? – perguntou um dos policiais.

– Caralho... – foi só o que disse Virgil enquanto se sentava. Estava coberto de lama, capim e, caso seu nariz ainda estivesse funcionando, um pouco de bosta de cachorro.

Slibe agora se sentava no chão com as mãos algemadas atrás de si, sangue escorrendo do lado direito da cabeça.

– Falei que ia cobrir você de porrada, não falei?

– Vá dizer isso para sua orelha, filho da puta – devolveu Virgil.

Saiu à cata do pedaço de orelha, tateando o chão sem enxergar direito, e por fim a encontrou sobre uma pegada molhada.

– Aqui está.

– Valeu a pena – disse Slibe.

Sanders enfim chegou e, vendo Virgil, comentou:

– Seu nariz está torto.

– Quebrado – explicou Virgil.

– Doendo muito?

Virgil apenas o fulminou com o olhar.

– Foi mal – desculpou-se o xerife.



Um policial com um kit de primeiros socorros entregou a Virgil um pedaço de gaze para que ele estancasse o sangue do nariz. Virgil buscou o rifle que havia jogado no mato, depois apontou para o local onde Slibe deixara o dele. Esperou até que alguém o pegasse de volta e, cambaleante, voltou para o carro. Slibe foi colocado no banco de trás de uma das viaturas e todos voltaram devagar para a casa.

Virgil desceu com a cabeça para trás, ainda segurando a gaze contra o nariz. Ao vê-lo, Wendy disse:

– Você não matou meu pai.

– Não, mas arranquei o couro dele – falou Virgil.

Olhando para o sangue que escorria do nariz ao queixo dele, ela ironizou:

– É, pelo visto, foi só você que bateu. – Só então ela viu Slibe no interior do carro da polícia, olhando pela janela. – Posse me despedir?

– Você é que sabe – respondeu Virgil, ainda sangrando. – Por mim, tudo bem.

A pedido dele, um dos policiais abriu a porta do carro. Wendy curvou-se para falar com o pai.

– Desculpe...

Encharcado, imundo e sangrando, Slibe a encarou.

– Tudo o que eu sempre quis foi amar vocês, mulheres. Isso foi tudo o que eu sempre quis.

Wendy novamente se desmanchou em lágrimas.

Virgil pensou ter visto uma centelha de satisfação no rosto de Slibe ao fitar a filha chorando. Bateu a porta na cara do homem.

VIRGIL SAIU DO HOSPITAL COM uma pequena tala de alumínio para endireitar o nariz, presa por duas tiras cruzadas de esparadrapo. O rosto doía, o pescoço doía, as costelas doíam, e ele suspeitava ter estirado um músculo na virilha. Entrou em seu carro, ligou para Davenport e o colocou a par dos acontecimentos.

Davenport deve ter dito “Aham” mais de seis vezes e indagou:

– Então, quando é que você está de volta? Tem umas paradas sinistras rolando por aqui.

– Vou pescar. Minhas férias continuam vencidas e dessa vez pretendo tirá-las. Também vou tirar uma semaninha adicional por conta de todas as horas extras que vocês me devem. São mais de trinta, porra! Vocês vão me pagar uma viagem para as Bahamas.

– Já estive lá – comentou Davenport. – Aquelas ilhas são... chatas. E faz um calor dos infernos. Você não vai gostar. Recomendo uma viagem rápida aqui mesmo no estado, para Mille Lacs. Lá você vai poder pescar esses lúcios de que você tanto gosta, tomar umas *margaritas*... Esbanjar seu charme com as turistas de fora...

– Nada disso. Vou para as Bahamas. Mas desde já vou tirar uma semana de licença médica. Consertar meu nariz e talvez pescar um pouco. Aliás, nosso trabalho aqui ainda não terminou. Não encontramos Windrow.

– Esse é um detalhe que você deveria deixar para as pessoas que conhecem a região. Você sabe onde ele está. Debaixo da terra. Resta saber onde.

– Por aqui a morte de um homem não é considerada um *detalhe* – retrucou Virgil. – Se alguém morrer por aí, pode ligar que eu dou uns trocados para o enterro. Fora isso, a gente se vê daqui a uma semana.

– Falando sério, Virgil, você está bem?

– Meu nariz está doendo pra caralho. Tanto que até os dentes estão doendo.

– Sei como é. Já estou no meu quarto nariz. É isso que acontece quando você gosta de lutar.

– Eu não gosto de lutar.

Bom, talvez gostasse um pouquinho. Ele realmente havia nocauteado Slibe, apesar do nariz.

– Você poderia ter atirado nele.

– Não, não poderia.

– Então pare de reclamar. Espero você em uma semana. Reserve algumas horas à noite para colocar a papelada em dia. Vou autorizar as horas extras. De repente até aumentá-las um pouco. Cuide-se.

– Valeu.

Virgil estava prestes a desligar quando Davenport chamou:

– Só mais uma coisa!

– Que foi?

– Weather quer saber: o que foi feito da orelha?

Weather era a mulher de Davenport, uma cirurgiã plástica especializada em reconstrução estética.

– Não sei. Estava toda detonada. Ninguém se importou em cuidar dela. Pisaram nela, sujaram de bosta de cachorro...

– Bosta de cachorro?

– É. Tudo aconteceu nas proximidades de um canil, num pasto que eles usam para treinar os cachorros. De qualquer modo, a orelha do cara estava toda detonada, não ia dar para costurá-la de volta.

– Mas fizeram o que com ela? – quis saber Davenport.

– Sei lá. Jogaram fora, eu acho.

– Mas onde se joga uma orelha fora?

– Sei lá, porra. Numa vala?



Slibe foi assessorado por seu advogado, que o proibiu de dizer o que quer que fosse, mas Phillips estava feliz.

– Pegamos o homem. Sabemos que foi ele e eles sabem também. Não precisamos de mais nada com relação aos casos de Constance Lifry, Janelle Washington e Erica McDill.

– Com o rifle, teremos uma prova nos casos de Jan e Erica – lembrou Virgil.

– Mas ainda precisamos provar que foi Slibe que usou esse rifle, e não o filho. Só que não é preciso. Podemos enxertar todas essas informações numa recomendação de sentença e ainda por cima limpamos a barra com as famílias das vítimas.

– E o Júnior? O garoto está todo furado.

– Bem, vamos ter que esperar para ver. Mas certamente podemos contar com algum tipo de procedimento judicial.

– Ou uma ordem judicial dizendo “Prezado Condado de Itasca, por favor, baixem as calças e virem o rabo”.

– Pode ser. Em todo caso, ainda temos algumas questões adicionais com a família Ashbach – observou Phillips. Parecia feliz com a ideia de “questões adicionais”. – O fato de que Wendy mentiu para você, por exemplo. Mas tudo isso pode ser resolvido com um acordo.

– Adoro conversar com advogados – disse Virgil. – Fico muito mais esperançoso com a vida e a humanidade.



Saindo do gabinete de Sanders, ainda no corredor, Virgil topou com o pai do xerife.

– Infelizmente perdi a festa. Mas fiquei sabendo que Slibe fez picadinho de você.

– Que nada – refutou Virgil. – Eu não queria machucá-lo sem necessidade, só isso.

Sanders sorriu.

– É um jeito de ver os fatos. De qualquer forma, um nariz quebrado é bem melhor que perder quase toda a orelha. Mas vou lhe dizer uma coisa: você está bem esquisito com esses tufos brancos saindo do nariz.

– Daqui a uma hora já posso tirar. E aí fica tudo certo.

– Tudo certo, mas com uma tala e dois esparadrapos.

– É verdade.

Sanders cutucou-o no abdômen.

– Cuide-se, caubói – disse, e seguiu seu caminho.



Virgil voltou para o motel e encontrou Zoe perambulando pelo corredor, aparentemente depois de ter batido à porta dele sem obter resposta. Estava com uma cara péssima.

– Não tenho mais nenhuma chance com Wendy. Fui falar com ela assim que soube de toda a história, mas ela voltou com Berni. Acho que agora é para valer.

– Zoe... sai dessa – aconselhou Virgil. – Wendy não ama você. Ama só a si mesma. Assim fica difícil competir, você não acha?

– Eu sei, eu sei. Sig vive falando que eu devo investir mais na cena gay de Duluth. Ou de Minneapolis.

Virgil pousou a mão no ombro dela.

– Olha, você vai comprar o Poleiro da Águia...

– Ninho da Águia.

– Ninho da Águia. Sua ideia é transformar aquele lugar numa pousada de sapatas, não é?

– A gente não usa a palavra “sapatas”, mas tudo bem.

– Você vai acabar encontrando alguém. Alguém tão legal e bem-sucedida quanto você e vocês vão ter um ótimo relacionamento.

– Você acha?

– É só uma questão de tempo – garantiu Virgil.

– Você vai ver Sig hoje?

– Aaaaah, vou. E se você aparecer por lá esta noite, não vai comprar pousada nenhuma nem ter um ótimo relacionamento com ninguém, porque vou torcer o seu pescoço.

– Passe para tomar um café comigo amanhã de manhã – convidou ela. – Quero saber de todos os detalhes, sobre como minha irmã é na cama. Sei que ela andou se preparando. – Zoe ficou na ponta dos pés e deu um beijinho no rosto de Virgil. – A gente se vê amanhã. E boa sorte.



A vida profissional era tão complicada quanto a pessoal. Ainda havia uma montanha de providências a tomar: declarações a obter, provas a organizar, relatórios a escrever. Demonstrações de despesas a encaminhar.

Mas não naquela noite.

Naquela noite ele iria se encontrar com Signy.



Virgil acabara de tirar a camisa quando seu celular tocou. Ele verificou o número: Sanders. Droga. Bem, ele iria para a casa de Signy nem que o mundo estivesse caindo.

– Alô.

– Alguns dos meus homens andaram vasculhando aquela mata do outro lado da cerca de Slibe. Parece que alguns tratores estiveram por lá – informou Sanders. – Em determinado local, a terra está toda remexida. Com uma pilha de troncos cortados e mato jogada sobre o que deve ser um buraco. Mais ou menos do tamanho de um carro. Já falamos com os peritos. Amanhã eles vão lá conosco. Tenho quase certeza de que é Windrow.

– É o que parece – concordou Virgil. – Também passo lá para dar uma olhada.

Ele desligou e viu a tristeza do seu próprio olhar refletida no espelho da cômoda. Jud era um homem bom, cheio de vida. Se Virgil não tivesse lhe falado sobre Wendy...



Agora ele não só *queria* ver Signy como também *precisava* vê-la. Precisava de um toque humano, de um pouco de prazer físico. Não era homem de contar vantagens, mas naquela noite iria deixar aquela mulher de quatro. Fazia uma semana que eles vinham esquentando as turbinas e ela havia deixado bem claro que necessitava dos poderes curativos do Dr. Flowers.

Virgil tomou uma ducha, retirou cuidadosamente os tufo de algodão das narinas (não sem alguma dor), fez a barba e se perfumou.

Assim que ficou pronto, conferiu o resultado no espelho de corpo inteiro pregado à porta do quarto: camisa social com as mangas dobradas, sem abotoar as duas casas de cima, jeans desbotados e um pouco folgados e botas de caubói muito bem-enceradas, com o desenho de um pássaro-trovão costurado em tom mais claro nas laterais. A mulherada bem que gostava de um homem com botas de caubói.

“Até que não sou de se jogar fora”, pensou, admirando a própria imagem no espelho. Tudo bem, havia aquela tala no nariz, os esparadrapos, os hematomas que começavam a aparecer sob os olhos, mas uma mulher de verdade não se deixaria abater por tão pouco.



Alguém bateu à sua porta e ele pensou: “Não...”

Cogitou apagar as luzes. Poderia deitar-se no chão do banheiro, parar de respirar...

Bateram de novo, agora mais forte.

– Sr. Flowers, por favor, preciso de sua ajuda.

Tinha que fazer jus ao homem que não era de se jogar fora.

Virgil enfim abriu a porta. Nunca tinha visto antes a mulher que esperava no corredor. Uma mulher mais velha, na faixa dos 50 anos, de bermuda, camisa havaiana e um par de óculos de plástico rosa com uma correntinha em torno do pescoço.

– Me falaram que o senhor estava aqui.

– Quem falou?

– O recepcionista. Foi ele que me deu o número do seu quarto.

– É que eu já estava de saída...

– Estou hospedada ali. – Ela apontou para um hotel bem maior e mais alto do outro lado da rua. – Meu marido e eu viemos passar uma semana.

– Não atendo chamadas locais...

– Acho que é a Little Linda!

Um longo silêncio, depois Virgil repetiu:

– Little Linda.

– Isso. Meu marido falou que era para a gente não se meter, mas já estou aqui há quatro dias e eles *nunca param*. Ficam se agarrando *o dia todo*. Vi o garoto saindo do quarto algumas vezes e o vi voltar com comida, mas a menina não cheguei a ver. Só podia ouvir... o senhor sabe o quê. Bem, vi o senhor no estacionamento e o reconheci das fotos de jornal. Achei que seria a pessoa mais indicada para eu procurar.

– A senhora disse que não viu a menina...

– Vi, sim. Dez minutos atrás, voltando para o hotel com um chapelão na cabeça, mas eu estava olhando pela janela e eles estavam vindo bem na minha direção. De repente, ela puxou a aba do chapéu um pouco para trás, olhou para cima e eu pensei: “É a Little Linda!” Reconheci na hora. Eles subiram de escada, voltaram para o quarto e começaram tudo de novo.

– Tem certeza que é Little Linda?

A mulher parou de falar, mas com a boca ainda aberta, baixou os olhos e refletiu um instante.

– *É ela*. Tenho certeza. E não está lá de refém, não, senhor. Está com o tal garoto, que deve ter 16 anos. Eles se conhecem *muito* bem.

Virgil havia estado com diversos policiais na última semana, mas lembrava-se particularmente do que se chamava Service, pois se mostrara um sujeito simpático e dissera algo sobre ter morado a vida inteira na cidade. Não queria ligar para Sanders, temendo que o xerife lhe pedisse para esperar.

Entrou em contato com o setor administrativo da delegacia, identificou-se e pediu o número residencial de Service. Foi a mulher do policial que atendeu. Ela passou o telefone ao marido e Virgil disse:

– Não posso lhe dizer por quê, pois isso poderia atrapalhar minha vida, mas se manda para cá *agora*.

Enquanto esperava, Virgil deleitou a mulher, Debbie, com a história do casal enterrado na horta de Slibe.

O policial chegou em dez minutos e Virgil fez as apresentações.



Debbie e Service correram para o outro lado da rua. Após cinco minutos, sirenes começaram a uivar em diferentes partes da cidade. Virgil voltou para o quarto e escovou de novo os dentes. Saindo à rua, diversas viaturas já se achavam diante do hotel.

Ele queria ir para a casa de Signy, mas... não se conteve. Deu partida no carro, levou-o para os limites do estacionamento e, deixando o motor ligado, correu para o outro hotel. Alguns policiais formavam uma rodinha no lobby e Service vinha caminhando pelo corredor com um sorriso estampado.

– Pegamos a dupla – falou assim que encontrou Virgil, e os dois se cumprimentaram batendo as mãos espalmadas. – Valeu, cara. O garoto era um namoradinho secreto dela de Apple Valley. O xerife já está a caminho, voltando de Bigfork. Estou até vendo as câmeras de televisão apontadas para mim. Operação limpa. E *eu* no comando.

– Mais um belo serviço de Service.



Virgil foi ficando cada vez mais ansioso enquanto seguia para a casa de Signy, o coração batendo forte, a adrenalina correndo pelas artérias. Embora estivesse cansado, a luta com Slibe o instigara. Talvez fosse assim que os bárbaros se sentissem ao voltar da batalha para os braços da patroa.

E, além das botas de caubói, as mulheres também adoravam cuidar dos homens feridos.

Para alguns, a espera pelo sexo iminente é tão excitante quanto o sexo em si. Não era assim que pensava Virgil. Para ele, *nada* era melhor que o sexo. Nem mesmo um lúcio de 20 quilos. De 30... aí já precisaria refletir.

Ao pensar nessas coisas, Virgil sentiu-se ainda mais bem-humorado. Ligou o rádio do carro e deparou com uma música que falava de um homem com todas as mulheres a seus pés.

Um ótimo sinal.

Ele ainda batucava ao ritmo da música quando avistou a casa de Signy. Ao chegar lá, seu entusiasmo murchou um pouco: uma surrada picape se achava estacionada no quintal, a última coisa que ele queria ver naquele momento.

Em sua cabeça, ele já havia planejado entrar na casa, jogar-se sobre Signy e arrastá-la aos beijos para a cama. Mas agora os dois precisariam se livrar de alguém. Virgil estacionou, desceu, olhou à sua volta e seguiu para a porta.

Signy surgiu na soleira antes mesmo que ele pudesse bater. Rapidamente fechou a porta e se recostou nela.

Estava linda: os olhos verdes um pouco cansados, os cabelos atrapalhados, o rosto descansado, os lábios mordidos...

Lábios mordidos?

– Ah, Virgil... – Ela espalmou as mãos contra o peito dele. – Adivinha...?

– O quê?

Ela ergueu o rosto, os olhos de uma mulher visivelmente saciada.

– Poxa vida... Lembra-se do Joe? Pois é, ele voltou.

Agradecimento

ESCREVI ESTE LIVRO COM BILL Gardner, meu amigo jornalista e parceiro de pescaria de longa data, autor de *Time on Water*, clássico sobre pesca de lúcios. Pescamos esses peixes juntos por quase trinta anos, e foi devido a um pedido seu que, neste romance, fiz essa atividade parecer muito menos estúpida do que realmente é.

Sobre o autor

JOHNSANDFORD é o pseudônimo do jornalista John Camp, nascido em Iowa em 1944 e ganhador do conceituado prêmio Pulitzer. Com mais de 30 milhões de exemplares vendidos no mundo, o autor emplacou 34 títulos na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Pela Arqueiro, publicou *A sombra da lua* e *Noite de tempestade*.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



NOITE DE TEMPESTADE

1

CHEGARA O TURNO DA MEIA-NOITE: era hora de o Atirador trabalhar.

Ele corria pela noite usando uma roupa impermeável de náilon cor de carvão e tênis pretos, com uma faixa reflexiva verde por cima dos ombros, que lembrava uma bandoleira. A faixa sinalizava sua presença para os carros que passavam; não havia nada de furtivo ali, ninguém tentando esconder coisa alguma...

Ele corria no seu próprio ritmo, com cuidado. A velha calçada, provavelmente construída nas primeiras décadas do século XX, estava

rachada e oscilava sob os seus pés. Um passo em falso poderia deixá-lo com uma luxação ou coisa pior. Isso não era nada bom para um homem que carregava no bolso uma pistola com silenciador.

A noite estava quente, nublada e úmida. Raios tremeluziam bem longe, ao norte: uma tempestade passava a quinze quilômetros dali. Não haveria alívio para o calor, pelo menos por enquanto. Ele corria em meio ao perfume das flores de verão, invisíveis no escuro, casas belas e bem cuidadas, com adornos vitorianos nas fachadas, cercas vivas e botões de flores pálidos à fraca luz ambiente.

Ele estava em Stillwater, Minnesota. Na ribanceira acima do centro da cidade, sob a qual corre o rio St. Croix. Algum tempo atrás, havia tantas igrejas na Rua 3 que os moradores a apelidaram de “Rua das Igrejas”. Hoje, as que permaneciam apontavam seus campanários para o céu noturno como se fossem para-raios medievais, esforçando-se para afastar o mal causado pelos homens.



O Atirador passou pelos tijolos vermelhos do histórico prédio do tribunal, vigiado pela estátua de bronze de um soldado de infantaria da Guerra Civil, sempre acompanhado da sua espingarda com baioneta e de uma placa explicativa. Parou perto de uma cerca viva, atrás de um tronco de árvore. Curvou-se apoiando as mãos nos joelhos, como se estivesse recuperando o fôlego ou alongando as pernas. Olhou ao redor.

– Vamos lá – disse baixinho.

Escuridão e silêncio. Ele parecia esperar por algo, mas nada aconteceu. Depois de checar o perímetro mais uma vez, arrancou a faixa reflexiva e a enfiou no bolso. Ao fazer isso, sumiu na noite.

Do outro lado do tribunal, na descida da ladeira, uma espiral de metal iluminada por refletores se projetava de um parque minúsculo. Paredes de granito com três metros de altura escoravam a sua base. Placas de bronze estavam fixadas nessas paredes, cada uma com os nomes dos jovens locais que não haviam voltado das guerras travadas desde que Stillwater fora

construída. Uma placa em branco já estava reservada para os nomes dos soldados das guerras do Iraque e do Afeganistão.

Sorratamente, o Atirador atravessou a rua, até chegar bem perto do memorial. Os refletores luminosos tornavam as sombras a seu redor ainda mais escuras. Ele desapareceu numa delas, como uma gota de nanquim caindo num depósito de carvão. Antes, porém, puxou a manga do agasalho para cima e verificou o mostrador luminoso do seu relógio.

Se Sanderson seguisse sua rotina (ou a de seu cachorro, pelo menos), estaria caminhando pelo lado oeste da Rua 3 nos próximos dez minutos. O cachorro era um pastor-alemão grande. Ele sentia pena do animal.



Chuck Utecht tinha sido o primeiro homem da lista. Era um sujeito escorregadio, cujas entranhas escorreram para fora como o conteúdo de um ovo que se partiu. Havia entregado três nomes. Com facilidade.

– Só fiz uma coisa ruim na vida – lamentou ele. – Desde então, tento compensar.

Sua última palavra foi “desculpe”. Não pelo que tinha feito, mas porque sabia o que viria a seguir e molhara as calças.

O Sentinela só conseguira extrair uma parte das informações do homem, que aceitara a própria execução, parecendo acreditar que merecia aquilo. Eles não estavam num lugar adequado para usar alicates, facas, cordas, eletricidade ou afogamento. Tudo o que o Sentinela tinha era a ameaça da morte, e Utecht havia fechado os olhos e começado a murmurar uma prece. O Sentinela viu a resignação; olhou para o Atirador e assentiu.

No meio da oração, o Atirador deu dois tiros na nuca do homem.

Agora ele esperava Sanderson e o cachorro.

Eles precisavam de mais dois nomes.

O Sentinela cochichou para o Atirador:

– Ele está vindo.



Bobby Sanderson passeava pela Rua 3 com o cachorro, uma cena noturna comum. O cachorro era tão pontual quanto um relógio suíço: fazia um pequeno cocô às oito da manhã e um grande às onze da noite. Se não estivesse na rua, faria em algum lugar do quintal e Sanderson inevitavelmente pisaria em cima no dia seguinte. Assim, duas vezes por dia, eles saíam para passear.

Sanderson estava preocupado com uma discussão que tivera com a namorada. Talvez “discussão” não fosse a melhor palavra, mas ele não sabia exatamente como chamar aquilo. Ela não queria que ele saísse à noite, pelo menos não por enquanto. Não até descobrirem o que estava acontecendo.

– Se você está com medo a ponto de não querer sair comigo, deveria ficar em casa à noite também – dissera ela, enquanto secava os pratos na cozinha com um velho pedaço de pano. Ela cheirava a detergente e gordura de costeletas de porco.

– Você sabe o que acontece com o cachorro se ele não sair para passear – respondera Sanderson. – Além disso, quem vai se meter com o Mike?

Antes de sair, no entanto, ele entrou no quarto, como se tivesse esquecido alguma coisa, tirou o revólver calibre 38 de uma cômoda e o colocou no bolso. Não era o tipo de cara que deveria ser ameaçado. Se alguém fizesse isso, ele reagiria com o dobro da força.

Sanderson tinha 59 anos, 1,67 metro, 72 quilos. Era um baixinho com complexo de baixinho.

“Não se meta comigo.” Era assim que pensava.

Como se estivesse num seriado de TV.



O Atirador esperava atrás de um muro de calcário perto do memorial. Não estava nem um pouco tenso. Não chegava sequer a pensar. Só esperava, como se fosse uma pedra, ou um toco, ou uma bala num revólver. Esperando... até que três palavras soaram no seu ouvido:

– Ele está vindo.

Ouviu primeiro o barulho das unhas do cachorro na calçada. O animal devia pesar uns 45 quilos, talvez 50. Precisava ter paciência com ele...

Estavam chegando perto.

O Atirador tinha o braço relaxado ao lado do corpo, a pistola na mão. Quando observaram Sanderson num passeio anterior, notaram que o cachorro ficava preso, mas a sua guia era bem comprida, ou seja, haveria alguma distância entre o animal e o dono. O cão não parecia nervoso naquele momento, mas poderia muito bem farejar um homem esperando na noite.

O animal se aproximava.

O Atirador respirou fundo e iniciou o seu procedimento, ajeitando a posição dos pés. Expirou devagar e prendeu o fôlego. O cachorro estava ali, a três metros, virando a cabeçorra em direção à sombra. Havia preocupação, curiosidade ou algo do tipo em seus olhos; ele sabia *alguma coisa*.



O Atirador estava agachado com os braços estendidos, na sua habitual posição de tiro. A arma deu um pequeno coice. Houve um rápido estalido, como uma fagulha elétrica, e um ruído de engrenagem mecânica quando a arma refez o ciclo. O cachorro tombou, a bala entre os olhos, e o Atirador saltou das sombras, movendo-se rápido. Numa fração de segundo, estava cara a cara com Sanderson.

Como aquilo não era um seriado de TV, o Atirador *se meteria* com ele. Sanderson só teve tempo de arregalar os olhos e levar a mão ao bolso. Ele jamais pensara na hipótese de ter que usar o 38.

Jamais.

O Atirador mudou a posição da pistola na mão e agora segurava-a pelo silenciador, para usá-la como se fosse um martelo. Acertou Sanderson na orelha esquerda, o que o fez cambalear. Prestes a cair, ele estendeu a mão da arma... sem a arma. Quando Sanderson desabou, o bolso onde ela estava bateu no chão com um som metálico. O Atirador, percebendo que não o

acertara com força suficiente, atacou de novo. Desta vez, Sanderson ficou no chão.

Não fora um golpe mortal.

Eles precisavam dos nomes.



O Atirador era treinado, uma máquina de matar, mas mesmo assim era humano. Agora, ofegando, sentiu o gosto de sangue na boca, o mesmo gosto que às vezes se sente depois de uma corrida difícil. O tempo todo procurava por luzes, alarmes ou um grito no escuro.

– Venha agora – disse à escuta.

Arrancou a guia do cachorro da mão de Sanderson e arrastou o corpo do bicho para a escuridão sob os blocos de calcário. Em seguida, transportou Sanderson, que estava tremendo e tentando voltar a si. O Atirador segurou-o pelo colarinho e levou-o sem esforço para o escuro, dando antes outra olhada ao redor.

O Sentinela chegou de repente, como um morcego vindo do céu, e tirou uma corda do bolso. A corda tinha um nó corrediço e estava presa a um cabo com um mecanismo que apertava ou afrouxava o laço de acordo com a vontade dele. Passou o laço em volta do pescoço de Sanderson e torceu o cabo até que a corda estivesse apertada, mas não o suficiente para sufocar o sujeito semiconsciente.

Em seguida ajoelhou-se sobre o peito dele, prendendo-o, e apontou uma lanterna de LED para os seus olhos. Sanderson gemeu, tentando recobrar a consciência, depois virou a cabeça para evitar a luz forte, batendo os pés no chão.

– Preste atenção – disse o Sentinela. – Preste atenção. Está ouvindo?

Sanderson demorou para reagir. Ainda que o Atirador tivesse sido cuidadoso, uma concussão leve não deixa de ser uma concussão.

– Sr. Sanderson. Está ouvindo?

Sanderson gemeu de novo, mas sua visão voltou a ter foco. O Sentinela torceu a corda de modo que Sanderson pudesse senti-la mas não

conseguisse gritar.

Deu-lhe um tapa com força: não para machucar, só para irritá-lo, trazê-lo de volta. Aproximou o rosto do de Sanderson enquanto o Atirador vigiava se algum carro ou alguém surgiria.

– Utecht, Sanderson, Bunton, Wigge – disse o Sentinela. – Quem eram os outros dois? Hein? E quem é Carl, Sr. Sanderson?

As pupilas de Sanderson se comprimiram: ele estava voltando a si.

– Sr. Sanderson, quem é Carl?

A voz do Sentinela era suave e ele afrouxou o nó. Sanderson respirou com um som áspero.

– Não fui eu. Não fui eu. Eu, não. Eu, não.

– Quem é Carl? Nós conhecemos Ray Bunton, conhecemos John Wigge, mas quem é Carl?

– Não sei o nome dele...

O desespero estava bem ali, evidente. O Sentinela podia ouvi-lo.

– Mas você conhecia Utecht – disse ele, insistindo, pressionando. – Bunton e Wigge estiveram na sua casa há dois dias. Eu vi vocês discutindo. Quem era o homem no carro?

– Um colega do Wigge. Não sei, não sei.

Ele se esforçava para respirar, os pés batendo de novo no chão.

– Havia um sexto homem. Quem era ele?

– Não... – Então Sanderson olhou direto para o Sentinela e pareceu reconhecê-lo: quem era e por que estava ali; e junto com a percepção veio a certeza de que morreria. – Ah, merda – disse, com a tristeza densa nas palavras. – Sally vai sofrer.

O Sentinela viu a morte nos olhos dele. Não havia mais nada a fazer ali. Levantou-se e balançou a cabeça. O Atirador apontou a arma e, sem mais uma palavra, deu dois tiros na testa de Sanderson. Em seguida, pegou as cápsulas das balas com a outra mão.

O Atirador sentiu o cheiro de sangue. Nos últimos dois anos, esse odor passara a deixá-lo nauseado. Antes disso não acontecia. Tirou um limão do

bolso, raspou-o com a unha e inalou o odor da casca. Melhor. Muito melhor do que sangue.

Ele se abaixou, puxou a mandíbula de Sanderson e enfiou o limão na sua boca.

TODAS AS NOITES, ANTES DE ir para a cama, Virgil Flowers pensava em Deus.

Acreditava que essa prática era boa para ele e o salvava do cinismo de sua vida de policial. Virgil era um crente. Crente em Deus e na alma imortal, mas não nas religiões. Isso incomodava seu pai, um pastor luterano tradicional.

– A religião é um modo de organizar a cultura, o seu relacionamento com Deus e com as pessoas ao redor – argumentou seu pai na última vez em que Virgil apareceu em casa. – Não é uma cabine telefônica com linha direta para Deus. Uma boa religião alcança mais do que isso. Uma boa religião já teria valor por si mesma, mesmo se Deus não existisse.

– O meu problema com essa visão – disse Virgil – é que não acredito que Deus se incomode com *o que* a gente faz. Para Deus tudo é igualmente relevante e irrelevante. Uma religião não passa de um partido político organizado de acordo com a perspectiva moral de algum sujeito, Confúcio, Buda, Jesus, Maomé, assim como os partidos políticos convencionais são organizados de acordo com a perspectiva econômica de algum sujeito. Como Bill Clinton.

Seu pai desprezava Bill Clinton, mas aceitou o golpe com admiração.

Os dois discutiam na cozinha, à mesa do café da manhã, aproveitando o momento: o café e o cheiro dos pãezinhos doces no ar – canela, passas e cobertura de açúcar. Ao fundo, mamãe cantarolava. Ainda que ele e o pai tivessem seus desentendimentos no passado, haviam se tornado mais próximos à medida que Virgil entrava na faixa dos 30 anos e o pai começava a lidar com os 60 e a realidade da velhice.

Virgil sabia quanto o pai achava bom ele acreditar na alma imortal e pensar em Deus todas as noites. Talvez também invejasse o fato de que o filho era

policial – o pastor se considerava um homem de paz e às vezes invejava o homem de ação.

O filho, no entanto, não o invejava. Virgil fora criado numa igreja e achava que os problemas enfrentados pelo pai o deixariam louco. É relativamente fácil resolver um problema com uma arma, um mandado e uma prisão, mas o que fazer para confortar alguém que não se sente amado?

Virgil achava que era melhor usar um distintivo e deixar para pensar nas maravilhas do universo de forma não profissional.



Naquela noite quente e abafada, os pensamentos de Virgil sobre as maravilhas do universo foram atrapalhados pela bunda nua de Janey Small, que, em sua opinião, era uma das maravilhas do universo. Como um planeta. Um planeta pequeno e quente como Mercúrio, atraindo-o com seu calor e sua gravidade.

Janey estava dormindo de lado, roncando um pouco, a bunda projetada na direção dele, o que Virgil acreditava que não era por acaso. Já haviam feito sexo duas vezes, mas Janey gostava do que chamava de “melhor de três”, e Virgil fora casado com ela por tempo suficiente para entender seus sinais. Tinha sido o segundo marido dela, antes do terceiro e do quarto, e ela tinha sido sua segunda esposa, entre a primeira e a terceira.

Janey Small fora uma péssima ideia. Virgil estivera na cidade, passara no Minnesota Music Café para ver o que rolava e ali estava ela, encostada no balcão, a maravilha do universo embalada num par de calças jeans.

Uma coisa levou à outra. Eles não eram sexualmente incompatíveis. Não era *esse* o problema. A questão era serem incompatíveis em todos os outros aspectos, como quando ela se tornou administradora de um site de fãs de Celine Dion, ou quando decidiu que tiras fritas de tofu eram melhores do que bacon e que peixes sentiam dor nos lábios.

Janey.

Virgil tinha um problema: gostava dela, mas só por algumas horas.

Talvez se deslizesse bem devagarzinho para a beira da cama... Sua calça, as botas e a camisa estavam bem ali no chão. Ele poderia chegar à metade do caminho para a porta antes que ela acordasse.

Virgil já estava se movendo quando o celular tocou na mesinha de cabeceira. Janey acordou com um susto, virou-se para ele e disse:

– Você deixou o telefone ligado, seu babaca.

Ainda por cima, era boca suja.

Virgil pegou o celular, desejando, sem esperança, que a ligação fosse de um número de telemarketing. Não era.

Era Lucas Davenport.

– É o Davenport – disse Virgil para Janey.

– Não pode ser coisa boa – respondeu ela.

Ela tinha uma queda por policiais e, portanto, sabia o que significava um telefonema tarde da noite. Seu último marido, Small, trabalhava no Departamento de Narcóticos em St. Paul. Janey disse que ele aprendera algumas dicas interessantes no serviço, mas infelizmente era aficionado demais pelo seu hobby de trens em miniatura, e ela decidiu se mudar quando ele começou a construir a ferrovia de Rock Island na sala de estar.

De qualquer forma, ela conhecia Lucas.

– Então atenda.

– E aí, Lucas? – disse Virgil ao celular.

– Pelo visto você já está acordado.

– Estava me preparando para dormir. Estou meio morto.

– Não está, não! – gritou Janey. – Está aqui me comendo.

– Quem disse isso? – perguntou Lucas. – Janey Carter?

– Ah, cara – respondeu Virgil. – Agora é Janey Small. Ela casou com o Greg Small, da delegacia de St. Paul. Mas eles se separaram.

– Não diga. Escute só: vá para Stillwater. Os policiais de lá estão com um corpo no memorial dos veteranos. Com um limão.

– O quê? – Colocou os pés para fora da cama. – Dois tiros na cabeça?

– Exato. Eles querem tirar o corpo antes que o pessoal da TV chegue. É muito parecido com o Utecht, e você é o homem para o serviço. Tom

Mattson é o chefe lá. Ligou para o centro de operações e eles me tiraram da cama.

– Certo, certo. Talvez eu precise de apoio. A coisa pode ficar feia.

– É, eu sei. Estou indo para Washington amanhã para mais uma dessas convenções e Del vai comigo. Os caras do FBI estão dando palestras sobre o pessoal da contracultura. Você pode ficar com Shrake e Jenkins, se precisar. Vou estar com o celular, caso precise de mais alguma coisa. Também vou deixar um bilhete para Rose Marie.

– Está bem.

– Quero resultados. Leve a sua arma.

– Estou indo. Já estou calçando as botas – respondeu Virgil. – E estou com a minha arma aqui.

– Mantenha contato – concluiu Lucas e desligou.

– Vá pela sombra – disse Janey.



Três e meia da madrugada. Não estava tão atrasado assim, pensou. Ia a 150 quilômetros por hora na Autoestrada I-94 deserta, a leste de St. Paul, as luzes vermelhas e azuis do carro piscando, os cabelos molhados do banho, mas sentindo-se pegajoso na camiseta, na cueca e na calça da véspera. Digitou um número no celular, subiu a rampa de saída para a I-6 e foi atendido pelo cara de plantão no centro de operações. Ao conseguir o telefone do chefe de polícia de Stillwater, fez outra ligação para falar com ele no local do crime.

– Mattson – disse o chefe ao atender o celular.

– Oi. Aqui é Virgil Flowers, do Departamento de Detenção Criminal. Vou chegar aí o mais rápido que puder. Estou na 694, indo para a 36. Vocês isolaram a área?

– É, a gente fechou o quarteirão inteiro. O pessoal da TV ainda não chegou, mas não deve demorar muito. As pessoas já estão aparecendo.

– O cara estava no chão? Ou tinha algum tipo de cenário?

– Estava sentado, encostado numa daquelas paredes do memorial – respondeu Mattson. – Nós colocamos um tapume de construção em volta, para que ninguém fotografe. O Davenport deve ter falado com você sobre o limão.

– É, falou. Quem encontrou o cara?

– Um dos nossos agentes. O Sanderson... o nome da vítima é Bobby Sanderson... saiu para passear com o cachorro e não voltou. A patroa dele ficou preocupada e ligou para a gente. Mandamos um carro fazer a ronda. Ele não estava nem escondido. Estava bem ali, para todos verem. Mas tem algo errado com a patroa. Ela tem uma história que você precisa ouvir.

– Certo. Você acha que ela está relacionada ao crime?

– Não, não. Tenho certeza que não. A dona está bem abalada. Mas alguma coisa estava acontecendo com o Sanderson. Talvez ele conhecesse o assassino.

– Chego aí em dez minutos. Você está no morro, perto do antigo tribunal?

– Isso aí. Já pedimos café.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

Agradecimento

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro